Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Francisco Alvarenga Junnior Neto

Os *Democritea*: da filologia à emergência do pensamento genealógico em Nietzsche

Rio de Janeiro
2026

Francisco Alvarenga Junnior Neto

Os *Democritea*: da filologia à emergência do pensamento genealógico em Nietzsche



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano de Lemos Britto.

Rio de Janeiro

2026

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

A473 Alvarenga Junnior Neto, Francisco.
Os *Democritea*: da filologia à emergência do pensamento genealógico em Nietzsche / Francisco Alvarenga Junnior Neto. – 2026.
203 f.

Orientador: Fabiano de Lemos Britto.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Institu
to de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Filosofia alemã - Séc. XX - Teses. 2. Filologia - Alemanha - Teses. 3. Filosofia - Alemanha - Teses. 4. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900 - Teses. I. Britto, Fabiano de Lemos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 1(430)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Francisco Alvarenga Junnior Neto

Os *Democritea*: da filologia à emergência do pensamento genealógico em Nietzsche

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia.

Aprovada em 18 de junho de 2026.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Fabiano de Lemos Britto (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof. Dr. Adilson Felicio Feiler
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

_____

Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves
Universidade Federal do Pará

_____

Prof. Dr. Paulo Cesar Gil Ferreira Júnior
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof. Dr. Richard Fonseca
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2026

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, meu pai (*in memoriam*), meus irmãos e amigos, e para Maria Eduarda.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a ajuda, o incentivo e a colaboração daqueles a quem desejo expressar o mais sincero agradecimento.

Ao meu orientador, Fabiano de Lemos Britto, que se tornou para mim um exemplo do rigor e da atenção indispensáveis ao estudo da filosofia.

Aos colegas do grupo de pesquisa Nietzsche nos Pampas.

Aos meus amigos fora da vida acadêmica, Bruno, Cintia, Felipe, Larissa, Marciel, Mateus, Priscila, Renan e Rodrigo meu reconhecimento pelos conselhos, pelo incentivo e pela privilegiada interlocução e amizade.

À minha mãe e meus irmãos.

À Maria Eduarda por todo apoio e carinho.

Aos professores e funcionário do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Aos professores Adilson Felicio Feiler, Ernani Pinheiro Chaves, Paulo Cesar Gil Ferreira Júnior e Richard Fonseca, membros da Banca Examinadora, meu agradecimento por terem me concedido a honra de aceitar o convite para o que eu espero que seja o início de uma longa e intensa interlocução filosófica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

A todos, o meu eterno obrigado!

Honrar um pensador não é elogiá-lo, nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, dessa forma, vivo, e demonstrando, em ato, que ele desafia o tempo e mantém sua relevância.

Cornelius Castoriadis

RESUMO

ALVARENGA JUNNIOR NETO, Francisco. *Os Democritea*: da filologia à emergência do pensamento genealógico em Nietzche. 2026. 203 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

Esse estudo se situa na esfera epistemológica e procura investigar o percurso de formação do pensamento de Friedrich Nietzsche, partindo da filologia cética em direção à filosofia genealógica, tendo como fio condutor os fragmentos reunidos nos *Democritea* (1867-1870). Defendemos que esses estudos de juventude são decisivos para compreender a transição metodológica de Nietzsche, uma vez que revelam a adoção de uma postura crítica em relação às tradições filológicas e indicam o esboço da atitude genealógica que caracterizará sua filosofia do período intermediário. A análise dos *Democritea* evidencia que, ao se debruçar sobre as fontes relativas a Demócrito, Nietzsche desenvolve uma prática investigativa pautada pela suspeita, pela problematização da origem dos discursos e pela crítica à pretensão de verdade da tradição. Longe de significar um abandono da filologia, seu movimento consiste em transformá-la, desde dentro, em instrumento crítico para pensar a constituição histórica dos valores e das formas culturais. Nesse sentido, os *Democritea* representam não apenas um momento formativo, mas uma etapa fundamental para a compreensão do desenvolvimento de seu pensamento, na medida em que revelam a continuidade entre a prática filológica de juventude e a filosofia crítica dos anos posteriores. Com isso, esta tese busca não apenas destacar a importância desses escritos ainda pouco explorados, mas também apontar uma nova via de acesso às origens da filosofia nietzschiana.

Palavras-chave: Democritea*;* filologia; filosofia; Nietzsche.

ABSTRACT

ALVARENGA JUNNIOR NETO, Francisco. *The Democritea:* from Philology to the Emergence of Genealogical Thought in Nietzsche. 2026. 203 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

This study is situated within the epistemological sphere and seeks to investigate the formative trajectory of Friedrich Nietzsche's thought, tracing a path from skeptical philology toward genealogical philosophy, using as its guiding thread the fragments collected in the *Democritea* (1867–1870). We argue that these early philological writings are decisive for understanding Nietzsche's methodological transition, as they reveal the adoption of a critical stance toward philological traditions and indicate the outline of the genealogical attitude that would later characterize his intermediate philosophical period. The analysis of the *Democritea* shows that, in engaging with the sources related to Democritus, Nietzsche develops an investigative practice grounded in suspicion, the problematization of the origin of discourses, and a critique of tradition's claim to truth. Far from representing a departure from philology, this movement consists in transforming it from within into a critical tool for reflecting on the historical constitution of values and cultural forms. In this sense, the *Democritea* represent not merely a formative moment, but a fundamental stage for understanding the development of Nietzsche's thought, insofar as they reveal the continuity between his early philological practice and the critical philosophy of his later years. Accordingly, this dissertation not only seeks to highlight the importance of these still underexplored writings but also aims to offer a new path toward the origins of Nietzschean philosophy.

Keywords: Democritea; philology; philosophy; Nietzsche.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Obras de Nietzsche:

A = *Aurora.*
BAW *= Historisch-kritische Gesamtausgabe.*
BM *= Além do bem e do mal.*
CI *= Crepúsculo dos ídolos.*
CO *= Correspondencia.*
EH *= Ecce homo*.
eKGWB *= Digitale Kritische Gesamtausgabe. Werke und Briefe*.
GC *= A gaia ciência.*
GM *= Genealogia da moral.*
GOA *= Werke. Grossoktavausgabe.*
HH = *Humano, demasiado humano.*
KGB *= Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe.*
KGW *= Kritische Gesamtausgabe.*
KSA *= Sämtliche Werke. Kristische Studienausgabe.*
KSB *= Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe.*
MusA *= Musarionausgabe.*
NT *= O nascimento da tragédia.*
OC *= Obras completas.*
WdB *= Werke in drei Bänden.*

Outras obras:

SUIDAE: *Suidae Lexicon.*

Nota sobre as traduções e citações:

Adotamos como método citar apenas em português no corpo do texto. Seguimos as traduções de Paulo César de Souza. Nos demais casos, as traduções são de nossa inteira responsabilidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 **NIETZSCHE E A TRADIÇÃO FILOLÓGICA** 15
1.1 **Dos anos de formação à Basileia** 15
1.2 **Nietzsche como filólogo cético: uma questão metodológica** 22
1.3 **Filologia e Bildung: da origem à crítica** 32
1.3.1 Sobre o conceito de Bildung 32
1.3.2 Nietzsche e a Bildung como crítica filológica 37
2 **CONTORNOS DO PENSAMENTO FILOLÓGICO DE NIETZSCHE** 44
2.1 **Do ostracismo à popularidade** 44
2.2 **As edições das obras de Nietzsche e a importância dos trabalhos filológicos** 48
2.2.1 Histórico das edições das obras de Nietzsche 48
2.2.2 Os trabalhos filológicos nas edições das obras de Nietzsche 53
2.3 **Balanço dos trabalhos filológicos de Nietzsche** 58
3 **UMA ANÁLISE DOS DEMOCRITEA (1867-1870)** 60
3.1 **Nietzsche como leitor: breve nota** 60
3.2 **Fontes doxográficas** 62
3.3 **Fontes crítico-metodológicas** 66
3.4 **O Demócrito de Nietzsche** 68
3.5 **Os Democritea** 83
4 **PHILOSOPHIA FACTA EST QUAE PHILOLOGIA FUIT** 95
4.1 **A filologia como instrumento crítico: os pressupostos genealógicos** 95
4.2 **O giro filosófico do pensamento nietzschiano** 100
4.3 **Nietzsche e a filologia do futuro** 106
4.3.1 **A relação entre os escritos de juventude e a obra intermediaria** 106
4.3.2 **Um leitor ideal?** 109
5 **DEMOCRITEA (1867-1870)** 115
CONCLUSÃO 167
REFERÊNCIAS 169
a) Obras de Nietzsche 169
b) Doxografias e fontes antigas 172
c) Comentadores de Nietzsche 179
b) Bibliografia complementar 172
APÊNDICE A – Cartas 184

INTRODUÇÃO

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer que este trabalho é fruto de uma mudança de foco e, por isso também, de um amadurecimento das intenções iniciais de nossa pesquisa. Inicialmente, nossa principal intenção era de nos debruçarmos e enveredarmos pela filosofia do período maduro de Nietzsche, com o objetivo de esclarecer a relação, os pontos, as conexões e as contradições entre o ceticismo e o niilismo em Nietzsche – tema que, apesar de pouco discutido ainda hoje, parece-nos fecundo em novas possibilidades de análise e compreensão de um horizonte mais amplo e rico das preocupações e movimentos internos da filosofia nietzschiana. Entretanto, com o desenvolvimento das leituras e pesquisas para nosso trabalho, a questão que passou a nos inquietar voltou-se para o período de juventude de Nietzsche que, assim como a relação entre ceticismo e niilismo em sua obra madura, permanece uma lacuna, um objeto pouco investigado entre os comentadores e interessados em sua obra, porém em um grau ainda mais elevado, como veremos no desenrolar de nosso texto.

Em linhas gerais, o pano de fundo de nossa pesquisa se manteve o mesmo: compreender o caráter cético-crítico de Nietzsche e de seu pensamento, porém sob outra perspectiva. Se, inicialmente, o objeto motivador de nossa pesquisa era salientar a relação de Nietzsche com o ceticismo em sua obra madura e, com isso, trazer luz aos desdobramentos dessa relação, em uma virada e mudança em nossos objetivos, o foco de nossa pesquisa passou a ser, então, a origem dessa relação. Dito de outra forma, nosso objeto de investigação passou a ser o desenvolvimento do pensamento filosófico de Nietzsche, partindo de sua formação filológica, a fim de esclarecer os pontos concomitantes de sua atuação como filólogo e sua filosofia genealógica.

Definido nosso objetivo geral, passamos a nos debruçar sobre a leitura e a curadoria dos textos dos períodos de juventude e filológico de Nietzsche, abarcando correspondências, fragmentos, notas e textos redigidos até o ano de 1870. Entre os diversos textos lidos nesse momento de nossa pesquisa, chegamos aos fragmentos concernentes aos estudos sobre Demócrito desenvolvidos por Nietzsche entre os anos de 1867 e 1870, os quais se mostraram ricos conceitualmente, haja vista a existência de inúmeras teses que, apesar de remontarem ao período de juventude de Nietzsche e, consequentemente, se mostrarem ainda embrionárias, eram capazes de indicar algumas das direções tomadas pelo futuro filósofo e trazer à luz elementos importantíssimos e caros às suas ideias filosóficas – tudo isso envolto por uma metodologia filológica cética: uma prática investigativa que abandona a confiança ingênua na tradição para adotar uma postura de suspeita e problematização da origem dos discursos – que,

conforme defendemos em nosso trabalho, com o passar do tempo, transmuta-se gradualmente naquilo que se denomina, de maneira geral, como filosofia genealógica a partir do ano de 1878.

Sobre isto, em nosso trabalho, sustentamos que o ceticismo desenvolvido por Nietzsche no interior de sua prática filológica não constitui apenas uma etapa provisória posteriormente abandonada, mas um elemento decisivo de continuidade entre sua formação filológica e sua filosofia genealógica. Como procuraremos demonstrar ao longo deste trabalho, sobretudo nos estudos reunidos sob o título de *Democritea*, redigidos entre 1867 e 1870, o jovem filólogo elabora uma prática investigativa marcada pela suspeita diante da tradição, pelo rigor documental e pela problematização das origens discursivas. Ademais, Nietzsche transforma o ceticismo em um procedimento crítico capaz de interrogar não apenas a autenticidade dos textos, mas também os valores e as formas de cultura que os produziram. Nesse sentido, o trabalho filológico realizado nos *Democritea* já antecipa o movimento posteriormente radicalizado pela genealogia, na medida em que a investigação deixa de orientar-se pela busca de verdades estáveis para voltar-se à análise das forças históricas, psicológicas e culturais implicadas na constituição dos valores.

Nesse contexto, a tese que defendemos é que, apesar de haver uma relação importante com autores e correntes filológicas e filosóficas, sem os quais não se pode compreender claramente o pensamento nietzschiano, o caráter e a metodologia cética de Nietzsche, enquanto filológica, e genealógica, enquanto filosófica, são formados sob a influência da leitura de Demócrito e ganham forma na metodologia de pesquisa adotada por Nietzsche em seus estudos e escritos sobre ele.

Assim, definidos nosso objetivo geral e nossa tese, em seguida definimos duas frentes para nossa pesquisa: a primeira diz respeito especificamente ao texto dos estudos sobre Demócrito. Nosso primeiro esforço foi realizar a tradução inédita dos fragmentos e estudos sobre Demócrito, organizados por nós como o quinto capítulo do presente trabalho. Para tanto, como base, optamos por utilizar o material presente no segundo volume da edição *Musarion*, sob o título de *Democritea*, cotejado com os textos e fragmentos que se encontram nas edições *BAW* e *KGW*. Nossa intenção foi disponibilizar não apenas a discussão acerca da influência e da importância de Demócrito no pensamento nietzschiano, mas também o objeto de origem dessa discussão, possibilitando ao leitor brasileiro, que porventura não tenha acesso ao texto original, estabelecer um novo horizonte de conhecimentos sobre o pensamento e as ideias de Nietzsche e, como resultado disso, enriquecer o diálogo não apenas com os pesquisadores e especialistas, mas também com o público em geral e os interessados em sua obra.

A segunda frente de nossa pesquisa corresponde primeiros quatro capítulos de nossa tese, nos quais se encontra nossa discussão conceitual sobre o tema abordado. Cada um deles traz elementos tanto históricos quanto conceituais, que, somados, acreditamos abarcar questões centrais para o nosso estudo.

No primeiro capítulo, sob o título *Nietzsche e a tradição filológica*, buscamos organizar, de maneira histórico-conceitual, a relação de Nietzsche com a tradição filológica, contemplando desde seus anos de formação até seu estabelecimento como filólogo e os elementos que daí resultam: sua metodologia e sua preocupação com a *Bildung*, discussões essas que formam a base primordial para a compreensão do caráter crítico tanto de sua filologia quanto de sua filosofia.

Em seguida, no segundo capítulo, intitulado *Contornos do pensamento filológico de Nietzsche*, o objeto de discussão é a recepção de Nietzsche como filósofo entre seus pares e pela *Nietzsche-Forschung*, seguido por uma reconstrução e análise da presença dos trabalhos filológicos de Nietzsche nas edições críticas completas de suas obras (*MusA*, *BAW*, *WdB*, *KGW* e *KSA*).

Já no terceiro capítulo, nomeado *Uma análise dos Democritea (1867-1870)*, nossa intenção foi mapear as fontes doxográficas e as fontes crítico-metodológicas com as quais Nietzsche esteve em contato durante o desenvolvimento de seus estudos sobre Demócrito. Em seguida, nossa discussão voltou-se para a imagem de Demócrito estabelecida por Nietzsche, que, por vezes, distancia-se daquela sugerida pela tradição desde a Antiguidade. Como buscamos defender nesse capítulo, diferente de outros personagens centrais ao pensamento de Nietzsche em períodos distintos e delimitados, Demócrito exerceu uma importante influência em todos os períodos e fases de seu pensamento[1], fato que pode ser confirmado seja pela verificação da presença nominal do filósofo de Abdera em seus textos, seja pela compreensão das intenções, teses e movimentos profundos desenvolvidos por Nietzsche ao longo de sua vida ativa como pensador, que não se restringiu à filologia e à filosofia, mas que, pelo contrário, extrapolou seus limites em prol de uma nova perspectiva sobre o conhecimento e a vida.

Encerrando o terceiro capítulo, voltamo-nos para o texto *Democritea* em si. Nesta seção, buscamos apresentar, em linhas gerais, as discussões presentes no texto, bem como realizar

[1] Salientamos que corroboramos a tese segundo a qual não há, essencialmente, uma ruptura dentro do pensamento nietzschiano, devendo ele, por isso, ser visto como uma totalidade, dentro de um processo de desenvolvimento contínuo. Entretanto, com o intuito de demarcar o início do contato de Nietzsche com Demócrito e o processo pelo qual essa relação passa ao longo do tempo, além de apontar a relação entre a filologia e a filosofia em seu pensamento, nos utilizaremos, quando isso se mostrar pertinente, da organização periodista adotada por parte dos estudiosos dedicados ao pensamento de Nietzsche.

apontamentos concernentes à metodologia e à postura de Nietzsche enquanto filólogo durante a elaboração dos estudos sobre Demócrito e o trato com as teses firmadas pela tradição em relação a ele. De antemão, é importante esclarecer que o mais relevante sobre tais estudos não são necessariamente as conclusões a que Nietzsche chegou, mas sim a postura e a metodologia assumidas por ele, as quais, analisadas com o devido cuidado, fornecem valiosas pistas acerca do caráter, da identidade e das orientações vindouras de um pensador extemporâneo.

Já no quarto capítulo, intitulado *Philosophia facta est quae Philologia fuit*, realizamos apontamentos sobre os pressupostos genealógicos presentes no fazer filológico de Nietzsche durante a elaboração dos *Democritea*, a fim de esclarecer o giro filosófico pelo qual seu pensamento e sua obra passam. Com isso, em um último esforço investigativo, buscamos afirmar e traçar a relação entre os escritos de juventude e a obra madura de Nietzsche, delineada por diversos elementos, mas principalmente por seu ceticismo e por sua crítica, desenvolvidos nos diversos textos e trabalhos de sua juventude, que ganham corpo e identidade metodológica a partir dos *Democritea*.

Em continuidade ao texto, no quinto capítulo da tese se encontra a tradução dos fragmentos que compõem os *Democritea* (1867-1870). Nessa parte, nosso trabalho se voltou ao esforço de trazer ao público brasileiro e de língua portuguesa o acesso a estes textos riquíssimos. Para este trabalho, nos utilizamos do texto organizado na edição da *Musarion,* cotejado com os fragmentos encontrados nas edições Colli-Montinari e, também, nas organizadas por Schlechta.

Por fim, organizamos em forma de apêndice a tradução de sete cartas redigidas por Nietzsche entre os anos de 1867 e 1883, em que, em diálogo com seus amigos, ele afirma de forma contumaz seu interesse e dedicação no desenvolvimento de seus estudos sobre Demócrito, além de expressar a importância destes para suas escolhas, direções e caminhos tomados tanto como filólogo quanto como filósofo.

Com isso, esperamos trazer novos tons e caminhos para os estudos sobre Nietzsche, na busca de uma melhor compreensão de seu pensamento e de sua obra, por vezes complexos e difusos, marcados pela originalidade metodológica e por sua escrita aforismática – presente principalmente nas obras publicadas a partir de 1878 – profundamente marcadas por metáforas e pela linguagem poética, como é o caso, por exemplo, de *Assim falou Zaratustra,* publicado entre os anos de 1883 e 1885[2].

[2] Sobre a discussão sobre a escrita aforismática de Nietzsche a sua relação com o todo do *corpus* da obra de Nietzsche, Cf. SHAPIRO, G. Nietzschean Aphorism as Art and Act. In: MOHANTY, J. N. (eds.). *Phenomenology and the Human Sciences*. Springer, Dordrecht., 1884, p. 159-189. Para uma discussão

Acreditamos que o material reunido e analisado ao longo deste trabalho permite lançar uma nova luz sobre a formação do pensamento nietzschiano. Os *Democritea*, como procuramos demonstrar, não são meros fragmentos, mas um verdadeiro laboratório crítico, onde Nietzsche ensaia procedimentos de desconstrução textual e de suspeita conceitual que mais tarde marcarão sua filosofia. Com essa perspectiva, a filologia cética aparece como o solo metodológico sobre o qual germinam a crítica da moral, da metafísica e dos valores – elementos centrais da filosofia genealógica.

Essa abordagem nos leva a reconsiderar o Nietzsche da juventude não como uma fase transitória e superada, mas como uma etapa fundamental da constituição de sua atitude filosófica. O ceticismo, enquanto instrumento de análise, não apenas perpassa todas as fases de sua obra, como se constitui no elo fundamental entre a formação filológica e o projeto filosófico posterior. Ao enfatizar essa continuidade, pretendemos também oferecer uma contribuição teórica à pesquisa Nietzsche, reposicionando a importância dos escritos iniciais e valorizando a investigação histórica e filológica como via de acesso à sua filosofia.

direcionada a explorar a complexidade e difusão do pensamento de Nietzsche por meio de seu estilo aforístico, Cf. ZHAO, X. Nietzsche's Critique of Rational Subjectivity and His Aphoristic Writing: 'Let those who have ears hear'. In: *Cosmos and History*: The Journal of Natural and Social Philosophy. n. 19, v. 1, p. 212–228.

1 NIETZSCHE E A TRADIÇÃO FILOLÓGICA

1. 1 Dos anos de formação à Basileia

Quando falamos de Nietzsche como filólogo ou mesmo como um crítico da tradição filológica clássica, precisamos ter clareza de que isso significa dizer que ele também fez parte de um processo histórico-cultural no qual a filologia teve fundamental importância. Nesta seção, buscarei trazer à luz a relação de Nietzsche com a tradição filológica, tendo como objetivo compreender o processo pelo qual ele mesmo, enquanto filólogo, atravessou.

Ponto pacífico na *Nietzsche-Forschung*, o interesse de Nietzsche pela cultura grega dá seus primeiros sinais a partir da década de 1860. Em 1864, após deixar *Pforta*, Nietzsche, sem muita certeza, faz a escolha de continuar sua formação acadêmica na Universidade de Bonn, onde iniciou o curso de Teologia – no qual ele permaneceu apenas dois semestres[3]. Entre as motivações para a sua desistência em permanecer em Bonn, em 1865, encontra-se o custo de vida na cidade, como ele mesmo salienta em carta enviada à irmã e à mãe em maio de 1865[4]. Acerca da ida de Nietzsche para Bonn, Janz sugere que ela se deu a partir da influência de sua mãe[5], em uma tentativa do jovem de satisfazer seu desejo de que ele cursasse teologia. Ainda que não se possa afirmar com certeza as reais motivações que levaram Nietzsche, ainda jovem universitário, a decidir-se por Bonn, inicialmente, e, posteriormente, abandoná-la e trocá-la por Leipzig, o interesse pela filologia já aparece e serve de argumento a ele, na tentativa de justificar sua escolha[6]. Posteriormente, em 1º de fevereiro de 1869, no anexo a uma carta endereçada a Wilhelm Vischer (1808-1874), quando ocorriam as tratativas para que ele assumisse a cátedra de Filologia Clássica em Basileia, Nietzsche escreveu:

> Aqui, durante certo tempo, meus estudos foram orientados para a parte filológica da crítica dos Evangelhos e do estudo das fontes do Novo Testamento. Além dessas incursões teológicas, fui ouvinte dos seminários de filologia e arqueologia. Eu era um admirador distante da personalidade de Friedrich Ritschl. Desta forma, me parecia completamente natural deixar Bonn ao mesmo tempo que ele escolheu Leipzig como seu novo lar acadêmico.[7]

---

[3] Em 7 de setembro de 1864. Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 115.

[4] Cf. *KGB* 1-2, p. 51-53.

[5] Cf. JANZ, op. cit., nota 3, p. 123.

[6] Cf. Ibid. p. 123.

[7] Cf. *KGB* 1-2, p, 367-367.

Entre os escritos de Nietzsche, não são raras as anotações em tom de descontentamento sobre o período em que esteve em Bonn[8]. Entretanto, apesar das lembranças e falas descontentes, é preciso mencionar o encontro de Nietzsche com Friedrich Wilhelm Ritschl (1806-1876), em 1864[9], que o marcará pelos próximos quinze anos, senão pela vida toda. Em carta a Paul Deussen, em 4 de abril de 1867, enviada de Naumburg, Nietzsche escreveu:

> Você não acreditaria como estou pessoalmente acorrentado a Ritschl, tanto que não posso e não quero me separar. Além disso, sempre tenho a triste sensação de que sua vida não durará muito; Receio que esteja chegando ao fim rapidamente. Você não pode imaginar como esse homem pensa, se preocupa e trabalha por cada pessoa que ama, como ele sabe como realizar meus desejos, que muitas vezes nem me atrevo a expressar, e como suas interações são tão livres daquela arrogância teimosa. e... aquela reserva cautelosa que caracteriza tantos estudiosos. Sim, ele se apresenta de maneira muito livre e desinibida, e sei que tais naturezas costumam ofender. Ele é a única pessoa cujas críticas gosto de ouvir, porque todos os seus julgamentos são tão sólidos e fortes, com tanto tato para a verdade, que ele é para mim uma espécie de consciência científica.[10]

Do período de Bonn, como se pode notar em sua biografia, nas cartas e anotações, Nietzsche cria laços de amizade que se desenvolvem tendo como ponto de encontro o interesse pela filologia. De tudo o que pode ser suposto sobre a sua decisão pela filologia e por deixar Bonn e seguir em direção a Leipzig, além da questão econômica, sua preocupação com a *Bildung*[11] – que pode ser vista como o pano de fundo da obra posterior de Nietzsche – se mostra como a motivação principal que o leva a traçar novas rotas e vislumbrar um futuro para si. Coincidência ou não, Nietzsche anuncia sua escolha por Leipzig e apresenta como uma das motivações de sua escolha o fato de que Ritschl se transferiria para lá[12]. Entretanto, fato é que Nietzsche já havia se decidido a ir para Leipzig antes mesmo de Ritschl aceitar o convite para a docência na Universidade[13].

---

[8] Cf. *KSA* I, p. 674; *KGB* 1-2, p. 64-65; *WdB* III, p. 128.

[9] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 122; ANDLER, Ch. *Nietzsche, as vie et as pensée:* la jeunesse de Nietzsche jusqu'a la rupture avec Bayreuth. Paris: Éditions Bossard, 1921. p. 76.

[10] Cf. *KGB* 1-2, p. 205.

[11] O tema da *Bildung* será melhor tratado na seção 1. 3 deste capítulo.

[12] Nietzsche anuncia sua escolha à mãe em carta datada em 29 de maio de 1865 (*KGB* 1-2, p. 58-59) e a seu amigo Carl von Gersdorff em carta datada em 4 de agosto de 1865 (*KGB* 1-2, p. 75-77).

[13] Cf. JANZ, op. cit., nota 9, p. 131. Karl Jaspers aponta para a importância que os professores de Nietzsche tiveram metodologicamente para os seus escritos de juventude. Segundo o autor, Ritschl irá apresentar ao jovem estudante de filologia estudos "não-filológicos, incluindo até mesmo numerosos médicos, que participaram de

Deixando Bonn em agosto de 1865, Nietzsche vai para Naumburg, onde permanece entre 9 de agosto e 1 de outubro[14]. Já em 17 de outubro de 1865 chega a Leipzig e lá permanece até a primavera do ano de 1869[15]. Com sua ida para Leipzig, Nietzsche começa a experimentar a liberdade que não havia experimentado em Bonn. Conforme anotações de Nietzsche de 1869, a verdade é que ele nunca esteve empolgado verdadeiramente com a teologia para além de seu caráter filológico[16]. Ao se referir ao período em que se manteve como estudante de teologia, ele afirma que não aproveitou as aulas que teve e, ainda, aponta para uma postura de autodesenvolvimento (*Selbstentwicklung*) e a Ritschl como os motivadores da formação que teve durante sua estadia em Bonn[17]. Entrementes, a postura adotada por ele retrata a decisão de assumir novas perspectivas e escolhas que só o poderiam encaminhar para um fim: a filologia.

Na filologia Nietzsche encontra lugar para exercitar e treinar seu espírito crítico; que ganhará tons posteriormente, em sua atividade professoral. Apesar da pouca idade, nas cartas de seu período de formação encontramos em Nietzsche a clara consciência sobre suas aspirações e postura. Em carta enviada à irmã, ao se decidir pela filologia, Nietzsche lança mão de uma das características de seu pensamento posterior, um princípio que o orientará durante toda a vida:

> Toda fé verdadeira é também infalível, e dá aquilo que o crente espera encontrar com ela, mas não oferece o menor suporte para fundamentar uma verdade objetiva. Aqui

uma visão de construção do 'método' [...] a arte de distinção do real do irreal, do factual do fictício, do conhecimento demonstrável da mera opinião, e certeza objetiva da preferência subjetiva" (JASPERS, 1997, p. 30).

[14] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1*,* p. 137-138.

[15] Cf. Ibid. p. 145.

[16] "Fui atraído para Bonn em grande parte pela reputação da filologia de lá, e embora eu tenha sido matriculado como teólogo durante os primeiros seis meses, minhas inclinações e estudos do ginásio já eram os de um filólogo. Só tomei nota da teologia na medida em que me senti atraído pelo lado filológico da crítica do Evangelho e da pesquisa de fontes do Novo Testamento. Depois de um ano, achei aconselhável deixar Bonn e seguir Friedrich Ritschl para Leipzig. Este é um nome que não posso pronunciar em tom de indiferença. Desde então, Leipzig tem sido meu local de residência, sem contar o tempo que fui forçado a passar como artilheiro montado em Naumburg" e "Meus estudos, para os quais muitas vezes eu fugia com saudade, eram energicamente direcionados para o lado filológico da crítica do Evangelho e da pesquisa de fontes do Novo Testamento: naquela época eu ainda imaginava que a história e sua pesquisa eram capazes de dar uma resposta direta a certas questões religiosas e filosóficas" (*BAW* 5, p. 471). Rüdiger Safranski escreve: Curva-se primeiramente ao desejo da mãe, que o queria pastor. Ele deveria seguir a carreira do falecido pai. Mas já depois do primeiro semestre em Bonn ele interrompe o escudo de teologia e dedica-se inteiramente à filologia clássica" (SAFRANSKI, 2001, p. 36).

[17] Cf. Carta enviada a Hermann Mushack em 30 de agosto de 1865 (*KGB* 1-2, p. 79-82).

> se dividem os caminhos do homem; se quer alcançar a paz da alma e a felicidade, então creia; mas se quer ser um discípulo da verdade, então investigue.[18]

Neste trecho, podemos notar claramente um tom que se tornará a característica do período genealógico da filosofia de Nietzsche[19]. Aqui, não pretendo afirmar que já encontramos nos escritos do jovem estudante a postura do filósofo que tomará corpo apenas nos anos seguintes. Certamente, o contexto em que Nietzsche se encontra inserido nos anos de sua formação é distinto aos de seu período genealógico, porém o conteúdo da carta já apresenta um pensamento crítico e autônomo que se tornará a marca de sua filosofia. Sobre este aspecto, sigo a tese de Kaufmann (2013), segundo a qual haveria em todo pensamento nietzschiano um pano de fundo que liga as fases de seu pensamento e que, apesar das contradições existentes, se esclarece ao compreendermos suas intenções básicas[20]. De qualquer forma, Leipzig será para Nietzsche o solo físico e espiritual no qual germinará e se desenvolverá sua identidade como filólogo. Questões que atravessarão suas preocupações futuras, seja no âmbito restrito à metodologia filológica seja no âmbito da formação (*Bildung*) e cultura (*kultur*), surgem nesse período.

Outros acontecimentos intelectuais que certamente transpassaram a formação do jovem estudante durante esse período, os quais não se pode deixar de mencionar, são a descoberta da filosofia schopenhaueriana, em 1865[21], e o encontro com Richard Wagner, em 1868. Estes eventos deram rumo e contribuíram para as ideias que se desenvolveram em Nietzsche durante toda a sua vida e, por sua vez, deram ao jovem estudante e, posteriormente, ao professor de filologia, uma visão mais ampla da utilidade e contribuição da filologia para uma leitura universal da cultura que, pouco a pouco, foi se aproximando da filosofia a partir de seu período genealógico.

---

[18] Cf. Carta enviada à irmã em 11 de junho de 1865 (*KGB* 1-2, p. 61).

[19] Período que vai de 1878 a 1882. O período genealógico de Nietzsche é marcado pela mudança de perspectiva pela qual ele passa. Em 1876 Nietzsche abandona a cadeira de filologia na Universidade de Basiléia e se torna um filósofo errante. Importante nesse período também é o fato do afastamento seu da filosofia schopenhaueriana e da agenda cultural de Richard Wagner (JANZ, 2016, v. 1., p. 634-662).

[20] Cf. KAUFMANN, W. *Nietzsche:* philosopher, psychologist, antichrist. Princeton: Princeton University Press, 2013. p. 14.

[21] A leitura de *O mundo como vontade e representação,* de Schopenhauer, em 1865, marca o início de um movimento de mudanças na vida de Nietzsche. Como se pode notar nas obras do período de juventude e dos anos de docência, Schopenhauer se tornou uma referência necessária como pensador e como educador para Nietzsche. Em 31 de janeiro de 1866 ele escreveu à sua mãe: "Este filósofo ocupa um lugar muito importante em minhas ideias e em meus estudos, e meu respeito por ele aumente de uma maneira inigualável. Também faço propaganda para ele e aconselho pessoas individuais" (*KGB* 1-2, p. 109-110).

Neste período, a genialidade e o vigor acadêmico de Nietzsche vão se desenvolvendo e sendo reconhecidos pelos colegas e, principalmente, por Ritschl. Em dezembro de 1865, Nietzsche e alguns companheiros fundam a associação filológica[22], na qual ele encontrou espaço para apresentar seus interesses por Schopenhauer, filologia e educação. Daí em diante, a atividade filológica ganha importância para Nietzsche. No verão de 1866 o jovem estudante se dedica ao trabalho *Zur Geschichte der Theogneideschen Spruchsammlung*, publicado na revista *Rheinisches Museum für Philologie*, editada por Ritschl em 1867. Ritschl, ainda em 1866, convida Nietzsche para escrever um léxico sobre Ésquilo[23], projeto que posteriormente foi abandonado por Nietzsche, mas que contribuiu para que ele adquirisse um profundo conhecimento sobre o autor e sobre a tragédia grega[24]. Também em 1866, mais especificamente em novembro, a universidade promoveu um concurso que tinha como tema "Sobre as fontes de Diógenes Laércio", o qual Nietzsche venceu em 1867, sob elogios de Ritschl[25].

Entrementes, apesar do sucesso do jovem estudante diante de seu professor e junto aos seus companheiros de estudos, juntamente com desenvolvimento da argúcia para o trabalho filológico, desenvolve-se um descontentamento com a maneira como a filologia vinha sendo utilizada. Em cartas e anotações do período de Leipzig, principalmente aquelas escritas entre anos de 1868 e 1869, o jovem estudante assume um tom destoante daquele empregado pelos filólogos e pela academia. Desde então, Nietzsche parece se preocupar mais com o caráter educativo que a filologia carrega entranhado em si, do que com a face positivista dessa ciência, que se limita à interpretação e compreensão científica dos textos. Em um relato do período de serviço militar, Nietzsche, escreveu:

> Empenhei-me mais para aprender a ser um professor do que para aprender o que se costuma aprender nas universidades. Apoiei-me sempre na consciência de que jamais me faltariam os conhecimentos exigidos de um acadêmico e confiei na peculiaridade da minha natureza que, seguindo sua própria pulsão e seu próprio sistema, reuniria tudo que precisasse saber. E até agora minha experiência tem justificado essa confiança. Pretendo tornar-me um professor verdadeiramente prático e despertar

[22] A associação, que contava inicialmente com quatro membros: Richard Arnoldt, Wilhelm Roscher, Vilhelm Wisser e Nietzsche, permaneceu informal durante os últimos meses do ano de 1865 e os primeiros de 1866, até que em 15 de maio de 1866, a associação teve seus estatutos aprovados e sancionados pelo juiz da universidade (JANZ, 2016, v. 1*.,* p. 154).

[23] Cf. Carta enviada a Carl von Gersdorff em agosto de 1866 (*KGB* 1-2, p. 156-161).

[24] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1*,* p. 158.

[25] Cf. Ibid. p. 160.

> sobretudo a sobriedade e a autorreflexão necessárias nos jovens alunos, que os capacitarão a manter em vista o 'Por quê?' o 'Quê?' e o 'Como?' de sua ciência.[26]

Este relato confirma o que a maneira de ação do jovem estudante apontava. Desde seu período de formação em Leipzig, Nietzsche deixa claro que se interessa mais pelo caráter pedagógico da filologia. Em uma carta em fevereiro de 1868 enviada a Rohde, Nietzsche aponta seus reais interesses: "O que me atrai agora é o humano em geral e ver como nasce a demanda por uma investigação histórico-literária e como ela se concretiza [...]"[27]. Esta confissão de Nietzsche a seu amigo traz o peso e a imagem de toda a obra que Nietzsche desenvolveria durante a sua vida, que se configura a partir da intenção abissal de compreender a formação do homem moderno[28]. Neste ínterim, a definição que Nietzsche assume para a filologia toma contornos filosóficos. Ao se preocupar mais com a crítica da cultura e a utilização da filologia como uma ferramenta de interpretação das forças que arregimentam a história, Nietzsche se afasta da filologia vista apenas como a ciência de verificação de autenticidade dos textos antigos, como poderemos ver mais adiante quando tratarmos dos *Democritea*[29].

Ainda no ano de 1868, Nietzsche já tem clara a sua escolha para o futuro fora de Leipzig. Desde antes, mas principalmente no período em que presta o serviço militar (1867-1868), o afastamento da vida acadêmica da universidade deu a Nietzsche mais clareza sobre sua vocação inescapável para a docência. Em uma carta a Rohde, datada do início de maio de 1868, ele escreve ao amigo salientando não haver outro caminho a seguir senão o da vida acadêmica: "[...] não temos uma carreira mais adequada diante de nós. Devemos garantir que os jovens filólogos se comportem com o ceticismo necessário, livres de pedantismo e supervalorização de sua área, como verdadeiros promotores dos estudos humanísticos"[30].

---

[26] Cf. *WdB* III*, p. 132.*

[27] Cf. Carta enviada a Erwin Rohde entre 1 e 3 de fevereiro de 1868 (*KGB* 1-2, p. 245-250).

[28] Abordaremos melhor o tema da preocupação de Nietzsche com a formação na seção 1.3.

[29] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1*,* p. 189. Retornaremos o tema no segundo capítulo desse trabalho, quando analisarmos o texto *Democritea* (1867-1870).

[30] Cf. Carta enviada a Erwin Rohde em 3 ou 4 de maio de 1868 (*KGB* 1-2, p. 272-277). Janz (2016) salienta que nesta carta enviada ao amigo, Nietzsche expressa sua preocupação não somente com questões ideais de atuação profissional, mas também uma preocupação material com o seu futuro. "A decisão de Nietzsche de se tornar professor continha, desde o início, todas as características de um compromisso, de um compromisso consciente, do qual inevitavelmente surgiriam os conflitos mais torturantes. Toda sua argumentação em prol dessa profissão parte da resignação. Ele percebe que seus estudos o levaram a um beco sem saída, e agora ele tenta fazer o melhor de sua situação. Sob a superfície, continua a arder o desejo de algo maior, mais livre, mas, "afinal de contas, não podemos viver apenas para nós mesmos". Precisa também pensar em seu futuro material. Sua herança é pequena demais para permitir-lhe a independência. Se a tia Rosalie, que morrera em 3 de janeiro de 1867, não tivesse lhe deixado uma herança que lhe permitiu ingressar na carreira de livre-docente, ele teria sido

Em dezembro daquele mesmo ano, na Universidade de Basileia a cátedra de língua e literatura grega havia ficado vaga, após a transferência do professor Adolf Kiessling para o *Johanneum*, em Hamburgo. Kiessling, então, entrou em contato com Ritschl para obter mais informações sobre Nietzsche, de quem ele havia lido os trabalhos publicados no *Rheinisches Museum*[31]. Ritschl, como um mestre que reconhece no pupilo alguém à altura, recomendou fortemente Nietzsche a Kiessling para a cátedra na universidade de Basileia; Kiessling, por sua vez, passa sua indicação ao professor Wilhelm Vischer-Bilfinger, conselheiro de educação da cidade de Basileia[32]. Deste momento em diante, Nietzsche passou a dar a notícia aos seus amigos e a ponderar sobre sua ida a Basileia ora com ares de felicidade ora com certo pesar, como ocorre em carta enviada a Rohde:

> É muito provável e até certo que no futuro mais próximo serei chamado para a Universidade de Basileia. Preciso me acostumar com a ideia de que, a partir da Páscoa, eu serei professor acadêmico. No início, meu título será o de professor extraordinário, meu salário será de 3.000 francos. Minha posição trará a obrigação de administrar seis aulas na última classe do ginásio da cidade. Após toda a encenação desse chamado, seria um capricho imperdoável se agora eu me recusasse.[33]

Em fevereiro de 1869, Nietzsche enviou uma carta ao professor Vischer; na qual salientou sua disposição para a vaga[34]. A partir daí, nos meses que se seguiram até abril, quando Nietzsche chegou a Basileia, as demandas que se faziam necessárias para que ele pudesse assumir a cátedra foram se arranjando. Em 23 de março ele obteve o título de doutor em Filologia[35] e em 28 de maio realiza a sua conferência inaugural na Universidade de Basileia, intitulada *Homero e a filologia clássica*[36]. Luis Enrique de Santiago Guervós, na introdução ao primeiro volume das traduções para o espanhol das correspondências de Nietzsche, publicado pela editora Trotta em 2005, aponta para o fato de que o momento em que Nietzsche chega ao

---

obrigado a fazer o exame de licenciatura tão desdenhado e a se tornar mestre de escola. Como professor universitário teria, pelo menos, uma posição mais respeitada e, talvez, o ócio para se dedicar ao que realmente o interessava" (JANZ, C. P., 2016, v.1, p. 200).

[31] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1. p. 209.

[32] Além de Ritschl, Usener, professor da universidade de Bonn, a quem Vischer também havia pedido indicações, em resposta ao pedido, indica Nietzsche para o cargo na universidade. Cf. Ibid. p. 209.

[33] Cf. Carta enviada a Erwin Rohde em 16 de janeiro de 1869 (*KGB* 1-2, p. 358-360).

[34] Cf. Carta enviada a Wilhelm Vischer-Bilfinger em 1 de fevereiro de 1869 (*KGB* 1-2, p. 365-368).

[35] Cf. JANZ, op. cit., nota 31, p. 216.

[36] Cf. Ibid. p. 219.

seu reconhecimento como filólogo, ao assumir a cátedra na universidade de Basileia, é também o momento em que se inicia o conflito com seus pares, o qual se estenderá durante os próximos dez anos de sua vida enquanto professor de filologia[37]. Entre outros motivos, a crítica que Nietzsche desenvolve sobre os filólogos de sua época e a postura metodológica que ele assume como filólogo permeará este conflito e sua relação com a própria filologia, como veremos na seção a seguir.

1. 2 Nietzsche como filólogo cético: uma questão metodológica

> Um dia, por exemplo, fui professor catedrático – jamais havia pensado remotamente em coisa semelhante, pois mal tinha 24 anos. Assim também fui um dia filólogo [...].[38]

Ao assumir a cátedra de filologia clássica em Basileia, Nietzsche proferiu, como mencionado anteriormente, a conferência intitulada *Homero e a filologia clássica*[39], na qual, diante de seus espectadores, assumiu sua identidade não mais como um aluno que permanece à sombra de seu mestre, mas, agora, sim como um filólogo que tem claro para si qual é o papel da filologia e o seu em relação a ela. O então jovem professor, em sua conferência, não trouxe nenhuma novidade a respeito de seu caráter, motivações e visão sobre o estado no qual a filologia se encontrava dentro do cenário acadêmico alemão contemporâneo a ele. Pelo contrário, o que Nietzsche tornou público na ocasião é algo que o ainda jovem estudante de filologia de Leipzig já havia pressentido como sendo a sua vocação filológica tal como havia escrito a Erwin Rohde, em carta enviada em maio de 1868: educar os jovens filólogos para agir com o necessário ceticismo[40]. Ao se dirigir aos seus colegas da universidade e alunos, por meio de sua conferência, Nietzsche faz um apelo de revisão e propõe um novo tipo de filologia[41].

---

[37] Cf. *CO* II, p. 37.

[38] Cf. *EH* III, §9, p. 48.

[39] Cf. *MusA* 2, p. 1-26; *KGW* 2-l, p. 247-269.

[40] Cf. Carta enviada a Erwin Rohde em 3 ou 4 de maio de 1868 (*KGB* 1-2, p. 272-277), mencionada anteriormente na nota 29.

[41] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 36. "Sobre a filologia clássica não há em nossos dias uma opinião uniforme e clara que possa ser reconhecida publicamente. Isso se faz sentir tanto nos círculos eruditos como em meio aos mais jovens daquela ciência mesma. A causa disso reside em seu caráter multifacetado, na falta de unidade conceitual, no estado inorgânico de agregação das diversas atividades científicas que estão coligadas apenas pelo nome "filologia". Numa palavra: deve-se confessar honestamente que a filologia é de certo modo emprestada de outras ciências e

Assim, é preciso averiguar qual era o estatuto vigente e onde Nietzsche se localizava dentro da tradição filológica oitocentista. De qualquer modo, o filólogo parece não coadunar com nenhuma das vertentes da tradição, e propõe com seus escritos uma postura cética e faz dela, também, seu método investigativo[42].

Dando um passo atrás e analisando a formação de Nietzsche em *Pforta*, pode-se verificar que a educação lá ensinada possuía um caráter não muito comum ao ensino de cunho religioso praticado nas instituições de ensino da época. Lá, Nietzsche recebe uma educação que prezava por uma leitura crítica das fontes bíblicas, em que os estudantes eram encorajados a compreendê-las como documentos históricos, opondo-se, assim, à leitura teológica das escrituras[43]. Seja como for, desde este primeiro contato com uma educação de inclinações filológicas até sua chegada à universidade, Nietzsche passou a nutrir uma certa preferência instintiva pela filologia – o que pode, sem a pretensão de ser a última palavra sobre o assunto, ser uma das motivações que posteriormente o levariam a se decidir pela filologia e deixar o curso de teologia.

A cerca desse período, o texto *De Theognide Megarensi*, apresentado em 1864[44] como dissertação final de sua formação em *Pforta,* é revelador. De acordo com Alastair Jesen (2013), o texto do jovem Nietzsche representa uma amostra precoce de sua formação filológica e, ao mesmo tempo, de seu estilo crítico ainda em desenvolvimento[45]. No texto, Nietzsche investiga a origem da coleção de sentenças atribuídas a Teógnis de Mégara, poeta grego do século VI

---

fermentada como uma poção mágica a partir de sucos, metais e ossos dos mais estranhos; e inclusive que ela ainda resguarda em si um elemento artístico imperativo no terreno estético e ético, o qual está em duvidoso conflito com sua gesticulação puramente científica. [...] As chamadas diversas orientações básicas da filologia irromperam então em determinadas épocas, ora com uma ênfase maior, ora com uma menor, de acordo com o grau de cultura e a evolução do gosto do respectivo período; e por isso os indivíduos representativos daquela ciência sempre costumam compreender as orientações que mais correspondem a seu poder e querer como as orientações centrais da filologia, de tal modo que a avaliação na filologia, na opinião do público, depende muito do ímpeto da personalidade dos filólogos" (*MusA* 2, p. 3; 4; *KGW* 2-l, p. 247; 248).

[42] Em carta enviada a Paul Deussen em abril/maio de 1868, Nietzsche, ainda como estudante faz um apelo metodológico ao amigo: "No que diz respeito à autoridade da tradição, imploro-lhe que seja o mais livre quanto possível com seus pensamentos" (*KGB* 1-2, p. 267-271). Christian Benne, em seu livro de 2005, *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie*, defende a tese de que Nietzsche seria um filólogo típico de seu tempo, o que sugere que, em alguma medida, ele pudesse ser enquadrado dentro das posições tradicionais das discussões filológicas de seu período. Certamente, em alguma medida, principalmente durante o seu período formativo, em seu fazer filológico, Nietzsche coloca em jogo posturas que o identificam dentro da tradição filológica; porém, seguindo a tese de Porter (2000a), Nietzsche teria adotado uma metodologia cética, como veremos mais adiante nesta seção.

[43] Cf. BROBJER, T. H. *Nietzsche's Philosophical Context:* An Intellectual Biography. UrbanaChicago: University of Illinois Press, 2008. p. 1149.

[44] Cf. *KGW* 1-3, p. 420-470.

[45] Cf. JENSEN, A. K. *Nietzsche's Philosophy of History.* Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 34.

a.C., colocando em dúvida a autenticidade da autoria única e apontando para uma formação estratificada. O estudo, no qual Nietzsche se baseará para a elaboração do texto *Zur Geschichte der theognideischen Spruchsammlung*[46]*,* publicado em 1867 na *Rheinisches Museum für Philologie,* pode ser visto como uma primeira amostra da postura que o Nietzsche filólogo adotará no futuro, no seu segundo texto sobre Téognis e, também, nos *Democritea,* uma vez que se destacam nele: sua atenção aos processos de transmissão textual; sua suspeita quanto à autoridade atribuída à figura de Teógnis; e, sua tentativa de reconstruir a gênese interna das máximas a partir do contexto em que surgiram.

Ainda, sobre o estudo de Teógnis, Jensen (2013) observa que, mesmo em seus primeiros trabalhos, Nietzsche combina uma "descrição cético-realista" com uma "especulativa explanação psicológica"[47], o que significa dizer que desde os primórdios de seu trabalho crítico, encontramos o jovem filólogo se valendo de instrumentos rigorosos da crítica textual e histórica, amparado por uma leitura que busca alcançar as motivações subjetivas e os conflitos culturais presentes nos escritos investigados, característica que ficará mais clara em seus trabalhos filológicos posteriores – como é o caso dos *Democritea* –, e, um pouco mais tarde, no estilo genealógico de seus escritos filosóficos.

Já na universidade, Nietzsche se depara com uma querela que remonta aos primórdios da filologia como ciência na Alemanha[48]. Tanto em Bonn quanto em Leipzig, a filologia se dividia em duas metodologias distintas: a *Sprachphilologie* e a *Sachphilologie*, representadas, respectivamente, por dois professores que Nietzsche encontra em Bonn: Otto Jahn (1813-1869) e Friedrich Ritschl[49]. A *Sprachphilologie* – vertente objetiva ou gramática da filologia – orientava o foco de suas investigações para os aspectos formais da linguagem contidos nos textos. Esta vertente buscava analisar minuciosamente a gramática, sintaxe e semântica, desvendando nuances e estruturas linguísticas que possibilitariam uma melhor compreensão da Antiguidade clássica. Para os filólogos da *Sprachphilologie*, da qual Ritschl foi um

---

[46] Cf. *KGW* 2-1, p. 1-58.

[47] Cf. JENSEN, A. K. *Nietzsche's Philosophy of History.* Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 34.

[48] Para maiores detalhes sobre o desenvolvimento da filologia dentro da tradição magistral alemã, Cf. BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015. p. 122-149. Outro texto que trata desta questão é o artigo de James Whitmman, *Nietzsche in the magisterial tradition of German classical philology*, 1986. Para um estudo mais aprofundado sobre o desenvolvimento da filologia Cf. BERNHARDY, G. *Grundlinien zur Enzyklopädie der Philologie.* Halle: Eduard Anton, 1832.

[49] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 325-326.

representante, ao examinar as escolhas linguísticas dos autores, seria possível identificar influências regionais, variações linguísticas e mudanças ao longo do tempo, essenciais para uma compreensão completa do significado dos textos. Contrastando com essa visão, a *Sachphilologie* – vertente subjetiva ou histórica da filologia – concentrava-se no conteúdo material dos textos. Esta vertente buscava contextualizar as obras no ambiente em que foram produzidas, analisando elementos históricos, culturais e sociais. Para os seus adeptos, entre eles Jahn, a *Sachphilologie* desempenhava um papel fundamental na reconstrução do significado original das obras, considerando não apenas as palavras escolhidas, mas também os eventos e ideias que influenciaram os autores e sua época[50].

Deste imbróglio existente entre os professores de filologia da época e, especificamente, o existente entre Jahn e Ritschl, apesar de demonstrar admiração por Jahn[51], Nietzsche parece seguir em suas pesquisas e trabalhos à época mais próximo da *Sprachphilologie*. Entretanto, como pretendo demonstrar, Nietzsche não se estabelece como um representante desta ou de outra vertente assumida na tradição. Principalmente a partir do momento em que Nietzsche assume a cátedra na universidade de Basileia, ele declara, em alguma medida, um certo tipo de autonomia metodológica para si; e, assim, ele, ao mesmo tempo que permanece próximo a Ritschl e acentua a importância de ser fiel ao texto, assume, como aponta Rosa Dias, ser "[...] preciso, também, não deslocar o que se estudava da vida"[52], o que fica claro em *Homero e a filologia clássica:*

> Se assumimos uma atitude científica a respeito da Antiguidade, podemos compreender o passado com os olhos do historiador, ou rubricar as obras principais da Antiguidade segundo o modo naturalista, comparando-as e, eventualmente, reduzindo-as a leis morfológicas; em todo caso, perdemos a maravilhosa força criadora, assim como o verdadeiro perfume da atmosfera antiga, esquecemos essa

[50] Cf. SANDYS, J. E. *A History of Classical Scholarship:* the Eighteenth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 1908. p. 89. Charles Andler faz um apontamento interessante acerca da visão que se tinha sobre a filologia e os filólogos ao mostrar que a compreensão entre os franceses e os alemães era distinta. Para os primeiros, filólogo era o indivíduo que se dedicava estritamente aos estudos de linguística; enquanto que entre os alemães o termo filólogo era utilizado para se referir aos professores de letras nos ginásios e nas universidades (ANDLER, 1921). Paulo Cesar Souza corrobora a informação trazida a público pelo intérprete francês. Na nota 57 de *Além do bem e do mal* (1886), o tradutor diz o seguinte: "Nos países de cultura alemã, filólogo não era apenas o estudioso de línguas e textos escritos, mas aquele que, através destes, lida com as manifestações espirituais de um povo" (*BM,* p. 230).

[51] Em carta enviada à mãe entre 10 e 17 de novembro, Nietzsche comenta sobre os seus dois professores: "Todos perceberão que homens como Ritschl, que me deu um discurso sobre filologia e teologia, e Otto Jahn, que, como eu, pratica filologia e música sem fazer de nenhuma delas uma preocupação secundária, têm uma grande influência sobre mim, quem sabe esses heróis da ciência podem imaginar" (*KGB* 1-2, p. 17-20).

[52] Cf. DIAS, R. M. *Nietzsche educador.* São Paulo: Scipione, 1993. p. 26.

> nostálgica emoção que, como o mais belo cocheiro, conduz nossos sentidos e nossos pensamentos aos gregos com a força do instinto.[53]

Assim, depreende-se que Nietzsche seria contrário a uma postura mecânica da filologia. Ao mesmo tempo em que ele compreendia ser possível obter um conhecimento válido através de um método puramente científico, seu pensamento e seu fazer filológico não se fecham à especulação e à busca por compreender o espírito do mundo clássico; a fim de, com isso, superar as distorções que um texto pode sofrer ao longo do tempo[54]. Como sugere Porter (2000a), "a mente de Nietzsche sempre foi de caráter especulativo"[55], o que o tornou capaz de coadunar estudos historiográficos à hermenêutica psicológica dos autores[56]. Assim, Nietzsche propõe-se a uma nova metodologia – incapaz de ser compreendida desde as delimitações metodológicas das vertentes discutidas até aqui[57] – para a qual ele encontra base em autores como Friedrich Lange (1828-1875)[58] e Valentin Rose (1829-1916)[59]; ou seja, referências localizadas fora do embate filológico com o qual Nietzsche manteve contato em sua formação acadêmica, desde seu ingresso em Bonn, em 1864[60], as quais encaminharam-no para o ceticismo, assumido por ele como metodologia filológica principalmente entre 1867 e 1870.

---

[53] Cf. *MusA* 2, p. 6; *KGW* 2-l, p. 252.

[54] Cf. SANDYS, J. E. *A History of Classical Scholarship:* the Eighteenth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 1908., p. 89.

[55] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 32.

[56] Cf. JENSEN, A. K. *Nietzsche's Philosophy of History.* Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 44. Esta discussão retornará sob outro aspecto na seção seguinte (1. 3), quando o foco de nossas discussões se centrarem na relação entre Filologia e *Bildung* no pensamento e na postura de Nietzsche enquanto filólogo.

[57] *Sprachphilologie e Sachphilologie.*

[58] Friedrich Albert Lange foi um filósofo e sociólogo neokantiano alemão. É creditado como o fundador da Escola de Marburg.

[59] Valentin Rose estudou filologia na universidade de Berlim, onde teve contato com Aristóteles, sobre quem dedicou grande parte de suas pesquisas. Em 1854 recebeu o título de doutor em Filologia, com tese sobre Aristóteles. Profissionalmente, trabalhou na Biblioteca Real de Berlim.

[60] Em carta enviada a Erwin Rohde em 20 de novembro de 1868, Nietzsche faz a seguinte declaração sobre os seus contemporâneos: "Meu caro amigo, agora que posso ver de perto a numerosa população de filólogos dos nossos dias, onde tenho que observar todos os dias toda a agitação, as bolsas nas bochechas cheias e os olhos cegos, a alegria pelo verme capturado e a indiferença para com o problemas reais, até mesmo intrusivos, da vida e não apenas para os jovens, mas também para os já adultos: parece-me cada vez mais compreensível que, se ambos permanecermos fiéis ao nosso gênio, não seguiremos o nosso caminho em vida sem vários impulsos e efeitos colaterais." (*KGB* 1-2, p. 344).

O contato de Nietzsche com Lange remete a agosto de 1866, quando ele, ainda um estudante em Leipzig, leu a obra *Geschichte des Materialismus* (1866)[61], na qual o autor realiza uma pesquisa histórico-crítica do materialismo desde suas raízes gregas até suas incorporações na filosofia alemã[62]. Esse contato com a *História do Materialismo,* causa em Nietzsche fortes impressões, que podem ser confirmadas através das cartas enviadas por ele a seus amigos, como é o caso da carta enviada a Hermann Mushacke, na qual ele relata sua impressão sobre a obra: "A obra filosófica mais importante publicada nas últimas décadas é, sem dúvida alguma, Lange [...], sobre a qual poderia encher folhas e folhas com elogios e recomendações"[63]. A partir da descoberta da obra de Lange, Nietzsche passa a ter contato com importantes referências para o desenvolvimento de seu pensamento, como o darwinismo, Kant, os positivistas ingleses, e – principalmente – o que mais nos interessa – Demócrito[64]. Em comentário sobre a importância de Lange para Nietzsche, Lopes escreve:

> Lange é um modelo importante para Nietzsche na medida em que recusa uma perspectiva puramente museológica para a consideração histórica. Mas ele exercer também uma influência decisiva sobre as predileções filosóficas de Nietzsche, ao despertar seu interesse pela filosofia pré-socrática e em especial por Demócrito.[65]

Com Valentin Rose, Nietzsche tem contato no ano de 1867, através de sua famosa obra *Aristoteles Pseudepigraphus* (1863)[66], na qual o autor reivindica o ceticismo sobre as fontes aristotélicas. Apesar de reconhecer Rose como uma importante influência, Nietzsche não deixa de realizar objeções às posições adotadas por ele, salientando que a maior contribuição de Rose foi o seu ceticismo metodológico, sobre o qual ele escreve: "não se exauriu ainda a força desse

---

[61] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1*,* p. 163.

[62] Cf. LANGE, F. A. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart.* Iserlohn: J. Baedeker, 1866. Para uma melhor compreensão do programa filosófico langeano Cf. NOLL, J. H.; SCHOEPS, J. *Friedrich Albert Lange Leben und Werk.* Duisburg: Walter Braun Verlag, 1975.

[63] Cf. Carta a Hermann Mushacke em novembro de 1866 (*KGB* 1-2, p. 180-184).

[64] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 166.

[65] Cf. LOPES, R. A. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche.* 2008. 573f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. p. 47. Outros importantes trabalhos sobre a relação entre Nietzsche e a obra de Lange é o livro *Lange and Nietzsche*, de George Stack e o artigo *Nietzsche und Lange*, de Jörg Salaquarda. Cf. STACK, G. *Lange and Nietzsche*. Berlin/New York: de Gruyter, 1983, 1983; SALAQUARDA, J. Nietzsche und Lange. In: *Nietzsche-Studien.* v. 7, n. 1, p. 236-260, 1978.

[66] Cf. ROSE, V. *Aristoteles pseudepigraphus*. Leipzig: B. G. Taubner, 1863.

método"[67]. Em comentário sobre a impressão do livro causada em Nietzsche, Hans Joachim Mette sugere que, apesar de Nietzche criticar o estilo de escrita de Rose por não possuir clareza na exposição e por ser uma leitura cansativa, ele exerceu profundas influências sobre o jovem filólogo[68]. O próprio Nietzsche salienta o mérito de Rose em seu livro por ter lançado luz sobre o tema da pseudoepigrafia:

> O que é mais importante, porém, é que Rose pesquisou toda a área da pseudoepigrafia com grande força intelectual, que ele olhou pela primeira vez essa cabeça de Medusa de frente sem virar pedra, que ele fornece um horizonte para questões de autenticidade e inautenticidade na história literária grega.[69]

Nietzsche, então influenciado pela sua leitura desses dois autores, passa a realizar críticas ao método filológico praticado, comumente percebido entre os filólogos da época. Ao analisar sobretudo as anotações do período de 1867 a 1869 – período no qual o estudo sobre Demócrito é desenvolvido –, é possível perceber que Nietzsche tem como problema principal de seus estudos a veracidade dos textos[70]. Nesse período, as anotações e estudos desenvolvidos por Nietzsche colocam em xeque o valor do conhecimento filológico estabelecido na tradição, por meio de uma confrontação do dogmatismo na pesquisa:

> Os resultados desse novo método são os seguintes: é-se, antes de tudo, ilimitadamente cético, pois o ceticismo ainda não encontrou nenhuma medida. Segue-se, porém, com o ceticismo até os últimos fins, pois, lá, se atingem frequentemente os seus limites. O ceticismo nos mostra quão fraco era o corrimão em que nos apoiávamos. Todo vestígio de dogmatismo agora está morto.[71]

Assim, a visão que se pode ter de Nietzsche é a de um filólogo cético, pois o método que ele passa a utilizar e prescrever é o de, diante dos textos e sua autenticidade, prevalecer a desconfiança, o qual se enquadraria dentro de uma corrente denominada pirronismo histórico[72],

---

[67] Cf. *KGW* 1-4, p. 394. Porter (2000a) ao comentar sobre a influência de Rose sobre Nietzsche chega a afirmar que ele "era a pílula amarga da filologia que Nietzsche se obrigava [...] Nietzsche podia sentir-se o continuador do método de Rose, que ele estava levando a outros patamares" (PORTER, 2000a, p. 37; 38).
[68] Cf. *BAW* 4, p. 598-599.

[69] Cf. *BAW* 4, p. 71-72.

[70] Porter (2000a, p. 37) defende a tese de que os estudos sobre Demócrito podem ser percebidos como correlatos ao trabalho de Rose *Aristoteles Pseudepigraphus*.

[71] Cf. *KGW* 1-4, p. 404-405.

[72] Terminologia utilizada para aglutinar os historiadores dos séculos XVII e XVIII que assumiam um ceticismo radical diante da possibilidade de se conceder confiabilidade aos testemunhos históricos. Entre os seus representantes, se encontra Pierre Bayle. Markus Völkel descreve esse movimento intelectual como um fenômeno de transição que encontra sua decadência na segunda metade do século XVIII, substituído por uma

amplamente difundida entre os filólogos da época, da qual Rose também pode ser considerado um representante. Nesse sentido, a postura de Nietzsche vinculada a esta corrente não sugere nenhuma novidade metodológica. Conforme aponta Eduardo Nasser (2015), conjuntamente a esta, coexistem outras considerações metodológicas de Nietzsche que o colocaram em uma posição – senão privilegiada – distinta àquela adotada pelos demais estudiosos partidários de uma posição cética acerca das fontes[73]; e, nesse sentido, o contato com a obra de Lange torna-se importantíssimo e ponto culminante para a metodologia cética que Nietzsche colocou em prática em seus trabalhos filológicos.

Sob a influência de Lange, a tese de Porter (2000a), seguida por Lopes (2008), é que Nietzsche teria abandonado seu acatamento integral ao pirronismo histórico[74], com o qual ele teve contato a partir da leitura de Rose, haja vista sua improdutividade[75]. Com o tempo, Nietzsche percebe que o resultado epistemológico da dúvida radical por meio de uma negação integral da tradição é infundado. Nietzsche, então, a partir desta conclusão, encontra uma alternativa, na qual juízos históricos não se separam de juízos estéticos e valorativos[76]. Assim, das posições de Lange, Nietzsche extrai aquilo que se torna gradualmente o núcleo de sua

historiografia crítica ciente dos limites do conhecimento histórico, porém que não adota a suspensão dos juízos (LOPES, 2008). Para uma explanação mais detalhada do pirronismo histórico Cf. VÖLKEL, M. *"Pyrrhonismus historicus" und "Fides historica":* die Entwicklung der Deutsche historiographische Methodologie unter dem Gesichtspunkt der Historische Skepsis. Frankfurt am Main/Bern/ New York: Lang, 1987.

[73] Cf. NASSER, E. Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos. In: *Hypinos.* v. 34, p. 79-104, 2015.

[74] Porter defende que o afastamento de Nietzsche do ceticismo do pirronismo histórico defendido por Rose se dá pela compreensão de Nietzsche de que este movimento se caracterizava apenas como "extensão do positivismo filológico" (PORTER, 2000a p. 52).

[75] Em carta enviada ao seu amigo von Gersdorff, datada de 16 de fevereiro de 1868, Nietzsche escreve: "Interessei-me particularmente por uma obra para a qual tinha recolhido e recolhido diariamente muito material bonito, uma obra pela qual tinha um interesse filológico e filosófico: sobre a escrita de Demócrito. A enorme informação sobre isso me levantou suspeitas; busquei o conceito de uma grande falsificação literária e encontrei uma riqueza de pontos interessantes ao longo dos caminhos tortuosos da combinação. No final, porém, quando a minha observação cética conseguiu ignorar todas as conclusões, o quadro gradualmente girou em minhas mãos; ganhei uma nova visão global da importante personalidade de Demócrito e deste ponto mais elevado de observação a tradição recuperou os seus direitos. Proponho-me agora descrever todo esse processo, a salvação da negação através da negação, para tentar despertar no leitor a mesma sequência de pensamentos que me vieram à mente de forma espontânea e forçada. Mas isso requer lazer e pensamento e poesia novos e saudáveis" (*KGB* 1-2, p. 254).

[76] Lopes (2008) defende que essa posição construtiva de Nietzsche não significa um abandono puro e simples de sua posição de negação radical do valor do conteúdo, ele defende que "esta atitude construtiva está a serviço do presente e de suas demandas (trata-se, portanto, de uma exigência pragmática justificada pelas aporias epistêmicas) e não significa um abandono puro e simples da atitude inicial de total suspeita face à tradição e à suposta confiabilidade das fontes históricas, mas uma subsunção da mesma, que a supera e ao mesmo tempo conserva, ao modo do hegelianismo" (LOPES, 2008, p. 194).

filologia cética e crítica[77]. Neste ínterim, o ceticismo passa a ser utilizado por Nietzsche como ferramenta, para se chegar a resultados que não seriam alcançados pelas duas vias possíveis na encruzilhada entre os caminhos adotados pela tradição e pelo ceticismo irrestrito. Adotar, dessa forma, a disposição cética significaria tanto duvidar sobre a tradição quanto sobre a própria dúvida cética. Em uma nota, Nietzsche esclarece sua posição acerca do tema:

> Por meio do ceticismo nós solapamos a tradição, por meio das consequências do ceticismo retiramos a verdade oculta de sua caverna e terminamos quem sabe por descobrir que a tradição tinha razão, embora ela se sustentasse sobre pés de barro. Um hegeliano talvez dissesse que nós procuramos apurar a verdade por meio da negação da negação. Se tal verdade nos agrada a alguém, que ele se apegue aos benefícios indiretos que não são nada desprezíveis. Pois desta mesa ninguém deve se retirar em jejum, a menos que ele traga um paladar excessivamente mal-acostumado.[78]

Seguindo a digressão feita por Nietzsche, temos algumas ponderações acerca do método cético estabelecido por ele. O primeiro ponto, como já afirmado anteriormente, é referente ao fato de o ceticismo deixar de ser uma metodologia acatada por Nietzsche em sua integralidade, dados os seus resultados ineficazes. A partir deste ponto, ao utilizar o ceticismo como uma ferramenta, esclarece-se que o ceticismo metodológico apregoado por Nietzsche não se identifica com o ceticismo do pirronismo histórico – o que nos encaminha para o segundo ponto. Ao colocar em dúvida a autoridade da tradição sobre determinado assunto ou texto, Nietzsche percebe que se abrem dois caminhos possíveis: o da possibilidade de afirmação de qualquer conclusão que seja pretendida e consequente suspensão do juízo – do qual ele se afasta; e o construtivista, no qual o percurso realizado acaba por levar, através da disposição cética, à criação de um filtro epistêmico capaz de selecionar aquilo passível de afirmação, seja na dúvida, seja na tradição. Por último, vale notar que Nietzsche estabelece um paralelo entre o procedimento epistemológico e o gosto[79] – paladar –, explicitando que o procedimento cético,

---

[77] Cf. PORTER, J. I. *The Invention of Dionysus.* An Essay on The Birth of Tragedy. Stanford: Stanford University Press, 2000b. p. 14.
[78] Cf. *KGW* 1-4, p. 536-537.

[79] Nietzsche retomara paralelos com a fisiologia, como é o caso desse, em *Ecce homo* (1888), por exemplo: "[...] Todos os preconceitos vêm das vísceras" (*EH, Por que sou tão sábio*, p. 38). Sobre essa relação entre virtude epistemológica e a fisiologia, Wilson Frezzatti esclarece: "O corpo ou a unidade orgânica nada mais é, para Nietzsche, do que um conjunto de impulsos. Sendo este conjunto bem hierarquizado, ou seja, sendo tornado uma "unidade" pela potência e dominação de um (alguns) impulso(s), o corpo é saudável; sendo desorganizado ou anárquico, o corpo é mórbido [...]. A disposição dos impulsos em um organismo indica sua condição fisiológica. Se os impulsos estiverem hierarquizados, ou seja, organizados segundo um impulso ou conjunto de impulsos dominantes, o corpo é sadio; se estiverem desagregados, é doente. Culturas, filosofias, morais e pensamentos são expressões desses impulsos" (FREZZATTI JR, 2006, p. 25; 28). Conforme se pode verificar nas anotações e cartas da época, Nietzsche absorve de Lange não apenas direcionamentos metodológicos restritos à filologia ou mesmo à filosofia. É por meio da leitura da *História do materialismo* que Nietzsche teve contato com as teorias e contribuições das ciências naturais da época. Em carta enviada a Gersdorff em 16 fevereiro de 1868, já citada

nesse caso, serve como um depurador cognitivo, pelo qual se alcança rigor metodológico e, por consequência, apuro de julgamento[80].

Desta forma, a metodologia adotada por Nietzsche acaba por criar um afastamento seu da filologia enquanto somente uma disciplina positiva. Porter salienta que o projeto levado a cabo por Nietzsche leva-o "não a um *Antritt*[81], mas a uma *Austritt*[82] da filologia, isto é, a um afastamento completo da disciplina"[83]. Mas, afinal, afastamento completo de quê? A bem da verdade, Nietzsche nunca se afasta completamente da filologia, e a sua formação filológica pode ser percebida nas várias fases de seu pensamento como um recurso metodológico[84]. O afastamento levado a cabo por Nietzsche se dá sobre a "filologia convencional"[85]. Nesse sentido, a disposição cética na metodologia adotada por Nietzsche leva-o a uma consciência do elemento pedagógico presente no cerne da filologia, marcado pela tarefa educativa de levar o sujeito a pensar criticamente sobre a história e, com isso, cultivar uma cultura mais elevada[86]. Antes de tudo, ela é um percurso pelo qual conhece-se a si mesmo e, por meio da leitura dos textos clássicos, reconhece-se não o cenário da Antiguidade, mas o ideal que se criou sobre ele,

---

anteriormente, ele escreve: "Se você tiver vontade de se informar completamente sobre o movimento materialista dos nossos dias, sobre as ciências naturais e suas teorias darwinianas, os seus sistemas cósmicos, com sua câmera obscura animada, mas também sobre o materialismo ético, sobre a teoria de Manchester etc., não tenho nada de mais extraordinário para te recomendar que a História do Materialismo de Friedrich Albert Lange, um livro que oferece infinitamente mais do que promete no título e que não nos cansamos de ler e consultar como um verdadeiro tesouro. Em vista da orientação de seus estudos, não posso lhe recomendar nada mais digno" (*KGB* 1-2, p. 257-258).

[80] Conforme a tese de Porter: "O ceticismo de Nietzsche é, em outras palavras, um ceticismo voltado para dentro – contra Rose, contra o ceticismo e, consequentemente, contra ele mesmo" (PORTER, 2000a, p. 41).

[81] *Antritt* = Início.

[82] *Austriit* = *S*aída.

[83] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 35.

[84] Cf. MARTON, S. Ler Nietzsche como "nietzschiano": questões de método. In: *Revista Discurso.* v. 48, n. 2, p. 7-24, 2018. p. 17.

[85] Cf. NASSER, E. Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos. In: *Hypinos.* v. 34, p. 79-104, 2015. p. 99.

[86] Um exemplo do sentido pedagógico da filologia na perspectiva de Nietzsche pode ser encontrado, entre outros escritos, nas conferências que compõem o texto de *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, proferidas ao longo do ano de 1872, onde vemos, por um lado, se desenvolver uma profunda crítica de Nietzsche ao sistema educacional alemão e, por outro, o esboço do seu ideal pedagógico, no qual a filologia desempenha um papel essencial como prática formativa, crítica e espiritual. Cf. *KSA* 1, p. 641-752. Outro importante local de discussão do tema, focado na formação do filólogo, é a *Enciclopédia de Filologia Clássica,* desenvolvida por ele entre os anos de 1871 e 1874. Cf. *KGW* 2-3, p. 366-438. Ainda, sobre o tema, Cf. CALOMENI, M. T. Notas sobre a crítica de Nietzsche à filologia e à educação. In: *Sofia.* v. 7, n. 1, p. 192-206, 2018.; e BRITTO, F. L. *O ofício da origem:* uma leitura de 'Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino' de Nietzsche. Curitiba: Kotter Editorial, 2016.

permeado pelo desejo de retorno a um mundo que já não cabe na modernidade. Em resumo, a filologia cética de Nietzsche se torna uma crítica ao homem moderno, capaz de perceber nas leituras da Antiguidade a visão difusa e controversa presente no meio filológico alemão, a qual abre caminho não somente para questões sobre epistemologia e método, mas também sobre cultura, educação e formação, tema que tomará parte das preocupações de Nietzsche como professor e filólogo, como veremos na seção a seguir.

1. 3 Filologia e *Bildung*: da origem à crítica

1.3.1 Sobre o conceito de *Bildung*

Acerca do conceito de *Bildung,* a primeira questão com a qual nos deparamos é o fato de não haver para o termo alemão um termo equivalente nas demais línguas, o que faz com que se utilize palavras com significados paralelos[87]. No alemão, *Bildung* é o resultado da junção entre a palavra *Bild*, que pode ser traduzida como contorno, imagem ou forma e o prefixo *ung*, que dá o sentido de processo, desenvolvimento ou obtenção; o que, seguindo essa compreensão, pode ser entendido como um processo pelo qual se ganha – se obtém – forma. Etimologicamente, conforme salienta Britto, o "termo, *Bildung* deriva do alemão *bildinge*, significando, de modo um tanto impreciso, a forma de uma ideia, ou uma 'ideia figurativa'"[88], o que sugere para nós traduzir *Bildung* como formação, em Português[89].

Historicamente, na Alemanha, *Bildung* teve duas acepções distintas: na primeira, a origem do termo remete, de acordo com Gadamer, ao período medieval – no qual carregava um

[87] Cf. WEBER, J. F. *Formação (Bildung), Educação e Experimentação:* sobre as tipologias pedagó- gicas em Nietzsche. 2008. 172 f. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008; BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015; BOLLE, W., A idéia de formação na modernidade. In: GHIRARDELLI, P. Jr. (org). *Infância, escola e modernidade.* São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997, p. 9-32. Bolle define essa questão da seguinte forma: "O francês *entraînement* e mais ainda o inglês *formation* seriam apenas reproduções mecânicas, às quais não corresponde nenhum uso social. Quanto às palavras correntes *éducation* e *education*, elas não servem, porque traduzem *Erziehung* ("educação"), da qual a *Bildung* deliberadamente se emancipou" (BOLLE, W., 2009, p. 15).

[88] Cf. BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015. p. 21.

[89] Cf. Ibid. p. 19.

sentido místico –, perpassando o período barroco, até chegar ao romantismo alemão. Nesta interpretação, o sentido que *Bildung* teve estreitas relações com a perspectiva religiosa[90].

Já na segunda, *Bildung* se insere na perspectiva kantiana da *Aufklärung*[91], porém ainda sem possuir uma definição para si. No texto *Resposta à pergunta: O que é esclarecimento* (1753), Kant afirma que esclarecimento – *Aufklärung* – é o processo por meio do qual o homem sai de sua condição de menoridade, da qual ele próprio é o culpado[92]. Kant continua sua tese e afirma que, para que o processo do entendimento ocorra, é necessária a condição de autonomia do indivíduo[93]. É interessante notar, conforme sugere Gadamer (2008), que Kant, em seu texto, "não utiliza a palavra 'formação' nesse contexto. Fala da 'cultura', da faculdade (ou da 'aptidão natural') que, como tal, é um ato de liberdade do sujeito atuante"[94]. Seguindo o apontamento de Gadamer, Britto expõe que:

> É a palavra *Erziehung* que surge no centro da pedagogia alemã anterior ao neo-humanismo, especialmente no movimento que ficou conhecido como *Philantropismus* e que, a partir da segunda metade do século XVIII, em consonância com os princípios da *Aufklärung*, compreendia a educação como o próprio destino do homem – e consolidava seu fim no aprendizado moral segundo o qual cada indivíduo deveria ser, de acordo com princípios derivados da natureza, útil à espécie em geral.[95]

Kant somente utilizará o termo *Bildung*, dando a ele o sentido da educação negativa, compreendida como formação, significando a necessidade de cuidado e disciplina. Ainda tributário de Kant, Fichte no *Discurso à nação alemã* vincula *Bildung* à *Zucht* – disciplina – que passa a se justificar em seu projeto educacional nacional pela relação que se desenvolve moralmente entre o indivíduo e a comunidade[96].

---

[90] "[...] a ascensão da palavra 'formação' desperta, antes, a antiga tradição mística, segundo a qual o homem traz em sua alma a imagem de Deus, segundo a qual foi criado, e que deve reconstruir em si mesmo" (GADAMER, H-G., 2008, p. 46).

[91] Cf. GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008.

[92]Cf. KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: *Textos Seletos*. Trad. Raimundo Vier. Petrópoles: Vozes, 1985. p. 100.

[93] Cf. Ibid. p. 104.

[94] Cf. GADAMER, H-G. op. cit., nota 91, p. 45.

[95] Cf. BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015. p. 26.

[96] Cf. FICHTE, J. G. *Werke,* Bd. VII. Hrsg. von Immanuel Hermann Fichte. Berlin: Walter de Gruter, 1971. Em Fichte, a formação visa o aperfeiçoamento.

Desta forma, a relação do conceito – palavra – sempre esteve, de alguma forma, ligada ao sentido pedagógico; porém é somente com autores como Herder e Wilhelm von Humboldt que *Bildung* passa por um processo de autonomia dos demais termos e conceitos empregados nas discussões pedagógicas, tornando-se um dos conceitos-chave para se pensar o modelo educacional alemão[97]. Sob a tutela desses autores, *Bildung* passa a ser um conceito compreendido dentro de um sentido vitalista, denotando o processo pelo qual o próprio indivíduo é atuante em sua formação. Com Humboldt, a concepção de *Bildung* passa a designar a formação do indivíduo a partir de suas potencialidades, como uma experiência individual que se dá pela experimentação da criatividade. Segundo ele:

> A tarefa derradeira de nossa existência é dar o máximo possível de substância ao conceito de humanidade em nossa pessoa, seja na duração de nossa vida, seja para além dela, por meio dos traços que deixamos de nossa atividade vital. Isto somente pode ser realizado por intermédio da vinculação entre nosso eu e o mundo para chegar à reciprocidade mais viva, livre e universal. [98]

Na perspectiva neohumanista de autores como Humboldt, *Bildung* passa a não mais ser universalmente determinada e externa ao indivíduo, como ocorreu na *Aufklärung*, e sim como uma dinâmica interior do indivíduo e, por isso, da história da humanidade[99]. Em outras palavras, isso significa dizer que, nesta perspectiva, há um abandono de qualquer vinculação com o campo ético e moral, como ocorre na perspectiva kantiana da *Aufklärung*, para se estabelecer vinculada à política na busca do desenvolvimento de potencialidades individuais. Na visão de Humboldt, a educação desenvolveria no indivíduo a ideia de humanidade em seu interior, e esse processo se daria por meio da *Bildung,* haja vista que a ideia de humanidade não se trata de algo natural, mas um processo – formação – consciente de cada indivíduo[100]. Assim, ao Estado caberia criar e possibilitar aos indivíduos as condições para que o processo de formação autônoma de cada um dos indivíduos se tornasse possível.

---

[97] Para uma melhor compreensão da origem e desenvolvimento do conceito e suas implicações na formação alemã, Cf. HERRMANN, U. *Historische Bildungsforschung und Sozialgeschichte der Bildung*. Weiheim: Deutscher Studien Verlag, 1991; ASSMANN, A. *Construction de la Mémoire Nationale:* une brève histoire de l'idée allemande de Bildung. Trad. Françoise Laroche. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1994.

[98] Cf. HUMBOLDT, W. *Schriften zur Bildung*. Berlin: Reclam, 2017. p. 7.

[99] Cf. BRITTO, F. L. op. cit., nota 95, p. 31-32.

[100] Cf. GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 46.

Seja como for, é principalmente a partir do movimento neohumanista e no século XIX que *Bildung* de fato torna-se um conceito central nas discussões pedagógicas da Alemanha, sendo utilizado por aqueles que, de alguma forma, estavam interessados nas discussões concernentes à formação e desenvolvimento do homem, física, psíquica e intelectualmente[101]. O mais importante é compreender que, ao passo que os fenômenos históricos se desenvolvem, *Bildung* vai ganhando centralidade nas discussões acadêmicas alemãs[102], haja vista o seu potencial de resgatar a identidade alemã através de um discurso ancorado nas preocupações envolvidas com o tema da cultura[103], atuando, assim, como uma ferramenta ideológica capaz de reunir sob sua sombra representantes das várias estirpes da sociedade alemã.

É sobre este aspecto do desenvolvimento do conceito de *Bildung* que Nietzsche parte para desenvolver sua crítica e, por conseguinte, desenvolver a sua compreensão sobre o tema da formação. Nietzsche pode ser visto, em parte, como um continuador da proposta neohumanista humboldtiana ao definir a *Bildung* como um processo individual de autoformação – inclusive, esta definição aparecerá como subtítulo de uma de suas obras do período maduro: *Ecce homo: como alguém se torna o que é*[104]. Entretanto, sua proximidade com este movimento parece se limitar apenas a isto, pois sua crítica surge justamente da visão compartilhada pela corrente neohumanista, na qual a formação e o desenvolvimento do indivíduo deixam de ser um processo livre para ser, na verdade, um processo de formação que se limita tão somente aos interesses do Estado, havendo assim, por esta estrutura, neste movimento, uma incompatibilidade entre a proposta e a prática. Nas palavras de Britto:

> Não parece ter sido tanto a prática política de Humboldt, mas especificamente sua teoria que encontrou espaço nos meios aristocráticos de eruditos da segunda metade do século XIX. Isso se explica pelo fato de que nem sempre o destino de suas teses foi realizado de forma coerente com suas teorias. Através dos diversos postos oficiais que Humboldt ocupou no Império alemão, fazer valer uma reforma limitadora da ação do Estado, tal como defendida em seus escritos de juventude, parece ter se demonstrado, em muitos momentos, uma tarefa paradoxal. O destino político do neo-humanismo, portanto, teve de se conformar às forças externas à cultura e aos obstáculos impostos por uma burocracia oficial cada vez mais enraizada nas

[101] Cf. BOLLE, W. A idéia de formação na modernidade. In: GHIRARDELLI, P. Jr. (org). *Infância, escola e modernidade.* São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997, p. 9-32.
[102] Cf. WEBER, J. F. *Formação (Bildung), Educação e Experimentação:* sobre as tipologias pedagógicas em Nietzsche. 2008. 172 f. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

[103] Cf. BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015. p. 36.

[104] Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce homo:* como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

> instituições públicas. Nesse sentido, a reação do meio social de Nietzsche contra esse destino parece ter sido um retorno e uma radicalização daquilo que o próprio neo-humanismo não pôde cumprir, mas que havia anteriormente formulado.[105]

Seguindo por outra direção, o classicismo alemão, do qual podemos citar Winckelmann, Goethe e Schiller como representantes, evocou, ainda no século XVIII, para *Bildung* um caráter estilístico, contrário ao cientificismo apregoado pelo neohumanismo. Segundo a perspectiva do classicismo, a Antiguidade grega passou a ser um modelo de humanidade superior contraposto à deformidade moderna. Esse modelo, então, entendido como exemplo para a educação dos indivíduos deveria ser expresso esteticamente, transpondo as barreiras formalistas que as compreensões científicas pretendiam. Neste sentido, *Bildung* passa a ser compreendida como "[...] um ideal pedagógico, voltado à resolução do antagonismo entre a vida e o espírito, o genérico e o individual, a natureza e a cultura"[106]. Pode-se compreender o classicismo como a pré-história da assimilação da cultura grega pela literatura e pela filosofia na Alemanha, propondo a compreensão de que a verdadeira *Bildung* é, antes de qualquer coisa, formação estética[107].

Porém, passo a passo, o ideal de *Bildung* passou por um processo de distanciamento dos indivíduos para se tornar o ideal e a marca da burguesia oitocentista, bem como uma ferramenta política do Estado prussiano; exemplo disso é o que ocorre nos estabelecimentos de ensino entre as décadas de 1870 e 1880, os quais passam a servir ao crescente nacionalismo, marca da identidade alemã daquele período[108]. Neste movimento, a percepção de que a *Bildung* se dava como um processo orgânico de desenvolvimento também é perdida, e o termo passa a ser utilizado nas estratégias de distinção social por meio da educação – formação. Nietzsche, preocupado com este tema, aponta para a degradação pela qual o conceito *Bildung* passou e, daí, parte para a tentativa de conferir-lhe uma nova valoração. Ele procura desafiar os valores engendrados na sociedade alemã através de suas críticas aos estabelecimentos de ensino e ao

---

[105] Cf. BRITTO, F. L. *O ofício da origem:* uma leitura de 'Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino' de Nietzsche. Curitiba: Kotter Editorial, 2016. p. 118-119.
[106] Cf. STIRNIMANN, V-P. Schlegel, carícias de um martelo. In: SCHLEGEL, F., *O Dialeto dos Fragmentos.* Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997. p.14.

[107] Cf. BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015. p. 123. Como veremos na seção a seguir, quando de sua crítica ao cientificismo e à institucionalização em que foram enclausuradas a filologia e a educação, Nietzsche evocara um retorno ao ideal clássico como meio para se chegar ao real sentido da filologia.

[108] Cf. ELIAS, N. *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen*. Bd. 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976. p. 89.

sistema educacional. A crítica de Nietzsche, como veremos na próxima seção, tem como pano de fundo a aversão ao contexto discursivo da época, conforme buscarei apresentar na sequência.

1.3.2 Nietzsche e a *Bildung* como crítica filológica

> [...] antes de mais nada, agir adequadamente, e não conhecer.[109]

Frequentando as anotações e cartas de Nietzsche de seus anos em Bonn e Leipzig, nota-se que o tema da *Bildung* [formação] comparece não raramente entre suas preocupações enquanto estudante e como aspirante à carreira acadêmica como professor. Já como professor universitário na Basileia, o tema retorna de forma contundente em seus escritos e seminários. Como vimos anteriormente, a atuação de Nietzsche como filólogo e professor se enquadra dentro dos horizontes metodológicos da época. Ainda que ele não tenha se aliado a elas, conservando certo distanciamento, o professor da Basileia não estava avulso às discussões teóricas e políticas que envolviam sua profissão[110]. Assim, em uma visão compartilhada com seus pares, mas principalmente levada a cabo por Nietzsche, o filólogo é visto como um educador. Apesar disso, o que pretendo demonstrar é que, mesmo compartilhando com os seus contemporâneos a consciência do sentido pedagógico carregado pela filologia e sua estreita relação com o tema da *Bildung*, o projeto levado a cabo por Nietzsche sobre o tema em seus escritos de juventude, principalmente naqueles de seu professorado, deve ser tomado, antes de mais nada, como um projeto crítico ao processo político no qual o tema era fomentado[111].

Uma vez que não é possível pensar as posições de Nietzsche fora da *Bildungstradition* alemã, é preciso mencionar que sua posição é a de um polemista. Em seus escritos do final da década de 1860 e início de 1870, o esforço realizado se dá na iniciativa de julgar as práticas e instituições, tomando como régua a capacidade – ou a falta – que elas possuíam de se estabelecer como um meio propício para uma verdadeira formação dos indivíduos. Nietzsche, como um herdeiro de Humboldt, compreende *Bildung* como o caminho que, se trilhado de forma autônoma, leva o indivíduo a um autodesenvolvimento interno daquilo que é humano, e

---

[109] Cf. *MusA* 2, p. 6; *KGW* 2-l, p. 252.

[110] Cf. DAVEY, N. Hermeneutics and Nietzsche's early thoght. In: ANSELL-PEARSON, K. (org.), *Nietzsche and modern German Thought*, London: Routledge, 1991. p. 91.

[111] Cf. KOKEMOHR, R. *Zukunft als Bildungsproblem – Die Bildungsreflexion das jungen Nietzsche*, Düsserldorf: Henn, 1993. p. 11.

por isso, não pôde chegar a outra conclusão senão que o resultado da estatização e politização desse processo resultou na degradação da *Bildung*[112].

Nesta perspectiva, a crítica à *Bildung* não pode ser compreendida sem estar inserida no horizonte metodológico filológico adotado por Nietzsche[113]. Em outras palavras, isso significa dizer que, em sua crítica à cultura, Nietzsche aplica a estratégia utilizada em suas interpretações filológicas. Seguindo nesta direção, suas discussões sobre o tema podem ser vistas como céticas, haja vista, conforme mencionado anteriormente, sua desconfiança sobre as instituições e práticas adotadas. Para Nietzsche, o sistema educacional alemão, ao apegar-se a uma compreensão materialista e cientificista de *Bildung,* desenvolveu uma tendência de construção de uma cultura enciclopédica, à qual ele chama de *historische Bildung*, cujo o objetivo foi dissimulado do sentido original carregado pelo termo, passando a objetivar a acumulação de conteúdos históricos, contradizendo assim o seu sentido original – ligado ao desenvolvimento interior do indivíduo.

Esta perspectiva do jovem filólogo e professor, que vem à tona e atravessa seus textos e conferências em Basileia, acaba criando um clima de estranhamento entre aqueles que viam em Nietzsche o futuro da filologia clássica. Tal estranhamento se torna público principalmente após Nietzsche publicar o seu primeiro livro: *O nascimento da tragédia*, em 1872. Em *Zukunftsphilologie!*, escrito por Ulrich von Wilamowitz-Möllendorff, são elencadas diversas censuras e ofensas às teses e metodologia utilizadas por Nietzsche no livro[114]. Porém, o golpe mais sentido por Nietzsche veio de seu mestre, Friedrich Ritschl, que, depois de um período de silêncio posterior à publicação de *O nascimento da tragédia*, escreveu a Nietzsche em 14 de fevereiro de 1872 expressando seu ressentimento por ter recebido o livro da editora e não diretamente de Nietzsche, em 1871. Além disto, Ritschl reprova as teses elencadas por Nietzsche, bem como a relação entre filologia, filosofia e arte proposta por Nietzsche. Ritschl, ainda, expressa um profundo incômodo e insinua que a filologia proposta por Nietzsche não trabalha a favor da educação dos jovens, desenvolvendo desinteresse pela atividade científica[115]. Posteriormente, Karl Reinhardt, aluno de Wilamowitz, em seu trabalho intitulado

[112] Cf. *MusA* 6, p. 269; *KSA* 1, p. 282.

[113] Cf. GENTILI, C. *Nietzsche.* Bologna: il mulino, 2001.
[114] Cf. WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, U. Zukunftsphilologie! In: GRÜNDER, K. (hrsg.). *Der Streit um Nietzsches 'Geburt der Tragödie'*, Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1969.

[115] Cf. *KGB* 2-2, p. 541-542.

Das klassische Philologie und das Klassische (1989), afirmou que "a história da filologia não possui lugar para Nietzsche"[116].

Já em sua conferência inaugural *Homero e a filologia clássica*, Nietzsche trata do estado da arte da filologia e apresenta aos seus ouvintes a sua posição crítica e reformadora dessa ciência e, por conseguinte, da *Bildung*. Segundo ele:

> Não existe hoje uma opinião pública unânime e claramente reconhecida sobre filologia clássica. Isto é visto nos círculos de pessoas instruídas, em geral, bem como entre os jovens dessa mesma ciência. A causa está em seu caráter múltiplo, na falta de unidade conceitual, no estado de agregação inorgânica das diferentes atividades científicas que só estão ligadas entre si pelo nome de "Filologia". Deve-se admitir abertamente que a filologia vive de empréstimos de várias ciências e é como uma poção mágica extraída de diferentes sucos, metais e ossos. Além disso, esconde em si um elemento imperativo e artístico no plano estético e ético, que teimosamente contrasta com a atitude puramente científica. A filologia pode ser considerada como um pouco de história, um pouco de ciência natural e um pouco de estética: história, na medida em que você quiser entender, em imagens sempre novas, as manifestações de certos indivíduos populares, compreender a lei que domina o fluxo dos fenômenos; ciências naturais, enquanto investigar o instinto mais profundo do homem, o instinto da linguagem; finalmente estético, porque partindo do campo do antigo, estuda a chamada Antiguidade "clássica" com o objetivo e a intenção de desenterrar um mundo ideal sepultado, e apresentar ao mundo de hoje o espelho do clássico, do eternamente exemplar. O fato de estes impulsos científicos e ético-estéticos totalmente heterogéneos terem sido agrupados sob um nome comum, sob uma espécie de monarquia aparente, explica-se pelo facto de a filologia, desde as suas origens e em todos os tempos foi também pedagogia.[117]

Como se percebe na passagem da conferência inaugural de Nietzsche, sua proposta de reforma passa pelo abandono do cientificismo como redução da prática filológica, advertindo ser necessária uma unidade conceitual capaz de abarcar seu verdadeiro objetivo e sentido, o que engloba, como na passagem, não só a ciência, mas também a ética e a estética. Veremos Nietzsche retomar esta posição na segunda *Consideração Extemporânea*, quando ele lança mão da tese segundo a qual o verdadeiro sentido científico da filologia se assenta em seu caráter estético formativo[118]. Nesse sentido, como salienta Britto, a orientação que Nietzsche dá às suas teses vai contra o projeto neohumanista, tendo como passo inicial o

> [...] esboroamento dos limites da ciência da Antiguidade [...]. O filólogo, portanto, cede sua cátedra ao poeta – ou, ao menos, faz dela o palco onde sua pesquisa é porta-voz de uma mensagem vinda de outra parte. É Goethe e Hölderlin – e não Wolf ou

[116] Cf. REINHARDT, K. Das klassische Philologie und das Klassische. In: *Vermächtnis der Antike. Gesammelte Essays zur Philosophie und Geschichtsschreibung.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989. p. 345.
[117] Cf. *MusA* 2, p. 3-4; *KGW* 2-l, p. 249-250.

[118] Cf. *MusA* 6, p. 284; *KSA* 1, p. 296.

> Ritschl, como era de se esperar – que Nietzsche parece ter em mente quando se refere aos modelos de uma filologia reformada.[119]

Nietzsche ataca a incapacidade operante entre a classe dos filólogos clássicos de perceber que ao assumir exclusivamente a atitude científica da filologia, o que se perde é a vocação filológica *par excellence* dentro do um processo formativo de uma verdadeira *Bildung*[120], deixando de lado "a maravilhosa força formativa, bem como o verdadeiro perfume da atmosfera antiga", e esquecendo "aquela emoção nostálgica que, como o mais belo cocheiro, conduz nossos sentidos e nossos pensamentos até os gregos com a força do instinto"[121]. A proposição de que a verdadeira *Bildung* é formação estética, então, pode ser vista como o cerne da discussão nietzschiana acerca do tema. Nas cinco conferências *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino* (1872), Nietzsche retoma esta discussão e aponta para a formação estética como sendo o papel primordial da filologia[122]. O professor se propõe à tarefa de suscitar em seus ouvintes uma reflexão sobre a formação que, para ele, deveria gerar no interior de cada indivíduo o anseio pela verdadeira cultura, contrária à pseudocultura [*erlogene Kultur*], fundada pelas tendências presentes no cenário educacional daquele período:

> Duas correntes, aparentemente opostas, igualmente prejudiciais nos seus efeitos e convergentes nos seus resultados, dominam atualmente as nossas instituições educativas que, na sua origem, foram originadas em fundamentos muito diferentes: por um lado, o impulso para a *maior expansão possível da educação*; por outro lado, o impulso para *reduzi-la e enfraquecê-la*. De acordo com o primeiro impulso, a educação deve ser levada a círculos cada vez mais vastos. Quanto à outra tendência, a educação é obrigada a abandonar as suas pretensões supremas e soberanas e a subordinar-se de forma útil a outra forma de vida, nomeadamente a do Estado. Tendo em conta estas tendências fatais de expansão e redução, seria desesperador – se fosse possível – apoiar até à sua vitória cada uma destas tendências opostas verdadeiramente alemãs e com um grande futuro: isto é, o impulso de *redução* e a *concentração* da educação como contrapartida para a maior expansão possível, e o impulso para o

---

[119] Cf. BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015. p. 148; 149.

[120] Nietzsche parece ter ciência disto mesmo antes de assumir a cátedra de professor em Basileia. Aliás, uma das hipóteses possíveis é que foi justamente a consciência desta vocação que o fez, pouco a pouco, optar pela filologia e se afastar da filologia acadêmica e da Universidade. Conforme salienta Britto (2009): "[...] a atividade de Nietzsche como filósofo teve como ponto de partida sua experiência em torno da cultura em geral e da Bildung, em particular, que havia sido adquirida em seus anos de professorado, em sua função de filólogo da Universidade" (BRITTO, 2015, p. 98).

[121] Cf. *MusA* 2, p. 6; *KGW* 2-1, p. 252.

[122] Cf. *MusA* 4, p. 1-138; *KSA* 1, p. 641-752. As conferências foram realizadas ao longo dos meses de janeiro e março de 1872. Nelas Nietzsche opera críticas ao *Gymnasium* e à Universidade. Os temas tratados em cada uma seguem a seguinte ordem: *1ª. As relações entre a cultura e a educação; 2ª. O ginásio alemão como centro motor das tendências de todos os outros estabelecimentos de ensino; 3ª. Causas imediatas dos desvios de tendência do ginásio alemão; 4ª. Os duvidosos fins da educação e da cultura, sob o Estado cultural e o jornalismo; 5ª. A universidade alemã em ligação com o ginásio*.

> *fortalecimento* e *autossuficiência* da educação como contrapartida para a sua redução. Que acreditemos na possibilidade de vitória justifica-se porque sabemos que estas duas tendências de expansão e restrição são contrárias aos propósitos da natureza, assim como é verdade que a concentração da educação em poucos é uma lei necessária dessa mesma natureza, enquanto os outros dois impulsos só podem fundar uma Cultura fictícia.[123]

Neste cenário, na perspectiva reformadora de Nietzsche, educação e formação divergem em seus aspectos tanto temáticos quanto metodológicos[124]. Nietzsche vê o ideal de *Erziehung* como forma de cooptação dos indivíduos aos interesses do Estado. Nesse sentido, *Erziehung*, segundo o olhar crítico de Nietzsche, nos moldes adotados pelo Estado alemão, funda uma cultura educacional corporativista-profissionalizante, que tem como fim a alocação do indivíduo em uma profissão [*Beruf*] de ganha-pão [*Brodgewinn*], a qual gera desagregação e não permite uma educação cultural que, para ele, é por meio da qual se pode promover a *Bildung*, conforme ele expõe na quarta conferência:

> Então, toda educação que projeta no fim de sua carreira um cargo ou um ganha-pão [*Brodgewinn*] não é nenhuma educação para a cultura [*Erziehung zur Bildung*] como nós a compreendemos, mas apenas uma indicação sobre o caminho em que se salva e protege seu sujeito na luta pela existência.[125]

Nestes termos, o tema da *Bildung* retorna uma preocupação que o ocupa desde sua atividade filológica e que, inescapavelmente, se deriva de seu método cético e de sua desconfiança em relação à tradição da filologia clássica: a formação dos estudantes. Como contraponto à economia educacional denunciada na passagem que, segundo Nietzsche, coloca a *Bildung* sempre em segundo plano, ele vê a necessidade de um retorno ao classicismo e a autores como Goethe, Schiller e Winckelmann[126]. Nietzsche vê no retorno ao classicismo um movimento capaz de recuperar o verdadeiro sentido da filologia. E, neste sentido, o contramovimento proposto por Nietzsche pode ser circunscrito dentro de uma posição permeada pela preocupação com a unidade estilística, inexistente entre os filólogos[127]. Seguindo a tese de James Porter, o que se percebe é que a tarefa crítica da filologia de Nietzsche

[123] Cf. *MusA* 4, p. 7-8; *KSA* 1, p. 647.
[124] Cf. GENTILI, C. *Nietzsche.* Bologna: il mulino, 2001. p. 30.

[125] Cf. *MusA* 4, p. 79; *KSA* 1, p. 715.

[126] Cf. *MusA* 4, p. 47-48; *KSA* 1, p. 685-686.

[127] Cf. *MusA* 2, p. 3-4; *KGW* 2-l, p. 249-250.

ganha corpo ao denunciar os erros presentes no *corpus* filológico e ao sondar as reais condições de emergência e suas contradições[128].

Em fragmentos de 1875, período em que pretendia compor uma extemporânea intitulada *Nós filólogos*, Nietzsche realiza um movimento autocrítico que o leva a distanciar o filólogo, "[...] o *grande cético* em nossas realizações da cultura e da educação"[129], daqueles que ele denomina como "conspiradores da filologia"[130]. Em um outro fragmento desta época, ele questiona: "Os *filólogos* que falam de sua ciência nunca tocam suas raízes, nunca apresentam a filologia como problema. Consciência pesada? ou imprudência?"[131]. Ao propor tais questionamentos, o pano de fundo das preocupações de Nietzsche se mostra como sendo a tentativa de sublinhar as inadequações entre uma verdadeira *Bildung* e os interesses das instituições da sociedade, as quais pensam a educação como um nivelamento da subjetividade, para a qual a filologia e os filólogos, por não possuírem consciência de sua real vocação – ou a negligenciarem – contribuíram.

> O que é a Antiguidade agora em comparação com a arte, a ciência e a filosofia modernas? Deixou de ser o tesouro de todo o conhecimento, foi superado no conhecimento da natureza e da história. A opressão da igreja foi quebrada. É agora possível um conhecimento mais puro da Antiguidade, mas também um conhecimento menos eficaz e mais fraco? Isso mesmo: se você conhece o efeito apenas como efeito de massa; mas a Antiguidade é mais poderosa do que nunca para a produção das maiores mentes. Goethe como *poeta-filólogo alemão*. [...] *O filólogo objetivo-castrado*, que também é um filisteu da cultura e um inimigo da cultura, e que também pratica a ciência pura, é sem dúvida um fenômeno triste.[132]

Por fim, conforme a tese desenvolvida por Christian Benne, tanto o conceito de filologia quanto a atuação de Nietzsche como filólogo podem ser vistos como chaves para um trabalho de muitas entradas[133], mas que levam todas ao mesmo destino: sua preocupação com

---

[128] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 7.

[129] Cf. *KSA* 8*,* p. 38, fr. 3 [76].

[130] Cf. *KSA* 8*,* p. 124, fr. 7 [6].

[131] Cf. *KSA* 8*,* p. 75, fr. 5 [135].

[132] Cf. *KSA* 8, p. 69, fr. 5 [109].

[133] Cf. BENNE, Ch. *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie.* Berlin/New York: Walter de Gruyter 2005. p. 2.

o estabelecimento de uma verdadeira *Bildung*, permeada por sua crítica e por sua metodologia cética[134].

[134] Aqui, vale ressaltar alguns aspectos daquilo que podemos entender como "verdadeira *Bildung*" no pensamento de Nietzsche: diferentemente de uma formação voltada à mera adaptação social, profissional ou erudita, a verdadeira *Bildung* corresponde a um processo de cultivo interior, crítico e criador. Ela exige não apenas o acúmulo de conhecimentos, mas a assimilação profunda do saber, o fortalecimento do juízo e da autonomia. Nesse contexto, a verdadeira *Bildung* deve ser compreendida como formação do estilo e do caráter, como singularização da existência. Para mais detalhes sobre o tema, Cf. ALVES, A. A crítica de Nietzsche ao ideal alemão de Bildung. In: *Trágica*: Estudos de Filosofia da Imanência. v. 1, n. 1, p. 68-83, 2018.; STIEGLER, B.; VALENCIA, A. Nietzsche's critic to the Bildung 1870-1872: the metaphysic stakes for the question on the formation of man. In: *Revista Educación y Pedagogía*. v. 21, n. 55, p. 73-85, 2009.

2 CONTORNOS DO PENSAMENTO FILOLÓGICO DE NIETZSCHE

2. 1 Do ostracismo à popularidade[135]

Desde o início de sua carreira como professor na Universidade de Basileia, Nietzsche, por sua postura metodológica e conclusões, sempre sofreu com o descrédito de seus pares. Os casos mais contundentes foram o já mencionado descontentamento de seu mestre Friedrich Ritschl, e as duras críticas e ofensas direcionadas a *O Nascimento da tragédia* (1872), seu primeiro livro publicado, feitas por Ulrich von Wilamowitz-Möllendorff[136]. Como se sabe, com a publicação de seu livro, Nietzsche passou, na visão dos filólogos clássicos da época, da condição de jovem prodígio e, em alguma medida, esperança para aqueles que viam nele o futuro da filologia, para a condição de apóstata[137]. Isso se reflete não só nos comentários de

[135] Tomo o título desta seção da seção 5. 1 da segunda parte do livro *El itinerario intelectual de Nietzsche,* de Diego Sánchez Meca, intitulada *Del ostracismo a la popularidade.* Cf. MECA, D. S. *El itinerario intelectual de Nietzsche.* Madrid: Editorial Tecnos, 2018. p. 67.

[136] Cf. Seção 1. 3. 2.

[137] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 370-380; SVOBODA, K. Friedrich Nietzsche als klassischer Philolog, In: *Zeitschrift für die Österreich Gymnasien*, v. 69, 1920. p. 665. A imagem difundida de Nietzsche entre os filólogos acadêmicos foi de inimigo da ciência, os quais adotaram um profundo silêncio sobre seus trabalhos e escritos. Em cartas enviadas em 25 de outubro a Rohde e a Wagner entre 7 e 8 de novembro de 1872, Nietzsche comenta sobre a situação: "Querido e bom amigo, conseguiremos suportar tudo. Aqui o último novidade que me deprimiu um pouco é a *ausência* de filólogos na nossa universidade durante o semestre de inverno: um fenômeno muito único ao qual você provavelmente dará a mesma interpretação que eu. Conheço até o caso particular de um aluno que queria estudar filologia aqui, mas foi retido em Bonn e muito feliz, ele escreveu para casa agradecendo a Deus por não estar em uma universidade onde lecionei. – Em suma, a "*santa Vena*" cumpriu o seu dever, mas não devemos nos dar por vencidos. É muito difícil suportar que esta pequena universidade sofra danos por minha causa. Em relação ao número do último semestre passado, há vinte alunos a menos. Com extrema dificuldade consegui organizar um curso sobre a retórica dos gregos e romanos, com dois ouvintes: um germanista e um jurista" (*KGB* 2-3, p. 70) e "Querido Mestre: Depois de tudo o que me aconteceu nos últimos tempos, certamente tenho menos direito do que qualquer outra pessoa de me sentir desanimado, porque vivo no centro de um sistema solar de amizades e afetos, de encorajamentos consoladores e de esperanças restauradoras. Mas há algo que me incomoda profundamente: nosso semestre de inverno já começou e não tenho alunos! É claro que é um *pudendum* que deve ser cuidadosa e diligentemente escondido de todos. Mas para você, querido mestre, eu conto, porque você deve saber tudo. A verdade é fácil de explicar: de repente, passei a ter uma reputação tão má entre os meus colegas que a nossa pequena universidade sofreu danos. Isso me atormenta profundamente, porque realmente tenho devoção e carinho por ela, e gostaria muito menos de prejudicá-la; mas neste momento os meus colegas filólogos, além do Conselheiro Vischer, encontram-se numa situação de relaxamento que nunca experimentaram em toda a sua carreira académica. Até ao semestre passado o número de filólogos aumentava constantemente – e agora de repente é como se tivessem desaparecido! Mas tudo isto corresponde ao que ouço de outras universidades. Leipzig floresce naturalmente novamente na inveja e na presunção, todos me condenam, e mesmo aqueles "que me conhecem" só podem ter pena de mim por este "absurdo". Um professor de filologia de Bonn, por quem tenho grande estima, disse simplesmente aos seus alunos que o livro é uma "pura loucura" que não tem utilidade, e que qualquer pessoa que tenha escrito coisas semelhantes está "morta para a ciência". E me disseram a mesma coisa sobre um estudante que inicialmente queria vir para Basileia e depois, retido em Bonn, escreveu ao seu parente em Basileia que agradecia a Deus por não ter ido para uma universidade onde eu lecionava. Dada esta situação, o que você acha que o nobre e corajoso empreendimento de Rohde poderia levar, senão a um redobramento do ódio e das más intenções contra nós? Isto é o que Rohde e eu esperamos com a

Wilamowitz, mas também de Usener, ao chamar Nietzsche de cientificamente morto e Reinhardt, ao dizer que "a história da filologia não possui lugar para Nietzsche"[138].

Tal acontecimento gerou duas consequências: a primeira, o já mencionado descrédito de Nietzsche entre os filólogos que, em sua grande maioria, se esquivavam de sua filologia; e a segunda, como consequência da primeira, a falta de atenção dada aos seus escritos filológicos, que durante muito tempo estiveram fadados ao esquecimento pela *Nietzsche-Forschung*.

Em decorrência do segundo resultado, basta uma rápida pesquisa entre os temas que ocuparam e ocupam os intérpretes e estudiosos da obra de Nietzsche para se verificar a falta de interesse sobre seus escritos de juventude e seus trabalhos filológicos[139]. Apesar de estes textos se fazerem presentes nas grandes edições da obra de Nietzsche, mesmo como fragmentos, como na *GSA*[140], *KGW*[141], *WdB*[142], *MusA*[143], entre outras, em alguma medida, os escritos filológicos foram taxados pelos pesquisadores interessados na filosofia nietzschiana como estéreis, haja vista que, de acordo com essa posição apressada e desatenta, adotou-se a tese segundo a qual eles não teriam influenciado a obra do filósofo nas fases posteriores[144]. Como resultado, por muito tempo afirmou-se o senso comum de que o pensamento de Nietzsche – sua obra – teve início a partir da publicação de *O nascimento da tragédia* (1872), o que fez com que, também entre os pesquisadores interessados no pensamento nietzschiano, o Nietzsche filólogo caísse no esquecimento.

Nas palavras de Porter:

---

maior certeza. Tudo isto, porém, seria suportável, mas os danos que causei a uma universidade pequena, uma universidade que me deu muito confiança, me entristece muito e, no longo prazo, pode me levar a tomar decisões que de vez em quando, e também por outras considerações, surgem no meu caminho. – Por agora, posso aproveitar bem esse semestre de inverno, porque como simples professor só tenho que cuidar da escola" (*KGB* 2-3, p. 89-90).

[138] Cf. REINHARDT, K. Das klassische Philologie und das Klassische. In: *Vermächtnis der Antike. Gesammelte Essays zur Philosophie und Geschichtsschreibung.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989. p. 345.

[139] A primeira tentativa de publicizar os trabalhos filológicos de Nietzsche ocorreu nos anos 1910-1913, quando von H. Holzer; O. Crusius os publicaram na edição crítica da Kröner. Cf. NIETZSCHE, F. *Werke. Grossoktavausgabe.* Hrgs. von H. Holzer; O. Crusius; W. Nestle, 20 Bänden. Leipzig: Naumann-Kröner, 1894-1926.

[140] Cf. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kristische Studienausgabe.* Hrgs. von G. Colli; M. Montinari, 15 Bänden, Munchen, Berlin und New York: Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1980.

[141] Cf. NIETZSCHE, F. *Kritische Gesamtausgabe.* Hrsg. G. Colli, M. Montinari. Berlin, de Gruyter, 1967 ss.

[142] Cf. NIETZSCHE, F. *Werke in drei Bänden*. Hrsg. K. Schlechta. München: C. Hanser, 1956.

[143] Cf. NIETZSCHE, F. *Musarionausgabe.* Hrsg. M. Oehler; R. Oehler; Würzbach, M. München: Musarion Verlag, 1920-1929.

[144] Cf. HOWALD, E. *Nietzsche und die klassiche Philologie.* Gotha: Perthes, 1920. p. 7.

> [...] formou-se uma imagem de Nietzsche em torno dos factos externos da sua carreira – os do seu curriculum vitae – e do destino da sua recepção, todos construídos sobre uma série de exclusões. Os classicistas não vão além de *O Nascimento da Tragédia* (e mesmo aqueles que ocasionalmente o fazem) e os leitores de Nietzsche que não olham para os escritos anteriores a 1872 estão pelo menos no seguinte ponto de acordo: o primeiro livro de Nietzsche é quase sem exceção visto como um afastamento de seus primeiros métodos filológicos e clássicos. A recepção dividida de Nietzsche criou uma barreira à compreensão do seu pensamento em ambos os lados dos seus leitores.[145]

No campo da filologia, após a neblina criada por Wilamowitz sobre a obra de Nietzsche se dissipar, alguns olhares atentos se voltaram para os seus trabalhos filológicos e puderam reavaliar sua pertinência para os estudos da Antiguidade, como é o caso de Conrad Bursian ao realizar a seguinte declaração sobre os estudos Nietzsche sobre Diógenes Laércio: "Para a pesquisa das fontes de Diógenes Laércio na redação de seu Vidas[146], trabalhou de modo excelente um jovem filólogo alemão que, no entanto, desde 1879, se viu obrigado por sua enfermidade a encerrar sua docência na Universidade e no Pädagogium de Basileia: Friedrich W. Nietzsche"[147]. Nesta direção, contrariando Wilamowitz e sua visão sobre *O Nascimento da tragédia*, Cornford avaliou-o como uma "obra de intuição tão criativa e profunda que superou a erudição de toda uma geração"[148] e, por isso, também, incompreendida em toda a sua profundidade. Pouco a pouco, o valor da obra filológica de Nietzsche foi sendo reconhecido e valorado a partir de sua iniciativa primordial, como fizeram Hentschke e Muhlack ao defenderem que a filologia de Nietzsche se ergue como uma crítica ao positivismo[149], assim como o fez também Pöschl[150], compartilhando desta mesma visão.

Fato é que não se pode falar sobre o desenvolvimento da filologia sem se acatar a importância de Nietzsche. Para além dos contemporâneos de Nietzsche, filólogos de gerações

---

[145] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 1.

[146] Aqui Bursian (1898) se refere ao livro *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres,* publicado por volta do século III d. C. Para maiores detalhes da obra de Diógenes Laércio, Cf. LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.* Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

[147] Cf. BURSIAN, C. *Geschichte der klassischen Philologie in Deutschland von der Anfängen bis zur Gegenwart*, München-Leipzig, 1898. p. 929.

[148] Cf. CORNFORD, F. M. *De la religión a la filosofía*, Barcelona: Ariel, 1984. p. 134.

[149] Cf. HENTSCHKE, A.; MUHLACK, U. *Einführung in die Geschichte des klassischen Philologie*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972. p. 106-114.

[150] Cf. PÖSCHL, V. Nietzsche und die klassische Philologie. In: FLASHAR, H.; GRÜNDER, K.; HORSTMANN, A. (Hrgs.). *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert: Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschafte*. Göttingen: Vandenhoeck, 1979.

posteriores retomaram ideias concernentes à tragédia presentes em sua obra ao estudarem temas como música e o sofrimento, por exemplo, salientando a coragem do jovem Nietzsche em coadunar em sua obra arte, ciência e filosofia, produzindo uma valoração da Antiguidade nunca percebida[151]. Outro ponto reconhecido entre os filólogos e entre os filósofos como pedra de toque da obra de Nietzsche é a sua dedicação em colocar a filosofia pré-socrática em evidência, dando-lhe fundamental importância para a compreensão da história da filosofia e também para uma reavaliação da filosofia moderna. Seja como for – partidários ou não daquilo que Nietzsche estabeleceu como obra enquanto filólogo –, quando estudiosos comprometidos com uma leitura séria e atenta de seus escritos surgiram, a visão que se estabeleceu é que "hoje não se poderia escrever nenhuma *História da filologia clássica* sem se levar em conta sua [de Nietzsche] obra"[152].

O que possibilitou Nietzsche sair de uma posição de excluso para se tornar uma figura importante da história da filologia possui duas bases motivacionais: primeiro, a sua capacidade e argúcia em perceber os ditames culturais da Antiguidade e contrastá-los à realidade moderna; e, segundo, o esforço que ele realizou para apontar, enquanto filólogo, a necessidade da realização de uma autocrítica do corpo de filólogos sobre a filologia e suas práticas. Nas palavras de Meca:

> Diante da autocompreensão da filologia clássica como ciência encarregada da reconstrução fiel do mundo e da cultura grega, Nietzsche entende e pratica a filologia como uma crítica da cultura moderna, de suas instituições e de seus preconceitos. Pois bem, o propósito da filologia é abrir a perspectiva da natureza contingente da nossa herança cultural com os seus valores, pressupostos e ideias, bem como das diferentes esferas espirituais em que tudo isto se reflete. Portanto, a sua tarefa deve ser decifrar, ler, interpretar e, em última análise, descobrir os sinais e sintomas do estado de saúde da cultura moderna.[153]

Foi sobre esta nova perspectiva que a obra de Nietzsche teve a confirmação de seu lugar na história da filologia. Se durante sua atividade enquanto filólogo ele foi visto como uma lacuna na linearidade do desenvolvimento da filologia, a partir da curiosidade e interesse de alguns, a filologia nietzschiana passou a ser interpretada como um convite a uma compreensão nova da filologia clássica, reorientando-a como uma ciência crítica do presente e sua tentativa de incorporação e apropriação do passado. Compartilhando desta interpretação, temos

---

[151] Cf. ADRADOS, F. R. Nietzsche y el concepto de la filología clássica. In: *Habis*, v. 1, p. 87-105, 1970.

[152] Cf. GARCÍA GUAL, C. Nietzsche en el camino hacia los griegos. In: *Revista de Occidente.* n. 226, p. 86-101, 2000. p. 98.

[153] Cf. MECA, D. S. *El itinerario intelectual de Nietzsche.* Madrid: Editorial Tecnos, 2018. p. 19.

importantes estudiosos da obra nietzschiana, como James I. Porter, Paul de Man, Paul Bishop, Christian Benne, Jessica N. Berry, entre outros, colaborando com a popularização do vasto trabalho filológico de Nietzsche entre o público das mais diversas áreas, que pode ter acesso a ele, ainda que em partes, através das edições críticas das obras completas de Nietzsche, as quais trazem não apenas o trabalho publicado, mas também o escólio de seus trabalhos preparatórios, notas e cartas, possibilitando uma visão mais alargada acerca de suas ideias.

Seguindo na mesma direção, na próxima seção analisaremos as edições das obras completas de Nietzsche desde a motivação para a sua publicação e como, em cada uma, a obra filológica foi tratada. Tal análise é de profunda importância para nós. Por um lado, ela esclarece dois pontos que propomos discutir e defender em nosso trabalho: *a)* a importância do aspecto metodológico-filológico para a compreensão da obra nietzschiana; e, b) a indissociabilidade entre filologia e filosofia no pensamento de Nietzsche – como veremos ao discutir os aspectos e motivações metodológicas que orbitam os *Democritea*[154]. Por outro lado, ao optarmos por uma leitura histórico-crítica[155], o que acreditamos e sugerimos é que uma leitura puramente imanente não é capaz de abarcar aquilo que parece não estar na superfície: as influências e motivações de Nietzsche. Por fim, mas não com menor mérito, ao adotarmos tal postura, parece ser resolvido o "grande erro", se assim pudermos dizer – que se fez presente na recepção de Nietzsche por seus intérpretes durante muito tempo, e que apresentamos nesta seção – que é a malograda tese de haver entre o "jovem Nietzsche – ou Nietzsche filólogo" – e o "Nietzsche filósofo" um abismo intransponível, capaz de torná-los estranhos um ao outro.

2.2 As edições das obras de Nietzsche e a importância dos trabalhos filológicos

2.2.1 Histórico das edições das obras de Nietzsche

> Não fui filólogo em vão – talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura: – afinal, também escrevemos lentamente. [...] Pois filologia é a arte venerável que exige de seus cultores uma coisa acima de tudo: pôr-se de lado, dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento [...] ela ensina a ler *bem*, ou seja, lenta e profundamente, olhando para trás e para diante, com segundas intenções, com as portas abertas, com dedos e olhos delicados.[156]

[154] Cf. o terceiro capítulo.

[155] Sobre as diferentes possibilidades de leitura de Nietzsche, Cf. LOPES, R. Estudo de fontes e leitura imanente: algumas considerações metodológicas a partir de do caso Nietzsche. In: *Dissertatio.* v. 35, p. 227-247, 2012; SOMMER, A. Vom Nutzen und Nachteil kritischer Quellenforschung: Einige Überlegungen zum Fall Nietzsches. In: *Nietzsche-Studien*. v. 29, p. 302-316, 2000.

[156] Cf. *A*, prefácio, § 5, p. 14.

Tal como apresentado na seção anterior, a obra de Nietzsche não foi reconhecida em sua importância quando de sua publicação, ainda durante a sua vida. Seja por seu tom ácido e crítico em relação aos valores da época, seja pela incompreensão daqueles que se depararam com os seus livros, sua obra se manteve restrita a um circuito de poucas pessoas que o compreenderam de fato, ainda que em partes. Nietzsche não estava alheio a isto e passa a assumir corriqueiramente que seu pensamento – sua obra e sua filosofia – não são para os de sua época, "[t]ampouco é ainda meu tempo", como ele escreve em *Ecce homo* (1888), "alguns nascem póstumos"[157]. Mesmo após a sua morte, sua obra se manteve incógnita e, por vezes, ganhou interpretações deturpadas[158], que se resolveram – ou não –, graças às edições críticas de sua obra. Isto posto, esta seção busca tratar destas edições críticas da obra de Nietzsche, apontando para a importância dos trabalhos filológicos como parte incontornável de uma iniciativa minimamente coerente de apreensão de seu trabalho.

Como se sabe, após o colapso de Nietzsche em 1889, ele e sua obra passaram para a tutela de sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, a qual, ainda no final do século XIX, com a colaboração de Fritz Koegel, realizou a publicação da primeira edição parcial dos fragmentos e anotações de Nietzsche até 1885 em quatro volumes (IX-XII) como parte do material do Arquivo Nietzsche de Weimar, criado por ela. Esta primeira iniciativa de compilação dos fragmentos de Nietzsche se mostrou problemática com o tempo, haja vista que, graças aos esforços filológicos posteriores, verificou-se que foi fruto de um esforço corrupto de Elisabeth Förster-Nietzsche, com o intuito de vincular Nietzsche a interesses econômicos e políticos[159].

Ainda sobre a iniciativa de Elisabeth Förster-Nietzsche, não se pode deixar de mencionar o livro *A vontade de potência*, fruto de uma apropriação indébita da obra de Nietzsche, realizada pela irmã, resultado de diversas deturpações editoriais e ideológicas. Tendo sido lançado pela iniciativa de Elisabeth Förster-Nietzsche em três edições: em 1901, com 486 aforismos; em 1906, com pequenas modificações estilísticas e editoriais em relação à anterior; e em 1911, reunindo 1.067 fragmentos póstumos sem qualquer critério editorial ou mesmo cronológico. Este livro, até a década de 1960, foi visto como a obra capital de Nietzsche para comentadores como Heidegger e Fink, Jaspers e Löwith, na Alemanha, e Andler, Granier

---

[157] Cf. *EH* IV*,* § 1, p. 52.

[158] Cf. MARTON, S. Nietzsche: edições, traduções e deturpações. In: *Cadernos de Tradução LELPraT.* v. 1, p. 41-61, 2020.

[159] Cf. HOFFMANN, D. M. *Zur Geschichte des Nietzsche-Archive*. Berlim: Gruyter, 1991.

e Deleuze, na França[160], o que contribuiu para o desenvolvimento de uma imagem distorcida de Nietzsche e suas ideias.

Na sequência, ainda pelo empreendimento de Elisabeth Förster-Nietzsche, entre os anos de 1895-1926, a *Grossoktavausgabe* (*GOA*), primeira edição finalizada das obras de Nietzsche, foi publicada por Nauman e Kröner, em Leipzig. Esta edição crítica das obras de Nietzsche foi dividida em três seções, a saber: Obras preparadas para impressão e publicadas por Nietzsche (volumes I-VIII); Escritos póstumos (volumes IX-XVI); Escritos filológicos (volumes XVII-XIX). Sobre esta edição, é interessante salientar que foi a primeira a dar uma aparente importância aos escritos filológicos e preparações para os cursos ocorridos na universidade de Basileia, porém, não sem relutância por parte de Erwin Rohde, que havia sido convidado por Elisabeth Förster-Nietzsche para organizar esta seção. Rohde, apesar de verificar que o espólio filológico de Nietzsche possuía utilidade, julgava ser melhor não publicá-lo; e, para isso, ele dava duas motivações principais: a) o fato de ser um material não elaborado para leitura, mas tão somente serem parte de materiais de estudos; b) pelo fato de já ter se tornado um material obsoleto diante dos avanços acadêmicos da época, o que contribuiu para que a obra filológica de Nietzsche fosse vista como dotada de um valor menor em relação a todo o restante da obra nietzschiana por Holzer, que de fato ficou responsável pela publicação da seção dedicada aos trabalhos filológicos de Nietzsche[161].

Cronologicamente, após a *Grossoktavausgabe* (*GOA*), entre 1920 e 1929, foram publicados os vinte e três volumes da edição *Musarion* (*MusA*), em Munique. Editada e organizada por R. Oehler, M. Oehler e F. Würzbach, não possui grandes mudanças ou avanços em relação à anterior, mas traz em seu primeiro volume uma série de escritos de juventude que compreendem o intervalo entre os anos 1858-1868, ainda não conhecidos na época, e uma nova organização dos escritos filológicos e a publicação do então inédito prefácio *Über das Pathos der Wahrheit*[162]. Durante muito tempo na *Nietzsche-Forschung,* assumiu-se um olhar desdenhoso para com esta edição, seguindo as indicações de Montinari de que "[...] ela é idêntica à edição da grande oitava e é tão incompleta e pouco confiável quanto esta. Dela, a monumentalidade está inversamente relacionada ao seu significado científico"[163]. Entretanto,

---

[160] Cf. FORNARI, M. C. *Uma Aventura de mais de um Século: a História das Edições de Nietzsche*. Tradução de Maria Elisa Bifano. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

[161] Cf. HOLZER, E. Vorwort. In: *Nietzsche's Werke*: *Philologica* (Bd. XVII) Leipzig: Alfred Kröner, 1910. p. XIII-XIV.

[162] Cf. *MusA* 4, p. 139-148.

[163] Cf. MONTINARI, M. *Nietzsche Lesen*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1982. p. 12.

deve-se salientar que, diferentemente das demais edições anteriores ou mesmo as que viriam a ser publicadas posteriormente a ela, seu valor se localiza justamente naquilo que Montinari utiliza de forma desdenhosa como parte de seu argumento crítico a esta edição, que é a tentativa de uma organização mais bem acabada dos trabalhos filológicos de Nietzsche[164].

Em 1930, os direitos autorais sobre as obras de Nietzsche se encerraram devido à legislação da época, o que possibilitou que a Kröner Verlag publicasse três edições diferentes, também publicadas pela Reclam-Verlag, em 1931[165]. Ainda em 1931, foi publicada uma edição intitulada *The Innocence of Becoming*, por Alfred Baeumler, pela editora Kröner. Sem qualquer novidade, as três edições não têm relevância dentro das pesquisas, sendo lembradas poucas vezes.

Em 1933, o arquivo Nietzsche de Weimar iniciou a publicação de uma nova Edição completa das obras de Nietzsche e suas cartas, a *Historisch-Kritische Gesamtausgabe* (*BAW*); agora, sob a curadoria de Hans Joachim Mette e Karl Schlechta, pela editora C. H. Beck, de Munique. Em 1938, devido a críticas das autoridades nacional-socialistas e início da Segunda Guerra, o trabalho foi interrompido, tendo sido publicados apenas cinco volumes, nos quais foram abarcados os escritos de juventude de Nietzsche até 1869[166].

Após o fim da Segunda Guerra, a partir de 1954, Karl Schlechta publicou uma nova edição das obras e fragmentos de Nietzsche em três volumes pela Carl Hanser Verlag. A edição de Schlechta, *Werke in drei Bänden* (*WdB*), foi a primeira a trazer à luz as falsificações realizadas por Elisabeth Förster-Nietzsche no espólio de Nietzsche e cartas. Esta edição iniciou uma grande discussão em torno da obra *A vontade de potência*[167], demonstrando que o seu conteúdo não figurava como uma obra organizada e pensada por Nietzsche, mas fruto de falsificações levadas a cabo pela irmã. Nas palavras de Schlechta:

> basta folhear esse conjunto para ver que os textos reunidos na (Vontade de potência), embora póstumos, despertaram interesse considerável. Deve-se refletir ainda mais sobre o fato, quando se percebe que a maior parte desses textos impressos sem a

[164] Mais à diante retornaremos à discussão da importância da edição *Musarion* para a pesquisa Nietzsche, principalmente no que se refere à filologia.

[165] Cf. HOFFMANN, D. M. *Zur Geschichte des Nietzsche-Archive*. Berlim: Gruyter, 1991. p. 102.

[166] Cf. Ibid. p. 118.

[167] Para uma visão mais detalhada sobre a polêmica obra *A vontade de potência,* Cf. MÜLLER-LAUTER, W. "Der Wille zur Macht" als Buch der Krisis philosophischer Nietzsche-Interpretation. In: *Nietzsche-studien.* v. 24, p. 223-260, 1995.

> autorização de Nietzsche não concorda com a textura dos manuscritos: a Vontade de potência não é uma obra póstuma.[168]

Ademais, na edição *Werke in drei Bänden* (*WdB*) não houve a publicação integral dos escritos de Nietzsche. Nela, ocorreu a publicação de alguns fragmentos inéditos e, principalmente, a tentativa de um rearranjo dos fragmentos póstumos reunidos na edição de 1906 de *A vontade de potência*, segundo uma ordem cronológica em que teriam sido escritos, porém sem sucesso, pois Schlechta não teve acesso aos manuscritos originais.

Já na década de 1960, Giorgio Colli e Mazzino Montinari prepararam uma edição italiana de Nietzsche. Em 1961 Montinari viajou para Weimar com a intenção de obter uma visão geral dos manuscritos originais disponíveis. Após este acontecimento, Colli e Montinari concordaram que seria necessária a publicação de uma edição crítica completamente nova, porém, a editora pela qual planejavam fazer isto, a Einaudi, rejeitou a proposta e, então, Luciano Foà, que já havia trabalhado na Einaudi, fundou a editora Adelphi Edizioni, pela qual, por meio de um contrato com a editora parisiense Gallimard, tornou possível o empreendimento dos dois. Desta forma, os primeiros volumes foram publicados em 1964.

Ainda em 1964, a editora alemã De Gruyter se interessou pelo trabalho, publicando a partir de 1967, a *Kritische Gesamtausgabe* (*KGW*), edição ainda em andamento com cerca de 40 volumes publicados; a *Werke. Kritische Studienausgabe* (*KSA*), em quinze volumes, entre 1967-1978; a *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe* (*KSB*), em oito volumes, entre 1975-1984; e a *Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe* (*KGB*), em 1975, ainda sendo editada, vindo a se tornar a edição padrão para os pesquisadores da obra de Nietzsche.

Segundo Marton:

> [...] Ela (a edição crítica das obras de Nietzsche, organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari) representa um instrumento indispensável para ler Nietzsche sem prevenções ou preconceitos, sem falsificações ou incompreensões, sem acatar posições partidárias ou ideológicas; em suma, um instrumento indispensável para ler Nietzsche com atenção. [...] Para bem ler Nietzsche, além da filologia, que constitui a seu ver "a arte de bem ler", é essencial contar com a história. Enquanto a leitura filológica permite contextualizar os escritos do filósofo no conjunto de sua obra, observando o momento em que foram produzidos, a leitura histórica torna possível contextualizá-los na história do pensamento europeu.[169]

---

[168] Cf. SCHLECHTA, K. *Le Cas Nietzsche*. Traduzido por André Cœuroy. Paris: Gallimard, 1960. p. 123.

[169] Cf. MARTON, S. Nietzsche: edições, traduções e deturpações. In: *Cadernos de Tradução LELPraT.* v. 1, p. 41-61, 2020. p. 51.

Seja como for, ainda que a visão de Marton (2020) represente uma posição unânime entre os estudiosos de Nietzsche – que também assumo –, é preciso considerar que as edições Colli e Montinari[170], ainda trazem uma lacuna em relação aos trabalhos, principalmente, de juventude e filológicos. Com isto, ainda que se possa elencar críticas às edições anteriores, parece-nos ser prudente dar um passo atrás e reconhecer o valor que elas possuem, ao menos ao organizarem fragmentos de períodos que a empreitada iniciada por Colli e Montinari ainda não foi capaz de trazer a público.

2.2.2 Os trabalhos filológicos nas edições das obras de Nietzsche

Como tratado na seção anterior, a obra de Nietzsche, desde antes de sua morte em 1900, foi o centro das atenções de diversas tentativas de compreensão de seu pensamento. Algumas, intencionalmente ou não, carregam problemas diversos, que vão desde a vinculação de sua obra a ideais políticos e econômicos, e deturpações editoriais, como é o caso das edições do arquivo de Weimar enquanto dirigido por Elisabeth Förster-Nietzsche até a falta de acesso aos cadernos originais de Nietzsche, por motivos variados, o que impossibilitou a pesquisa para a fundação de trabalhos cientificamente inovadores ou mesmo capazes de trazer a público toda a riqueza dos trabalhos e manuscritos de Nietzsche em sua integralidade. Assim, para tratar dos trabalhos filológicos desenvolvidos por Nietzsche, optamos por não utilizar como referencial a edição *GOA.* Feita esta primeira advertência em relação ao caminho de pesquisa escolhido, podemos discutir o espaço dado aos trabalhos filológicos de Nietzsche nas edições críticas, tema desta seção. Para tal, optaremos por discutir cada uma das edições respeitando a sequência cronológica de publicação de cada uma, na seguinte ordem: *MusA*, *BAW, WdB, KGW* e *KSA,* utilizando como critério comparativo a presença dos fragmentos relacionados aos estudos de Demócrito, agrupados no texto *Democritea.*

A respeito dos escritos de juventude e filológicos de Nietzsche, é preciso mencionar que, durante muito tempo eles foram suprimidos e colocados em segundo plano pelos

[170] Para uma visão mais abrangente sobre a edição Colli e Montinari, Cf. CAMPIONI, G., 1992. É preciso mencionar que grande parte do material bibliográfico produzido por Nietzsche se encontra disponível gratuitamente *on-line* graças ao trabalho do grupo de pesquisadores dirigido por Paolo D'Iori, que disponibilizou a versão completa e corrigida da *Kritische Gesamtausgabe*, com exceção de alguns materiais que compreendem o período de juventude e filológico. No site www.nietzschesource.org, fruto do esforço desse grupo de pesquisadores, tem-se disponíveis a *Digitale Kritische Gesamtausgabe* (*eKWG*) e a *Digitale Faksimile Gesamtausgabe* (*DFGA*).

pesquisadores, conforme discutimos anteriormente[171]. A respeito deste tema, basta observar que eles receberam maior atenção apenas a partir da publicação da edição *Musarion* (*MusA*), na qual, nos volumes I[172] e II[173], encontramos escritos de juventude e filológicos que foram suprimidos pelas edições anteriores e, em partes negligenciados pelas edições posteriores, como é o caso do texto *Democritea* (1867-1870), no qual se encontram agrupados parte dos fragmentos e textos relativos aos estudos sobre Demócrito[174], desenvolvidos por Nietzsche enquanto estudante de Filologia em Leipzig e professor na Universidade de Basileia, bem como a já mencionada publicação do prefácio *Über das Pathos der Wahrheit*[175]. No que diz respeito ao texto *Democritea*, na edição *MusA* ele é composto pelas seguintes seções: Vorbemerkungen, Thrasyllos, Vorbemerkung zu einer Arbeit über die unechten Schriften Democrits, Unvollendete Arbeit über die πίνακες der Democritea, Die πίνακες der Democritea, Bolos und seine Fabrik, Der Historiker und der Musiker Democrit, Nachträge, Weitere Notizen über Democrit, Vom Verhältniss des Leukipp zu Democrit.

Sendo um projeto de pretensões mais robustas, a *Historisch-Kritische Gesamtausgabe* (*BAW*) tinha como previsão publicar 40 volumes – dos quais somente 5 foram publicados. A ideia inicial era publicar os trabalhos realizados por Nietzsche entre os anos de 1854 e 1869. De acordo com Hans Joachim Mette, um dos organizadores, na introdução do volume 1, a ideia era "publicar tudo, sem exceção"[176], o que incluía publicar os esboços, planos para livros e citações completas. Entretanto, quando analisamos a presença dos textos como os *Democritea*, nota-se que o resultado da iniciativa se mostra ineficaz, pois, em comparação com a edição *MusA,* a edição *BAW,* volume 3, composto pelos escritos do período estudantil e militar de Nietzsche, entre 1864 e 1868, apresenta as seguintes seções: Die πίνακες der Democritea, Bolos und seine Fabrik, Der Historiker und der Musiker Democrit, Notizen zum Democritausatz, Zu

[171] Cf. seção 2. 1 desse capítulo.
[172] *Jugendschriften* (1858-1868).

[173] *Kleinere Schriften* (1869-1874).

[174] Cf. *MusA* 2, p. 84-147.

[175] Cf. *MusA 4*, p. 139-148.

[176] Cf. METTE, H. J. Vorwort zur Gesamtausgabe. In: NIETZSCHE, F. *Historisch-kritische Gesamtausgabe* (= *BAW*) *I.* Hrsg. von H. J. Mette. München: C. B. Beck, 1934. p. XI.

Demokrit, Democritea, Zu Thrasyll[177]; enquanto que os volumes 4 e 5 trazem anotações preparatórias para trabalhos planejados sobre Demócrito, entre outros[178].

Ainda falando sobre a edição *BAW*, deve-se concordar que o projeto inicial objetivava apresentar um resultado tanto mais conciso que as edições anteriores, porém ela traz inconsistências compartilhadas com as suas predecessoras, como a imprecisão cronológica e a fragilidade em relação à organização temática, a supressão de textos presentes nos cadernos do período que buscou abarcar, bem como questões editoriais[179]. Estas questões, aliadas à sua aceitação entre os pesquisadores favoreceram para que os escritos de juventude e filológicos de Nietzsche fossem vistos como trabalhos menores e colocados em segundo plano, como se pode perceber nas palavras de Montinari: "tínhamos um texto confiável para os escritos de juventude e para a Philologica, disponíveis na *Historisch-kritische Gesamtausgabe* (Bde. I-V, 1933/40), portanto para os escritos de 1854 até a primavera-verão de 1869 (os primeiros tempos de Basel)"[180].

Na sequência, a partir de 1954, a edição *Werke in drei Bänden* (*WdB*), editada por Karl Schlechta, que já havia feito parte da organização da edição *BAW,* passa a ser publicada sem grandes novidades em relação às edições anteriores, principalmente no que se refere aos trabalhos de juventude e filológicos. Na edição de Schlechta ocorre a reorganização dos fragmentos que compuseram a obra *A vontade de potência,* lançado por Elisabeth Förster-Nietzsche, porém, renunciando à organização sistemática proposta na obra. No terceiro volume da *WdB,* Schlechta reorganiza os fragmentos de *A vontade de potência* de forma cronológica[181], seguindo a descrição que Hans Joachim Mette havia proposto na edição *BAW*. Neste sentido, a maior contribuição de Schlechta e sua edição foi desmascarar as deturpações e falsificações, promovendo, com isso, a destruição da lenda sobre Nietzsche criada e cultivada por Elisabeth Förster-Nietzsche[182].

---

[177] Cf. *BAW* 3, p. 245-368.

[178] Cf. *BAW* 4-5.

[179] Cf. FIGL, J. Edition des frühen Nachlasses Friedriche Nietzsches: grundsätzliche Perspektiven. In: *Nietzscheforschung.* V. 1, JG, p. 161-168, 1994. p. 161-168.

[180] Cf. MONTINARI, M. *Nietzsche Lesen*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1982. p. 19.

[181] Cf. *WdB* 3, p. 415-925.

[182] Cf. SCHLECHTA, K. *Der Fall Nietzsche. Aufsätze und Vorträge.* München: Hanser, 1958. Outro estudioso que colocou em xeque as edições anteriores das obras completas de Nietzsche foi Richard Roos. Cf. ROOS, R. Les demiers écrits de Nietzsche et leur publication, in: *Revue de Philosophie*. v. 146, p. 262-287, 1956. p. 262-287.

Já no empreendimento iniciado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari em 1964 e que se estende até nossos dias, temos principalmente duas edições que se propuseram cobrir todo o material de trabalhos e fragmentos de Nietzsche: a *Sämtliche Werke. Kristische Studienausgabe* (*KSA*), de 1867-1878, e a *Kritische Gesamtausgabe* (*KGW*), com publicação iniciada em 1967. Em uma análise de similaridade, o que podemos averiguar é que o sétimo volume da KSA corresponde aos seguintes volumes da *KGW:* 3-3 e 3-4 e traz os fragmentos que vão do outono de 1869 até o final do ano de 1874*,* entre os quais o termo "Democritea" e "Demokritea" aparecem apenas em planos de trabalho de outono de 1869 e primavera de 1870[183]. Além disso, para se ter uma visão mais clara da lacuna presente na *KSA,* é preciso ressaltar que os estudos e trabalhos de juventude e filológicos não foram contemplados na *KSA,* conforme justifica Montinari no décimo quarto volume[184].

Passando à *KGW,* é possível verificar também a existência de uma lacuna na edição no que se refere aos trabalhos de juventude e filológicos. Nas seções I-III da *KGW,* se localizam os fragmentos do período entre 1852-1874. No que se refere à robustez destas seções em cobrir grande parte dos fragmentos e notas dos cadernos de Nietzsche dos períodos posteriores, não há do que queixar. Entretanto, é possível traçar comentários sobre as escolhas e critérios editoriais utilizados sobre os cadernos de juventude e filológicos. Johann Figl, um dos responsáveis pela organização dos volumes que compõem a seção I da *KGW* foi um forte defensor da posição segundo a qual os textos de juventude de Nietzsche serviriam como material de interpretação da gênese e desenvolvimento de suas ideias maduras[185]. Entretanto, Figl referia-se apenas às notas de cunho filosófico, deixando de lado as notas e fragmentos filológicos. No prefácio ao quarto volume da primeira seção da *KGW,* Figl explica que a proposta era lançar as notas de juventude como apêndice; porém, somente aquelas de cunho filosófico (cerca de 150 folhas), pois, segundo ele, são as mais significativas para compreendermos a formação do pensamento de Nietzsche[186]. Porém, passados 25 anos desde a

---

[183] Cf. *KSA* 7, p. 44; 56, Fr. 1 [112]; 1 [113]; 2 [29].

[184] Cf. Editorische Grundsätze der Kritischen Studienausgabe. In: NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kristische Studienausgabe* (= *KSA*) *VII*. Hrgs. von G. Colli und M. Montinari. Munchen, Berlin und New York: Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1988, p. 20.

[185] Cf. FIGL, J. Die Buddhismus-Kenntnis des Jungen Nietzsche unter Heranziehung seiner unveröffentlichten Vorlesungsnachschrift der Philosophiegeschichte. In: GÖSSMANN, E.; ZOBEL, G. (Hrgs.). *Das Gold im Wachs. Festschrift für Thomas Immoos zum 70. Geburtstag.* München: Iudicium Verlag, 1988. p. 501; FIGL, J. *Nietzsche und die Religionen. Transkulturelle Perspektiven seines Bildungsund Denkweges.* Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2007. p. 160-161.

[186] Cf. FIGL, J. Vorwort. In: NIETZSCHE, F. *Kritische Gesamtausgabe* (= *KGW*) I-4. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999. p. IX.

intenção de Figl em publicar tal prefácio, isso não aconteceu – o que, por si só, é visto entre os estudiosos como uma falha na *KGW*[187]. Além disso, ao excluir do pretendido apêndice as notas filológicas do período de juventude (cerca de 1.100 folhas), o projeto da *KGW,* sob a curadoria de Figl, acaba adotando critérios que haviam sido desprezados por Colli e Montinari, pois, ainda que o plano não tenha seguido a diante e o apêndice não tenha sido publicado, isso demonstra um alinhamento tendencioso, conforme aponta Christian Benne, e retorna à improdutiva, "desastrosa e arbitrária separação do Nietzsche filológico do filosófico"[188].

De tudo isso, o que se tem como resultado é a perda de uma parcela importante da gênese do pensamento nietzschiano. No caso das notas e fragmentos que compõem *Democritea* na edição *MusA,* nos volumes da *KGW* encontramos alguns, porém de forma incompleta e publicados em volumes distintos entre seções *I-III*. A título de exemplo, o fragmento "*Die πίνακες Der Democritea"* se localiza na *KGW 1-4*[189], enquanto outros relacionados aos estudos de Demócrito podem ser localizados espalhados entre os outros 15 volumes das seções *I-III*. Há ainda uma parcela dos textos que compõem o *Democritea* da edição *MusA* que não foram publicados na *KGW* por possuírem um teor filológico e, por isso, serem considerados de menor relevância para a compreensão das ideias de Nietzsche, segundo a seleção editorial dos organizadores dos volumes da *KGW*.

Ainda, ao realizar comparações entre o texto da edição *MusA,* com os que se encontram nas outras edições, não localizamos nenhuma grande alteração ou deturpação que justifique a sua não utilização. Uma vez que se pode verificar que nenhuma das grandes edições publicadas até hoje está isenta de escolhas editoriais, a fim de se realizar uma pesquisa concisa, é necessário, sem sombra de dúvidas, ter consciência delas para não incorrer no erro de validar uma como composta pelo "real trabalho de Nietzsche" e rechaçar outra como ineficiente ou improdutiva – salvo o caso comentado anteriormente das edições lançadas pela irmã de Nietzsche e a obra *Vontade de potência*, amplamente comprovados como deturpações e falsificações por estudiosos comprometidos em trazer a público a riqueza constante no pensamento e na obra de Nietzsche.

Assim, uma vez que nosso trabalho é sobre o texto *Democritea,* composto por notas e trabalhos realizados por Nietzsche entre os anos de 1867-1870, optaremos por trabalhar com a

---

[187] Cf. COLSEN, M. The German Online Editions of Nietzsche's Works: A User's Perspective. In: *The Journal of Nietzsche Studies.* v. 51, n. 1, p. 98-119, 2020. p. 100.
[188] Cf. BENNE, Ch. *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie.* Berlin/New York: Walter de Gruyter 2005. p. 17.

[189] Cf. *KGW* 1-4, p. 283ss.

versão da edição *MusA*, cotejando sempre que possível com outras edições. Dessarte, com o intuito de clarificar os contornos do trabalho filológico de Nietzsche, na próxima seção segue-se um balanço dos trabalhos filológicos de Nietzsche que nos permite vislumbrar as dimensões e interesses de seu trabalho, bem como apontar possíveis relações com seu pensamento e trabalhos dos períodos posteriores.

2.3 Balanço dos trabalhos filológicos de Nietzsche

Abaixo, segue uma lista dos textos e palestras escritos por Nietzsche, organizada cronologicamente. Consta nesta lista os trabalhos realizados a partir de seu ingresso na Universidade de Bonn (1864), seu período como professor na Universidade de Basileia (1869) e aqueles finalizados até a publicação de *Humano, demasiado humano* (1878). Para a elaboração desta lista, nos orientamos pelos volumes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 da edição Musarion, cotejados com as seções *I-III* da KGW, os cinco volumes da *BAW,* além dos volumes 1 e 2 da tradução das obras completas de Nietzsche para o espanhol, organizada por Diego Sánchez Meca e publicada pela editora Tecnos a partir de 2011. Além das edições mencionadas, nos orientamos pelo terceiro volume de *Friedrich Nietzsche: uma biografia*, escrita por Curt Paul Janz, publicada no Brasil pela Editora Vozes em 2016[190].

- *Ein Sylvestertraum* (1864);
- *Zum Leben Jesu* (1865);
- *Gedanken über das Christenthum* (1865-1866);
- *Ueber die Litterarhistorischen Quellen des Suidas* (1866);
- *Aufzeichnungen über Geschichteundhistorische Wissenschaft* (1867);
- *Ideen zur Geschichte der litterarischen Studien* (1867);
- *Wirkung einiger Musikstücke* (1867);
- *Gedanken über Musik-Aesthetik* (1867);
- *Aufzeichnungen über Philologie und Wissenschaftsbetrieb* (1867-1868);
- *De Laertii Diogenis fontibus* (1867);
- *Fragment einer Kritik der Schopenhaucrischen Philosophie* (1867);
- *Der Stil in philosophischen Schriften* (1868);

[190] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 3, p. 279-286.

- *Ueber Ethik* (1868);
- *Die Teleologie seit Kant* (1868);
- *Ueber die Methode der philologischen Qellenkritik* (1868);
- *Homer und die classische Philologie* (1869);
- *Beiträge zur Quellenkunde und Kritik des Laertius Diogenes* (1870);
- *Democritea* (1867-1870);
- *Der Florentinische Tractat über Homer und Hesiod, ihr Geschlecht und ihren Wettkampf* (1870-1873);
- *Recensionen aus dem Literarischen Centralblatt* (1868-1870);
- *Einleitung zu den Vorlesungen über Sophocles Oedipus rex* (1870);
- *Drei Aufsätze über griechische Rhythmik* (1870-1871);
- *Einleitung in das Studium der classischen Philologie* (1871);
- *Homer's Wettkampf* (1871-1872);
- *Die Geburt der Tragödie* (1872);
- *Über die Zukunft unserer Bildungsanstalten* (1872);
- *Fünf Vorreden zu fünf ungeschriebenen Büchern:*
  1º Ueber das Pathos der Wahrheit (1872);
  2º Gedanken über die Zukunft unserer Bildungsanstalten (1872);
  3º Der griechische Staat (1872);
  4º Das Verhältniss der Schopenhauerischen Philosophie zu einer deutschen Cultur (1872);
  5º Homer's Wettkampf (1872);
- *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen* (1872);
- *Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne* (1872);
- *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen* (1873);
- *Vorarbeiten zu einer Schrift über den Philosophen* (1872-1875);
- *Die vorplatonischen Philosophen* (1872-1876);
- *Einleitung in das Studium der platonischen Dialoge* (1871-1876);
- *Unzeitgemässen Betrachtunge:*
  1ª David Strauss, der Bekenner und der Schriftsteller (1873);
  2ª Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben (1873-1874);
  3ª Schopenhauer als Erzieher (1874);
  4ª Richard Wagner in Bayreuth (1875-1876).

3 UMA ANÁLISE DOS *DEMOCRITEA* (1867-1870)

3. 1 Nietzsche como leitor: breve nota

Ao ler as obras dos períodos genealógico e maduro de Nietzsche, nos deparamos com diversas afirmações acerca da escassez de leituras realizadas por ele. Em *Ecce homo,* por exemplo, há passagens em que Nietzsche fala do seu hábito de leitura – ou da falta dele. Ele comenta: "Cedo, ao romper do dia, no frescor, na alvorada de sua força, ler um *livro* – a isso chamo de vicioso!"[191]. Ainda em *Ecce homo,* ao comentar sobre o período em que *Humano, demasiado humano* surge, Nietzsche sugere que a doença dos olhos o libertou do peso de ler, dando-lhe a possibilidade de promover um retorno a si[192]. Passagens como estas e outras que se encontram em *Ecce homo*[193] colaboraram para que entre parte dos pesquisadores e comentadores da obra nietzschiana crescesse o senso comum de que ele seria um pensador autônomo e isolado – e nos parece que a imagem que Nietzsche pretendia construir sobre si e sua obra para perpetuar na posteridade era esta. Todavia, de fato, a realidade é bem outra. Ao trabalhar sobre as fontes de Nietzsche nas várias fases de seu pensamento, fica claro que ele está inscrito dento de uma gama de problemas que permeiam as discussões de seu tempo e que suas preocupações somente são bem compreendidas se tratadas e situadas no contexto em que surgiram.

Neste sentido, dar um passo atrás e olhar com certa desconfiança para as afirmações de Nietzsche nos revela uma realidade bem diferente da ideia que ele tenta passar. Anotações suas nos revelam que ele foi, na realidade, um ávido leitor desde sua juventude até o fatídico ano de 1889[194]. Como é de se esperar, entre os anos de 1866 e 1870, período que comporta os textos

---

[191] Cf. *EH*, *Por que sou tão inteligente*, 8.

[192] "A doença deu-me igualmente o direito a uma completa inversão de meus hábitos: ela permitiu, ela me *ordenou* esquecer; ela me presenteou com a *obrigação* à quietude, ao ócio, ao esperar e ser paciente... Mas isto significa pensar!... Apenas meus olhos puseram fim à bibliografia, leia-se 'filologia': estava salvo dos livros, nada mais li durante anos – o *maior* benefício que me concedi! – Aquele Eu mais ao fundo, quase enterrado, quase emudecido sob a constante *imposição de ouvir* outros Eus (– isso significa ler!), despertou lentamente, tímida e hesitantemente – mas enfim *voltou a falar.* Nunca fui tão feliz comigo mesmo como nas épocas mais doentias e dolorosas de minha vida: basta olhar *Aurora,* ou 'O andarilho e sua sombra', para compreender o que foi esse 'retorno a *mim',* uma suprema espécie de *cura*!... A outra apenas resultou desta (*EH, Humano, demasiado humano,* 4).

[193] Cf. *EH*, *Porque sou tão inteligente,* 3.

[194] Para uma ideia no número monumental de autores e título que compunham a "biblioteca" pessoal de Nietzsche, Cf. CAMPIONI, G., et al. (Hrsg.)., Nietzsches persönliche Bibliothek. Berlin – New York: De Gruyter, 2003. Nesta obra Giuliano Campioni, justamente com outros importantes nomes da pesquisa Nietzsche,

que dão corpo aos *Democritea*, grande parte da atenção de Nietzsche está voltada para textos de autores antigos e textos filológicos, o que pode ser comprovado por meio da carta enviada a Gersdorff em 11 de outubro de 1866, em que Nietzsche comenta com seu amigo sobre os planos de adquirir "uma biblioteca" e sobre a sua importância para o trabalho filológico[195]. Nietzsche chegou a realizar tratativas que, infelizmente, não foram concluídas, de comprar tais livros; entretanto, esse ocorrido nos dá uma amostra de seu interesse literário e o seu afinco no trabalho filológico.

Porém, apesar de ser possível verificar que Nietzsche se dedicava incansavelmente à leitura, tratar das fontes e autores com que Nietzsche esteve em contato durante o desenvolvimento de um estudo, é sempre um desafio que consideramos ser fruto de duas questões fundamentais, a saber: da escrita aforismática e nem sempre clara nos textos publicados; e da falta, muitas vezes, de seu cuidado, ou mesmo desinteresse, em apontar suas fontes e leituras em suas anotações e textos preparatórios[196].

Feita essa advertência, não esperamos que nesta seção consigamos trazer um levantamento derradeiro das fontes e dos autores com que Nietzsche teve contato durante os seus estudos sobre Demócrito, mas tão somente apontar para autores e trabalhos que podem nos ajudar a compreender os caminhos tomados por Nietzsche no trato de Demócrito. Graças à sua

---

realiza o trabalho hercúleo de catalogar os livros que faziam parte do acervo que Nietzsche possuía, além de discutirem a importância do estudo das fontes de Nietzsche para a pesquisa.

[195] "O referido leilão ocorreu sem ele e foi um sucesso: os preços estavam muito altos, graças aos esforços da livraria antiquária Calvary e dos professores de Pforta. Estes últimos, aliás, pagaram às vezes mais do que o preço de loja, honrando assim os livros do ex-colega Keil. Especialmente Corssen comprou caro para a biblioteca de Pforta. O Coetus comprou com entusiasmo a literatura revolucionária do velho Keil e fez lances por todos os livros mais inúteis. Gastei cerca de 24 táleres, entre outros, adquiri o Suidas de Bernhardy por 9 táleres. Este leilão se tornou mais importante para mim porque conheci o Dr. Simon, sócio da livraria Calvary, e provavelmente farei um grande negócio com ele. Estou selecionando livros dos catálogos abrangentes da Calvary no valor de várias centenas de táleres e pagarei essa quantia em parcelas anuais de 60 táleres. Desta forma, terei uma bela biblioteca. Você pode apreciar o valor disso, considerando que meus pensamentos diários por um longo tempo se voltaram para a aquisição de uma biblioteca. Sem ela, nosso trabalho filológico é simplesmente incompleto" (*KSB* 2, p. 172-173).

[196] Cf. BROBJER, T. H. *Nietzsche's Philosophical Context:* An Intellectual Biography. UrbanaChicago: University of Illinois Press, 2008. p. 15. O estudo de Brobjer é um excelente material que buscar organizar e traçar o monumento referencial de leituras que Nietzsche realiza em seus diferentes períodos. Entretanto, a de se apontar negativamente para a escolha metodológica do autor; tal como ocorre nas edições críticas Colli e Montinari, Brobjer realiza um fantástico levantamento das leituras e de autores de cunho filosófico da biblioteca de Nietzsche, porém, com isso, acaba por obscurecer as leituras e autores de cunho filológico com que Nietzsche estava em contato. Brobjer acaba reproduzindo a postura adotada tradicionalmente pela *Nietzsche-Forschung* em que o "Nietzsche filólogo" é visto de forma secundária e pouco influente no que diz respeito aos desdobramentos filosóficos posteriores. Para uma discussão mais detalhada em torno dessa questão, Cf. as seções 2. 1 e 2. 2 do segundo capítulo desse trabalho. Uma excelente reflexão sobre Nietzsche como leitor foi realizada por Giuliano Campioni: "Existe em Nietzsche uma vontade inicial de não suportar as fortes paixões do seu temperamento: a necessidade de transformá-lo, dominá-lo em consciência crítica e conhecimento. Daí a assimilação contínua, quase incorporação, de leituras, em uma mutável reflexão crítica e intelectual, uma consecutiva experimentação de escritos e de estilos que pertencem inteiramente a sua voluntária construção de si" (CAMPIONI, 2013, p. 26).

formação filológica, que é de onde partimos em nosso trabalho, o que se verifica é que ele o conhecia muito bem. Com isso, ao perscrutarmos as fontes de Nietzsche, o que buscamos não é validar ou invalidar as teses nietzschianas sobre Demócrito, mas entender em que medida estas fontes contribuíram para elas e – o que é mais importante – para o seu método, que ele começa a desenvolver em seu período filológico.

3.2 Fontes doxográficas

Ainda que se possa localizar desde a tenra educação de Nietzsche, em Pforta, o seu contato e interesse pelos autores gregos[197], de forma profissional, filologicamente organizado e objetivo, este contato remonta à sua ida para a universidade de Bonn, em 1864, quando passou a frequentar as preleções de Ritschl e Jahn, do que resultou, como sabemos, em sua decisão pela filologia e não mais pela teologia e, também, pela sequência em seus estudos em Leipzig e não mais em Bonn, a partir de 1865[198]. Em Leipzig, sob os cuidados e orientação de Ritschl, Nietzsche passou a se dedicar à filologia e, através de seu mestre, teve contato, ainda que indiretamente, com os fragmentos e estudos de Demócrito a partir de 1866, ocasião em que, por indicação de Ritschl, ele se dedicava aos estudos sobre Teógnis[199]. A partir de então, Nietzsche teve contato com a *Suda*, um léxico do século X d.C, atribuído ao lexicógrafo Suidas[200], o qual lhe servirá como referência em grande parte de seus trabalhos filológicos, como ocorre nos

[197] Em *Mein Leben,* de julho de 1864*,* Nietzsche, em tom autobiográfico, aponta dois momentos decisivos em sua vida até então: a morte de seu pai, quando ele possuía dez anos e a sua ida para a *Schulpforta.* Sobre o seu o período em Pforta, Nietzsche aponta como ele representou um momento importante no desenvolvimento de seu amor pelos estudos clássicos. Outro ponto importante deste texto se encontra em seus parágrafos finais, nos quais Nietzsche afirma compromissos intelectuais para a sua vida acadêmica na universidade: "Agora, quando estou prestes a ir para a universidade, estabeleço para mim as leis invioláveis para minha vida científica futura: combater a inclinação para um conhecimento superficial e variado, e, além disso, promover minha tendência de investigar cada detalhe até suas causas mais profundas e amplas. Embora essas inclinações possam parecer contraditórias, isso não é necessariamente incorreto em casos individuais, e às vezes percebo algo semelhante em mim. Na luta contra uma e na promoção da outra, espero vencer" (*BAW* 3, p. 68).

[198] Sobre os acontecimentos e situações envolvendo Nietzsche neste período, Cf. a seção 1. 1 do primeiro capítulo, no qual traçamos um breve histórico do contato de Nietzsche com a tradição filológica durante o seu período de formação.

[199] Como aponta Janz (2016), a dedicação de Nietzsche no desenvolvimento do trabalho sobre Teógnis resultou no plano de lançar uma nova edição do autor que, porém, foi abandonado, quando ele soube que dois estudiosos já estavam preparando para ser lançada uma edição crítica de Teógnis. Com isso, Ritschl sugeriu que Nietzsche realizasse a publicação de seus estudos na *Rheinisches Museum für Philologhie*, o que ocorreu em 1867, com o título *Zur Geschichte der Theognideischen Spruchsammlung* (JANZ, 2016, v. 1, p. 157).

[200] Em 1 de junho de 1866, Nietzsche realiza junto à associação filológica a conferência *Ueber die Litterarhistorischen Quellen des Suidas*, em que discute os elementos que envolvem o autor e seu léxico. Um ponto que Nietzsche discute é a sua pertinência e importância para os estudos sobre a literatura grega, sobre o qual ele conclui: "Suidas é incontestavelmente a fonte mais significativa da era clássica para a literatura grega, apesar de estar um milênio e meio à frente dela" (*KGW* 1-4, p. 98).

estudos sobre Demócrito, que compõem os *Democritea*. Ainda em 1866, em novembro, Nietzsche dá sequência nos estudos da *Suda*, juntamente com a obra *Vidas dos filósofos ilustres,* de Diógenes Laércio, dos quais o resultado foi o trabalho *De fontibus Diogenis Laertii*[201], escrito por ocasião de um concurso da universidade, vencido ele em 1867.

A partir daí, Diógenes Laércio passa a figurar como uma importante referência para Nietzsche, o que se verifica através das correspondências entre os anos de 1866 e 1870. É interessante notar que, por meio da correspondência, é possível vislumbrar a centralidade dos estudos sobre Diógenes Laércio durante a formação de Nietzsche, tornando-se, para ele, uma importante fonte da literatura e da filosofia grega[202]. Além disso, como se pode ver, em sequência ao trabalho vencedor do concurso da universidade, Nietzsche desenvolve ainda outros dois trabalhos que têm Diógenes Laércio como objeto de discussão: *Analecta Laertina*[203] e *Beiträge zur Quellenkunde und Kritik des Laertius Diogenes*[204], nos quais podemos localizar discussões que possuem o mesmo pano de fundo dos estudos sobre Demócrito, como é o caso de comentários acerca de Diocles sobre a vida de Demócrito[205] e acerca do índice de Trásilo das obras de Demócrito[206]. É digno de nota que, além de Laércio povoar os trabalhos de Nietzsche desse período como referência literária, a forma com que ele enfrenta o texto laertiano dá uma amostra de seu caráter filológico, como sugere Barnes ao discutir sobre as críticas que estes estudos sofreram: "Deveríamos ler os ensaios lartianos de Nietzsche não como obras acadêmicas refinadas, [...] mas antes como relatórios de trabalhos em andamento. [...]

---

[201] Cf. *KGW* 2-1, p. 75- 168. Em novembro de 1866, em carta enviada a Hermann Mushacke, Nietzsche comenta sobre a proposta realizada por Ritschl para que ele iniciasse os estudos sobre as fontes de Diógenes Laércio: "Por fim, preciso te contar uma amabilidade especial dele. Você sabe que eu tenho me ocupado com Diógenes Laércio e que também falei sobre isso com Ritschl aqui e ali. Há algumas semanas, ele me perguntou de maneira muito misteriosa se eu gostaria de escrever sobre as fontes de Diog. La., caso viesse um convite de outro lugar: o que, claro, eu aceitei com prazer. Há alguns dias, foram divulgadas as teses premiadas da Universidade, e a primeira que chamou minha atenção foi 'De fontibus Diogenis Laertii'" (*KSB* 2, p. 182-183).

[202] Cf. GIGANTE, M. Friedrich Nietzsche und Diogenes Laertius. In: Tilman BORSCHE, T.; GERRATANA, F.; VENTURELLI, A. (Hrsg.). *Centauren-Geburten:* Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche. Berlin, Boston: De Gruyter, 1994. p. 3-16. p. 5-6.

[203] Cf. *KGW* 2-1, p. 169-190.

[204] Cf. *KGW* 2-1, p. 191-246.

[205] Cf. *KGW* 2-1, p. 218-221.

[206] Cf. *KGW* 2-1, p. 224-230.

eles são testemunhos de uma imaginação acadêmica vívida, de uma mente analítica, aguçada e de um poder de raciocínio flexível e audacioso"[207].

A respeito da impressão de Barnes quanto aos trabalhos de Nietzsche sobre Laércio, é profícuo ter clareza a respeito de sua postura diante do texto laertiano. Nietzsche, apesar de ter se dedicado aos estudos de Laércio com afinco e fazer uso dele como referência em muitos dos trabalhos que desenvolveu durante os vários anos dos diferentes períodos de seu pensamento, não é comprometido com Laércio a ponto de dar seu assentimento de forma irrestrita às suas teses e ao seu estilo. Isso se revela em vários comentários de seus estudos, como, por exemplo, ao chamá-lo de "dorminhoco"[208], "estúpido"[209], "apressado e descuidado"[210]. Apesar de parecer exagerado – e, talvez, de fato, seja – a opinião de Nietzsche sobre Laércio não é original; deixando de lado o tom imoderado de suas acusações, elas eram amplamente partilhadas pelos estudiosos da época, de forma quase que convencional[211]. A título de exemplo, Schleiermacher, em tom austero, comenta sobre o catálogo laertiano das obras de Demócrito no texto *Über das Verzeichniß der Schriften des Demokritus bei Diogenes laertius*: "Os catálogos de Diógenes têm valores muito variados; muitas vezes ele conta com fontes fracas, confunde homens com nomes iguais ou junta citações imprecisas de forma descuidada"[212]. Entretanto, se por um lado Nietzsche é desdenhoso sobre o estilo laertiano, por outro ele reconhece a sua importância para o estudo dos textos antigos:

> O que é Diógenes para nós? Ninguém desperdiçaria uma palavra com as características filisteias deste escritor se ele não fosse, por acaso, o guardião de joias cujo valor ele próprio não reconhece. Ele é, de fato, o porteiro noturno da história da filosofia grega: ninguém pode entrar a menos que Diógenes lhe tenha dado a chave.[213]

---

[207] Cf. BARNES, J. Nietzsche and Diogenes Laertius. In: *Nietzsche-Studien*, v. 15, n. 1, p. 16-40, 1986. p. 39. Para uma amostra das críticas que os estudos de Nietzsche sobre Diógenes Laércio sofreram, Cf. MAASS, E. *De biographis graecis quaestiones selectae, Philologische Untersuchungen 3*. Berlin: Weidemannsche Buchandlung, 1880; DIELS, H. *Doxographi Graeci*. Berlin: De Gruyter, 1976.

[208] Cf. *KGW* 2-1, p. 80.

[209] Cf. *KGW* 2-1, p. 89.

[210] Cf. *KGW* 2-1, p. 197.

[211] Cf. BARNES, J. *Early Greek Philosophy*. Hamondsworth: Penguin Classics, 1987. p. 21.

[212] Cf. SCHLEIERMACHER, F. Ueber das Verzeichniß der Schriften des Demokritus bei Diogenes Laertius. In: JONAS, L. (Hrsg.)*., Band 3 Reden und Abhandlungen, der Königl. Akademie vorgetragen.* Berlin-Boston: De Gruyter, 1835, p. 291-305. p. 293.

[213] Cf. *BAW* 5, p. 126. Seguindo a tese de Barbara von Reibnitz, para Nietzsche, Laércio possui uma profunda importância para os estudos sobre Demócrito de Nietzsche, haja vista que suas primeiras impressões do filósofo de Abdera se deram através de sua obra, contribuindo na elaboração da imagem que Nietzsche terá sobre ele durante toda a sua vida (REIBNITZ, 1992). Posição parecida acerca da influência de Laércio sobre a imagem de

Neste sentido, Laércio, entre as fontes à disposição de Nietzsche, de forma mais ampla, é aquela que mais o agrada pela vivacidade que carrega, comparado com outras que ele considera estéreis. Exemplo disso é o comentário que ele realiza na terceira extemporânea, *Schopenhauer como educador*, nos seguintes termos: "Eu, pelo menos, prefiro ler Diógenes Laércio a Zeller; pois em Diógenes, pelo menos, o espírito dos antigos filósofos vive, enquanto em Zeller você não encontrará nem aquele espírito nem qualquer outro"[214].

Disto, o que se pode ponderar é que para os estudos que Nietzsche desenvolveu sobre Demócrito, Suidas e Laércio representam a espinha dorsal de fontes antigas que, a todo momento, é entrelaçada por uma extensa trama de autores antigos conhecidos e dominados por ele. Basta uma breve pesquisa entre suas anotações e cartas dos anos entre 1866 e 1870, para se comprovar seu contato com doxografias que figuram de forma secundária em seus estudos, mas que lhe permitiram, juntamente com Laércio e Suidas, uma base sólida para os trabalhos filológicos desenvolvidos, entre os quais se encontram os *Democritea*. Como exemplo, em uma carta do período militar, endereçada a Friedrich Zarncke em 15 abril de 1868, Nietzsche dá um auto-testemunho sobre seu conhecimento das fontes antigas ao responder o convite feito a ele para trabalhar como colaborador no *Literarisches Centralblatt*:

> O campo que creio dominar um pouco é o dos estudos das fontes e da metodologia da história literária grega, e menciono também alguns nomes, dos quais me aproximei um pouco mais. Além de Hesíodo, devo mencionar aqui Platão, Teógnis e todos os poetas elegíacos, Demócrito, Epicuro, Diógenes Laércio, Estobeu, Suidas e Ateneu.[215]

Demócrito criada por Nietzsche pode ser vista no capítulo de Jessica Berry dedicado a Demócrito no livro *Nietzsche and Antiquity* (2004), organizado por Paul Bishop.

[214] Cf. *KGW* 3-1, p. 413. Nesta passagem, Nietzsche faz referência à obra mais importante de Eduard Zeller (1814-1908), *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung*. Esta obra foi um importante estudo da época sobre o desenvolvimento da filosofia grega desde os primeiros pré-socráticos até a era helenística e neoplatônica. Zeller abordou os filósofos gregos não apenas como pensadores isolados, mas como parte de um contínuo desenvolvimento histórico e intelectual, proporcionando um contexto amplo e profundo para suas ideias e escritos. De início a obra foi publicada em partes entre 1844 e 1852. É preciso salientar que a obra de Zeller não carrega nenhuma incoerência metodológica, pelo contrário, é marcada pela erudição e rigor, que é justamente o objeto da crítica de Nietzsche. Como se percebe em outras anotações de Nietzsche, ele criticava abordagens excessivamente acadêmicas e meticulosas, como a de Zeller, por não conseguirem transmitir o espírito do mundo antigo. Para uma apreciação mais detalhada da obra de Zeller, Cf. ZELLER, E. *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung*. 3 Bänden. Leipzig: Fues's Verlag, 1869.

[215] Cf. *KSB* 2, p. 266. Entre as correspondências enviadas por Nietzsche há 18 cartas em que ele comenta sobre a realização de leituras e trabalhos nos quais esteve em contato com Laércio e Suidas. Em 1866: cartas enviadas a Dilthey em 02 de abril; Gersdorff em 07 de abril e 11 de outubro; e a Mushacke em 10 de outubro e em novembro. Em 1867: cartas enviadas a Mushacke em 04 de janeiro; Gersdorff em 04 de junho; Rohde em 03 de novembro; e a Ritschl em 29 de dezembro. Em 1868: cartas enviadas a Zarncke em 15 de abril; Deussen em 22 de junho; Rohde em 08 de outubro; e a Pluygers em 30 de outubro. Em 1869: cartas enviadas a Vischer em 01 de fevereiro; Rohde em 16 de maio; 14 de outubro a Wachsmuth; e a Ritschl em 16 de outubro. Em 1870: carta a Rohde em 30 de abril. Para essas cartas, Cf. *KSB* 2, 3.

Há, ainda, registros feitos por Nietzsche sobre outras doxografias e fontes antigas importantes para o desenvolvimento dos *Democritea* entre os anos de 1866 e 1870, como é o caso de *Fragmenta philosophorum graecorum* e *Demokrit, Operum fragmenta,* de Mullach. O contato com estas obras se confirma por meio de citações diretas, como ocorre nos textos dos *Democritea,* além de comentários sobre Mullach em cartas[216]. Além disso, um excelente material de apoio para os estudos das fontes do período em questão, que sugere o conhecimento dessas obras por Nietzsche, é o comentário de Hans Joachim Mette no *Nachbericht* do quarto volume da *BAW*, no qual ele aponta direções para a compreensão do arcabouço referencial com o qual Nietzsche se relaciona, como também sugere possíveis caminhos para a apreensão de seu desenvolvimento metodológico[217].

Por fim, na próxima seção, buscaremos traçar a relação de Nietzsche com autores que figuram entre as bases de suas metodológicas em seus estudos filológicos e que, principalmente, dão ao seu fazer filológico um tom cético – pronunciado em seus estudos sobre Demócrito, e que reverbera em sua filosofia genealógica.

3. 3 Fontes crítico-metodológicas

Entre as obras com as quais Nietzsche teve contato entre os anos de 1866-1870, além das doxografias e fontes dos textos antigos que serviram a ele como material de pesquisa, é possível elencar obras que, à sua medida, colaboraram para o desenvolvimento dos seus estudos sobre Demócrito. Durante esse período, dois autores que têm fundamental importância para a economia metodológica que Nietzsche põe em prática são Friedrich Albert Lange, com a obra *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* e Valentin Rose, com a obra *Aristoteles Pseudepigraphu.* Sobre os dois, tratamos no primeiro capítulo desse trabalho, ao discutir sobre a metodologia filológica cética de Nietzsche; porém, há, ainda, autores que o influenciaram diretamente nos estudos sobre Demócrito e que, de uma forma ou

[216] Em uma carta enviada à irmã em 1 de julho de 1868, Nietzsche pede a ela que devolva o *Fragmenta philosophorum graecorum* à Biblioteca de *Pforta* (KSB 2, p. 295). Já o *Demokrit, Operum fragmenta,* há registros de que Nietzsche o pegou emprestado na biblioteca da universidade de Basileia em 1869 (BROBJER, 2008, p. 197). Já sobre Mullach, Nietzsche faz um comentário em uma carta enviada a Erwin Rohde em 9 de dezembro de 1868, quando Nietzsche se refere a ele como "uma besta chifruda descuidada" (*KGB* 1-2, p. 348-353).

[217] Cf. *BAW* 4, p. 597-615. Mais a diante, retornaremos ao comentário de Mette, ao tratar da questão da autenticidade dos escritos de Demócrito.

de outra, contribuíram para a construção da imagem que Nietzsche elabora sobre o filósofo abderita.

Ao confrontar o texto dos *Democritea* e verificar anotações e a correspondência de Nietzsche localizamos pelo menos outros quatro autores com os quais ele dialoga. Começando por Schleiermacher[218], com o texto *Über das Verzeichniß der Schriften des Demokritus bei Diogenes Laertius*, lido provavelmente no ano de 1868, sobre o qual há um comentário na mesma carta em que Nietzsche fala sobre, enviada a Rohde em 9 de dezembro[219], além de haver no texto dos *Democritea* uma referência direta a ele[220]. Vale dizer que, ao confrontar o texto de Schleiermacher, escrito anteriormente, com os de Nietzsche verifica-se semelhanças no que se refere à organização e aos problemas tratados. No referido texto, Schleiermacher tem duas frentes centrais de discussão: a investigação a respeito da autenticidade das obras atribuídas a Demócrito e a análise da classificação de suas obras em diferentes categorias, como escritos éticos e físicos, entre outros[221]; frentes estas que também foram utilizadas por Nietzsche em seu texto. Fora isso, há de se comentar sobre a presença de outros autores e personagens históricos que aparecem no texto de ambos, como é o caso de Trásilo.

Além de Schleiermacher, as demais fontes que gostaríamos de apontar como influências para os estudos de Demócrito de Nietzsche remetem a leituras realizadas ainda em 1867. O primeiro é o livro *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung dargestellt,* de Ernest Zeller, sobre o qual Nietzsche comentou na terceira extemporânea, *Schopenhauer como educador*, mencionada anteriormente. Zeller dedica parte do segundo

---

[218] A opção de começar a discorrer sobre as fontes com Schleiermacher, apesar de sua leitura ter ocorrido somente em 1868, se deve ao fato de ele ser amplamente reconhecido como uma importante referência para estudos filológicos e filosóficos que abrangem temáticas que não se restringem à pesquisa Nietzsche. Nossa escolha não pretende levantar a tese de que este ou aquele autor e/ou obra foi mais importante.

[219] "Pessoalmente, gosto muito da figura de Demócrito, embora eu a tenha reconstruído para mim mesmo a partir do zero, já que nossos historiadores da filosofia nunca podem fazer justiça nem a ele nem a Epicuro, porque eles são judeus fraternos e verdadeiros diante do Senhor; muito menos, porém, ao afeminado, espírita, falso e obscuro Schleiermacher, a quem se elogia ou censura a ponto de enojar, ambos com a maior naturalidade possível; a verdade não está no meio, mas em outro lugar completamente diferente" (*KGB* 1-2, p. 348-353). Outra carta em que Nietzsche comenta sobre Schleiermacher é em uma carta anterior a esta, enviada a Deussen entre o final de abril e início de maio de 1868, em que ele comenta com o amigo sobre o estado da arte dos estudos sobre as obras de Platão: "A questão platônica é atualmente um magnífico complexo, um tecido fundido inteiramente, um organismo. Tais questões precisam ser trabalhadas detalhadamente. De que adianta literalmente roer a pele da questão em um dos pontos externos. Do que adianta acusar Schaarschmidt de alguns descuidos e exageros! As investigações já atingiram o seu ponto mais alto: são insights psicológicos; o objetivo é reconstruir a alma e o processo mental de Platão e não da maneira vaga de Schleiermacher ou do velho Steinhart" (*KSB* 2, p. 270).

[220] Cf. *MusA* 2, p. 129; *BAW* 3, p. 227; *KGW* 1-4, p. 339. Em nossa tradução, p. 151.

[221] Cf. SCHLEIERMACHER, F. Ueber das Verzeichniß der Schriften des Demokritus bei Diogenes Laertius. In: JONAS, L. (Hrsg.)*., Band 3 Reden und Abhandlungen, der Königl. Akademie vorgetragen.* Berlin-Boston: De Gruyter, 1835, p. 291-305. p. 291-305.

volume de seu livro ao movimento atomista e, dessa maneira, discute a relação entre Demócrito e Leucipo e sua teoria física detalhadamente; ele também se dedica ao comentário de sua teoria ética, do seu suposto ceticismo e, por fim, de sua visão acerca da crença religiosa, bem como sua influência entre os filósofos que o sucederam, o que contribui não apenas para uma visão acurada das teorias democritianas, mas também da trama histórica em que ele se situava[222]. Já o segundo livro é o *Geschichte des Ursprungs, Fortgangs und Verfalls der Wissenschaften in Griechenland und Rom,* um importante estudo de Christoph Meiners no qual ele discute o processo de desenvolvimento da ciência na Grécia e em Roma. No capítulo intitulado *História da sabedoria mundial grega entre a septuagésima e a octogésima olimpíadas,* Meiners dá uma atenção significativa a Demócrito, reconhecendo-o como uma figura central na filosofia e ciência antigas. Meiners discute a teoria atômica de Demócrito, desenvolvida em conjunto com Leucipo, explora as contribuições éticas de Demócrito e avalia a influência de suas ideias sobre filósofos posteriores como Epicuro. Ao situar Demócrito no contexto mais amplo do desenvolvimento científico e filosófico grego, Meiners examina as condições culturais que permitiram o florescimento de suas ideias, bem como suas limitações[223].

Por fim, o terceiro livro com o qual Nietzsche teve contato e que o influenciou em seus estudos sobre Demócrito é o *Uebersicht der griechisch-römischen Philosophie*, um compêndio da filosofia greco-romana de Karl Prantl em que ele traz um comentário sobre os atomistas, porém sem grandes detalhes específicos acerca de Demócrito, contribuindo para uma visão mais ampla a respeito das teses atomistas compartilhadas por filósofos da época, entre os quais Demócrito se encontrava [224].

3. 4 O Demócrito de Nietzsche

Na Alemanha oitocentista, principalmente na segunda metade do século XIX, Demócrito ressurgiu no campo dos estudos clássicos como uma figura responsável pela sistematização do atomismo e como autor marginalizado pelas tradições filosófica e filológica.

---

[222] Cf. ZELLER, E. *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung*. 3 Bänden. Leipzig: Fues's Verlag, 1869. p. 684-783.

[223] Cf. MEINERS, Ch. *Geschichte des Ursprungs, Fortgangs und Verfalls der Wissenschaften in Griechenland und Rom*. Lemgo: Verlage der Meyerischen Buchhandlung, 1781. p. 631-752. Segundo a catalogação realizada por Brobjer, Nietzsche fez a primeira leitura de Meiners no ano de 1867 e realiza novas leituras no ano de 1868. Cf. BROBJER, T. H., *Nietzsche's Philosophical Context:* An Intellectual Biography. UrbanaChicago: University of Illinois Press, 2008. p. 193-194.

[224] Cf. PRANTL, K. *Uebersicht der griechisch-römischen Philosophie*. Stuttgart: Hofmann, 1854. p. 34-37.

Nesse período, autores buscaram reintegrar os filósofos pré-socráticos a uma narrativa contínua da história do pensamento grego para, com isso, torná-lo um dos alicerces para o resgate da cultura alemã[225]. No campo físico-natural, entre outros autores, Lange destacou o papel de Demócrito na consolidação de uma física racional, integrando-o a esteira do materialismo filosófico[226]. Enquanto isto, entre os filólogos o esforço foi pela reconstrução textual dos escritos de Demócrito, o que culminou, por exemplo, nas obras de Hermann Diels, *Doxographi Graeci* (1879)[227] e, mais tarde, *Fragmente der Vorsokratiker* (1903)[228], que estabeleceram um novo padrão para a organização dos fragmentos e testemunhos dos pré-socráticos. Porém, apesar dos esforços filológicos em se estabelecer uma imagem de Demócrito, as interpretações que surgiram tiveram como origem fontes secundárias e doxográficas, como Diógenes Laércio e Aristóteles, muitas das quais carregam uma carga interpretativa negativa ou redutora, resultando, assim, na perda de sua densidade filosófico-cultural, como ocorre, por exemplo na *Metafísica* de Aristóteles, onde Demócrito é citado como "seguidor de Leucipo", atrelado apenas à questão física do atomismo:

> Leucipo e seu seguidor Demócrito afirmam como elementos o cheio e o vazio, e chamam um de ser e o outro de não-ser, mais precisamente, chamam o cheio e o sólido de ser e o vazio de não-ser; e por isso sustentam que o ser não tem mais realidade que o vazio. E afirmam esses elementos como causas materiais dos seres. E como os pensadores que consideram como única a substância que funciona como substrato e explicam a derivação de todas as outras coisas pela modificação dela, introduzindo o rarefeito e o denso como princípios dessas modificações, do mesmo modo, Demócrito e Leucipo dizem que as diferenças <dos elementos> são as causas de todas as outras. Além disso, eles dizem que são três as diferenças: a figura, a ordem e a posição. Com efeito, explicam eles, o ser só difere pela proporção, pelo contato e pela direção. A proporção é a forma, o contato é a ordem e a direção e a posição. Assim, A difere de N pela forma, AN de NA pela ordem, enquanto Z difere de H pela posição. Mas eles também, como os outros, negligenciaram a questão de saber de onde deriva e como existe nos seres o movimento.[229]

---

[225] Cf. GUIMARÃES, G. A ideia do belo na tradição germânica: debates em torno do laocoonte. In: *Revista de Teoria da História*. v. 19, n. 1, p. 74-94, jun. 2018.

[226] Nas palavras de Lange: "Demócrito é o verdadeiro criador do atomismo entre os antigos" (LANGE, 1886, p. 41).

[227] Cf. DIELS, H. *Doxographi Graeci*. Berlin: De Gruyter, 1976.

[228] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969.

[229] Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica.* Volume I. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 25-27. A respeito da visão de Nietzsche sobre Demócrito, Maria Cristina dos Santos de Souza escreve: "Esta controvérsia de autoria se aprofunda quando o alvo da discussão se refere às obras morais. Grande parte dos comentadores, reconhecendo Demócrito apenas como um estudioso da natureza, as atribui a Leusipo. Quanto a este impasse, Nietzsche assevera que admitindo que Leusipo era o autor da idéia principal, a diversidade de pontos de vista contidos nas obras certamente era da autoria de Demócrito. Ele se refere, também, ao fato improvável da existência

Resultante da imagem construída pela tradição, a ambiguidade entre valorização e marginalização de Demócrito no cenário acadêmico alemão do século XIX, pode ser vista como uma tensão entre o reconhecimento de sua importância histórica e a permanência de uma tradição interpretativa que o limita a um papel exclusivamente físico-natural que negligencia o pensador ético, político e epistemológico, cujas ideias desafiavam tanto a moralidade quanto a metafísica dominante. Isso se deve, principalmente, a uma diferenciação feita entre a teoria atômica e a ética de Demócrito, balizada pelo entendimento de que seus fragmentos éticos não figuram como um sistema – como ocorre com a teoria atômica –, mas apenas como máximas gerais de comportamento não sistematizadas[230]. A esse respeito, escreve Maria Cristina dos Santos de Souza:

> Nietzsche identifica, em um fragmento póstumo de 1872-74, a chave do materialismo de Demócrito a um cânon moral, enunciado pelo próprio filósofo grego: "Contente-se com o mundo tal qual ele é". A moral era a base da física de Demócrito, por quanto o que o movia era o sentimento da libertação da ciência de todo elemento incognoscível. As questões profundas e insolúveis não diziam respeito ao conhecimento. Seu ponto de partida no estudo da natureza eram os fenômenos simples, concretos e inteligíveis. Nietzsche afirma que Demócrito possuía uma aversão pelo bizarro e o irracional. Ele buscava uma simplicidade de método e reduzir todo o processo do cosmos à queda e ao choque visando constituir um sistema de mundo compreensível e claro. Mundo e conhecimento se correspondiam na medida que sentido de mundo só se dava à luz do conhecimento. Contentar-se com o mundo tal qual ele era significava contentar-se com o universo que se descortinava ao conhecimento.[231]

Conforme se pode verificar, além de outras causas filológicas apontadas em seus estudos, é justamente esse descompasso valorativo entre o atomismo e a teoria ética que o jovem Nietzsche problematiza ao questionar as condições historiográficas que levaram ao esquecimento relativo de Demócrito e ao silenciamento de partes – para ele – decisivas de sua

concomitante de dois pensadores tão inovadores, concluindo que se Demócrito foi o discípulo de Leusipo ele o eclipsou, fundando uma grande doutrina. Ele conclui que esta doutrina se desenvolveu e o nome de Demócrito ultrapassou o de Leusipo em universalidade. Entretanto, em outra parte de seus escritos, Nietzsche, seguindo a hipótese audaciosa de Epicuro sobre a não existência de Leusipo, afirma que este poderia ser, inclusive, um pseudônimo adotado por Demócrito para se livrar de uma possível investida contra as suas obras" (SOUZA, 2007, p. 164).

[230] Cf. DIOGO, J. E. Atomismo ético de Leucipo e Demócrito. In: *Boletim de Estudos Clássicos*. v. l., n. 61, p. 67-84, 2016; KENNY, A. *A New history of western philosophy*. Volume I: Ancient Philosophy. Oxford, Clarendon Press, 2006.

[231] Cf. SOUZA, M. C. S. Demócrito: o racionalismo como representação artística do mundo, segundo o filósofo Friedrich Nietzsche. In: *Kalagatos: revista de filosofia.* v. 4, n. 7, p. 161-176, 2007, p. 169-170.

obra. Já no início dos *Democritea,* contrariando a visão fundada na leitura platônico-aristotélica, Nietzsche afirma:

> Ainda devemos a Demócrito um funeral para reparar, até certo ponto, o que o passado fez com ele. Pois, raramente um escritor importante foi atacado de tantas maneiras e por diferentes motivos como Demócrito: teólogos e metafísicos descarregaram sobre ele toda a sua fúria contra o materialismo; o divino Platão considerava seus escritos tão perigosos que pensava em destruí-los em auto-da-fé particular, desistindo de fazê-lo graças à ideia de que já era tarde demais, de que o veneno já havia se espalhado. Mais tarde, os obscurantistas da Antiguidade se vingaram dele atribuindo-lhe a autoria de escritos mágicos e alquímicos, conferindo, pois, ao pai de todas as tendências iluminadoras e racionalistas a reputação de um grande mago. O emergente cristianismo conseguiu, por fim, levar a cabo o desejo de Platão: em uma época anticósmica, os escritos de Demócrito, assim como os de Epicuro, tiveram de parecer como a quintessência do paganismo. Enfim, também nossa época se equivocou a respeito da grandeza filosófica de Demócrito para vê-lo somente como um sofista. Todos estes ataques se movem em um plano que nos é inacessível.[232]

Ainda, conforme já tratamos anteriormente, Nietzsche foi um pensador que manteve contato e esteve em diálogo com autores e problemas importantes para o seu tempo. Alguns desses podem ser localizados em diferentes períodos de seu pensamento e obras; entretanto, outros se mantiveram presentes desde o seu período de juventude até o seu período maduro, como é o caso de Kant, Schopenhauer e Demócrito. No caso específico de Demócrito, encontramos menções dos estudos que Nietzsche realiza desde o ano de 1867, em carta enviada a Ritschl em 26 de setembro[233], até fragmentos do ano de 1888[234]. Neste sentido, a relevância de Demócrito para a sua obra ocorre tanto conceitualmente quanto metodologicamente, como se pode averiguar durante o desenvolvimento e amadurecimento de suas ideias[235].

Para entender a presença de Demócrito na obra nietzschiana é preciso voltar ao ano 1867, ano em que Nietzsche leu a obra *Aristoteles Pseudepigraphus*. Como apresentado anteriormente, Rose, nesse livro, reivindica o ceticismo sobre as fontes aristotélicas, com a intenção de contestar a autenticidade de inúmeras obras atribuídas a Aristóteles através da exposição das contradições dos testemunhos históricos. Ocorre que, após a leitura da obra, Nietzsche se vê impelido a corrigir e preencher as lacunas presentes no estudo de Rose e, então, elabora um estudo sobre as fontes da obra aristotélica, que resulta na terceira palestra de

---

[232] Cf. *MusA* 2, p. 85-86; *BAW* 3, p. 347; *KGW* 1-4, p. 505. Em nossa tradução, p. 117.

[233] Cf. *KGB* 1-2, p. 224-225.

[234] A última menção à Demócrito ocorre em um fragmento da primavera de 1888. Cf. *KGW* 8-3, p. 84-85.

[235] Nos reservaremos a comentar sobre os aspectos metodológicos na próxima seção.

Nietzsche na associação filológica, ocorrida em janeiro de 1867, intitulada *Die ΠΙΝΑΚΕΣ der aristotelischen Schriften*[236], que pode ser entendida como um prelúdio aos estudos que ele desenvolveu posteriormente sobre Demócrito.

No ano que se seguiu, no verão de 1867, período em que Nietzsche se afastou da vida na universidade e cumpriu o serviço militar, ele produziu algumas notas para um ensaio sobre Demócrito que faria parte de um trabalho coletivo em homenagem a Ritschl, mas que não foi concretizado e cancelado em 1868 devido ao abandono do projeto pela maioria de seus colaboradores[237]. Em uma carta enviada a Rohde em fevereiro de 1868, Nietzsche comenta sobre esse projeto:

> [...] meu próximo ensaio, escrito em honra de Ritschl (sobre a escrita de Demócrito). [...] ele ganhou um fundo filosófico, o que até agora não tinha conseguido em nenhum dos meus trabalhos. Além disso, todos os meus trabalhos, sem a minha intenção, mas para o meu prazer, estão tomando uma direção muito específica; todos apontam, como postes telegráficos, para um objetivo dos meus estudos, que em breve também focarei firmemente.[238]

Tal relato na carta é digno de consideração, uma vez que não expressa apenas a preocupação filológica com que Nietzsche se relacionou com os trabalhos que desenvolveu até então. Sua preocupação passa a ser também o caráter filosófico-conceitual da obra democritiana. Anotações entre os anos de 1868-1870 comprovam que além de contribuir para o desenvolvimento da filologia cética de Nietzsche – que pouco a pouco vai ganhando as linhas genealógicas de sua filosofia futura –, seu contato com os fragmentos de Demócrito forja as principais teses filosóficas que o acompanham nos períodos subsequentes. Nesse sentido, voltar a atenção para os trabalhos que Nietzsche desenvolve sobre Demócrito não serve apenas para compreender como sua filologia ganha contornos crítico-literários, mas também esclarece pontos que dizem respeito à sua postura diante de temas filosóficos que se tornam, a partir desse período, recorrentes entre suas anotações, predileções e leituras. A título de exemplo, encontramos nos cadernos desse período diversas sentenças em que Nietzsche expressa sua admiração por Demócrito, como nas seguintes: "Assim, ele, como o primeiro dos gregos, alcança o caráter científico, que reside no esforço de explicar uma variedade de fenômenos de forma unificada, sem recorrer a um deus ex machina nos momentos mais difíceis"[239], e "a

---

[236] Cf. *BAW* 3, p. 212-229.

[237] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 190.

[238] Cf. *KGB* 1-2, p. 248.

[239] Cf. *MusA* 2, p. 136; *BAW* 3, p. 348; *KGW* 1-4, p. 413. Em nossa tradução, p. 157.

grandeza do espírito revela-se naqueles traços transmitidos que estão relacionados com a renovação das ciências naturais. Ele é o único filósofo ainda vivo"[240].

Assim, ao acompanhar as menções sobre Demócrito nos cadernos e trabalhos da época, podemos ver em Nietzsche uma postura de um aprendiz diante do seu mestre. Como veremos, é de Demócrito que Nietzsche adquire as posições materialistas que assume em seu pensamento contra a filosofia transcendental. Em um fragmento do ano de 1884, Nietzsche reconhece a importância de Demócrito e de outros pré-socráticos em sua educação. Ele escreve: "O conhecimento dos grandes gregos me educou: em Heráclito, Empédocles, Parmênides, Anaxágoras, Demócrito, há mais a venerar, eles são plenos" [241]. Desse período em diante, todo esforço realizado por Nietzsche, metodologicamente e conceitualmente, parece ser sempre uma tentativa de assimilação crítica do pensamento democritiano, com o objetivo de levar a cabo um acerto de contas com a tradição e trazer à luz a sua centralidade e profundidade. Nietzsche realiza esse projeto, mas não apenas como um crítico literário; a principal forma de fazer justiça a Demócrito utilizada por Nietzsche foi reinterpretá-lo em seu próprio pensamento e ideias, colocando o filósofo de Abdera em diálogo com as aporias modernas que ele mesmo enfrentou[242].

Assim, a interpretação nietzschiana de Demócrito se insere em uma crítica historiográfica e conceitual que se delineia em seus escritos filológicos e que ganham corpo e peso conceitual com o passar do tempo. Conforme dito anteriormente, o trabalho filológico de Nietzsche não visa apenas à reconstrução de doutrinas antigas, mas à problematização das condições históricas e interpretativas que moldaram sua recepção[243]. Com isso, dentro das

---

[240] Cf. *BAW* 3, p. 354. Sobre a valorização de Demócrito por Nietzsche, Laura Rodríguez Frías (2023) escreve: "Em linhas gerais, podemos afirmar que Nietzsche percebe Demócrito como um mestre, pois as menções a ele aparecem ao lado de outros nomes da Antiguidade grega, como Heráclito ou Parmênides, como um dos "grandes gregos" de quem recebeu educação. Essa consideração se enraíza em dois pilares do pensamento de Demócrito que Nietzsche considera dignos de louvor. Em primeiro lugar, Nietzsche celebra o materialismo de Demócrito por ele remeter tudo o que existe ao plano físico, entendendo que qualquer aspecto da realidade que se queira explicar tem de se assentar em uma dimensão estritamente material. Em segundo lugar, o filósofo de Röcken também aprova a aplicabilidade da filosofia democratiana, enquanto o leva a aceitar única e exclusivamente aquele discurso que visa alcançar a felicidade do homem" (RODRÍGUEZ FRÍAS, 2023, p. 84).

[241] Cf. *KGW* 7-2, p. 149.

[242] Em uma carta enviada a Rohde em 9 de dezembro de 1868, afirmando ser necessário reconstruir completamente a figura de Demócrito, de quem tanto gostava, devido à injustiça cometida pelos historiadores da filosofia: "Pessoalmente, gosto muito da figura de Demócrito, embora eu a tenha reconstruído para mim mesmo a partir do zero, já que nossos historiadores da filosofia nunca podem fazer justiça nem a ele nem a Epicuro" (*KGB* 1-2, p. 348).

[243] Cf. MONTINARI, M. *Nietzsche Lesen*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1982.

diretrizes que essa postura de Nietzsche enseja, Demócrito surge como uma figura estratégica, cuja imagem tradicional é submetida a um exame crítico e construtivo, no qual a historicidade das categorias e do discurso filosófico se torna a fundação de seu método genealógico posterior[244].

Sob este aspecto, é preciso compreender a influência que a leitura de Lange exerce sobre Nietzsche. É bem provável que Nietzsche tenha tido contato com os fragmentos de Demócrito bem antes de seu contato com a *História do materialismo*. Entretanto, a partir da leitura da obra de Lange, Nietzsche pôde compreender faces que antes talvez não haviam sido bem compreendidas. Segundo Pietro Gori, tendo Demócrito com ponto de partida, Lange não se ateve a temas puramente científicos do desenvolvimento do materialismo, mas, pelo contrário, sinalizou suas consequências relacionadas tanto à esfera da teoria do conhecimento quanto à esfera ética[245]. Nesse sentido, a partir da influência de Lange, a leitura de Demócrito ganha importância como base para a relação entre filosofia e ciência natural que Nietzsche colocou em prática a partir de *Humano, demasiado humano*, mas que dá seus primeiros sinais já nas anotações dessa época. Em carta enviada a Gersdorff em fevereiro de 1868, já citada anteriormente, Nietzsche não só expressa sua admiração por Lange como também realiza uma brilhante síntese da *História do materialismo,* além de recomendar a leitura ao amigo:

> Se você tiver vontade de se informar completamente sobre o movimento materialista dos nossos dias, sobre as ciências naturais e suas teorias darwinianas, os seus sistemas cósmicos, com sua câmera obscura animada, mas também sobre o materialismo ético, sobre a teoria de Manchester, etc., não tenho nada de mais extraordinário para te recomendar que a História do Materialismo de Friedrich Albert Lange, um livro que oferece infinitamente mais do que promete no título e que não nos cansamos de ler e consultar como um verdadeiro tesouro. Em vista da orientação de seus estudos, não posso lhe recomendar nada mais digno. Eu estou firmemente decidido a apresentar-me a este homem e, como sinal de minha gratidão, pretendo enviar-lhe meu tratado sobre Demócrito[246].

---

[244] Cf. SOMMER, A. *Nietzsche und die Folgen*. Stuttgart: Metzler, 2019.

[245] Cf. GORI, P. *La visione dinâmica del mondo:* Nietzsche e la filosofia naturale di Boscovich. Napoli: La città del Sole, 2007. p. 45.

[246] Cf. *KGB* 1-2, p. 257-258. Das intenções e impressões dessa carta apenas a durabilidade da admiração de Nietzsche por Lange é factível. Como comentamos anteriormente, o trabalho que Nietzsche estava desenvolvendo sobre Demócrito como forma de homenagem a Ritschl não ocorreu, tampouco ele conheceu o autor da *História do materialismo*, embora vivessem relativamente próximos, principalmente entre os anos de 1870-1872, período em que Lange vivia em Zurique e Nietzsche em Basileia (JANZ, 2016, p. 165). Apesar disso, Lange conheceu Nietzsche e o citou em uma nota na segunda edição de sua obra: "O traço *apolíneo* da escola socrática foi recentemente enfatizado de forma acentuada e peculiar por Nietzsche em *O nascimento da tragédia no espírito da música* (Leipzig, 1872)" (LANGE, 1873, p. 133-134). Porém, ao que tudo indica, Nietzsche não soube dessa citação, pois a versão que ele adquiriu da *História do materialismo* em 1887 era uma edição econômica da quarta edição da obra de Lange editada em um único volume por H. Cohen, que não possuía as notas da segunda edição (SALAQUARDA, 1978 p. 240).

Assim, sob a orientação de Lange, Nietzsche vê em Demócrito o exemplo a ser seguido no que se refere à clareza e simplicidade na compatibilização entre mundo físico e ética – podendo ser visto como uma das fontes do naturalismo assumido por Nietzsche a partir do final da década de 1870. A esse respeito, é preciso apontar que Nietzsche reconhecia a eminência de Demócrito pela teoria física do atomismo, mas sua reverência a ele não se resume a este campo. Nietzsche encontra em Demócrito precedentes para suas perspectivas ética e estética que ele desenvolve em seus textos dos diferentes períodos; que possuem modulações nos diversos momentos, mas que têm seus pilares cravados em seus estudos iniciados na década de 1860.

Como observa David Sedley, o atomismo antigo se estrutura precisamente como uma alternativa explicativa à tradição teleológica, oferecendo uma concepção da natureza fundada na necessidade, no acaso e na imanência[247]. Esse horizonte antiteleológico explica a afinidade de Nietzsche com Demócrito, mesmo quando ele se distancia do atomismo enquanto doutrina física. Dessa forma, a valorização de Demócrito por Nietzsche deve ser compreendida no contexto de uma crítica mais ampla à metafísica e ao pensamento teleológico. Nietzsche, por intermédio da leitura de Lange, reconhece nos atomistas, principalmente em Demócrito, uma tentativa de explicar a realidade sem recorrer a causas finais, princípios transcendentais e arbitrariedades.

Em uma nota de 1872-73, Nietzsche afirma:

> [Em Demócrito existe] a lei da economia aplicada à explicação da natureza [:] a hipótese que explica o mundo existente, com o mínimo dispêndio de meios e de pressupostos, deve ter preferência: pois nela se encontra o menor grau de arbitrariedade [...]. Se houvesse duas hipóteses que explicassem o mundo, então seria necessário examinar rigorosamente qual das duas satisfaz melhor esse requisito da economia. [...] fazendo uso das forças mais simples e conhecidas, sobretudo da mecânica.[248]

Partindo da visão cosmológica, Demócrito foi defensor de que para haver movimento é preciso que exista o vazio. Ocorre que se o espaço vazio existe, o não-ser também existe. Demócrito, por meio de uma digressão lógica, parte da hipótese da existência do não-ser e sua relação com o ser e suas consequências para compreender o que é a realidade. Podemos dividir o argumento em duas proposições que se seguem pela conclusão: *a*) se somente existisse o ser, não haveria divisão e deslocamento; *b*) se somente existisse o não-ser, tudo seria o puro vazio;

---

[247] Cf. SEDLEY, D. *Creationism and Its Critics in Antiquity.* Berkeley and London: University of California Press, 2007. p. 86.

[248] Cf. *KSA* 7, p. 551.

c) portanto, há o que é divisível e o que é indivisível, o não-ser e o ser. Demócrito, então, identifica a realidade às unidades indivisíveis e idênticas: os átomos, que se encontram em movimento no vazio (o não-ser); que, em diferentes arranjos, formas e tamanhos, dão às propriedades dos materiais suas particularidades[249]. E assim, a natureza, a realidade, e tudo que ela comporta, não é outra coisa senão a unidade de elementos, relações e mecanismos. Em suma: fenômenos materiais[250].

Nietzsche reconhece no sistema do filósofo de Abdera a resolução para o problema imposto pelos pré-socráticos que o antecederam, como é o caso de Parmênides, ao resolver a oposição e compatibilizar, pela existência do átomo, o mutável e o imutável. Segundo a perspectiva nietzschiana, o atomismo democritiano pode ser resumido em duas máximas que se encontram em um fragmento de 1872-1873:

> Demócrito:
> A máxima simplificação possível das hipóteses
> 1) Existe o movimento, portanto, existe o espaço vazio, portanto, o não-ser.
> O pensamento é um movimento.
> 2) Se existe um ente, ele deve ser indivisível, ou seja, absolutamente pleno.
> A divisão só pode ser explicada pelos espaços vazios, pelos poros. Uma coisa completamente porosa é apenas o não-ser.[251]

Tal consideração sobre Demócrito é importante, pois esclarece duas consequências, segundo a ótica de Nietzsche, do sistema democritiano que aparecem, posteriormente em seu pensamento: a primeira consequência é o fato de que, por meio da perspectiva materialista de Demócrito, o mundo passa a ser explicado pelo âmbito físico, o que permite o abandono de qualquer explicação mítica da vida; já a segunda consequência, como um desdobramento da primeira, diz respeito ao fato de que, uma vez que a realidade se explica e pode ser compreendida no plano físico-mecânico, dentro de um processo, uma cadeia natural de causação, o indivíduo passa a ser colocado como protagonista de sua própria existência, "feliz com o mundo dado"[252], encontrando-se na ética a chave para a compreensão do atomismo e do sistema democritianos. A esse respeito, Nietzsche escreve nos *Democritea:*

---

[249] "Sem o Vazio, nenhum movimento é possível" (ALLEYNE, 1881, p. 212).

[250] Cf. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *The Presocratic Philosophers:* A Critical History with a Selection of Texts. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 400-426.

[251] Cf. *KSA* 7, p. 556.

[252] Cf. *KGW* 1-4, p. 394.

> Na ética está a chave para a física de Demócrito. Saber-se livre de tudo o que é incompreensível – este é o τὸ τέλος [Fim] de sua filosofia. Os sistemas anteriores não conseguiram isso, pois permitiram um elemento irracional em algum lugar. Por isso, ele tentou reduzir tudo ao mais compreensível, à queda e ao impacto.[253]

Com isso, fica claro que para Nietzsche a concepção atomista da realidade não se limita a uma explicação física do mundo, mas implica também uma determinada orientação ética. Conforme mostra James Warren, a tradição atomista antiga desenvolve uma ética voltada à libertação do medo e da perturbação, fundada na compreensão racional da necessidade natural e na rejeição de explicações metafísicas da realidade[254]. Essa dimensão ética é decisiva para compreender o interesse de Nietzsche por Demócrito enquanto modelo de atitude filosófica diante da existência.

Dito isto, Nietzsche vê no materialismo democritiano tons éticos que se confirmam em seus escritos sobre ética, apontados por ele como sendo o núcleo do pensamento de Demócrito[255]. Na perspectiva que Nietzsche desenvolve sobre os escritos de Demócrito, o materialismo, em sua origem, possui impulsos antimetafísicos que acabam libertando o indivíduo de qualquer perturbação, chegando à seguinte conclusão: "Seu ideal é viver sem pressa, uma vida científica tranquila. Ele considera as várias facetas pelas quais o ser humano é perturbado"[256]. Assim, sendo visto como contrário ao tipo de filosofia idealista que se desenvolve na Grécia, principalmente a partir do acontecimento Sócrates, Nietzsche vê Demócrito como um imoralista, uma vez que em seu sistema o mundo aparece livre e solto de qualquer sentido moral[257].

Entretanto, não podemos ser ingênuos sobre Demócrito na perspectiva de Nietzsche; em meio a elogios, ele também vê os limites de seu sistema. Ao defender a existência dos átomos, a teoria democritiana, segundo Nietzsche, apesar de fundada na ideia de materialidade, carrega resquícios metafísicos, haja vista que se trata de uma teoria que defende ideias fixas e imutáveis que se aplicam à realidade[258]. Em outras palavras, Nietzsche ainda vê em Demócrito uma tentativa de formatação, de aprisionamento, da realidade através da razão e da linguagem. Essa

---

[253] Cf. *MusA* 2, p. 135; *BAW* 3, p. 364; *KGW* 1-4, p. 462. Em nossa tradução, p. 156.

[254] Cf. WARREN, J., *Facing Death:* Epicurus and his Critics. Oxford: Oxford Press, 2004. p. 191-199.

[255] Cf. *MusA* 2, p. 141; *BAW* 3, p. 350; *KGW* 1-4, p. 462. Em nossa tradução, p. 161.

[256] Cf. *MusA* 2, p. 141; *BAW* 3, p. 350; *KGW* 1-4, p. 417. Em nossa tradução, p. 161.

[257] Cf. *KSA* 7, p. 576.

[258] A quem interessar a discussão acerca do atomismo como uma teoria metafísica, Cf. BUENO, G. *La Metafísica Presocratica.* Madrid: Pentalfa Ediciones, 1974. p. 327-357.

crítica fica clara na obra madura de Nietzsche, no comentário que realiza em *Crepúsculo dos ídolos*:

> O erro do ser, tal como foi formulado, por exemplo, pelos eleatas: tem a seu favor, de fato, cada palavra, cada frase que pronunciamos! – Mas também os adversários dos Eleatas sucumbiram à sedução do seu conceito de ser: Demócrito, entre outros, quando inventou o seu átomo... A 'razão' na linguagem: oh, que velha mulher enganadora! Receio que não nos livremos de Deus porque continuamos a acreditar na gramática.[259]

Com isso, a teoria democritiana possui dois enfoques na visão de Nietzsche. Se, por um lado, ele vê em Demócrito um idealismo sobre o qual ele estabelece críticas; por outro lado, ele vê em sua teoria o estabelecimento da subordinação da filosofia pela vida prática. Isso quer dizer que, mesmo Nietzsche vendo em Demócrito o aceite ou a reafirmação da racionalidade como princípio de compreensão da realidade, isso não significa, ao menos em Demócrito, que o fim da investigação científica se encontre na busca da verdade, mas sim em sua capacidade de reestruturar a consciência do homem sobre a natureza e sobre si, em um movimento de afirmação da existência em sua materialidade. Sobre este aspecto, não se pode confundir a crítica à racionalidade ou ao idealismo que Nietzsche encontra nos escritos de Demócrito com o idealismo que vemos Nietzsche combater nos escritos posteriores, como ocorre em *O nascimento da Tragédia.* Apesar de ver em Demócrito traços de idealismo, Nietzsche encontra espaço para elogios a ele graças a sua adesão rigorosa a uma explicação puramente racional, evitando subterfúgios irracionais e mantendo uma abordagem científica e materialista da realidade[260]. Já a crítica ao idealismo que encontramos a partir de *O nascimento da tragédia*, principalmente dirigida ao idealismo socrático, o qual foi incorporado na filosofia ocidental, surge da tentativa de reduzir a realidade a um discurso lógico, o que, na visão de Nietzsche, acaba sendo uma tentativa de simplificação e diminuição da existência ao plano do puro conceito:

> [...] veio ao mundo pela primeira vez na pessoa de Sócrates – aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar estar em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de *corrigi-lo.* Essa sublime ilusão metafísica é aditada como instinto à ciência, e a conduz sempre de novo a seus limites, onde ela tem de transmutar-se em *arte*, que é o *objetivo*

[259] Cf. *CI, A "razão" na filosofia,* 5. Também não se pode esquecer da afirmação que Nietzsche realiza em seus estudos sobre Demócrito, em tom de advertência: "Que não se negue em Demócrito o idealismo. Sua principal afirmação permanece: 'A coisa em si é incognoscível', e isso o separa para sempre de todos os realistas" (*MusA* 2, p. 140; *BAW* 3, p. 327; *KGW* 1-4, p. 221. Em nossa tradução, p. 160).

[260] Cf. STIEGLER, B. El joven Nietzsche y la ciencia: el caso de Demócrito. In: *Estudios Nietzsche*. n.8, p. 119-131, 2008, p. 127.

> *propriamente visado por esse mecanismo*. [...] Sócrates é o protótipo do otimismo teórico que, na já assinalada fé na escrutabilidade da natureza das coisas, atribui ao saber e ao conhecimento a força de uma medicina universal e percebe no erro o mal em si mesmo.[261]

Na esteira daquilo que Nietzsche afirma nessa passagem de *O nascimento da tragédia,* ele vê a filosofia grega a partir da influência de Sócrates como "um sintoma de decadência"[262], pois a partir dele é a interpretação metafísica da existência que começa a povoar as visões filosóficas, tomada como a única válida para adicionar ou subtrair o valor de ideias e elementos, na relação de uns com os outros[263]. Nietzsche vê no movimento realizado pelo socratismo a anulação da "esfera da criatividade, da inventividade, própria do momento interpretativo, impedindo, com isso, a geração de novos valores"[264], produzindo um movimento contrário àquele que ele vê o sistema democritiano propiciar, no qual não se perde o horizonte interpretativo em detrimento de verdades absolutas. Devido a isso, Nietzsche vê nos pré-socráticos, incluindo Demócrito, a manifestação de uma "natureza superior"[265], pois eles reivindicam, cada um ao seu modo, interpretações próprias, às vezes próximas umas das outras, mas sem carregar um princípio comum, unificador e excludente que Nietzsche vê surgir a partir de Sócrates. Ainda sobre esse tema, outra passagem em que Nietzsche reclama a superioridade dos filósofos pré-socráticos frente a Sócrates se encontra em um fragmento do ano de 1875:

> A esses filósofos mais antigos [...] considero-os como os precursores de uma reforma dos gregos: mas não como os precursores de Sócrates. Apenas que sua reforma não chegou a produzir-se [...]. É evidente que os gregos estavam prestes a encontrar um tipo de homem ainda mais elevado do que os anteriores; mas então produziu-se uma fratura. Permanece a era trágica dos gregos [...]. Com Empédocles e Demócrito, os gregos estavam em melhor posição para avaliar corretamente a existência humana, sua irracionalidade e sua dor, mas se jamais o fizeram, foi graças a Sócrates. Um olhar sem preconceitos sobre os homens falta a todos os socráticos [...]. Por causa de

[261] Cf. *NT,* 15. Quem faz uma excelente discussão sobre o tema do idealismo na perspectiva nietzschiana é Oswaldo Giacóia, no artigo *O Platão de Nietzsche O Nietzsche de Platão.* Ele demonstra como o idealismo se desenvolve na filosofia grega, contaminando a Platão e, juntamente a ele, a filosofia ocidental. O mais interessante da discussão realizada nesse texto é sobre as diferentes e ambíguas imagens sobre Platão que Nietzsche cria ao longo do seu pensamento (GIACÓIA, 1997). Ainda, sobre o tema do idealismo no jovem Nietzsche, Cf. DALE, W., *Nietzsche and the Greeks*. London/New York: Continuum, 2006; CUBILLOS, L. La crítica temprana de Nietzsche al idealismo trascenden-tal y sus posibles consecuencias metodológicas. In: *Protrepsis.* n. 23, p. 215-237, 2022; BECERRIL, C. Nietzsche y el retorno a los presocráticos:ser un «saboreador» de la vida. In: *Eikasía: Revista de filosofia.* n. 116, p. 134-170, 2023.

[262] Cf. *KSA* 13, p. 167.

[263] Cf. QUEJIDO A. Crítica, genealogía y transvaloración. In: RODRÍGUEZ, M. (ed.)., *Nietzsche y la transvaloración de la cultura.* Madrid: Arena Libros, 2015, pp. 101-130. p. 105.

[264] Cf. Ibid. p. 105.

[265] Cf. *KSA* 11, p. 679.

> Sócrates, eles perderam aquela atitude sem preconceitos. Seus mitos e tragédias têm mais sabedoria do que as éticas de Platão e de Aristóteles; e seus "estóicos e epicuristas" resultam pobres, em comparação com seus poetas e estadistas mais antigos.[266]

É neste aspecto que, na visão de Nietzsche, ocorre em Demócrito a viragem da teoria física para a ética. Apesar da crítica ao tipo de idealismo presente no atomismo democritiano, Nietzsche vê de forma positiva a intenção de Demócrito. É no caráter antimetafísico do sistema democritiano que Nietzsche encontra precedentes para a sua crítica contundente à tradição. Se, por um lado, pode-se encontrar traços, resquícios metafísicos em Demócrito, conforme apontamos anteriormente, – e Nietzsche critica-os –, parece-nos que ele segue pelo mesmo caminho e vê em Demócrito o exemplo a se seguir no combate contra a metafísica não com armas estranhas a ela, mas com aquilo que lhe é mais próximo. Em outras palavras, Nietzsche vê em Demócrito a subversão do idealismo contra seus próprios frutos; ou a utilização da metafísica contra a metafísica. Segundo Nina Power: "não podemos deixar de ver ecos do 'mundo da força' de Demócrito no próprio Nietzsche, onde cada corpo concreto busca se tornar mais poderoso, expandindo-se"[267].

Nesse ponto retornamos à afirmação que Nietzsche realiza na carta enviada ao seu amigo Rohde em fevereiro de 1868, em que afirma que seus estudos sobre Demócrito tomaram uma direção muito específica, para a qual ele em breve voltaria seu foco[268]. Ao confrontar as anotações realizadas entre 1867-1870 e até mesmo de períodos posteriores, o que podemos verificar é: que a imagem que Nietzsche desenha de Demócrito – o Demócrito nietzschiano – é o resultado da perspectiva nietzschiana de leitura do atomismo e dos fragmentos do filósofo de Abdera; e que toda a obra vindoura a partir desse estudo traz uma referência direta e indireta na obra de Nietzsche a Demócrito[269]. De acordo com Porter:

> Nietzsche encontra novas maneiras de inserir Demócrito – novamente, a personalidade, não a pessoa – em seus projetos em andamento. Isso inclui suas

[266] Cf. *KSA* 8, p.104-105; 107.

[267] Cf. POWER, N. On the Nature of Things: Nietzsche and Democritus. In: *Pli*. n.12, p. 118-130, 2001. p. 129.

[268] Cf. *KGB* 1-2, p. 248.

[269] James Porter no livro *Nietzsche and the philology of the future* realiza uma bela discussão sobre a leitura que Nietzsche realiza sobre Demócrito e os desdobramentos que essa leitura tem em trabalhos sobre estética e rítmica, sobre linguagem e sobre os pré-socráticos, desenvolvidos entre os anos de 1869-1876. O trabalho de Porter é interessante pois aponta como Nietzsche esteve em constante diálogo e contato com a teoria democritiana e, além disto, aponta como que na perspectiva de Nietzsche o atomismo reverbera muito além da visão que ele desenvolve sobre o mundo físico. Para uma discussão mais detalhada sobre como os estudos sobre Demócrito dão matéria aos estudos de Nietzsche nesses campos, Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 98-106.

> especulações sobre o ritmo, sobre o tempo (o que Nietzsche chama de *Zeitatomistik*, ou atomismo temporal), sobre a linguagem ou sobre o modelo de vontade de Schopenhauer – sem mencionar as várias formas de materialismo que Nietzsche investiga nos anos seguintes. Demócrito é literalmente o fantasma dos escritos de Nietzsche. [...] O democritianismo retornará com uma vingança na última meia década produtiva da vida de Nietzsche, em sua "doutrina" nunca totalmente desenvolvida da "fisiologia da estética", que é uma transferência direta das incursões anteriores na música e na percepção estética à la Demócrito no final da década de 1860, bem como nos fragmentos sobre a vontade de poder. Ali, a física do atomismo ocupa mais uma vez o centro do pensamento de Nietzsche, agora como alvo de críticas adversas. As discussões são aprimoradas por desenvolvimentos conceituais mais recentes no atomismo (Boscovich e Fechner), mas as teorias posteriores são sempre reconsideradas a partir da perspectiva de sua expressão mais antiga e econômica nos fragmentos e testemunhos de Demócrito. O mais impressionante de tudo é a incorporação silenciosa de Demócrito à teoria da vontade de poder, que é uma extrapolação literal do atomismo: a armadilha física – a vontade de poder – é a vontade de poder.[270]

Desta forma, por meio dos testemunhos que os escritos e correspondências de Nietzsche nos dão, é possível vislumbrar a grandeza da importância de Demócrito para ele em todo o seu pensamento, mas, principalmente, no período que comporta os anos entre 1867 e 1870. Demócrito passa a ser um ponto de viragem, ou ainda, um contrapeso ao idealismo e à metafísica que Nietzsche experimenta nesse período por meio da leitura de Schopenhauer – que, como sabemos, é de grande valor para o jovem Nietzsche[271]. Os estudos de Demócrito elaborados por Nietzsche funcionam como o material sobre e pelo qual a filologia cética de Nietzsche, pouco a pouco, se transmuta de uma postura metodológica do estudioso e professor de filologia clássica para a filosofia genealógica e para a filosofia da vontade de potência que

---

[270] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 110.

[271] Cf. STIEGLER, B. El joven Nietzsche y la ciencia: el caso de Demócrito. In: *Estudios Nietzsche*. n.8, p. 119-131, 2008. p. 123. A título de exemplo da representatividade de Schopenhauer para o jovem Nietzsche, vejamos o que ele diz a seu amigo, Gersdorff, em carta enviada em agosto de 1866, em que também comenta sobre a obra de Lange: "Devemos mencionar por fim Schopenhauer, a quem eu continuo aderindo com a mais irrestrita simpatia. O que ele representa para nós tornou-se realmente claro para mim apenas recentemente, e isso através de um escrito notável ao seu modo e muito instrutivo: História do Materialismo e Crítica de seu Significado para o Presente, de Fr. A. Lange, 1866. Estamos aqui diante de um cientista natural e um kantiano altamente esclarecido. Seus resultados podem ser resumidos nas três proposições seguintes: 1. o mundo sensível é o produto de nossa organização. 2. nossos órgãos visíveis (corporais) são, assim como todas as demais partes do mundo dos fenômenos, apenas imagens de um objeto desconhecido. 3. deste modo, nossa verdadeira organização permanece para nós tão desconhecida quanto as verdadeiras coisas externas. O que temos sempre diante de nós não é senão o produto de ambas. Não apenas a verdadeira essência das coisas, a coisa em si, é desconhecida para nós; também seu conceito é nada mais nada menos que o último rebento de um contraste condicionado por nossa organização, do qual não sabemos se conserva algum significado fora de nossa experiência. Disso resulta, pensa Lange, que os filósofos não devem ser importunados na medida em que nos edificam. A arte é livre, também na região dos conceitos. Quem pretenderia refutar uma frase de Beethoven e acusar de erro uma Madonna de Rafael? – Como você pode perceber, o nosso Schopenhauer resiste mesmo a este mais rigoroso ponto de vista crítico, ele se torna quase ainda mais valioso para nós. Se filosofia é arte, então que Haym se anule diante de Schopenhauer; se a filosofia deve edificar, então eu pelo menos não conheço nenhum filósofo que edifique mais do que nosso Schopenhauer" (*KSB* 2, p. 159-160).

surgirão nos períodos posteriores – entre 1878 e 1888. Como forma de comprovar esse movimento, basta lembrar que o contato de Nietzsche com o *corpus* dos fragmentos democritianos tem início orientado pela intenção de reavaliar a sua autenticidade e, com o correr do tempo, esse contato passa a se repetir não mais com a intenção primordial que possuía, mas para se realizar avaliações da história do desenvolvimento do materialismo e, a partir delas, avaliações do desenvolvimento da filosofia e da ciência ao longo dos séculos, colocando, assim como dissemos anteriormente, Demócrito em diálogo com autores e problemas contemporâneos a ele.

Em tempo, deve-se ter claro que, quando Nietzsche fala sobre Demócrito, este não pode ser identificado com o Demócrito histórico que a tradição socrática deu como imagem à posteridade. Há uma ambiguidade sobre a identidade do filósofo de Abdera nesse sentido. À medida em que a imagem produzida por Nietzsche se distancia daquela difundida pela tradição, ele ganha força como um exemplo de liberdade a ser seguido; porém, não de qualquer liberdade, mas filosófica, conforme sugere Nietzsche: "Demócrito, o homem mais livre"[272]. Como se pode notar ao longo dos *Democritea*, grande parte do esforço realizado por Nietzsche está direcionado à desmistificação da personalidade de Demócrito e à recuperação de sua personalidade enquanto pensador autônomo, diferente daquela que se encontra na esteira da tradição em que ele é emoldurado simplesmente como um discípulo de Leucipo ou como mais um entre os pitagóricos[273].

Nesse sentido, Demócrito não ocupa em Nietzsche o lugar de um simples objeto de estudo histórico, mas o de uma figura transversal, cuja presença atravessa diferentes fases de sua obra. A recorrência de temas como força, multiplicidade e crítica à metafísica revela que o diálogo com Demócrito permanece ativo mesmo quando não explicitamente tematizado, como ocorre nas fases posteriores do pensamento nietzschiano e em suas obras.

Por fim, tendo em vista aquilo que foi discutido nesta seção, na próxima discutiremos sobre os *Democritea.* Como veremos, os campos abertos por meio da pesquisa desses estudos são múltiplos e vastos, merecendo cada um deles especial atenção. Conscientes disso, a seguir focaremos em realizar uma resenha do texto a fim de se estabelecer uma imagem fiel dele para que posteriormente, no próximo capítulo, possamos apontar os pressupostos da genealogia, uma

[272] Cf. *KSA* 7, p. 546.

[273] Cf. *MusA* 2*,* p. 140; *BAW* 4, p. 63; *KGW* 1-4, p. 416. Em nossa tradução, p. 161.

das principais características da filosofia nietzschiana a partir da década de 70, publicizada com *Humano, demasiado humano,* em 1878, nele localizados[274].

3.5 Os *Democritea*

O período em que os *Democritea* são escritos pode ser visto como um período em que Nietzsche está se conhecendo como filólogo, experimentando problemas e criando métodos de pesquisa, influenciado por diversos personagens[275] que geraram nele o interesse por Demócrito; inicialmente no campo filo-metodológico e, na sequência, no campo crítico-filosófico. Em uma nota de 1867, Nietzsche esboça os planos de estudos que pretendia realizar entre o outono de 1867 e primavera de 1868[276]:

> Perspectivas e projetos deste momento:
> 1. Sobre a atividade literária de Demócrito;
> 2. Sobre a de Hesíodo e de Homero.
> 3. Índice para o Rheinisches Museum.
> 4. Conferências sobre os seguintes temas:
> a. Pessimismo na Antiguidade;
> b. Schopenhauer como escritor;
> c. Formas de morrer dos filósofos e dos poetas;
> d. Homero e Hesíodo reduzidos a ideias;
> e. Filologia e moralidade;

[274] Como é amplamente discutido, a partir da publicação de *Humano, demasiado humano*, no ano de 1878, Nietzsche torna pública a mudança pela qual seu pensamento veio passando desde o início da década de 70. A partir dessa obra vemos ele assumir a perspectiva genealógica, afastando-se de forma clara e significativa do idealismo e da metafísica, deixando de lado a perspectiva filosófica schopenhaueriana, bem como afastando-se da agenda cultural de Richard Wagner, que marca principalmente o período de Nietzsche como professor em Basileia. *Humano, demasiado humano,* em termos de características, pode ser visto como uma das obras em que a postura nietzschiana se mostra mais radical, haja vista que vemos o filósofo adotando uma abordagem crítica ao prescrutar a origem e o desenvolvimento da moral e da cultura – adotando em sua filosofia a abordagem que ele desenvolve e assume em sua filologia cética. Algumas das características mais perceptíveis na obra são: a crítica as ilusões metafísicas e religiosas, na qual Nietzsche analisa os valores e as crenças enfatizando como fenômenos históricos e psicológicos; o ceticismo em relação às verdades tomadas como absolutas; e a valorização do conhecimento como investigação crítica que possui como ponto de partida as condições das quais as perspectivas sobre a natureza, o homem e a cultura vieram à tona – algo que já é possível de se perceber em *Verdade e mentira no sentido extramoral,* escrito em 1873. Para uma discussão dos pormenores de *Humano, demasiado humano,* Cf. MIGNONI, N. S. A ciência contra a metafísica: Nietzsche e o filosofar histórico em Humano,
demasiado humano I. In: Cadernos Nietzsche. v. 40, n. 2, p. 74-97, 2019; DA SILVA PEIXOTO, E. Cartas de Nietzsche: Humano demasiado humano, educação e arte como construção de um pensamento original. In: *Revista DIAPHONÍA*. v. 7, n. 2, p. 103–118, 2021.

[275] Conforme mencionado anteriormente no trabalho, as influências principais que levam Nietzsche a se interessar por Demócrito foram Friedrich Ritschl, Friedrich Albert Lange e Valentin Rose. Para maiores detalhes sobre esse tema, Cf. as seções 3. 2, 3. 3 e o primeiro capítulo desse trabalho.

[276] Conforme aponta Rafael Carrión Arias: "Nietzsche já se dedicava ao estudo de Demócrito de Abdera (460-380 a. C.) pelo menos desde 1866, quando, durante seu primeiro semestre em Leipzig, preparou um ensaio sobre as fontes de Diógenes Laércio, que mais tarde completaria com a *Analecta Laertiana*; e antes disso, em seu estudo das fontes dos Suidas" (CARRIÓN ARIAS, 2016, p. 82).

f. Os chamados sete sábios.
5. Elaborar os seguintes cursos:

Coéforas	*a. Esquilo, Coéforas*
Banquete.	Questão homérica.
Poética, Aristóteles.	b. Estudo das fontes da história literária grega.
Líricos	c. Um livro de Lucrécio.
Os *Erga* de Hesíodo	
Questão homérica.	
Estudo das fontes.	
Enciclopédia.	
Tácito.	
Kant?	

6. História dos estudos literários na Antiguidade.[277]

Com esse esboço, confirma-se o interesse e o esforço que Nietzsche depreendeu a partir do ano de 1867 para o desenvolvimento de seus estudos sobre Demócrito que já eram anunciados por meio das correspondências que ele enviou aos amigos nesse período. A princípio, sob a influência do contato com Valentin Rose, Nietzsche elabora um trabalho filológico entre 1867 e 1868 sobre os *Democritea* que, em sua visão, serviria como a base para um trabalho mais extenso que ele pretendia realizar sobre a história dos estudos literários na antiguidade e na modernidade[278]. Como se pode verificar nas anotações, trabalhos e correspondências dos anos subsequentes, o interesse de Nietzsche por Demócrito não se resumiu a este ensaio. Pelo contrário, ao confrontar as diversas edições críticas das obras completas de Nietzsche, verifica-se que nelas se localizam fragmentos, anotações e planos de trabalhos voltados diretamente aos *Democritea* datados desde o ano de 1867 até o início da década de 70, quando Demócrito passa a ser referenciado nominalmente cada vez menos, enquanto que – inversamente a isso –, a sua influência e a do atomismo ganham espaço na mesma medida em que o pensamento nietzschiano ganha cada vez mais contornos e tons filosóficos.

Tendo isso em mente, e consciente das críticas realizadas por Montinari[279], o conjunto de fragmentos que compõem os *Democritea* da edição *Musarion* é excelente, pois traz, em um mesmo local, anotações realizadas por Nietzsche em relação a Demócrito que vão desde o ano de 1867 até o ano de 1870 e, como resultado disso, consegue exprimir ao leitor não apenas as preocupações e escolhas metodológicas de cunho filológico que acompanham Nietzsche durante a escrita, mas também as modulações das preocupações e interesses filosóficos sobre o

[277] Cf. *KGW* 1-4, p. 428.

[278] Tais planos de Nietzsche são tornados públicos por meio da carta já mencionada anteriormente que ele envia a Rohde entre 1 e 3 de fevereiro de 1868. Cf. *KGB* 1-2, p. 248.

[279] Cf. MONTINARI, M. *Nietzsche Lesen*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1982. p. 12.

filósofo de Abdera que dão contorno e servem de pano de fundo para a sua própria filosofia. Ao confrontar-se com a edição em questão, vê-se que os *Democritea* se encontram assim organizados:

1. Nota sobre a "má sorte" dos escritos de Demócrito;
2. Trásilo;
3. Nota preliminar a um trabalho sobre os escritos inautênticos de Demócrito [1867-68];
4. Trabalho inacabado sobre as πίνακες de Demócrito;
    I. πίνακες de Demócrito;
    II. Bolos e sua fábrica;
    III. Demócrito historiador e músico;
5. Apêndice;
6. Mais notas sobre Demócrito;
    I. Sobre Demócrito;
    II. *Da relação entre Leucipo e Demócrito.*

Como se vê na organização adotada nessa edição, nela se localizam textos oriundos dos estudos sobre Demócrito que, em parte, foram suprimidos nas importantes edições que foram publicadas posteriormente, como é o caso da *BAW, KGW* e *KSA.* Conforme mencionado anteriormente, apesar das críticas que a edição *Musarion* recebeu, ela se estabelece como um importante material de estudos que visam compreender o desenvolvimento das preocupações filológicas de Nietzsche, pois é capaz de criar e dar ao leitor uma percepção mais abrangente da atmosfera de momentos e textos cruciais de um período que, durante muito tempo, não participava dos interesses daqueles que pesquisavam o pensamento nietzschiano e que, por isso, foram passados à posteridade como sem importância para a elaboração de uma compreensão mais ampla das ideias de Nietzsche. Seguindo a ordenação da edição, podemos ainda dividir os textos em duas partes mais amplas.

Na primeira parte, temos comentários que dizem respeito à má sorte que os escritos de Demócrito tiveram. Essa primeira parte é composta unicamente pela seção 1 do texto e seus dois parágrafos, nos quais Nietzsche reflete sobre a relação que a tradição estabeleceu com o filósofo de Abdera desde Platão, em sua tentativa de destruir a obra de Demócrito, passando por Aristóteles, e indo até a filosofia cristã, vista por Nietzsche como um platonismo

simplificado, popularesco[280], em que Demócrito, juntamente com Epicuro, ganham a alcunha de representantes do paganismo e, por isso, são rejeitados e marginalizados. Nietzsche salienta como esta recepção de Demócrito contribuiu para que a importância e a grandeza de sua obra fossem injustamente não reconhecidas pela tradição filosófica com o seu devido valor[281].

É interessante que nesses dois parágrafos que dão conteúdo a essa parte dos *Democritea* é possível notar claramente a influência do *Vidas dos filósofos ilustres*, de Diógenes Laércio[282]. Como é sabido, Nietzsche desenvolveu dois trabalhos sobre a obra de Laércio, nos quais já se encontram considerações sobre a personalidade de Demócrito que retornam nesses parágrafos[283]. O conteúdo dos parágrafos é revelador pois, esclarece que o Demócrito a que se refere Nietzsche não é próximo ao Demócrito da tradição. Como discutimos anteriormente, Nietzsche vê em Demócrito – em sua obra – o caráter ético que conflui para desdobramentos filosóficos que foram negligenciados pela tradição filosófica e que, como veremos, são importantes para uma percepção clara dos pressupostos genealógicos revelados não apenas na metodologia adotada pelo filólogo, mas em suas motivações filosóficas também.

A segunda parte, composta pelas seções 2 a 4 e o apêndice traz justamente o conteúdo que Nietzsche anunciava em suas cartas e planos do final de 1867: a discussão a respeito da pseudoepigrafia de Demócrito. Na seção 2, há uma investigação e discussão sobre Trásilo; na seção 3, vemos o trabalho que Nietzsche inicia em 1867, mas acaba sendo abandonado em 1868[284], em que ele discute sobre os escritos inautênticos de Demócrito; e na seção 4, encontra-se textos de um trabalho sobre as πίνακες de Demócrito. Nesta parte o caráter filológico dos estudos de Nietzsche sobre Demócrito fica mais claro dado o seu conteúdo, no qual ele se coloca em discussão com a tradição literária, fontes e suas conclusões, desenvolvendo algo muito próximo daquilo que Rose faz com os escritos de Aristóteles, pondo em prática sua filologia cética[285].

---

[280] Cf. Essa consideração nietzscheana do cristianismo é amplamente conhecida graças ao prólogo de *Além do bem e do mal,* em que o cristianismo é descrito como "platonismo para o 'povo'" (*BM,* prólogo, p. 8).

[281] Cf. *KGW* 1-4, p. 401.

[282] Me refiro aqui principalmente ao livro IX, em que parte é dedicada à reconstrução da biografia e catalogação das obras de Demócrito feitas por Laércio. Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. 2 IX, p. 442-461.

[283] São eles: *De fontibus Diogenis Laertii,* de 1867, e *Beiträge zur Quellenkunde und Kritik des Laertius Diogenes,* de 1870.

[284] Cf. *KGB* 1-2, p. 245-250.

[285] Segundo Carrión Arias: "Nietzsche pretendia empreender esse estudo questionando os escritos atribuídos a Demócrito por Diógenes Laércio e suas respectivas fontes, observando também a posição adotada pelo filólogo

Como se vê durante todo o texto, Trásilo aparece em outros momentos, mas na seção 2 o que vemos é uma discussão sobre sua personalidade e sobre as suas escolhas em relação à organização que realiza dos diálogos platônicos em tetralogias. É interessante notar como Nietzsche salienta a personalidade enigmática de Trásilo e como isso gera desconfiança sobre a maneira como ele age em relação aos textos. Ao falar sobre a desconfiança que se deve ter quando "supranaturalistas de todos os tipos"[286] se dedicam à filologia, Nietzsche compara Trásilo ao Fausto, de Goethe, no trato que o segundo tem com o Prólogo de São João, ao querer traduzi-lo para o alemão[287]. O paralelo que Nietzsche realiza entre Trásilo e Fausto se assenta na tentativa de ambos em corrigir algo. No Fausto encontramos a seguinte passagem:

> Escrito está: "Era no início o Verbo!"
> Começo apenas, e já me exacerbo!
> Como hei de ao verbo dar tão alto apreço?
> De outra interpretação careço;/
> Se o espírito me deixa esclarecido,
> Escrito está: No início era o Sentido!
> Pesa a linha inicial com a calma plena,
> Não se apressure a tua pena!
> É o sentido então, que tudo opera e cria?
> Deverá opor! No início era a Energia!
> Mas, já, enquanto assim o retifico,
> Diz-me algo que tampouco nisso fico.
> Do espírito me vale a direção,
> E escrevo em paz: Era no início a Ação![288]

Nietzsche vê na postura de Fausto a depravação da filologia e o desprezo pela tradição e, nesse sentido, percebe em Trásilo o espírito faustiano em relação à tradição. Em outras palavras, Nietzsche sugere que se deva tratar com desconfiança a postura filológica de Trásilo, mas reconhece que a maneira como ele agiu possibilitou perspectivas novas em relação à organização dos textos antigos[289]. Como exemplo disso, na sequência Nietzsche comenta sobre

---

Valentin Rose, que acreditava ter demonstrado a autenticidade da maioria desses escritos" (CARRIÓN ARIAS, 2016, p. 84).

[286] Cf. *MusA* 2, p. 88; *BAW* 3, p. 367; *KGW* 1-4, p. 476. Em nossa tradução, p. 119.

[287] Cf. *MusA* 2, p. 88-89; *BAW* 3, p. 367-368; *KGW* 1-4, p. 476. Em nossa tradução, p. 119.

[288] Cf. GOETHE, J. *Fausto:* uma tragédia. Primeira parte. Tradução de Jenny Klabin Segal. Apresentação, notas e comentários de Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 131.

[289] Sobre esse ponto, apesar de, por um lado, Nietzsche ver com certa desconfiança as conclusões trasílicas, por outro, ele vê a postura e as escolhas adotadas por Trásilo como uma evolução no método de organização dos textos antigos e um certo "desrespeito" aos dogmas metodológicos da tradição filológica, assim como o fez Fausto. Conforme Saliente Carrión Arias: "[...] essa certa depravação em relação aos textos não levou, por vezes, Trásilo a grandes descobertas" (CARRIÓN ARIAS, 2016, p. 95). Isso chama a atenção para o fato de Nietzsche, ao discutir sobre a personalidade de Trásilo e suas escolhas na edição dos textos de Demócrito e Platão, está

o trabalho realizado por Trásilo sobre os escritos de Platão, ao organizá-los em tetralogias, adicionando a eles uma introdução[290]. Com isso, segundo Nietzsche, Trásilo acreditou ter descoberto a organização dada por Platão aos próprios textos, o que resultaria em uma compreensão fiel de seus conteúdos. Nietzsche adverte que Trásilo não foi o único a criar uma organização para os diálogos platônicos, citando a organização feita por Aristófanes de Bizâncio em trilogias, mas dá assentimento à organização de Trásilo, uma vez que naquela época já havia o costume de se organizar a obra em tetralogias[291].

Tendo em vista que o argumento baseado nas predileções literárias pode estar incorreto, Nietzsche apresenta ainda outro argumento para explicar a escolha trasílica pela tetralogia na organização da obra platônica. Ele lembra que Platão, aos olhos de Trásilo "era um pitagórico da velha escola"[292] e, por isso, se encontraria nele a iniciativa de buscar a quaternidade: "que é a fonte e raiz da natureza eterna", da qual o próprio Pitágoras foi eleito como o arauto"[293], o que, por fim, explicaria, então, a existência de 9 tetralogias em que estariam divididas as 36 obras atribuídas a Platão[294].

Como o próprio Nietzsche afirma: "Esta não foi a única vez que Trásilo se aventurou no campo da filologia: segundo sabemos, ele o fez *uma vez mais*, editando também os escritos de Demócrito, seu escritor preferido"[295]. A esse respeito, Nietzsche aponta a aparente contradição presente na relação de Trásilo com Demócrito, dada a sua relação anterior com os escritos platônicos, considerando que são os dois autores representantes de posições filosóficas

---

interessado na questão metodológica principalmente, deixando as conclusões, corretas ou não segundo seu ponto de vista, como uma questão secundária.

[290] Cf. *MusA* 2, p. 89; *BAW* 4, p. 93; *KGW* 1-4, p. 478-479. Em nossa tradução, p. 119.

[291] Cf. *MusA* 2, p. 89; *BAW* 4, p. 94; *KGW* 1-4, p. 479. Em nossa tradução, p. 119.

[292] Cf. *MusA* 2, p. 90; *BAW* 4, p. 95; *KGW* 1-4, p. 480. Em nossa tradução, p. 120. Em uma consideração já da década de 70, Nietzsche faz a seguinte afirmação: "Platão deve aos pitagóricos a hipótese de uma multiplicidade de *onta* e, em verdade, não sensíveis, assim como a doutrina de que as coisas empíricas seriam imitações daquelas verdadeiras *onta*. Como, porém, chegamos a poder saber algo das ideias, posto que vivemos apenas no mundo empírico? De onde chegamos ao *ison*, *agathon*, que todavia não se confronta conosco na efetividade? De onde determinamos aquela semelhança das coisas com a ideia? Aqui vem em auxílio de Platão a doutrina da imortalidade da alma. As almas, como diz Philolau, estão ligadas ao corpo para castigo, o corpo é um cárcere, no qual a divindade as instalou para castigo, do qual elas não estão autorizadas a se libertar por seu próprio poder. Se a alma separou-se do corpo, então ela leva uma existência incorpórea num mundo superior" (*KGW* 2-4, p. 166-167).

[293] Cf. *MusA* 2, p. 90-91; *BAW* 4, p. 95; *KGW* 1-4, p. 480. Em nossa tradução. p. 120-121.

[294] 34 diálogos, a Apologia, e as cartas. Sobre essa divisão das obras de Platão, Cf. ERLER, M. *Die Philosophie der Antike:* Platon. Basel: Schwabe Verlag, 2007.

[295] Cf. *MusA* 2, p. 91; *BAW* 4, p. 96; *KGW* 1-4, p. 481. Em nossa tradução, p. 121.

contraditórias. Entretanto, Nietzsche demonstra que essa possível contradição nas inclinações de Trásilo por Platão e Demócrito se resolve devido ao fato de, aos olhos de Trásilo, Demócrito, assim como Platão, dever ao pitagorismo a origem de seus pensamentos[296].

Já no fim dessa seção dedicada à personalidade de Trásilo, Nietzsche ainda comenta sobre as fontes pelas quais temos conhecimento do trabalho feito por ele, e afirma que a principal fonte sobre seus estudos filológicos é Diógenes Laércio, que obteve tal conhecimento através de um manual de Díocles, um contemporâneo de Trásilo, que o teria seguido e concordado com ele em relação à enumeração das obras de Platão e Demócrito, mas, no que se referia a questões pinacográficas, teria seguido o léxico Περὶ ὁμωνύμων [Dos homônimos], de Demétrio de Magnésia[297].

Seguindo a organização da edição, na sequência, a seção 3 traz algumas das anotações preliminares do trabalho que Nietzsche desenvolve sobre os escritos inautênticos de Demócrito entre os anos de 1867 e 1868. Nos cinco parágrafos que compõe essa parte do texto, vemos claramente o ceticismo metodológico que Nietzsche coloca em prática contra a tradição filológica. O texto se inicia com a seguinte afirmação: "Não é mais apropriado para um historiador literário de nossos dias dormir confortavelmente à sombra da tradição"[298]. Influenciado pelo ceticismo operado por Rose, nos estudos sobre Demócrito, Nietzsche trilha o caminho aberto por seu antecessor, porém, até o ponto em que ele considera produtivo. Por isso, é preciso ter cuidado ao falar que o ceticismo filológico de Nietzsche é próximo ao que Rose administra em seus estudos. Quando falamos da filologia cética nietzschiana, o que estamos dizendo é que, apesar de conversar com a tradição filológica em suas vertentes presentes no século XIX e com o ceticismo de Rose, o que o jovem filólogo, através da experimentação e da prática, está fazendo é criando um novo método que, ao mesmo tempo em que é preocupado com o texto, preocupa-se, em um sentido moral, com os desdobramentos das

[296] Em um fragmento do outono de 1867 e primavera de 1868, Nietzsche descreve da seguinte forma a admiração de Trásilo por Demócrito: "Admiração por Demócrito: o maior adversário de Platão, o pitagórico o πένταθλος (vencedor dos cinco jogos). Aparente contradição na inclinação de Trásilo por Demócrito. Sua versatilidade pouco explica essa admiração. Ter sido adversário de Platão deveria ter colocado Trásilo um pouco contra ele. Que ele fosse pitagórico é uma afirmação estranha. É de se perguntar como Trásilo pôde considerar um pitagórico. A verdade é que os pitagóricos anteriores sentiam a mesma inclinação por Demócrito" (*KGW* 1-4, p. 414).

[297] Cf. *MusA* 2, p. 92-93; *BAW* 4, p. 96-97; *KGW* 1-4, p. 482. Em nossa tradução, p. 122.

[298] Cf. *MusA* 2, p. 93; *BAW* 3, p. 340; *KGW* 1-4, p. 534. Em nossa tradução, p. 122.

conclusões, haja vista a existência nele da consciência das implicações que a visão sobre o mundo antigo tem sobre o seu tempo[299].

Segundo Rafael Carrión Arias:

> Apesar dos jogos de possibilidades metodológicas oferecidos por essa série de textos, lições e discursos, Nietzsche não os desenvolve originalmente no nível teórico. Em outras palavras, Nietzsche não delineia esse novo quadro metodológico a partir de uma prática teórica como filósofo, mas sim a partir de sua atividade prática como filólogo. Até compreender que a mencionada problemática era, no fundo, um chamado para algo muito maior dentro do campo da crítica filosófica, e até alcançar a fama como tal, Nietzsche deve ser considerado originalmente um filólogo, cujos resultados metodológicos (e, portanto, filosóficos) derivam do enfrentamento cotidiano com a prática filológica.[300]

Nessa perspectiva, afere-se que, dentro da economia do texto dos *Democritea,* a nota preliminar em questão funciona como uma advertência contra os extremos: ao acatamento irrestrito à tradição e ao ceticismo extremo, que mina qualquer conhecimento e esgota qualquer base sólida da qual se pretenda partir para uma investigação histórico-literária. Nietzsche lembra: "Alguns se perderam sem leme nas marés turbulentas do ceticismo, outros, para não perderem o pé, agarraram-se a destroços flutuantes e tentaram se convencer de que haviam encontrado um terreno sólido"[301]. O que vemos nessa seção é a reflexão sobre a mudança do paradigma acadêmico dentro da filologia: da confiança ingênua na tradição e no testemunho da Antiguidade para a desconfiança crítica moderna. É de se considerar que Nietzsche entre a primeira e a segunda posição não há grandes diferenças em termos de resultado, haja vista que o conteúdo de ambos se resume na crença e na fidelidade: onde antes havia uma aceitação irrestrita das fontes antigas, agora há uma dúvida generalizada[302]. Aliás, se estivermos certos

---

[299] Para uma compreensão mais clara dessa preocupação de Nietzsche em relação à metodologia e os seus desdobramentos formativos e culturais, basta a leitura da *Enciclopédia de Filologia Clássica* desenvolvida por ele entre os anos de 1871 e 1874, em que ele discute aspectos importantes e caros à formação do filólogo, não apenas apontando as questões metodológicas nela envolvidas, mas, acima de tudo, salientando a importância cultural e moral das implicações que dela se desdobram (*KGW* 2-3, p. 366-438).

[300] Cf. CARRIÓN ARIAS, R. Los estudios Democritea de 1867-68: Nietzsche descubriendo el nuevo método filológico. In: DENAT, C.; WOTLING, P. (eds.)., Nietzsche. Les premiers textes sur les Grecs. Reims: Épure, 2016, p. 79-135. p. 80.

[301] Cf. *MusA* 2, p. 95; *BAW* 3, p. 341; *KGW* 1-4, p. 536. Em nossa tradução, p. 123. A construção desta frase e o seu conteúdo remete à advertência que Nietzche realiza no aforismo 124 de *A gaia ciência:* "Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruge, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais *liberdade* – e já não existe mais 'terra'!" (*GC* III, 124).

[302] Cf. *MusA* 2, p. 95; *BAW* 3, p. 341; *KGW* 1-4, p. 536. Em nossa tradução, p. 123.

sobre isso, ao chamar a atenção para o movimento que as mudanças de perspectivas na filologia ao longo da história operaram sobre as conclusões, levando-as a permanecer nos extremos opostos umas às outras, encontramos no jovem Nietzsche uma ideia seminal daquilo que vemos em sua avaliação madura da cultura ocidental, na qual ele denuncia a escalada do niilismo como o resultado de um processo de transição de um estado de consciência baseado em interpretações absolutas. Sobre isso, escreve Nietzsche:

> Posições extremas não são substituídas por posições moderadas, mas novamente por posições extremas, porém inversas. [...] Uma interpretação soçobrou; porém, porque ela valia como a interpretação, parece como se não houvesse absolutamente nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão.[303]

Em continuidade ao texto, na seção 4, dedicada à discussão sobre as πίνακες dos *Democritea*, Nietzsche desenvolve uma avaliação acerca da pseudoepigrafia dos textos de Demócrito, em que trata sobre a sua autenticidade. Nessa seção há quatro partes, cada uma voltada a discutir um aspecto sobre a autenticidade dos escritos de Demócrito. Nietzsche inicia a discussão da seção levantando questões preliminares acerca da validade do testemunho sobre a falta de escritos de alguns, como é o caso de Sócrates, e a prolixidade de outros, como é o caso de Crísipo e Epicuro. Ele chama a atenção para um aspecto que, por vezes, não é considerado ao se avaliar os testemunhos da tradição: as inclinações, o assentimento a um ou a outro, daqueles que os proferem. Como exemplo, ele lembra da contenda entre os epicuristas e demais escolas e filósofos da época[304].

Mais adiante, em outro trecho, Nietzsche discute a questão da autenticidade e da credulidade acerca das obras atribuídas a filósofos antigos, como ocorre com Aristóteles, e como essas questões foram tratadas por estudiosos da Antiguidade, em especial os pinacógrafos alexandrinos. Nietzsche expressa uma posição cética em relação à validade das opiniões registradas nas πίνακες dos alexandrinos. Ele sugere que, embora a reputação de Aristóteles

---

[303] Cf. *KSA* 12, p. 211-212. Nesse aspecto, o diagnóstico do niilismo moderno que Nietzsche realiza em sua obra posterior, pode ser visto como um desdobramento da consciência que o jovem filólogo possui da própria filologia. É preciso sempre ter em mente que, antes de qualquer coisa, para Nietzsche, a filologia e a função do filólogo possuem, em essência, profundas ligações com o aspecto educacional e formativo da cultura, o que se expressa por meio de sua preocupação com a *Bildung* desde que era um jovem estudante até seu período professoral. Ainda sobre o tema do niilismo como expressão cultural, um excelente material de discussão é o livro de Oswaldo Giacóia, *Nietzsche: o humano como memória e promessa* (2013), em que ele discute as várias faces de representativas do niilismo segundo a perspectiva da filosofia de Nietzsche. Cf. GIACÓIA, O. *Nietzsche:* o humano como memória e como promessa. Petrópolis: Vozes, 2013.

[304] Cf. *MusA* 2, p. 97; *BAW* 3, p. 246; *KGW* 1-4, p. 284. Em nossa tradução, p. 124-125.

como "o polímata" seja amplamente aceita, isso não garante a autenticidade de suas obras[305]. Por meio desse exemplo, Nietzsche critica a tendência ao acatamento das opiniões dos pinacógrafos, que muitas vezes não apresentavam provas convincentes para suas classificações, sem qualquer questionamento, tomando-as como verossímeis com base na autoridade desses e cita, na sequência, a análise que Panaetius realiza sobre alguns escritos denominados como socráticos, reconhecendo apenas alguns deles como autênticos, o que levanta dúvidas sobre a precisão das determinações feitas em Alexandria[306].

Em seguida, ao colocar a problemática acerca das classificações das obras dos autores antigos, Nietzsche sugere então que há de se ver como importante a pesquisa sobre a classificação dos escritos de Demócrito não apenas para se estabelecer um meio para se chegar a um conhecimento seguro sobre o filósofo de Abdera, mas também para se estabelecer claramente questões mais abrangentes sobre a literatura grega e compreender de que maneira a história literária foi construída e interpretada ao longo do tempo[307]. Nietzsche reitera isto citando o proêmio de Laércio, no qual se encontra uma lista classificando os "filósofos que não escreveram nada, que escreveram um livro e que escreveram muito"[308], apontando que o mais interessante dessa classificação é a ausência de filósofos que reconhecidamente não deixaram obras, como é o caso de Tales de Mileto[309]. Ao citar essa situação, Nietzsche reflete sobre a complexidade da transmissão do conhecimento filosófico na Antiguidade, dado que algumas fontes afirmam que Tales escreveu pelo menos duas obras sobre temas astronômicos enquanto outras fontes asseveram que ele nada escreveu. Além disso, também há incerteza sobre a quantidade de escritos atribuídos a outros filósofos, como Anaximandro e Anaxímenes[310], destacando, com isso, a imprecisão que paira sobre o conhecimento da Antiguidade.

Voltando-se para Demócrito, Nietzsche passa a discutir em seu ensaio sobre a atividade literária dele, objetivando verificar a autenticidade e a inautenticidade das obras, por meio de comparações entre as ordenações existentes. Nietzsche, então, apresenta a conclusão de Ritschl

---

[305] Cf. *MusA* 2, p. 97; *BAW* 3, p. 246-247; *KGW* 1-4, p. 285-286. Em nossa tradução, p. 125.

[306] Cf. *MusA* 2, p. 98-99; *BAW* 3, p. 247; *KGW* 1-4, p. 287. Em nossa tradução, p. 125.

[307] Cf. *MusA* 2, p. 99; *BAW* 3, p. 249; *KGW* 1-4, p. 289. Em nossa tradução, p. 125-126.

[308] Cf. *MusA* 2, p. 99; *BAW* 3, p. 249; *KGW* 1-4, p. 289. Em nossa tradução, p. 126.

[309] Cf. *MusA* 2, p. 100; *BAW* 3, p. 249; *KGW* 1-4, p. 290. Em nossa tradução, p. 126.

[310] Cf. *MusA* 2, p. 100-102; *BAW* 3, p. 250-251; *KGW* 1-4, p. 290. Em nossa tradução, p. 126-127.

que, seguindo os alexandrinos e Calímaco, chegou ao número de 300 obras[311], enquanto Trásilo, dessas 300, apontava apenas 75 como autênticas. Através dos apontamentos sobre as posições dispares entre as organizações existentes da obra de Demócrito, o que se pode perceber é que a história da literatura é também formada por falsificações e atribuições de obras a autores, o que resulta na imprecisão das conclusões filológicas a respeito da veracidade das obras[312]. Como bem lembra Nietzsche: Demócrito foi reconhecido como um autor prolífico[313], podendo ter havido exageros na catalogação de suas obras. Assim, nenhum catalogador de suas obras teria maior ou menor credibilidade – tanto Trásilo quanto Bolos. Ainda nessa parte do texto, Nietzsche discute acerca dos testemunhos sobre Demócrito em Laércio a partir de suas fontes.

Findando a segunda parte de nossa divisão, temos o apêndice. Nele, encontramos questões relativas à vida de Demócrito, ao seu atomismo e à sua obra ética – vista por Nietzsche como o cerne da filosofia democritiana. No apêndice, retorna a questão da catalogação dos escritos de Demócrito e a confusão em que ela está envolvida, graças à sua relação com diferentes correntes filosóficas. Porém, com isso, vemos Nietzsche argumentando a favor da importância da obra de Demócrito para tais correntes, sendo ele visto como um marco significativo na história do pensamento científico e filosófico posterior, antigo e moderno[314].

Por fim, há de se notar que, ao tratar dos escritos inautênticos de Demócrito, o que Nietzsche pretendia era realizar com Demócrito aquilo que Rose fez a respeito de Aristóteles, conforme defende Porter[315]. Porém, em verdade, Nietzsche não chega a uma conclusão sobre o

---

311 Cf. *MusA* 2, p. 103; *BAW* 3, p. 252; *KGW* 1-4, p. 296. Em nossa tradução, p. 130. Cf. também RITSCHL, F. *Opuscula Philologica*. Volumem I. Leipzig: B. G. Teubner, 1866. p. 185.

312 Cf. GRAFTON, A. *Forgers and Critics. Creativity and Duplicity in Western Scholarship*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

313 Cf. *MusA* 2, p. 103-104; *BAW* 3, p. 252-254; *KGW* 1-4, p. 290. Em nossa tradução, p. 127. Essa Consideração não é algo restrito à visão que Nietzsche desenvolve sobre Demócrito. Estabeleceu-se entre os estudiosos do filósofo de Abdera uma imagem de que ele se trata de um autor de profusão em várias áreas distintas do conhecimento. A esse respeito, Cf. GUTHRIE, W. *The Presocratic Tradition from Parmenides to Democritus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965; BARNES, J. *The presocratic Philosophers*. London: Henley, 1979; FURLEY, D. *The formation of the Atomic Theory and its Earliest Critics.* Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

314 Como se verá, na seção intitulada *Sobre Demócrito,* dos *Democritea* (Em nossa tradução, p. 157-160), Nietzsche não se preocupa apenas com a questão filológica acerca de Demócrito em seu trabalho vemos que o jovem Nietzsche era consciente sobre os desdobramentos do materialismo democritiano dentro do pensamento moderno, tanto na filosofia quanto na física. Quem realiza um interessante trabalho de apontamento da relação entre a filosofia de Demócrito e a física moderna é Paolo D'Iorio, na introdução que realiza à tradução para o francês do texto de Nietzsche sobre os filósofos pré-socráticos. Cf. D'IORIO, P., La naissance de la Philosophie enfantée par l´esprit Scientifique. In: NIETZSCHE, F. *Les philosophes préplatoniciens*. Combas: L´Éclat, 1994. p. 17-30.

315 Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 37.

número de obras autênticas de Demócrito – nem nesses estudos nem em trabalhos posteriores nos quais essa questão retorna como algo secundário, como se vê, por exemplo, na *Enciclopédia de Filologia Clássica* (1871-1874)[316]. Dito isto, o mais importante desses estudos não é o seu conteúdo em si ou mesmo se há conclusões definitivas sobre a autenticidade ou não das obras de Demócrito, mas sim as suas intenções e o método que está se desenvolvendo e sendo posto em prática por Nietzsche, no qual é possível vislumbrar os pressupostos do método genealógico que caracteriza sua filosofia nos anos posteriores, tema que trataremos no próximo capítulo.

[316] Cf. *KGW* 2-3, p. 366-438.

4 *PHILOSOPHIA FACTA EST QUAE PHILOLOGIA FUIT*

4. 1 A filologia como instrumento crítico: os pressupostos genealógicos

> Se ao pesquisar sobre os escritos perdidos de Demócrito eu não conseguir nada mais do que estimular o apetite por alimentos irremediavelmente perdidos, mal terei alcançado metade do que pretendo. Devemos um funeral a Demócrito, para que o seu espírito irado possa finalmente nos deixar em paz. E contra quem não houve tanto pecado como contra Demócrito? A vida dele não é um martírio para a ciência?[317]

Como já discutido anteriormente, as raízes daquilo que Nietzsche realiza em seus estudos sobre Demócrito se localizam em um momento que antecede esses estudos, remontando ao início da segunda metade da década de 60 e seu contato com Lange e Rose. De Lange, Nietzsche absorve a postura conceitual e as considerações acerca da história do materialismo e, por conseguinte, sobre Demócrito, fazendo que, com isso, surgisse a postura ética do ceticismo alvitrado por sua filologia cética – que também vemos presente em sua filosofia genealógica. Já de Rose, Nietzsche absorve, com as devidas críticas, a metodologia cética sobre as fontes, colocada em prática, como vimos, no texto *Die ΠΙΝΑΚΕΣ der aristotelischen Schiriften,* apresentado na associação filológica em 1867 como uma tentativa correcional à obra *Aristoteles Pseudepigraphus*, mas que amadurece e ganha identidade a partir da pesquisa realizada para os trabalhos sobre Demócrito nesse mesmo ano. Nesse sentido, falar dos pressupostos genealógicos que se encontram nos *Democritea* significa traçar a linha pela qual caminham juntas a filologia cética e a tentativa de resgate filosófico de Demócrito que dá os contornos à perspectiva futura da filosofia e do pensamento de Nietzsche[318].

Diante disso, o que pretendemos defender nessa seção não é a tese segundo a qual já se encontrariam no período filológico de Nietzsche os elementos vistos em sua forma mais fina e acabada no período genealógico, mas sim a tese de que elementos caros à postura do filólogo podem ser compreendidos como pré-genealógicos, denotando, dessa maneira, sincronicidade entre o seu trabalho filológico – aqui, mais especificamente, nos *Democritea* – e seu método genealógico, posto em prática em seu pensamento e obras denominados como filosóficos propriamente ditos. Além disso, ainda que possamos nos referir à genealogia especificamente ao discutirmos o conteúdo da obra *Genealogia da moral*, de 1887, como período genealógico, estamos considerando o espaço temporal que se inicia com a publicação de Humano, demasiado

---

[317] Cf. *KGW* 1-4, p. 403.

[318] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 22.

humano, em 1878, haja vista que algumas de suas hipóteses, teses e argumentos presentes na obra de 1887 já se encontram desde aí colocados, conforme afirma Nietzsche no prólogo de *Genealogia da Moral*:

> Meus pensamentos sobre a *origem* de nossos preconceitos morais – tal é o tema deste escrito polêmico – tiveram sua expressão primeira, modesta e provisória na coletânea de aforismos que leva o título Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres, cuja redação foi iniciada em Sorrento, durante um inverno que me permitiu fazer uma parada, como faz um andarilho, e deitar os olhos sobre a terra vasta e perigosa que meu espírito percorrera até então. Isto aconteceu no inverno de 1876-7; os pensamentos mesmos são mais antigos. Já eram, no essencial, os mesmos que retomo nas dissertações seguintes – esperemos que o longo intervalo lhes tenha feito bem, que tenham ficado mais maduros, mais claros, fortes, perfeitos.[319]

Assim, considerando a polissemia que o tema da genealogia carrega no pensamento nietzschiano, e conscientes dos vários desdobramentos possíveis a se considerar ao discutir seus inúmeros aspectos, nessa seção trataremos do caráter epistemológico da genealogia e a sua relação com a crítica dos valores, considerada por nós um dos caminhos para se traçar a relação entre a filologia e a filosofia a partir dos *Democritea.* No tocante à crítica dos valores, a questão é mais direta, haja vista que a genealogia na perspectiva nietzschiana é uma investigação de cunho axiológico. A esse respeito, Antônio Edmilson Paschoal (2000) afirma que a genealogia surge da contraposição ao problema que se configura a partir da tentativa de cristalização de um conjunto de valores que tem como fim "a auto-diminuição do homem" e que possui como uma de suas estratégias "não se colocar mais a moral e os valores em questão"[320]; e é justamente nessa compreensão da genealogia como contraposição que se verifica o seu caráter epistemológico que remonta o trabalho filológico de Nietzsche. Parte de seu esforço na primeira dissertação de *Genealogia da moral* se assenta na iniciativa de delinear qual é o propósito de sua investigação e distanciá-la de outras genealogias, propostas outrora pelos "psicólogos ingleses"[321]. Nietzsche denuncia a "falta de *espírito histórico*" da perspectiva assumida por eles. Segundo ele: "[...] Todos eles pensam, como é o velho costume entre filósofos, de maneira *essencialmente* a-histórica"[322]. Nietzsche observa na genealogia dos ingleses um tipo de análise

---

[319] Cf. *GM* Prólogo, §2, p. 7-8. De acordo com Oswaldo Giacóia, a "explicação genealógica" já se encontra explicitada em *Humano, demasiado humano*, e não se refere apenas ao problema moral, que é o que vemos ocorrer na *Genealogia da moral* (GIACÓIA, 2000, p. 46).

[320] Cf. PASCHOAL, A. E. O procedimento genealógico de Nietzsche. In: *Revista Diálogo Educacional*. v. 1, n. 2, p. 1-21, 2000. p. 4.

[321] Cf. *GM* I, §1, p. 15.

[322] Cf. *GM* I, §2, p. 16.

que acaba por, na verdade, colocar os valores acima de qualquer possibilidade de avaliação e crítica, haja vista serem definidos a partir de sua utilidade, e disso resultar necessariamente sua valoração, por princípio e causa, segundo tal perspectiva.

Avessa a esta postura, em Nietzsche, a genealogia não admite que os valores possuam uma existência em si ou que possuam uma realidade ontológica, mas o oposto disso: que são gerados, produzidos[323]. Enquanto na perspectiva criticada por Nietzsche os valores têm causa em si e são assumidos como fatos; doravante, em sua perspectiva, eles não passam de interpretações. Segundo ele: "O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: – foi lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para o ser humano,* fomos nós que o criamos"[324]. Em um fragmento do outono de 1885, encontramos uma formulação parecida a esta*,* na qual Nietzsche objetiva não o valor de forma generalista, mas o valor moral: "Não existem fenômenos morais, mas apenas uma interpretação moral"[325]. Também, já em *Humano, demasiado humano,* em *Das coisas primeiras e últimas*, no aforismo *Defeito hereditário dos filósofos,* Nietzsche já demonstra a consciência que o seguirá ao longo dos anos acerca do valor dos valores e sua interpretação:

> Todos os filósofos têm em comum o defeito de partir do homem atual e acreditar que, analisando-o, alcançam seu objetivo. Involuntariamente imaginam 'o homem' como uma *aeterna veritas* [verdade eterna], como uma constante em todo o redemoinho, uma medida segura das coisas. Mas tudo que o filósofo declara sobre o homem, no fundo, não passa de testemunho sobre o homem de um espaço de tempo *bem limitado.* Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos. [...] Mas tudo veio a ser; *não existem fatos eternos:* assim como não existem verdades absolutas.[326]

Tais considerações de Nietzsche são exemplo de como a genealogia insurge contra a tendência cristalizante averiguada por ele e esclarecem que a genealogia tem como fundamento questionar o valor dos valores via investigação das condições das quais este veio à tona, se desenvolveu, ganhou corpo e se modificou[327]. Nas palavras de Foucault no ensaio *Nietzsche, a genealogia e a história,* na obra *Microfísica do poder* (1998): "A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos, riscados, várias

[323] Cf. MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade.* São Paulo: Paz e Terra, 2017.

[324] Cf. *GC* IV, §301, p. 204.

[325] Cf. *KSA* 12, p. 149.

[326] Cf. *HH,* §2, p. 16.

[327] Cf. *GM,* Prólogo, §6, p. 12.

vezes reescritos"[328]. Assim, é auspicioso compreender que a genealogia, como método, busca investigar as origens históricas e os processos de formação dos valores. Nessa perspectiva, para Nietzsche, a genealogia atua como um instrumento capaz de revelar como as concepções e crenças são, na realidade, produtos de condições históricas, relações de poder e impulsos humanos fundamentais. De acordo com Foucault:

> Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há 'algo inteiramente diferente': não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.[329]

Com isso, do ponto de vista epistemológico, a genealogia, conforme tratada até aqui, opõe-se à ideia de um conhecimento neutro e impessoal. Pelo contrário, Nietzsche argumenta que todo conhecimento está vinculado a perspectivas específicas, moldado por forças psicológicas e sociais[330]. Depreende-se disso que a genealogia nietzschiana não busca ser somente uma reconstrução histórica dos valores, mas também um questionamento radical sobre os fundamentos epistemológicos que sustentam as nossas crenças. Consequentemente, ao desvelar as estruturas de poder e contingências históricas por trás do conhecimento, Nietzsche desafia a tradição filosófica e propõe uma abordagem mais dinâmica e crítica. Como um exemplo dessa questão, basta lembrarmos da crítica de Nietzsche ao pensamento cartesiano e kantiano: ele rejeita a ideia de um sujeito cognoscente autônomo e racional que acessa a verdade de forma pura e desinteressada. Para ele, todo conhecimento é uma interpretação mediada por nossos instintos e por estruturas culturais[331].

---

[328] Cf. FOUCAULT, M. *Microfísica do poder.* Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 15.

[329] Cf. Ibid. p. 17-18.

[330] Essa tese se alinha à concepção de vontade de potência, na qual a verdade e/ou as verdades têm origem no interesse humano – fluido e variável –, contrariando, dessa maneira, a perspectiva segundo a qual elas são vistas quase como entidades objetivas e fixas. Indo ao mais básico, ao cerne, dessa questão, conforme Roberto Machado (2017) definiu: "[...] a genealogia, seja qual for o objeto a que ela se aplique, [deve ser vista] como uma teoria da vontade de potência" (MACHADO, 2017, p. 100), o que se confirma, seguindo a intuição nietzschiana em alguns de seus textos; entre os quais se encontra *Além do bem e do mal*, onde encontramos a seguinte passagem: "Toda a psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas. Compreendê-la como morfologia e *teoria da evolução da vontade de poder,* tal como faço – isto é algo que ninguém tocou sequer em pensamento" (*BM,* §23, p. 29).

[331] Sobre essa questão, Cf. BAILEY, T. As abordagens de Nietzsche acerca da epistemologia e da ética kantianas. In: *Cadernos Nietzsche*. n. 29, p. 353-394, 2011; BARBOSA, I. Niilismo e subjetividade: Nietzsche crítico das metafísicas de Descartes e Kant. In: *Controvérsia*. v. 6, n. 3, p. 77-91, 2010; DUTRA DE AZEREDO, V. A interpretação em Nietzsche: perspectivas instintuais. In: *Cadernos Nietzsche*. n. 12, p. 71-89, 2002.

Buscando os pressupostos dessas ponderações na filologia posta em prática por Nietzsche, é preciso ter em mente que ele, enquanto filólogo, inaugurou uma metodologia que se desenvolveu e se mostrou estranha, em alguma medida, ao fazer filológico empregado por seus pares – principalmente a partir de *O nascimento da tragédia*. Ao proceder com o método genealógico, o que Nietzsche fez foi lançar mão de hipóteses sobre a procedência – da moral, nesse caso específico[332]. Entretanto, voltando os olhos para o seu trabalho filológico, em particular, para os *Democritea,* vemos Nietzsche se utilizando da mesma prática metodológica, porém, com o objetivo de discutir a autenticidade ou inautenticidade dos textos democritianos, partindo de uma investigação das condições e circunstâncias das quais as avaliações e ponderações sobre eles surgiram; questionando o dogmatismo presente nas conclusões encontradas sobre esse tema.

Com o desenrolar dos seus estudos sobre Demócrito, Nietzsche passa a abrir os horizontes de seu método filológico ao problema epistemológico, o que ocorre a partir do esforço empreendido nos *Democritea*, onde, pela primeira vez, encontramos a filologia vista e aplicada como um "método de recuperação de materiais históricos"[333], alinhando para isso: o método cético depurado da influência de Rose, as teses filosóficas de Lange – as quais abriram novas perspectivas para as leituras que Nietzsche realiza de Demócrito –, e o próprio Demócrito. Essa tríade de influências passou a fomentar o conteúdo crítico do pensamento nietzschiano daquele período e, também, posterior.

Desse ponto em diante, a perspectiva epistemológica assumida por Nietzsche pressupõe a utilização das fontes como base para perscrutar a autenticidade dos textos democritianos; porém, sempre dando um passo atrás, e colocando em questão o acatamento dogmático à autoridade delas, afirmada historicamente pela tradição. Juntamente a isso, influenciado por Lange e por Demócrito, desenvolve-se em Nietzsche a consciência do problema metafísico acerca da origem dos valores, da linguagem e, por conseguinte, da cultura. Dessa forma, nesses estudos encontramos, ainda de forma embrionária, os pressupostos epistemológicos de seu método genealógico, os quais podemos apontar como o resultado da fusão entre a investigação filológica e a crítica filosófica. Isso significa dizer que no interior do pensamento de Nietzsche desse período há um movimento, um percurso realizado, do texto, da história, ao conceito e vice-versa.

---

[332] Cf. *GM,* Prólogo, §4, p. 9.

[333] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 21.

A partir dos *Democritea*, na maneira como se desenvolve a própria personalidade do pensamento nietzschiano, o jogo metodológico que se encontra em prática consiste na consideração de que toda filosofia, em seu âmago, é uma crítica filológica e, por sua vez, de que toda filologia é indissociável da inquirição filosófica. Tendo isso em vista, podemos apontar essa intuição como o cerne de toda a economia conceitual e metodológica assumida por Nietzsche também nos trabalhos posteriores. Tamanha é a sua inclinação a essa tese que, em sua primeira palestra como professor de Filologia Clássica da universidade de Basileia, em 1869, recorrendo às palavras de Sêneca, ele conclui: "A filosofia tornou-se aquilo que a filologia foi"[334].

4. 2 O giro filosófico do pensamento nietzschiano

Entre as controversas perspectivas que se criaram a respeito da filologia nietzschiana, podemos apontar como um ponto de consenso entre seus partidários e críticos a consideração de que Nietzsche não foi um filólogo convencional e muito menos esteve comprometido com os preceitos da filologia de seu tempo[335]. Em grande parte, isso se deve ao método por ele empregado, fruto, conforme buscamos defender, das influências das leituras de Rose, Lange e Demócrito que ele realizou ainda como um jovem estudante de filologia. Disso, resultou que Nietzsche, ainda filólogo, incorporou entre suas preocupações questões que não se restringiam ao campo da tradicional filologia de sua época, visto que aos interesses que ele passa a desenvolver já não era suficiente a filologia entendida como uma ciência na qual os estudos da antiguidade e dos textos serviriam para compreender as questões de um momento passado, de forma estanque.

Contrário ao que se pensou por seus detratores, Nietzsche não deixou de prezar pela cientificidade e pela historicidade como pontos importantes do trabalho filológico. Entretanto, o que ele concebeu – e, talvez, isso foi um dos motivos da estranheza de parte dos filólogos de sua época em relação ao seu método – foi um projeto no qual a filologia ganhou um pano de fundo filosófico, conforme ele mesmo aponta em *Homero e a filologia clássica:* "Toda e qualquer atividade filológica deve ser cercada e imbuída [*eingehegt*] por uma visão de mundo

[334] "philosophia facta est quae philologia fuit". Cf. *KGW* 2-1, p. 268.

[335] Cf. NASSER, E. Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos. In: *Hypinos.* v. 34, p. 79-104, 2015. 2015. p. 80.

filosófica"[336]. Apesar de Nietzsche vir fomentando e amadurecendo esta consciência desde seus trabalhos, cartas e anotações dos períodos estudantis, ao trazer a público isto, ele acaba por romper com uma visão amplamente encontrada entre seus pares, presente também nas instituições de ensino, onde a filologia é concebida puramente como uma ciência analítica, abrindo os horizontes, com isso, para uma perspectiva segundo a qual, com o auxílio da filosofia, a filologia passa a não só se comprometer com a rigidez do cientificismo, mas também, com a tarefa de edificar novas perspectivas da modernidade, a partir da percepção da Antiguidade como um "mundo ideal"[337].

Nesse sentido, a tese que buscamos defender desde o início de nosso trabalho é contrária àquela em que Nietzsche é visto como um filólogo que compartilhou com seus contemporâneos perspectivas e teses amplamente difundidas naquele momento da Alemanha oitocentista. Como exemplo de tese a que nos opomos, podemos citar a levantada por Manfred Riedel que, em seu texto *Die Erfindung des Philologen. Friedrich August Wolf und Friedrich Nietzsche* (2000) afirmou que o Nietzsche filólogo teria sido um wolfiano contumaz, ocorrendo somente a partir de *O nascimento da tragédia* um distanciamento seu em relação ao método e à visão amplamente difundidos na época[338]. Longe disso, apesar de Nietzsche ser um exímio estudioso e filólogo reconhecido por seus colegas e por Ritschl, seu mestre na Juventude[339], ao pôr em prática uma filologia filosófica, mesmo antes de essa sua requisição vir a público, ele se distancia da filologia tradicional e, consequentemente, metodologicamente de seus contemporâneos, como Wilamowitz, Jahn e Ritschl que, apesar de possuírem diferenças metodológicas entre si, compartilhavam da posição de que se deveria evitar aproximações com a filosofia, e preocupar-se única e exclusivamente com o método; ou, em outras palavras, com

---

[336] Cf. *KGW* 2-1, p. 268. A esse respeito, Roberto Machado é cirúrgico ao tratar da receptividade da filologia nietzschiana entre os filólogos alemães. Segundo ele: "os filólogos não puderam suportar que sua ciência fosse submetida a objetivos filosóficos, reduzida a um instrumento para a exposição de um pensamento filosófico sobre a vida" (MACHADO, 2005, p. 34).

[337] Cf. *KGW* 2-1, p. 249.

[338] Cf. RIEDEL, M. Die Erfindung des Philologen. Friedrich August Wolf und Friedrich Nietzsche. In: ADRIAANSE, H. J.; ENSKAT, R. (eds.). *Fremdheit und Vertrautheit. Hermeneutik im europäischen Kontext.* Leuven: Peeters, 2000. p. 120.

[339] É importante reiterar o fato de Nietzsche ter assumido a cátedra de Filologia Clássica da Universidade de Basileia após ser indicado por Ritschl quando ainda tinha 24 anos, Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 209. Este fato sozinho já é capaz de combater aquela tese levantada pelos inquiridores do jovem filólogo após a publicação de *O nascimento da tragédia,* como é o caso de Wilamowitz, que não pouparam esforços na tentativa de desacreditar a seriedade científica de Nietzsche.

o caráter cientificista da filologia[340]. Isso não significa que Nietzsche se encontrava alheio ou que não se preocupava com o método filológico. Em um fragmento em que avalia o seu período de estudante na universidade de Leipzig, Nietzsche relembra que aquilo que mais lhe capturava a atenção não era a "matéria das aulas", mas a "forma com a qual o professor trazia sua sabedoria"; "o método", e continua: "foi aquilo pelo que participei vivamente"[341]. Entretanto, desde o início de seus estudos filológicos, Nietzsche demonstra um profundo anseio por autonomia intelectual, o que se tornará não só uma das características principais de suas ideias filológicas, mas também filosóficas. Em carta enviada a Hermann Mushake em 30 de agosto de 1865, ele demonstra seu temor de ser: "determinado por homens como Ritschl" e acabar se afastando "da própria natureza"[342].

Como discutimos anteriormente, o resultado da postura e da consciência intelectual de Nietzsche é a sua filologia cética, marcada por seu caráter filosófico. Nesse sentido, ainda que se localize claramente um pensamento filosófico em Nietzsche a partir do final da década de 1870 e que alguns autores, conforme discutimos acima, apontem como o início desse processo a publicação de *O nascimento da tragédia,* esse movimento em seu pensamento se inicia antes, remontando aos seus anos estudantis – período em que desenvolve diversos trabalhos elogiados por Ritschl e, também, os *Democritea.*

Ainda, é interessante notar que a requisição nietzschiana de uma perspectiva filosófica como pano de fundo para a filologia destoa até mesmo daqueles que requeriam também essa aproximação, como no caso de Schlegel, que afirma que "o filólogo mesmo deve ser filósofo"[343], isso porquê, Nietzsche, ao reivindicar uma filologia filosófica, o faz a partir da solicitação de que o filólogo deve se compreender como um sujeito de conhecimento no processo da análise histórica – aquilo que Eduardo Nasser (2015) define como "inclinação

[340] Cf. FIGL, J. Hermeneutischen Voraussetzung der philologischen Kritik. Zur wissenschaftsphilosophischen Grundproblematik des im Denken des Jungen Nietzsche. In: Nietzsche Studien. v. 13, n. 1, p. 111-128, 1984. p. 113. Em um fragmento de 1867-1868, Nietzsche já traça um comentário sobre a metodologia de Ritschl: "Ele superestimava incondicionalmente o seu campo de estudo e, devido a isso, relutava em admitir que os filólogos se aproximassem da filosofia" (*KGW* 1-4, p. 520). Já em uma carta de fevereiro de 1872, Ritschl acentua o seu distanciamento para com a visão defendida por Nietzsche acerca da necessidade de se fazer uma filologia filosófica. Na referida carta, Ritschl lembra seu pupilo de que sua natureza se encontra ligada ao historicismo e que a ele parece não haver qualquer "redenção do mundo" em um "sistema filosófico" (*KGB* 2-2, p. 541).

[341] Cf. *KGW* 1-4, p. 511.

[342] Cf. *KSB* 2, p. 8.

[343] Cf. SCHLEGEL, F. Zur Philologie I. In: *Kritische Ausgabe*, 16. Paderborn: Ferdinand Schöning, 1981. p. 35.

kantiana, da consciência epistemológica do filólogo"[344]. Apesar de Nietzsche, no que tange à solicitação da filosofia como meio de amparo à tarefa do filólogo se aproximar daquela feita por Schlegel, o caminho feito por Nietzsche pareceu inviável a Schlegel, visto que a este parece haver uma incompatibilidade intransigível entre o apriorismo kantiano e a historicidade do filólogo[345], dado que, conforme em um outro fragmento, ele afirmar: "o filólogo é um sujeito histórico"[346], negando, com isso, a possibilidade de que exista na análise do filólogo qualquer interferência da subjetividade.

Nesse ponto, reaparece a figura de Lange como uma importante influência do pensamento nietzschiano, uma vez que o desenvolvimento do método cético que Nietzsche põe em prática nos estudos sobre Demócrito ocorre concomitantemente ao giro filosófico de seu pensamento, podendo ser compreendido como um de seus resultados. Como se sabe, Lange foi um neokantiano que viu a filosofia como um caminho para a consciência epistemológica do indivíduo como sujeito de conhecimento e, nesse sentido, ele exerceu profunda influência também nas predileções e perspectivas filosóficas do jovem filólogo, haja vista que Nietzsche parece herdar de Lange a recusa de uma perspectiva puramente museológica para o desenvolvimento das considerações históricas do trabalho filológico[347], além de, como vimos, ter um papel decisivo no desenvolvimento do interesse de Nietzche por Demócrito. Assim, o entrelaçamento da filosofia com a filologia nos trabalhos de Nietzsche se dá a partir do momento em que ele compreende e vê o filólogo não somente como um analista impessoal, mas como um construtor que deixa suas marcas no conhecimento que edifica sobre a antiguidade.

A esse respeito, são reveladores os textos que Nietzsche desenvolve durante os seus estudos sobre Demócrito, haja vista que o que ele realiza em seus estudos ao discutir sobre a veracidade ou não dos textos democritianos é analisar em que medida as predileções dos estudiosos antigos do *corpus* democritiano deram forma à imagem de Demócrito encontrada na esteira da tradição filosófica. Nesse sentido, o caráter filosófico do método cético da filologia nietzschiana parte da consciência desenvolvida por ele do sentido edificante da tarefa do filólogo, que passa a povoar seus escritos e correspondências do final da década de 60 e início

---

[344] Cf. NASSER, E. Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos. In: *Hypinos.* v. 34, p. 79-104, 2015. p. 87.

[345] Cf. SCHLEGEL, F. Zur Philologie I. In: *Kritische Ausgabe*, 16. Paderborn: Ferdinand Schöning, 1981. p. 35.

[346] Cf. Ibid. p. 49.

[347] Cf. LOPES, R. A. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche.* 2008. 573f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. p. 47.

da década de 70[348]. Conforme nos recorda Porter: "A filologia cética de Nietzsche e o seu resgate de Demócrito da tradição filosófica são uma e a mesma peça. Juntos, eles compõem a perspectiva de seus anos vindouros"[349].

Nesse ínterim, ocorre que, com as reivindicações filosóficas que Nietzsche passa a realizar – no caso, em seus estudos sobre Demócrito –, surge uma nova valoração dos estudos sobre a antiguidade, diferente daquela a que se chega pelas vias da filologia clássica, denunciada por ele como tendo decaído e se tornado um dogmatismo científico. Daí em diante, devemos ver o trabalho filológico de Nietzsche não apenas como uma análise dos textos antigos, mas como uma ressignificação crítica do método filológico. Paralelo a isto, desenvolve-se também o caráter filosófico de sua filologia, na qual insurgem as exigências interpretativas de autocrítica acerca da formação do filólogo e, de forma mais ampla, de sua preocupação com a *Bildung* e a cultura, temas que povoam seus textos do final da década de 1860 e primeira metade da década de 1870, como no caso de sua conferência de 1869, *Homero e a filologia clássica,* na qual encontramos a seguinte exortação em sua conclusão:

> Ao filólogo cabe imprimir a meta de suas aspirações e o caminho para elas na fórmula breve de uma confissão de fé; e, sendo assim, que isto seja feito invertendo uma frase de Sêneca: "philosophia facta est quae philologia fuit" [A filosofia tornou-se aquilo que a filologia foi]. Com isso, deve pronunciar-se que toda e qualquer atividade filológica deve ser abarcada e cercada por uma cosmovisão filosófica, na qual tudo o que é particular e isolado seja dissipado, enquanto rejeitável, e apenas subsistam o todo e a uniformidade. E, assim, deixai-me esperar que com esta orientação não venha a me tornar um estranho entre vós; dai-me a confiança de que eu, trabalhando com esta convicção, também estarei em posição de corresponder condignamente à distinta confiança que as altas instituições desta comunidade têm mostrado para comigo.[350]

Neste sentido, o giro filosófico do pensamento nietzschiano ocorre ao mesmo tempo em que se desenvolve a sua consciência muito particular de que a filologia não deve ser somente uma disciplina técnica de análise de textos, mas deve integrar uma visão mais ampla que envolva arte, filosofia e ciências naturais. Nietzsche vê a filologia como um método que permite uma compreensão mais profunda da cultura e da condição humana. Em outras palavras,

---

[348] Veja-se aqui o caso de uma passagem encontrada na *Enciclopédia da filologia clássica*: "Ele (o filólogo) precisa estudar filosofia a partir da necessidade mais íntima. Aqui se torna útil para ele a associação entre Platão e Kant. Ele precisa primeiramente se convencer pelo idealismo e corrigir suas visões ingênuas da realidade: uma vez conquistado esse acesso fundamental, ele adquire a coragem de considerações maiores e não temerá mais os paradoxos aparentes: o senso comum não irá mais se impor para ele. Ele precisa ter a coragem agora de procurar o seu caminho sozinho" (*KGW* 2-3, p. 372).

[349] Cf. PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a. p. 22.

[350] Cf. *KGW* 2-1, p. 268-269.

Nietzsche propõe que a filologia deve dialogar com outras áreas do saber, como história e ciências naturais, buscando uma compreensão transdisciplinar. Ele acredita que a filologia não pode existir isoladamente, mas deve estar conectada a uma visão filosófica do mundo[351]. A esse respeito, em carta enviada a Richard Wagner, Erwin Rohde, ao comentar sobre a polêmica de Wilamowitz, capta o giro filosófico realizado por Nietzsche, publicizado com *O nascimento da tragédia*, e escreve:

> Nosso amigo se associa, com prazer, de todo coração, a esses esforços alemães vivos e atuais, realizados por um grande e célebre artista. Ele tem o direito de acreditar que, com isso, não está abandonando sua ciência histórica da Antiguidade grega, mas a assumiu em sua vitalidade mais profunda. São necessárias coragem e confiança no valor de sua causa para se expor, em plena consciência, por meio da publicação de tal livro, aos julgamentos voluntária ou involuntariamente injustos dos colegas mais próximos. Nosso amigo adquiriu essa confiança sobretudo, caro mestre, a partir da esperança generosa e inabalável do senhor, a partir da sua ação conduzida pela certeza, plena de esperança, que supera a 'resistência do mundo obtuso' e se dirige a uma consumação esplêndida. Nessa confiança de que o futuro possa esperar uma vida de prosperidade, a partir dos esforços mais nobres do presente, ele certamente transformará em um presságio afortunado a maldade do difamador que pensou infligir-lhe um verdadeiro sofrimento com o título 'Filologia do futuro!'. Quem conhece o porvir? Mas podemos desejar e esperar, sem presunção, que nosso amigo siga seu caminho sem se desviar e possa vir a ser, justamente como um autêntico filólogo, "um cidadão dos que estão por vir".[352]

Essa carta de Rohde é interessante, ao apresentar uma visão além daquela que o próprio Nietzsche possuía sobre o seu pensamento filológico e dos direcionamentos presentes em suas afirmações no período de *O nascimento da tragédia*; ela aponta para a direção que Nietzsche, em seus trabalhos e reflexões filosóficas, tomaria, afastando-se do trabalho profissional da filologia para se aproximar da filosofia posteriormente. Como bem se sabe, após dez anos de dedicação como professor de filologia clássica da universidade de Basileia, em 1879, Nietzsche abandona a carreira professoral e passou a viver uma vida errante, em busca de melhores condições de saúde[353]. Entretanto, em grande parte, seu afastamento do meio filológico profissional se deve à extrapolação dos limites impostos entre filologia e filosofia que o seu pensamento realiza. Desse momento em diante, encontramos entre suas obras publicadas e

---

[351] Cf. PORTER, J. L. Nietzsche's Radical Philology. In: HEIT, H.; JENSEN, A. K. (Ed.)., *Nietzsche as a Scholar of Antiquity.* New York/London: Bloomsbury Academic, 2014.p. 27-50. p. 31-32.

[352] Cf. ROHDE, E. Filologia retrógrada [Afterphilologie]. In: MACHADO, Roberto (org.). *Nietzsche e a polêmica sobre 'O nascimento da tragédia'*. Texto de Rohde, Wagner e WilamowitzMöllendorff. Tradução de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 87-128. p. 127-128.

[353] Cf. JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 1, p. 660-662.

anotações a publicização de sua personalidade filosófica que veio sendo gerida desde a sua mais tenra filologia.

Por fim, vale apontar que realizaremos na próxima seção um balanço da relação entre os escritos de juventude e as obras do período intermediário de Nietzche – também denominado como genealógico –, com o intuito de demonstrar a relevância de se erigir uma compreensão do fio condutor das preocupações do filósofo que atravessa toda a sua obra e, com isso, contrariar a tese segundo a qual não haveria qualquer ligação entre as suas obras juvenis e aquelas surgidas em seu período intermediário e maduro.

4. 3 Nietzsche e a filologia do futuro

4. 3. 1 A relação entre os escritos de juventude e a obra intermediaria

> Acredita-se que a filologia está no fim – e eu acredito que ela ainda nem começou.[354]

No texto *Verdade e linguagem em Nietzsche* (2014), Scarlett Marton realiza o seguinte comentário a respeito da relação de Nietzsche com a filologia: "sua formação em Filologia clássica sempre se fará sentir como um recurso metodológico em seu trabalho"[355]. Tal como discutido anteriormente, diversos pressupostos da filosofia genealógica de Nietzsche têm suas raízes entronizadas já em seu método e fazer filológico – por nós discutido a partir de seus *Democritea.* Ainda que se assuma entre os seus estudiosos, para uma melhor compreensão, a existência de três períodos das obras e pensamento de Nietzsche – marcados cada um por aparentes contradições entre si –, é fato que ao confrontarmos o horizonte do pensamento nietzschiano, encontramos é um pensamento direcionado desde sua mais tenra origem por um fio condutor, um cerne, balizado por seu método cético fomentado desde a sua juventude. Conforme aponta Kaufmann (2013): "As contradições aparentemente mais profundas podem ser resolvidas pela descoberta de um contexto mais amplo, qual seja, o da filosofia de Nietzsche, seu desenvolvimento e suas intenções básicas"[356]. Assim, resta-nos nos colocarmos na tarefa de apontar quais são as possíveis relações entre as obras filológicas de Nietzsche e aquelas

---

[354] Cf. *KGW* 4-1, p. 110.

[355] Cf. MARTON, S. Nietzsche e o problema da linguagem: a crítica enquanto criação. In: LIMA, M.; ITAPARICA, A. (org.). *Verdade e linguagem em Nietzsche*. Salvador: EDUFBA, 2014. p.15- 42. p. 17.

[356] Cf. KAUFMANN, W. *Nietzsche:* philosopher, psychologist, antichrist. Princeton: Princeton University Press, 2013. p. 14.

surgidas em períodos posteriores[357]; e, nesse sentido, Blondel (1985) dá boas pistas para a delimitação da relação existente entre os escritos filológicos e os filosóficos de Nietzsche. Segundo ele:

> E se a cultura fosse para Nietzsche filólogo, com efeito, exatamente um texto, um discurso determinado? E se, em particular, a "cultura" decadente, a moral, fosse na verdade, literalmente, uma maneira de falar? Nesta hipótese, o genealogista se encontraria diante de um texto e de um discurso cuja ordem, tipo e disposição poderiam bem, com efeito, depender de uma análise retórica, linguística, filológica.[358]

Nos seus estudos iniciais, especialmente nos fragmentos dos *Democritea* (1867-1870), Nietzsche já apresenta uma postura crítica em relação às tradições textuais, questionando a autoridade das fontes e os critérios de autenticidade empregados pela filologia acadêmica de seu tempo. Seu método não se restringe à reconstrução objetiva do passado, mas opera por meio de um ceticismo sistemático, voltado à desconstrução das narrativas herdadas. Essa postura não se esgota no plano técnico ou documental, mas revela uma inquietação mais profunda: a suspeita de que aquilo que se apresenta como verdade histórica é resultado de disputas interpretativas e sedimentações arbitrárias.

Assim, apesar das aparentes contradições e distinções entre as obras de juventude – filológicas – e as obras do período intermediário – filosóficas –, a relação que entre elas se apresenta é de complementaridade e transição, na qual a filologia é colocada como a base para a elaboração filosófica. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que a filosofia de Nietzsche não nasce e se desenvolve num processo de negação, contra a filologia, mas sim a partir dela, como um dos seus desdobramentos críticos. Nessa perspectiva, o que muda não é tanto o gesto investigativo, mas seu objeto e seu alcance. Em outras palavras, enquanto na filologia, dá-se uma crítica a fontes antigas; na filosofia, Nietzsche passa a estabelecer críticas aos valores modernos – um movimento que parte da análise dos textos e se encaminha à análise das forças e perspectivas que os moldam. Dessa forma, a tese que estamos defendendo nesta seção pode se resumir na seguinte proposição: Nietzsche é filósofo enquanto filólogo e filólogo enquanto

---

[357] Parte de nosso esforço aqui é por contrariar a imagem que se criou sobre a obra de Nietzsche, segundo a qual não haveria ligações importantes entre seus trabalhos filológicos e seus trabalhos filosóficos, fazendo surgir duas linhas de recepção da obra nietzschiana: uma que se limita a apenas discutir a obra filológica; e outra que se limita a discutir a sua obra filosófica. Ambas se excluem mutuamente. A primeira, toma como matéria-prima de suas discussões os escritos anteriores à publicação de *O nascimento da tragédia*, enquanto a segunda dá exclusivamente importância ao seu trabalho filosófico, desenvolvido a partir de 1872.

[358] Cf. BLONDEL, E. As aspas de Nietzsche: filologia e genealogia. In: MARTON, S. (Org.)., *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. Tradução de Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldeberg. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 110-139. p. 111-112.

filósofo; isso porque não se pode bem compreender a sua filosofia sem partir de sua filologia. No prefácio à *Aurora* (1881), de 1886, Nietzsche esclarece essa relação ao pedir bons leitores:

> [...] Este prólogo chega tarde, mas não tarde demais; que importam, no fundo, cinco ou seis anos? Tal livro, um tal problema não tem pressa; além do que, ambos somos amigos do *lento*, tanto eu como meu livro. Não fui filólogo em vão, talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura. [...] Pois filologia é a arte venerável que exige de seus cultores uma coisa acima de tudo: pôr-se de lado, dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento – como uma ourivesaria e saber da *palavra*, que tem trabalho sutil e cuidadoso a realizar, e nada consegue se não for *lento.* [...] Ela própria não termina facilmente com algo, ela ensina a ler *bem*, ou seja, lenta e profundamente, olhando para trás e para diante, com segundas intenções, com as portas abertas, como dedos e olhos delicados... Meus pacientes amigos, este livro deseja apenas leitores e filólogos perfeitos: *aprendam* a ler-me bem![359]

Ao exortar à boa leitura, na passagem do prólogo de *Aurora*, Nietzsche estabelece a necessidade de se assumir, no confronto de sua obra, a relação entre sua filologia – seu método – e sua filosofia. Nessa passagem, o Nietzsche maduro apela ao seu leitor que, ao lê-lo, olhe para trás, solicitando que se construa uma visão de conjunto de sua obra[360]. Sob essa ótica, Nietzsche estaria orientando o seu leitor a realizar o movimento contrário ao que a posteridade, por vezes, fez e, com isso, ver "bem mais do que a associação livre de ideias ou a justaposição de meras opiniões", aprendendo "o sentido [...] de seu empreendimento filosófico"[361]. Assim, assumindo a postura pedida por Nietzsche a seus leitores, chegamos a dois resultados benéficos apontados por Marton (2018): aos "[...] parâmetros para localizar o aparecimento de conceitos centrais e detectar as transformações por que eles passam"[362]; e à recuperação das "[...] etapas do processo de elaboração de suas ideias e apontar as diversas apropriações que Nietzsche faz em diferentes momentos de seu itinerário"[363]. Entretanto, se por um lado a supracitada requisição de uma visão de conjunto da obra nietzschiana é corroborada por importantes comentadores e Nietzsche realizá-la em diversos momentos de sua obra, é preciso ter ciência de que as escolhas estilísticas adotadas em seus escritos filológicos e filosóficos – aforismático

---

[359] Cf. *A,* Prólogo*,* §5, p. 13-14.

[360] Nossa interpretação nesse ponto segue a direção apontada por Mazzimo Montinari (1982) e por Werner Stegmaier (2013), segundo a qual é eminente que se estabeleça a relação entre suas obras dos diferentes períodos de seu pensamento para que, com isso, promova-se uma contextualização dos problemas tratados por Nietzsche dentro de um panorama integral de sua obra.

[361] Cf. MARTON, S. Ler Nietzsche como "nietzschiano": questões de método. In: *Revista Discurso.* v. 48, n. 2, p. 7-24, 2018. p. 15.

[362] Cf. Ibid. p. 14.

[363] Cf. Ibid. p. 14.

– não contribuem para tal tarefa, pelo menos aos leitores apressados. O próprio Nietzsche traça um comentário sobre isso no prólogo de *Genealogia da moral:*

> Em outros casos, a forma aforística suscita dificuldade: ela reside em que hoje não se leva suficientemente a sério essa forma. Um aforismo, corretamente cunhado e vertido, não foi ainda "decifrado" ao ser lido; antes é preciso já começar com a sua interpretação, que precisa de uma arte da interpretação. [...] Sem dúvida que para praticar desse modo a leitura como arte faz-se necessário algo que justamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam "legíveis" –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um "homem moderno": o ruminar.[364]

A esse respeito, Marton (2018) comenta:

> não basta seguir as indicações dadas pelo filósofo a seus leitores. De caráter geral, elas poderiam ser aplicadas a qualquer texto filosófico; no limite, a qualquer texto. No trato com os escritos nietzschianos, não há um único método a ser seguido. Vários são os expedientes a que o estudioso terá de recorrer: a análise estrutural e a abordagem genética dos textos, a visão de conjunto da obra, sua contextualização tanto no quadro da história da filosofia quanto no da história cultural e factual europeia, a pesquisa das fontes de que o filósofo se serviu e se apropriou, os estudos de recepção de suas ideias, a investigação acerca das estratégias que elegeu, o exame dos múltiplos estilos de que lançou mão. E, como ponto de partida de seu trabalho, terá de proceder à escolha criteriosa do material, privilegiando edições qualificadas e, quando necessário, traduções confiáveis do corpus nietzschiano, além de sempre partir do *status questionis* para não arrombar portas abertas.[365]

Assim, além de tratar da relação entre as obras da juventude e posteriores de Nietzsche, por vezes obscurecida, é preciso, ainda, traçar um comentário sobre o receptor dessa obra, aquele a quem Nietzsche procurou e nomeou como sendo seu "leitor ideal", sobre quem discutiremos na próxima seção.

4. 3. 2 Um leitor ideal?

Em continuidade ao que foi discutido na seção anterior, ao falarmos de Nietzsche como filólogo ou ao discutirmos sobre a relação de seu trabalho filológico com seu trabalho filosófico, tendo em vista que todo o nosso trabalho tem como ponto inicial a leitura dos *Democritea,* estamos considerando-o como um leitor da antiguidade, por meio dos textos, e da moralidade e do ser humano, por meio da cultura. Assim, ainda que as possibilidades interpretativas que

---

[364] Cf. *GM,* Prólogo, §8, p. 13-14.

[365] Cf. MARTON, S. Ler Nietzsche como "nietzschiano": questões de método. In: *Revista Discurso.* v. 48, n. 2, p. 7-24, 2018. p. 15-16.

possam irromper do tema sejam numerosas, parece-nos prudente discutir, ao fim, como deveria ser o "leitor ideal" da obra nietzschiana, capaz não apenas de ver as intenções contidas em suas obras e textos de forma desagregada, mas, também, de, ao ler, perceber sua integralidade.

Confrontando os textos de Nietzsche, podemos encontrar diversas vezes o autor comentando como deveria ser e solicitando seus bons leitores. Como vimos, isso ocorre no já citado na seção anterior, prefácio de *Aurora*, mas que ocorre pela primeira vez – ao menos na obra publicada – no prólogo de *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino* (1872). Na ocasião, ele escreveu: "O leitor do qual espero alguma coisa tem de ter três propriedades: deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre privilegiar a si mesmo e intrometer a sua 'formação', não lhe é permitido, por fim, esperar na conclusão algo como um resultado, uma listagem"[366]. Se em *Aurora*[367] a solicitação de Nietzsche pode ser vista como um pedido de um filósofo maduro não compreendido por seus contemporâneos, como deveríamos interpretar essa passagem presente no prólogo de *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*?

Como princípio de uma possível resposta, gostaríamos de retomar a passagem de *Aurora,* em que Nietzsche diz: "Não fui filólogo em vão, talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura [...]"[368], uma vez que nela, apesar de ressoar a voz do filósofo, está contida a consciência de filólogo, desenvolvida por ele durante os seus anos de juventude: a consciência da necessidade de dar um passo atrás, definida por nós como sendo parte do seu método – cético –, empregado por ele em seus trabalhos filológicos, como no caso dos *Democritea*. Nesse ponto, ao falar do tema da leitura em Nietzsche, ainda que não se possa ignorar as discussões sobre a proximidade de Nietzsche com as correntes metodológicas presentes na Alemanha oitocentista, iremos tratar do tema proposto aqui a partir de outra ótica, a saber: do método cético, responsável por moldar seus trabalhos filológicos e dar o pano de fundo de sua filosofia, haja vista que, certamente, um bom leitor sempre deve estar ciente do método empregado por aquele que escreveu o texto que ora é lido[369].

Com isso, o leitor ideal de Nietzsche deve ser um "leitor do futuro" – fazendo referência ao título desse capítulo e ao texto desdenhoso de Wilamowitz-Möllendorff –. Esse leitor deve

---

[366] Cf. *KSA* 1, p. 658.

[367] Cf. *A*, Prólogo, §5, p. 13-14.

[368] Cf. *A*, Prólogo, §5, p. 13.

[369] Sobre o tema da proximidade ou não de Nietzsche com as metodologias filológicas presentes em seu período de formação e atuação, Cf. a seção 1. 2. Para uma discussão acerca do tema da leitura em paralelo com a discussão sobre o método empregado por Nietzsche, Cf. NASSER, E. Nietzsche e a busca pelo seu leitor ideal. In: *Cadernos Nietzsche.* v. 1, n. 35, p. 33-56, 2014.

estar consciente dos movimentos internos da escrita e do pensamento de Nietzsche, não compreendidos por seus contemporâneos[370]. Nesse sentido, pensar e tentar traçar o "leitor ideal" de Nietzsche significa recuperar e compreender as valências necessárias a esse ator nas indicações do próprio autor. Ou seja, compreender os caminhos e direções apontados por Nietzsche sobre como não só ele gostaria de ser lido, mas também, sobre como ele gostaria que o seu leitor lesse e interpretasse a cultura, a moral e, em suma, a realidade.

Para tanto, gostaríamos de trazer à discussão dois trechos dos *Democritea* em que Nietzsche traz os resultados da má leitura empregada, no caso, a Demócrito:

> Ainda devemos a Demócrito um funeral para reparar, até certo ponto, o que o passado fez com ele. Pois, raramente um escritor importante foi atacado de tantas maneiras e por diferentes motivos como Demócrito: teólogos e metafísicos descarregaram sobre ele toda a sua fúria contra o materialismo; o divino Platão considerava seus escritos tão perigosos que pensava em destruí-los em auto-da-fé particular, desistindo de fazê-lo graças à ideia de que já era tarde demais, de que o veneno já havia se espalhado. Mais tarde, os obscurantistas da Antiguidade se vingaram dele atribuindo-lhe a autoria de escritos mágicos e alquímicos, conferindo, pois, ao pai de todas as tendências iluminadoras e racionalistas a reputação de um grande mago. O emergente cristianismo conseguiu, por fim, levar a cabo o desejo de Platão: em uma época anticósmica, os escritos de Demócrito, assim como os de Epicuro, tiveram de parecer como a quintessência do paganismo. Enfim, também nossa época se equivocou a respeito da grandeza filosófica de Demócrito para vê-lo somente como um sofista. Todos estes ataques se movem em um plano que nos é inacessível. Agora estamos lidando com um ataque [...].[371]

E continua:

> Os escritos de Demócrito tiveram um destino ruim: embora tenham sido descritos pelo perspicaz juiz das belezas estilísticas como modelos exemplares de exposição filosófica, foram malogrados porque as escolas de pensamento dos séculos posteriores sentiram-se cada vez mais alienadas por eles e o cristianismo, em particular, rejeitou os escritos de Demócrito por razões tão compreensíveis como as assumidas por Aristóteles. O duro destino quase os apanhou meio século após a morte do seu autor, e são as mesmas razões que obrigaram os eruditos cristãos e os monges copistas a abrir mão de Demócrito, tal como de um homem possuído, o qual inflamou Platão a planejar atirar na fogueira todos os escritos de Demócrito.[372]

---

[370] Nietzsche, em fragmentos dos anos de 1882 e 1883, reconhece não haver leitores para ele em seu tempo. No primeiro, ele escreve: "Quem conhece o "leitor" certamente não escreve mais para leitores, mas – para si mesmo, o escritor" (*KSA* 10, p. 72) e no segundo: "Eu escrevo para mim mesmo: qual seria o sentido de escrever nesta era da escrita? Pouco: pois, além dos estudiosos, ninguém mais sabe ler, e mesmo os estudiosos" (*KSA* 10, p. 341). Ainda em *Ecce homo,* ele escreve: "Mas seria completa contradição, se já hoje eu esperasse ouvidos e *mãos* para *minhas* verdades: que hoje não me ouçam, que hoje nada saibam receber de mim, é não só compreensível, parece-me até justo" (*EH, Por que escrevo tão bons livros*, §1, p. 52). Em outro, de 1886-1887, Nietzsche afirma não querer ser compreendido por seus contemporâneos, "porcos eruditos e os gansos citadinos, os curadores, ou os 'jovens alemães', ou todos que bebem cerveja e fedem política" (*KSA* 12, p. 320).

[371] Cf. *MusA* 2, p. 86; *BAW* 3, p. 347; KGW 1-4, p. 504-505. Em nossa tradução, p. 117.

[372] Cf. *MusA* 2, p. 85-86; *BAW* 3, p. 99. Em nossa tradução, p. 117.

Nos dois trechos da primeira parte dos *Democritea,* encontramos Nietzsche denunciando as distorções e hostilidades pelas quais os textos de Demócrito passaram durante séculos a fio, frutos do dogmatismo filosófico com o qual a tradição lidou com esse personagem desde a antiguidade. Contra essa má leitura, Nietzsche coloca em prática um método cético que propõe a suspeita frente à tradição e, por conseguinte, desenvolve uma crítica à razão dogmática, com a intenção de salientar que essas posições não são formadas apenas por interpretações equivocadas, mas por estratégias de apagamento e deslegitimação intencionais, contra as quais o seu estudo se fazia necessário.

Assim, confrontando o texto dos *Democritea,* encontramos Nietzsche, ao discorrer sobre a tradição de intérpretes de Demócrito, atuando como um leitor que se preocupa com o texto e suas fontes historiográficas, mas também preocupado com o desenvolvimento de uma interpretação conceitual, que se origina e se desenvolve do caráter filosófico-especulativo de sua filologia. Portanto, a partir dos *Democritea,* fica cada vez mais clara a assimilação das leituras que ele realiza dentro de uma reflexão crítica, marcada pelo caráter experimental e especulativo contumaz, com a finalidade de compreender as forças que atravessam as interpretações sob as quais ele se movimenta e, das quais, o texto frente ao qual ele se põe é o resultado.

Feitas essas breves considerações sobre o Nietzsche leitor, duas coisas ficam claras se quisermos rascunhar a identidade do seu "leitor ideal": ele deve ser um *leitor filólogo* e um *leitor filósofo*; e jamais deliberar por um em detrimento do outro em seu trabalho de leitura e pesquisa. A esse respeito, em se tratando da compreensão integral de sua obra, Giuliano Campioni trouxe um importante comentário de Montinari:

> Combatam duas formas de tolice acadêmica:
>
> 1. A tolice dos considerados filólogos que praticam o seu trabalho como uma dissimulação do texto e se satisfazem em procurar as chamadas fontes, perdendo de vista o conjunto de um fenômeno intelectual: exemplo, Nietzsche.
>
> 2. A tolice dos filósofos, que amam o seu Nietzsche, um Nietzsche em formato reduzido, sem jamais advertirem para a necessidade de se perguntar: o que quer dizer realmente quando fala de decadência? Ele e suas questões se encontram de forma isolada no seu tempo? Quais são os seus registros?
>
> Não anuncio nada de bom em ambas as espécies de tolices: nos esforçamos para descobrir certos registros e ainda assim parece que nos encontramos somente no início do nosso trabalho, como no momento em que esclarecemos todas as possíveis fontes. Para o nosso Nietzsche, queremos obter um horizonte nítido, uma perspectiva articulada, de modo que ele possa realmente exprimir-se.

> O trabalho histórico privado de compreensão filosófica é cego, o pensamento filosófico sem conteúdo histórico é vazio.[373]

Nesse comentário, Montinari propõe uma crítica contundente a duas formas recorrentes de reducionismo acadêmico no estudo de Nietzsche: de um lado, a filologia tradicional; e, do outro, a filosofia abstrata. A primeira, segundo ele, tomando o texto de forma tecnicista, ignora o fenômeno intelectual mais amplo que o texto representa, empobrecendo, dessa forma, a compreensão do pensamento de Nietzsche, haja vista que, graças à sua complexidade, ele exige uma leitura articulada, sensível à totalidade conceitual e histórica de sua obra. Já a segunda, que toma "Nietzsche em formato reduzido", ignora perguntas essenciais sobre o significado de seus conceitos-chave. Ambas as abordagens, ao privilegiarem unilateralmente ou a erudição técnica ou a abstração conceitual, falham em captar o entrelaçamento fundamental entre pensamento e contexto histórico que constitui a singularidade da obra nietzschiana. Montinari insiste, portanto, na necessidade de uma leitura que recupere a densidade filosófica e histórica de Nietzsche sem convertê-lo em mito nem o diluir em mero objeto de crítica filológica. Só assim será possível fazer com que Nietzsche exprima-se realmente, como ele mesmo propõe; isto é, como um autor que pensa desde sua época, mas que a transcende ao problematizar as formas de vida, os valores e os saberes que a sustentam.

Desse modo, torna-se evidente que, ao falarmos de um "leitor ideal" da obra nietzschiana, não estamos lidando com uma figura genérica, tampouco com uma posição interpretativa arbitrária. O leitor ideal, dentro daquilo que nossa discussão propõe, é aquele que conjuga, em seu gesto hermenêutico, o olhar atento do filólogo e a escuta ativa do filósofo; que se compromete com a lentidão, com a suspeita e com a disposição crítica de interrogar tanto o texto quanto o contexto. Esse leitor é, acima de tudo, sensível à complexidade das formas de dizer e das tensões que atravessam a escrita de Nietzsche – atento aos movimentos internos de sua obra e à relação desta com os discursos e conflitos de sua época. Trata-se, portanto, de um leitor capaz de se manter à altura das exigências colocadas pelo próprio autor: um leitor que não se satisfaz com uma leitura parcial ou redutora, mas que busca compreender Nietzsche em sua integralidade – como um fenômeno intelectual que se move entre a filologia, a crítica da moral e a genealogia da cultura.

---

[373] Cf. CAMPIONI, G. Nietzsche e a filologia, a filologia e Nietzsche: Minhocas e tesouros. A pesquisa das fontes e a "biblioteca ideal" de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*. n. 13, p. 15-40, 2013. p. 31-32.

Com isso, não estamos propondo aqui um modelo idealizado de leitura, mas a recuperação das condições necessárias para que Nietzsche "possa realmente exprimir-se"[374]. Tais condições envolvem, sobretudo, a recusa das formas unilaterais de abordagem – sejam elas filológicas ou filosóficas – que, ao privilegiarem uma dimensão em detrimento da outra, comprometem a recepção da obra nietzschiana. A figura do leitor ideal, tal como procuramos delinear a partir das reflexões expostas, é aquela que não ignora os caminhos metodológicos mobilizados pelo autor, mas se engaja neles criticamente, reconhecendo que toda leitura é, ao mesmo tempo, uma tomada de posição frente à história, à linguagem e ao pensamento. Nesse sentido, pensar o leitor ideal de Nietzsche é também pensar o tipo de leitura que sua obra exige – uma leitura que, tal como seu pensamento, opera sempre entre o rigor e o risco; e que dá a ele um leitor segundo o seu desejo: "[...] um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filósofos de outrora liam o seu Horácio..."[375]

[374] Cf. CAMPIONI, G. Nietzsche e a filologia, a filologia e Nietzsche: Minhocas e tesouros. A pesquisa das fontes e a "biblioteca ideal" de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*. n. 13, p. 15-40, 2013. p. 17.

[375] Cf. *EH,* Porque escrevo tão bons livros, §5, p. 58.

5 DEMOCRITEA (1867-1870)[376]

Demócrito, uma bela natureza grega, aparentemente fria como uma estátua, mas cheia de calor oculto. [Hds. P. XXXII 103.]

[376] Para as notas de rodapé que adotamos pertencentes à edição *Musarion,* utilizamos a seguinte abreviação: [N.M]. Já para aquelas realizadas por nós, adotamos a seguinte abreviação: [N.T].

NOTA À TRADUÇÃO

Conforme tratado ao longo deste trabalho, para a tradução dos *Democritea* – título dado aos fragmentos relativos aos estudos sobre Demócrito realizados por Nietzsche entre os anos de 1867 e 1870 – fizemos uso do texto presente no volume 2 da edição *Musarion*, que reúne, além dos *Democritea*, fragmentos de textos finalizados entre 1869 e 1874. Para nossa tradução, o texto dessa edição foi cotejado com os fragmentos que se encontram nas edições *Historisch-Kritische Gesamtausgabe (BAW)*, volumes 3 e 4, e *Werke. Kritische Gesamtausgabe (KGW),* grupo 1, volume 4.

Quanto à nossa escolha, conforme mencionado anteriormente, ela se deve ao fato de que, na edição da *Musarion*, esses fragmentos se encontram compilados em um único volume e organizados em um texto que, embora não esteja disposto de forma cronológica e sequencial, permite ao leitor o contato com um número maior de fragmentos de maneira facilitada, quando comparada com as demais edições. Nessas, os fragmentos aparecem distribuídos em volumes distintos, como ocorre na *BAW*, ou em número reduzido, como é o caso da *KGW*, em virtude de opções editoriais.

Ao comentar sobre as edições da obra de Nietzsche, escreve Marton: "Para entrar em contato com os escritos desse pensador tão singular [Nietzsche], o leitor necessita de boas ferramentas. Antes de mais nada, tem de dispor de edições criteriosas de seus textos"[377]. A esse respeito, vale dizer que ao comparar o texto da edição da *Musarion* com os fragmentos das demais, não se constatam contradições textuais que impliquem alteração de sentido ou perda filológica significativa capaz de desacreditá-la no que se refere aos *Democritea*. Ainda assim, em nosso trabalho, procuramos cotejar o texto com as edições *BAW e KGW.*

Dito isso, é preciso apontar a diferença entre os *Democritea* e outros textos de Nietzsche, escritos em períodos distintos ou publicados por ele. Inicialmente, é importante ter em mente que os fragmentos que compõem os *Democritea* não constituem uma obra acabada. Eles, assim como outros conjuntos de fragmentos, tratam-se de um conjunto heterogêneo de apontamentos, esboços, notas de leitura e tentativas de organização conceitual, redigidos em um período decisivo de sua formação intelectual e de seu fazer filológico. Essa condição fragmentária e laboratorial distingue radicalmente esses escritos de outros textos, como *O nascimento da tragédia*, publicado em 1872, que, embora marcado por preocupações filológicas, apresenta unidade argumentativa, projeto retórico definido e elaboração estilística deliberada.

---

[377] Cf. MARTON, S. Nietzsche: edições, traduções e deturpações. In: *Cadernos de Tradução LELPraT.* v. 1, p. 41-61, 2020. p. 48.

Além disso, é preciso considerar que o alemão utilizado por Nietzsche nesse período apresenta oscilações terminológicas e construções sintáticas que refletem o caráter provisório das notas. Uma tradução que reproduzisse integralmente essas características poderia resultar em um texto excessivamente opaco para o leitor, haja vista que, conforme adverte Marton: "a Nietzsche não se pode aplicar as mesmas técnicas de análise que comumente se aplica a outros autores; a ele não se pode fazer exigências análogas às que se faz a seus pares; em suma: não se pode lê-lo como se lê a maioria dos filósofos"[378]. Nesse sentido, optamos por não realizar uma tradução extremamente literal para, assim, trazer à luz o que há de mais relevante nesses estudos: o movimento do pensamento, a experimentação metodológica e o caráter provisório das formulações. Essa opção visou preservar a inteligibilidade do percurso reflexivo de Nietzsche, sem violentar o texto original, mas também sem cristalizá-lo em uma forma rígida, tornando-o acessível a todos aqueles o tomarem para leitura,

Ainda, a distinção entre os *Democritea* e outros textos filológicos ou filosóficos de Nietzsche também se manifesta no estatuto do leitor pressuposto. Enquanto obras como *O nascimento da tragédia* dialogam com um público acadêmico mais amplo e buscam intervir explicitamente no debate cultural de sua época, os *Democritea* dirigem-se, em primeira instância, ao próprio Nietzsche, funcionando como espaço de ensaio, crítica e autocrítica. Traduzir esse material exige, portanto, um cuidado específico: torná-lo acessível sem apagar sua condição de trabalho em curso.

Por fim, nossa tradução não se resumiu a um exercício técnico, mas constituiu também um gesto interpretativo, orientado pela tentativa de tornar visível a continuidade entre a prática filológica da juventude e o pensamento filosófico posterior. Desta forma, a presente tradução não pretende substituir o texto original nem oferecer uma versão definitiva, mas antes servir como instrumento de acesso e de reflexão crítica sobre esse momento formativo do pensamento nietzschiano.

[378] Cf. MARTON, S. Nietzsche: edições, traduções e deturpações. In: *Cadernos de Tradução LELPraT.* v. 1, p. 41-61, 2020. p. 48.

1. Nota sobre a "má sorte" dos escritos de Demócrito[379]

Ainda devemos a Demócrito um funeral para reparar, até certo ponto, o que o passado fez com ele. Pois, raramente um escritor importante foi atacado de tantas maneiras e por diferentes motivos como Demócrito: teólogos e metafísicos descarregaram sobre ele toda a sua fúria contra o materialismo; o divino Platão considerava seus escritos tão perigosos que pensava em destruí-los em auto-da-fé particular, desistindo de fazê-lo graças à ideia de que já era tarde demais, de que o veneno já havia se espalhado[380]. Mais tarde, os obscurantistas da Antiguidade se vingaram dele atribuindo-lhe a autoria de escritos mágicos e alquímicos, conferindo, pois, ao pai de todas as tendências iluminadoras e racionalistas a reputação de um grande mago. O emergente cristianismo conseguiu, por fim, levar a cabo o desejo de Platão: em uma época anticósmica, os escritos de Demócrito, assim como os de Epicuro, tiveram de parecer como a quintessência do paganismo. Enfim, também nossa época se equivocou a respeito da grandeza filosófica de Demócrito para vê-lo somente como um sofista. Todos estes ataques se movem em um plano que nos é inacessível. Agora estamos lidando com um ataque [...].

Os *escritos* de Demócrito tiveram um destino ruim: embora tenham sido descritos pelo perspicaz juiz das belezas estilísticas como modelos exemplares de exposição filosófica, foram malogrados porque as escolas de pensamento dos séculos posteriores sentiram-se cada vez mais alienadas por eles e o cristianismo, em particular, rejeitou os escritos de Demócrito por razões tão compreensíveis como as assumidas por Aristóteles[381]. O duro destino quase os apanhou meio século após a morte do seu autor, e são as mesmas razões que obrigaram os eruditos cristãos e os monges copistas a abrir mão de Demócrito, tal como de um homem possuído, o qual inflamou Platão a planejar atirar na fogueira todos os escritos de Demócrito.

---

[379] Título da seção acrescido por nós, com fins de identificação e organização. [N.T].

[380] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2, IX-40, p. 49-51. [N.M].

[381] Aristóteles, em suas obras, refuta muitas das ideias propostas por Demócrito, particularmente a teoria atômica. Demócrito, um dos precursores do atomismo, postulou que toda a matéria é composta de átomos indivisíveis e eternos que se movem no vazio. Em contrapartida, Aristóteles rejeitou veementemente o conceito de vazio (ou vácuo) e desenvolveu uma teoria da matéria contínua. Para esse tema Cf. BARNES, J. *Early Greek Philosophy*. Hamondsworth: Penguin Classics, 1987. p. 187-203. [N.T].

2. Trásilo

Talvez o único em quem o espírito sombrio, excessivamente pensativo e desconfiado do imperador Tibério[382] demonstrou uma confiança sem reservas e duradoura tenha sido o astrólogo de sua corte, Trásilo, uma dessas naturezas misteriosas que costumam ser observadas no crepúsculo entre um mundo antigo que desaba e um mundo novo que nasce. Seja como for, Tibério estava convencido da confiabilidade de Trásilo por meio de um acontecimento incomum[383]: mas estaríamos enganados se atribuíssemos a confiança particular de Tibério neste homem apenas a esta prova, deixando de lado as vicissitudes do destino e a infeliz alteração de seu caráter. É da natureza desta questionável arte suscitar diariamente a desconfiança. Assim, uma natureza como a de Tibério devia estar disposta a observar com desconfiança o seu conselheiro e a criticar incessantemente uma ciência tão problemática. Tinha de haver algo na personalidade de Trásilo que, desde o início, descartava de antemão o surgimento de desconfiança e se opunha como força intransponível a qualquer calúnia. Deve ter havido qualidades pessoais, talvez uma atitude rigorosa e ascética, um olhar leal, uma estrutura digna, uma voz profunda, etc., que encorajaram Tibério a acreditar que estava lidando com um ser humano extraordinariamente superior.

Temos, pois, razão de pressupor qualidades pessoais em Trásilo, que repeliriam antecipadamente toda suspeita, e o preservaram do ar envenenado da corte tal como do demônio maligno que o próprio Tibério tinha dentro de si. Infelizmente, nada nos chegou destes traços de seu caráter; e se nós quiséssemos, por exemplo, imaginar um Tibério completamente respeitoso pelo amplo conhecimento de seu astrólogo, pelos seus conhecimentos filosóficos, físicos, médicos, geográficos, matemáticos e musicais, provavelmente incorreríamos em um erro psicológico. Ao contrário, parece que a insatisfação de Trásilo, seu tédio faustiano com as ciências, que o levou aos braços das misteriosas artes da astrologia e da magia, impressionou Tibério e fortaleceu sua crença de que ele estava lidando com um ser humano excepcionalmente

---

[382] Segundo imperador romano (14-37 d. C.), viveu entre os anos 42 a. C – 37 d. C. [N.T].

[383] Tácito, conta em seus *Anais* a ocasião em que o imperador Tibério conheceu Trásilo. Segundo Tácito, Tibério, que na época se encontrava em Rodes, estava interessado em astrologia e frequentemente consultava vários astrólogos para prever o futuro. Um dia, Tibério consultou Trásilo e, após obter a resposta, quis testar a veracidade e habilidade do astrólogo. Tibério planejou um teste extremo: ele ordenou que Trásilo fosse levado para uma posição elevada com uma visão de um penhasco próximo ao mar. Após a consulta, Tibério perguntou a Trásilo se ele tinha consciência do perigo iminente. Quando Trásilo respondeu que podia ver um grande perigo em seu horóscopo, Tibério interpretou isso como um sinal da verdadeira habilidade do astrólogo em prever o futuro. Satisfeito com a resposta e a perspicácia de Trásilo, Tibério poupou sua vida e passou a tê-lo como um conselheiro de confiança. Cf. TACITUS. *The Annals.* Translated by J. C. Yardley. Introduction and notes by Anthony A. Barrett. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 195-196. [N.T].

superior. Foram, sem dúvida, as forças de sua personalidade, seus atrativos inexplicáveis, suas qualidades corporais que desempenharam seu estranho papel. Sabemos que Trásilo era egípcio e provavelmente possuía a severidade monástica e a seriedade sombria do seu povo; sabemos que ele seguiu apaixonadamente a inclinação de seu tempo pela doutrina de Pitágoras, assumimos, consequentemente, o modo de vida ascético deste "estranho santo", a sua introspecção, o seu silêncio desdenhoso e distante, sua abstinência de carne. Aqui tudo é conjectura; e de bom grado paramos de preludiar se quisermos subscrever uma coisa com a consciência limpa: que as naturezas com as quais Tibério lidava constantemente e sem reservas não eram feitas do barro ao qual a natureza imprime a marca da mediocridade.

Quando os supranaturalistas de todos os tipos, místicos, mágicos, crentes em Deus, quando tais naturezas se inclinam à filologia, permitamo-nos arquear um pouco as sobrancelhas e observar cuidadosamente os dedos dos estranhos trabalhadores. No espelho de seu Fausto, Goethe nos mostrou como eles procedem em matéria filológica. Se olhamos para o método de arrepiar os cabelos com que Fausto trata o início do prólogo de São João, e admitimos o sentimento digno de Wagner de que Fausto, ao menos como filólogo, já estava completamente depravado: o que já revela seu notável desprezo pelo "pergaminho"[384]. Trásilo, portanto, a quem nos privamos de chamar de fáustico, teve desejos filológicos e os exerceu primeiro em Platão. Nada é mais compreensível do que sua escolha; para ele e seus amigos pitagóricos, os diálogos platônicos eram livros simbólicos sobre os quais pendia todo o seu mundo e pensamento.

Mas o que Trásilo fez com Platão? *Ele o editou em um novo arranjo, acrescentando uma introdução.* O que ele acreditava ter alcançado foi uma nova ordem, *na qual julgou ter redescoberto a original, vinda das mãos de Platão*: uma organização na *forma de tetralogias*[385]. Uma visão semelhante havia levado Aristófanes de Bizâncio a compilar alguns diálogos em trilogias[386]. O que ambos viram em comum era evidentemente a mera ideia de que dramas filosóficos podiam ser vistos nos escritos de Platão; e não concordavam, por outro lado, pois

---

[384] Cf. GOETHE, J. *Fausto:* uma tragédia. Primeira parte. Tradução de Jenny Klabin Segal. Apresentação, notas e comentários de Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 131. [N.T].

[385] Aqui Nietzsche refere-se a um agrupamento específico em quatro diálogos realizado por Trásilo das obras de Platão. Trásilo realizou a organização das obras de Platão em nove tetralogias (trinta e cinco diálogos e as cartas ordenados em conjuntos de quatro). Sobre o tema, Cf. DUNN, M. Iamblichus, Thrasyllus, and the Reading order of the Platonic Dialogues. In: HARRIS, R. B. (ed.). *Studies in Neoplatonism: Ancient and Modern* 1. Albany: State University of New York Press, 1976, p. 59-80; LOPES, R. A organização tetralógica do corpus Platonicum (3.56-62): uma revisão do problema. In: LEÃO, D.; CORNELLI, G.; PEIXOTO, M. C. *Dos homens e suas ideias. Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio (125-138)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.; TARRANT, H. *Thrasyllan Platonism*. Ithaca: Cornell University Press, 1993. [N.T].

[386] Aristófanes de Bizâncio foi, provavelmente, o primeiro a dividir a obra de Platão, distribuindo-a em cinco trilogias. Sobre o tema, Cf. ALLINE, H., 1915. [N.T].

Aristófanes de Bizâncio via a trilogia como a forma artística mais usada nos tempos de Platão, enquanto Trásilo a via na tetralogia. Platão havia se acomodado a estas formas artísticas, segundo Trásilo, a tal ponto que todos e cada um de seus escritos teriam sido organizados de acordo com esse princípio; segundo Aristófanes, porém, apenas de forma isolada e seletiva, e por isso continuou a supor um excedente de diálogos compostos separadamente encerrados em si. Não há dúvida de que Trásilo está certo em sua hipótese central em comparação com Aristófanes. Pois mesmo antes da guerra do Peloponeso, já existia o costume de concorrer com tetralogias[387]. Entretanto, não devemos censurar Aristófanes por ignorar esse fato que seus minuciosos estudos, em particular dos διδασχαλίαι [Registros de ensinamentos], constantemente lhe mostrava. Ele os conhecia tão bem ou melhor que Trásilo; mas ele apenas conheceu a quarta obra de tetralogia, o drama satírico. Ele não conseguiu encontrar nada semelhante em Platão e, portanto, supôs que Platão só havia composto trilogias. Uma ideia pouco investigada, plausível, e uma solução, mas isso não deteve nosso Trásilo; ele considerou que o *número* de diálogos autênticos era 36, segundo o diagnóstico dos pinacógrafos[388]. Sendo possível a hipótese tanto das tetralogias quanto das trilogias, ele optou pelas tetralogias. Não sabemos se ele considerou a hipótese para o drama satírico; em todo caso, sua primeira tetralogia, da qual o Fédon forma a peça final, já mostra que ele não fez nenhuma tentativa de aprofundar tais tendências satíricas do honroso Platão. E nisso ele estava certo. No entanto, ainda nos perguntamos por que ele defendeu suas tetralogias contra as trilogias de Aristófanes, e por que publicou as obras reunidas de Platão em forma de tetralogias e não apenas uma parte delas. E aqui, se tudo estiver incorreto, deveríamos levar em consideração uma peculiaridade tradicional dos pitagóricos, que supostamente veio da antiga sabedoria do velho Pitágoras. Aos olhos de pessoas como Trásilo, o grande Platão era como um dos seus, ou seja, como um pitagórico da velha escola[389]. Portanto, podia-se buscar nele aquele sinal sectário que sempre

[387] Tal prática ocorria principalmente nos festivais de teatro da Grécia Antiga. Este costume era especialmente observado durante as Dionísias, festivais religiosos em honra ao deus Dionísio, onde dramas eram apresentados em competições. Sobre o tema, Cf. STUART, D. The Origin of Greek Tragedy in the Light of Dramatic Technique. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. v. 47, p. 173-204, 1916. [N.T].

[388] Richard Hunter Explora as tradições literárias e críticas associadas aos diálogos de Platão, incluindo a obra de Trásilo. Ele oferece uma visão detalhada do contexto histórico e literário em que Trásilo operou, bem como uma análise crítica dos métodos e das decisões envolvidas na autenticação dos diálogos. Cf. HUNTER, R. *Plato and the Traditions of Ancient Literature:* The Silent Stream. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. [N.T].

[389] Na perspectiva de Trásilo, a obra de Platão era vista como sendo fortemente influenciada pela tradição pitagórica. Além disto, a já comentada organização de Trásilo em tetralogias também pode ser vista como um tributo à estrutura harmônica apreciada pelos pitagóricos, reforçando a conexão entre Platão e a tradição pitagórica. Cf. HUNTER, R. *Plato and the Traditions of Ancient Literature:* The Silent Stream. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. [N.T].

distinguiu os pitagóricos entre si e dos outros, o enigmático e profundo estudo dos números. Entre eles, porém, destacava-se o τετραχτύς [Quaternidade], "que é a *fonte e raiz* da natureza eterna", da qual o próprio Pitágoras foi eleito como o arauto. Como se tornou costume entre os pitagóricos posteriores organizar as coisas em *séries quaternárias*. Trásilo havia atribuído a Platão tão alta estima pitagorizante do τετραχτύς [Quaternidade], de maneira que ele acreditou ter um argumento substancial a favor de sua classificação por tetralogias. A isso devemos acrescentar que o número de 9 *tetralogias*[390] voltou a sugerir que tudo em Platão exala um ar pitagórico, o conteúdo de seus escritos, sua organização, seu número.

Com esta organização, Trásilo obviamente atendeu ao gosto de seu tempo: foi absolutamente bem-sucedido, de modo que *os manuscritos de Platão chegaram até nós* carregando o selo de Trásilo. Esta é uma evidência clara de que, com esta organização, foi possível observar muito mais que com a quadripartição trágica, a qual, seguramente, deve ter deixado os contemporâneos de Tibério indiferentes. Deve-se levar em conta em quais círculos a maioria dos escritos platônicos foram usados, em quais escolas filosóficas o culto ao gênio platônico floresceu no decorrer dos séculos subsequentes; e não haverá dúvida de que, com esta classificação em tetralogias, uma dupla intenção pitagórica se fez presente.

Esta não foi a única vez que Trásilo se aventurou no campo da filologia: segundo sabemos, ele o fez *uma vez mais* editando, também os *escritos de Demócrito*, seu escritor preferido.

Isso é espantoso e surpreendente, e produz em nós o mesmo efeito tal qual se descobríssemos em um de nossos "crentes", além de uma predileção pelas histórias judaicas de milagres, simpatias ainda mais perigosas pelo Der Kreislauf des Lebens, de Moleschott[391], e Kraft und Stoff, de Büchner[392]. Mas não, a metáfora vacila, e nossa metáfora só seria válida se esses "crentes" incrivelmente passassem a acreditar que Moleschott e Büchner foram pessoas de sua classe: uma fé esta superior a qualquer razão. Assim é com Trásilo, que vê em Demócrito

---

[390] Cf. ERLER, M. *Die Philosophie der Antike:* Platon. Basel: Schwabe Verlag, 2007. p. 21. [N.T].

[391] Moleschott foi um fisiologista e filósofo natural alemão do século XIX, conhecido por suas contribuições para a compreensão da fisiologia e bioquímica. Der Kreislauf des Lebens é um de seus trabalhos mais influentes, onde ele discute temas relacionados à fisiologia e à biologia em relação à vida e à morte. Cf. MOLESCHOTT, J. *Der Kreislauf des Lebens. Physiologische Antworten auf Liebig's Chemische Briefe*. Mainz, 1857. [N.T].

[392] Ludwig Büchner foi um proeminente materialista e divulgador do positivismo na Alemanha, no século XIX. Na obra Kraft und Stoff, Büchner explora uma ampla gama de tópicos, incluindo a origem do universo, a evolução da vida na Terra, o funcionamento do cérebro humano e a relação entre mente e corpo. Ele argumenta que todos esses fenômenos podem ser compreendidos em termos de matéria em movimento e das leis naturais que regem esse movimento. Cf. BÜCHNER, L. *Kraft und Stoff*. Frankfurt am Main: Meidinger, 1855. [N.T].

o pitagórico e o teria feito discípulo do pai fundador se a maldita cronologia não impedisse. Aqui nos deparamos com um enigma completo.

Mas vamos primeiro nos certificar das declarações de Trásilo antes de começarmos a avaliá-las. O que sabemos sobre os estudos filológicos de Trásilo devemos a Diógenes Laércio, que obteve este conhecimento por um meio muito preciso. Longe de nós creditarmos a Laércio o conhecimento direto das introduções de Trásilo a Platão e Demócrito, nas quais os métodos das novas edições foram expostos e justificados face às anteriores.

Ele encontrou essa informação no valioso manual de Díocles, um jovem contemporâneo de Trásilo; e ele as copiou, a relação de Díocles e Laércio não pode ser descrita de forma diferente ou mais breve do que dizendo que Laércio é o epítome de Díocles, no qual algo da heterogênea massa literária de Favorino[393] está incorporada e entrelaçada. Mas esta relação não nos interessa agora: pelo contrário, nós queremos saber como Díocles chegou a estes ensaios da filologia de Trásilo. É digno de nota que Díocles seguiu Trásilo em sua enumeração dos escritos de Platão e Demócrito de forma mais que excepcional, enquanto em tudo referente às questões pinacográficas, ele seguiu rigorosamente um único manual, o léxico Περὶ ὁμωνύμων [Dos homônimos], do poeta e sábio Demétrio de Magnésia. Ele tinha boas razões para afastar-se de Trásilo nesses casos: enquanto Demétrio havia relatado fielmente os estudos pinacográficos de seus predecessores até sua época, Díocles estava seguro, quando o seguia de perto, de estar sempre a altura desta ciência centrada sobre a autenticidade e a inautenticidade. A única novidade essencial que entretanto – ou seja, no meio século que o separa de Demétrio – contribuiu para a investigação pinacográfica de épocas anteriores diz respeito precisamente às πίνακες Πλάτωνος χαὶ Δημοχρίτου [Tabuletas de Platão e Demócrito] de Trásilo; as quais vindas do astrólogo da corte e amigo de Tibério, deveriam indubitavelmente chamar extraordinariamente a atenção.

3. Nota preliminar a um trabalho sobre os escritos inautênticos de Demócrito [1867-68]

Não é mais apropriado para um historiador literário de nossos dias dormir confortavelmente à sombra da tradição. Lentamente, e em grande parte sem que os amigos da Antiguidade tenham notado, formou-se um método crítico que se apresenta clara e distintamente ao nosso pensamento como resultado do bom senso. No entanto, este senso

[393] Sofista grego do século II d. C. [N.T].

comum é uma questão à parte. Acredita-se que ele tenha algo consistente, algo que persiste através dos tempos, de modo que, por exemplo, os julgamentos do tempo de Péricles e Bismarck, se apenas brotarem dessa raiz comum, teriam necessariamente de coincidir. Um grande erro que a história de todas as ciências refuta! Ao contrário, esse chamado bom senso é um perpetuum mobile [Moto perpétuo][394], uma coisa inconcebível, uma espécie de indicador das faculdades lógicas de uma época, de um povo, de uma ciência, de uma pessoa. O alemão e o francês, o fabricante e o erudito, o cientista da natureza e o filólogo, a mulher e o homem, todos usam a mesma palavra e, no entanto, querem dizer algo diferente com ela.

Os historiadores literários do passado, que reuniam as evidências de um determinado fato e, em caso de contradição entre elas, se inclinavam para os testemunhos *mais numerosos*, certamente acreditavam que haviam feito o suficiente para atender às exigências do bom senso. O antigo crítico textual, que contou cuidadosamente os manuscritos, mas não os pesou, fez o mesmo. No fundo, só se progrediu no caminho da pesquisa histórico-literária não se contentando com uma resposta, mas fazendo novas perguntas, decidindo não manter nenhuma pergunta em mente, esquecendo gradualmente a reverência exagerada para com os antigos testemunhos. Certamente, havia algo de ético nessa devoção silenciosa aos juízos da Antiguidade, mas essa era a ética da mulher. Nas pesquisas mais recentes, que não poupam as palavras, que tirou a coroa de flores da cabeça de Homero e a espalhou aos ventos, que inventou o ousado título de "pseudepígrafo de Aristóteles", sopra a moral ousada e destemida do homem. Aqui vemos como a cognição e a volição, o bom senso e a moral, desempenham seu papel em conjunto no método de amadurecimento de uma ciência.

Através deste questionamento vigoroso, a confiança ingênua na Antiguidade e em suas declarações autocríticas desapareceu. Alguns se perderam sem leme nas marés turbulentas do ceticismo, outros, para não perderem o pé, agarraram-se a destroços flutuantes e tentaram se convencer de que haviam encontrado um terreno sólido. A desconfiança agora é ilimitada como antes era a confiança, e a dúvida parece agora tão moral como antes era a fé.

Não há nada de alarmante nesse estado de coisas: não é um sintoma de doença em nossa ciência. Pelo contrário, não devemos esquecer que o ceticismo, por sua natureza peculiar, morde seus próprios filhos, que tende a atingir um limite onde dá a volta e retorna pelo mesmo caminho que acabou de deixar. Entretanto, vamos investigar se a luz não começa já a despontar em

[394] Aqui, Nietzsche faz referências à teoria do perpetuum mobile, segundo a qual a possibilidade de criar uma máquina ou dispositivo que produza movimento contínuo indefinidamente, sem a necessidade de uma fonte externa de energia. Sobre o tema, Cf. HUME, A. *Perpetual Motion:* The History of an Obsession. New York: St. Martin's Press, 1977. [N.T].

alguns grandes problemas, por exemplo, nas questões homéricas, platônicas e aristotélicas e, por enquanto, contentemo-nos com os ricos e variados resultados desses estudos céticos. Com efeito, muito da Antiguidade foi descoberta através deles, de modo que, mesmo que as grandes questões permanecessem sem solução, não estaríamos em situação pior do que os alquimistas, que procuravam a pedra filosofal e encontraram muitas coisas úteis tal como pólvora, porcelana, etc.

Pelas observações anteriores, queremos circunscrever o horizonte das investigações que seguem. Através do ceticismo, minamos a tradição, através das consequências do ceticismo, expulsamos a verdade oculta de sua caverna e, talvez, descubramos que a tradição tinha razão, embora estivesse apoiada sobre pés de barro. Um hegeliano diria, por exemplo, que buscamos a verdade através da negação da negação[395]. Mas quem não gosta de tal verdade deve se ater aos não desprezíveis rendimentos secundários. Porque ninguém deve deixar esta mesa sem ter comido, a não ser que tenha um paladar por demais mal-acostumado.

4. Trabalho inacabado sobre as πίνακες [Tabuletas] dos Democritea

I. πίνακες [Tabuletas] dos Democritea

Não sabemos o que levou Sócrates a não escrever e, assim, privar a posteridade de uma clara impressão do seu espírito: as suas razões devem ter sido de natureza estranha, uma vez que somos completamente incapazes de compreender esse tipo de ἄσχησις [Ascese], através da qual ele se privou de um grande prazer e evitou o dever, que é ao mesmo tempo a prerrogativa das mentes extraordinárias de influenciar a humanidade mais distante e de ser ativo não apenas para a presente geração fugaz, mas para todos os tempos. Por outro lado, sabemos exatamente por que razão Crísipos empreendeu o tipo oposto de ἄσχησις [Ascese] e se submeteu ao julgamento da posteridade com 705 livros: a inveja de Epicuro o levou a essa profusão inacreditável de escrita, a quem chegou a ultrapassar com 100 livros. Apesar de ter vencido esta estranha corrida em termos de número de volumes, os amigos de Epicuro mantiveram a opinião

[395] Referência aos estudos de Demócrito que estava realizando em uma carta enviada a Gersdorff em16 de fevereiro de 1868: “A tremenda informação sobre o mesmo [escrito de Demócrito] gerou desconfiança em mim; persegui a tese de uma incrível falsificação literária e encontrei uma riqueza de pontos interessantes nos tortuosos caminhos da combinação. No final, porém, quando minha observação cética foi capaz de ignorar todas as conclusões, a imagem foi girando gradualmente sob minhas mãos; ganhei uma nova visão geral da eminência de Demócrito e, desse ponto mais alto da observação, a tradição recuperou seus direitos. Agora me comprometo a descrever todo esse processo, a salvação da negação pela negação, de modo que tento despertar no leitor a mesma sequência de pensamentos que se impõem a mim sem questionar e vigorosamente” (*KGB* 1-2, p. 254-259). [N. M].

de que seu mestre tinha escrito todos os filósofos gregos, incluindo Crísipos, porque se manteve totalmente original e independente em todos os seus escritos e, na sua autoconfiança aristocrática, rejeitou a forma inteligente como os outros enchiam seus livros de citações. Por esses outros entendia-se, sobretudo, Crísipos: bastava retirar as citações dos seus escritos, dizia um epicurista malicioso, e ver-se-ia que o papel permaneceria em branco. Mas Zênon e Aristóteles também receberam a mesma crítica em La. X, 27[396]. De fato, as infindáveis listas de escritos aristotélicos não são capazes de aumentar nossa admiração por esse nome. Ainda que a Antiguidade posterior, em seu doentio modo de pensar, lhe atribuísse o título de ὁ πολυμαθέστατος [O polímata], o maior elogio que poderia conceder: temos noções um tanto mais rigorosas e desfavoráveis sobre o valor da πολυμαθία [Polimatia] e não gostaríamos de ver as coroas com as quais horamos o diligente colecionador e o versátil e infatigável aprendiz na fronte dos mais distintos filósofos. A cobiça e a avidez de colecionador, impulsos que irromperam como uma epidemia na escola peripatética e que a partir daí dominaram toda a Antiguidade, terão nascido da cabeça de Aristóteles, da cabeça de um Zeus filosófico. Este fato, se é que é um, é tão incômodo para nós quanto aquele do qual partimos: mas, é mais provável que perdoemos a Sócrates o fato de não escrever nada do que a Aristóteles o fato de escrever tão excessivamente e nas mais colorida gama e dispersão de interesses.

Felizmente, esta segunda não é necessariamente tão certa como a primeira. Onde estão os fiadores? Em quem não devemos nos recusar a acreditar? Onde estão as palavras claras dos contemporâneos que nos removem qualquer dúvida? Referimo-nos às πίνακες [Tabuletas] dos alexandrinos. Eles provam que, numa determinada época, a opinião de Ἀριστοτέλης ὁ πολυμαθέστατος [Aristóteles, o polímata] era válida, mas nada mais. Pois como estamos agora, depois de inúmeras experiências, longe desse ponto de vista ingênuo que considera verdadeira uma opinião pinacográfica de um peripatético até que seja apresentada uma prova convincente do contrário. Sem dizer muito, pode-se agora afirmar como um cânone que a ἐπιγραφή [Epígrafe] de um pinacógrafo alexandrino é irrelevante para a autenticidade ou inautenticidade de um escrito. A situação é, no entanto, diferente no caso das opiniões de pinacógrafos posteriores, mais cuidadosos: no entanto, suas próprias abordagens provam como é incrivelmente limitada a autoridade de uma ἐπιγραφή [Epígrafe] alexandrina. Se, por exemplo, Panaetius, o estóico, provavelmente em nome da biblioteca de Pérgamo e especialmente de seu professor Crates, examinando os escritos dos chamados socráticos quanto à autenticidade e

[396] "Por isso ele se repete com frequência e escreve tudo que lhe vem à mente, e por causa da pressa deixa tudo por rever; as citações são tantas que somente elas enchem seus livros. E é possível descobrir o mesmo procedimento em Zênon e em Aristóteles" (LAÉRCIO, 1972, v. 2 X-7, p. 555). [N.T].

inautenticidade e, finalmente, reconhecendo apenas os diálogos de Platão, Xenofonte, Antistenes, Aesquines, talvez também o Fédon e Eucleides como inofensivos, enquanto rejeitando toda a outra literatura: isto lança uma luz altamente duvidosa sobre a exatidão e rigor das determinações de Alexandria. Tenha-se em conta que este juízo condenatório afeta toda a obra de Arístipos, a quem Hermipo[397] atribuiu 25 diálogos e 3 livros históricos, também 18 diálogos de Críton, 33 de Símon, 9 de Glauco e outros 32, que, ao que parece, já tinham sido condenados em Alexandria, 23 de Simmias e assim por diante. Nós estamos, infelizmente, completamente às escuras quanto ao que se pensava em Pérgamo sobre a poderosa πίναξ [Tabuleta] dos escritos aristotélicos, que Calímaco[398] ou Hermipo produziram e que nós conhecemos duas versões em Laércio e no fragmento managiano de Hesíquios de Míletos. A situação não é melhor para o enorme número de livros de Xenocrates; como podemos ver pelo número sobrevivente de στίχοι [Versos] dos escritos de Spêusipo, podemos concluir que em Alexandria Spêusipo foi incluído no número de polígrafos. Infelizmente não temos nenhuma correção desses pontos de vista alexandrinos de qualquer pinacógrafo posterior na tradição: mas a partir da analogia de experiências semelhantes, será necessário que tratemos tais suposições com a maior suspeita. Após as indicações que vos dei, compreenderão o que pretendo com as seguintes investigações sobre as πίνακες [Tabuletas] de Demócrito: mais importante do que para o próprio Demócrito, cuja imagem só precisa ser redesenhada, elas são uma peça lateral à questão aristotélica, que tem estado no centro das atenções desde Valentin Rose e não pode ser ignorada a longo prazo, porque as questões mais essenciais da história literária antiga estão obviamente incluídas nela de uma forma natural, de fato nele se encontram os primórdios de um movimento que gradualmente irá se apoderar de toda a literatura grega antiga.

No Proêmio de Laércio, há uma lista de filósofos que não escreveram nada, que escreveram um livro e que escreveram muito. I, 16. χαὶ οἱ μὲν αὐτῶν χατέλιπον ὑπομνήματα, οἱ δ’ ὅλως οὐ συνέγραψαν, ὥσπερ χατά τινας Σωχράτς Στίλπωυ Φίλιππος Μενέδημος Πύρρων Θεόδωρος Καρνεάδης Βρύσων· χατά τινας Πυθαγόρας Ἀρίστων ὁ Χῖος πλὴν ἐπιστολῶν ὀλίγων· οἱ δ ἀνὰ ἓν συγγράψαντες Μέλιοσσος Παρμενίδης Ἀναξαγόρας· πολλὰ δέ Ζήνων, πλείω Εενοφάνης, πλείω Δημόχριτος, πλείω Ἀριστοτέλης, τλείω Ἐπίχουρος, τλείω Χρύσιππος [Alguns deles deixaram escritos, enquanto outros nada escreveram (como aconteceu segundo algumas autoridades com Sócrates, Stílpon, Fílipos, Menêdemos, Pirro, Teodoro, Carnéades e

[397] Hermipo de Esmirna foi um filósofo e historiador que viveu no século III a.C. [N.T].

[398] Calímaco viveu entre os anos 310-240 a.C., e foi um importante poetas e estudioso associado à Biblioteca de Alexandria. [N.T].

Bríson – alguns acrescentam Pitágoras e Aríston de Quios, com a exceção de que estes teriam escrito umas poucas cartas). Outros escreveram apenas uma obra cada um, como Melissos, Parmênides e Anaxágoras. Zênon escreveu muitas obras, Xenófanes ainda mais, Demócrito ainda mais, Aristóteles ainda mais, Epicuro ainda mais e Crísipos ainda mais][399].

Esta lista é particularmente marcante por quem dela se ausenta. Assim, esperamos encontrar Tales entre aqueles que não escreveram: mas enganamo-nos e nem mesmo o encontramos entre aqueles que escreveram e nada mais. Teôfrastos[400] em Simpl. na Phys. f. 6r λέγεται δὲ ἐν γραφαῖς μηδὲν καταλιπεῖν πλὴν τῆς χαλουμένης ναυτιχῆς ἀστρολογίας [Diz-se que nas inscrições não se deve omitir nada, exceto a astrologia náutica, que está sujeita a erro][401]. Mas aqueles que afirmaram que ele não tinha escrito nada atribuíram esta ἀστρολογίας [Astrologia] a outro autor em La. I, 23. χαὶ χατὰ μέν τινας χατέλιπεν οὐδέν• ἡ γὰρ εἰς αὐτὸν ἀναφερομένη ναυτιχὴ Ἀστρολογία Φώχου λέγεται εῖναι τοῦ Σαμίου [De acordo com algumas fontes esse filósofo nada deixou escrito. A Astronomia Náutica, atribuída a ele, segundo constava era de autoria de Focos de Samos][402]. Assim, o autor dessa lista imaginou que Tales fosse autor de pelo menos dois textos nos quais ele tinha colegas. I, 23. χατά τινας δὲ δύο μόνα συνέγραψε περὶ τροπῆς χαὶ ἰσημερίας [Entretanto, de conformidade com outros autores, ele escreveu somente duas obras, uma *Do Solstício* e outra *Do Equinócio*][403]. Mas, talvez, ele o atribuiu um grupo inteiro, como Suidas s. v Θαλῆς – περὶ μετεώρων ἐν ἔπεσοιν [Tales – Dos meteoros observados][404] – (que são idênticos às διαχόσια έπη [duzentas linhas] La. I, 34[405]) περὶ ἰοημερίας χαὶ ἄλλα πολλά [Da manhã e muitas outras coisas], que devem ser entendidos como περὶ τροπῆς [Da mudança], depois περὶ ἀρχῶν [Dos princípios]. Galen. em Hipocr. de humor. I, I. I. T. XVI, 37, e cartas[406].

---

[399] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 1 I-16, p. 17. [N.T].

[400] Teofrasto viveu entre os anos 371-287 a.C., e foi um filósofo, discípulo de Aristóteles e seu sucessor como chefe do Liceu em Atenas. [N.T].

[401] Cf. DIELS, H. *Doxographi Graeci*. Berlin: De Gruyter, 1976. p. 475. [N.T].

[402] Cf. LAÉRCIO, D. op. cit., nota 399, p. 17. [N.T].

[403] Cf. Ibid. p. 17. [N.T]

[404] Cf. *SUIDAE*, I-II, p. 681. [N.T].

[405] Cf. LAÉRCIO, D. op. cit., nota 403, p. 35. [N.T].

[406] Cf. GALENI, C. *Opera Omnia*. 20 Volumes. Edited by Karl Gottlob Kühn. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. *XVI,* p. 1-488. [N.T].

Da mesma forma, ele acreditava que Anaximandro tinha escrito mais que uma obra; cf. Suidas.: ἔγραψε περὶ φύσεως, γῆς περίοδον χαὶ περὶ ἀπλανῶν χαὶ σφαῖραν χαὶ ἄλλα τινά [Ele escreveu Da natureza, Do movimento da terra, Dos corpos celestes, a esfericidade da terra e outras coisas][407] do qual περίοδος γῆς [O movimento da terra] e a αφαῖρα [Subtração] devem ser rejeitados; cf. La. II, 2: χαὶ γης χαὶ θαλάσσης περίμετρον πρῶτος ἔγραψεν, ἀλλὰ χαὶ σφαῖραν χατεσχεύασε [Ele foi também o primeiro a desenhar num mapa os contornos da terra e do mar, tendo construído também um globo][408]. Assim, o que resta são περὶ φύσεως, περὶ ἀπλανῶν χαὶ ἄλλα τινά [Da natureza, Dos corpos celestes e algumas outras coisas], incluindo cartas.

O mesmo acontece com Anaxímenes, mas a tradição nos deixa na incerteza. O mesmo se aplica a Diógenes de Apolônia, de quem Demétrio Magnes conhece apenas um escrito τὸ σύγγραμμα [escrito], VIII, 57[409]. VI, 81[410]. Por outro lado, Simpl. Phys. 32b nos fala de outros dois[411]. A situação é semelhante com Zênon de Eleia, do qual Platão também conhece apenas o escrito o τὸ σύγγραμμα [O escrito], mas a quem foram atribuídos escritos inautênticos. De fato, Parmênides, Melisso e Anaxágoras são os únicos (além dos poucos conhecidos Anaxímenes e Heráclito), aos quais, até onde sabemos, nenhum escrito inautêntico foi atribuído. Em Geral, no entanto, é evidente que a nossa lista leva em conta as πίνακες [tabuletas] mais completas, as mais antigas e, ao mesmo tempo, as piores, isto é, as alexandrinas. Uma exceção a isso é a observação sobre Pitágoras e Aristo, já marcada como χατὰ δέ τινας [Segundo alguns] por ter sido tirada de outra fonte. Por outro lado, não se pode ignorar o fato de os nomes Arístipos e Diógenes não estarem incluídos na lista de não-escritores: na qual os incluiríamos se fossem levados em conta os estudos posteriores de Sosicrates e Panaetius. Mas vejamos os escritores frequentes, que estão listados em escala contínua. Embora não tenhamos um limite de πολλά [Numerosos], sabemos que os três últimos elos da cadeia são 400, 600 e 700, pelo que podemos esperar números elevados também nos primeiros números. Não há dúvida a quem Zênon se refere: ao estóico, claro, que também é mencionado em uma passagem juntamente

---

[407] Cf. *SUIDAE*, I-I, p. 179. [N.T].

[408] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 1 II-2, p. 131. [N.T].

[409] Aqui Nietzsche realiza uma confusão. Na verdade, o livro dedicado a Diógenes de Apolônia é o IX. Cf. LAÉRCIO, D. op. cit., nota 408, v. 2 IX-57, p. 83-82. [N.T].

[410] Cf. Ibid. p. 83-82. [N.T].

[411] Cf. DIELS, H. *Doxographi Graeci*. Berlin: De Gruyter, 1976. [N.T].

com Crísipos e Aristóteles como aquele que ama citações para aumentar o texto[412]. Há apenas um livro e alguns inautênticos de Zênon de Eleia. Ele, portanto, não pode ser considerado. Por outro lado, porém, é evidente que o índice de Zênon em Laércio não pretende ser completo. É verdade, diz La. VII, 38: ἔστι μὲν οὖν αὐτοῦ χαὶ τὰ προγεγραμμένα βιβλία πολλά [Já dei a lista de seus numerosos escritos][413], referindo-se ao anterior à πίναξ [Tabuleta]. Mas este compreende apenas 20 títulos, pelo que não pode ser rotulado como πολλά [Numerosos]. Em vez disso, ἔστι μὲν χτλ [Existem também outras coisas], deve ser explicado como muitas outras coisas em La. Ele copiou literalmente a sua fonte, Díocles, que havia efetivamente fornecido o índice na íntegra. Laércio, no entanto, poupou-se do trabalho e deu apenas um excerto insuficiente. Isso também é demonstrado pela forma externa do índice que começa de forma aleatória: γέγραφε πρὸς τῇ πολιτείᾳ χαὶ τάδε [Além da República, Zênon escreveu as seguintes obras], e depois recomeça no meio, como se estivesse no início: ἔστι δ' αὐτοῦ χαὶ τέχνη χτλ [Existem dele também uma Arte, etc.][414]. Além disso, as citações em La., retiradas de livros desconhecidos do índice, atestam a incompletude. Se assumirmos que a τέχνη [Arte] é idêntico à τέχνη ἐρωτιχή [Arte de amar], que é citado em III, 34[415] então διατριβαί [Discursos] VII, 34[416]. Sex. Emp. X C. Math. Pirro III, 25. Depois: ἐν τῷ περὶ λόγου. ἐν τῷ περὶ οὐσίας [Na obra Do discurso. Na obra Da essência]. Não gostaria de concluir com ὑπόμνημα εἰς τὴν Ἡσιόδου θεογονία [Comentário sobre a Teogonia de Hesíodo] como Fabricius de Cic. de nat. Deor. I[417].

πολλά [Numerosos] portanto – este resultado – não é, de qualquer modo, 20-30 livros, se a lista de polígrafos fechar em 700. Em segundo lugar está Xenófanes, que se diz ter escrito mais do que Zenão. Mas isso obviamente está errado. O poeta Xenófanes não tem qualquer lugar na lista de prosadores prolíficos: além disto, se quisermos contar muito, apenas cinco dos seus escritos são citados. É evidente, como Ritschl já sugeriu, que um erro de transcrição muito comum deve ser corrigido aqui: Εενοφάνης in Εενοχράτης [Xenófanes por Xenocrates]. Pois

---

[412] Cf. LAÉRCIO, D. op. cit., nota 410, p. 83-82. [N.T].

[413] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 VII-38, p. 149. [N.T].

[414] Cf. Ibid. p. 113;115. [N.T].

[415] Aqui Nietzsche realiza uma confusão. Na verdade, a referência se localiza no livro VII. Cf. Ibid. p. 145. [N.T].

[416] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 VII-34, p. 145. [N.T].

[417] Aqui Nietzsche faz referência ao livro I De Natura Deorum, de Cícero. Cf. CICERO, *De Natura Deorum.* Liber I. Edited by Andrey R. Dyck. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. [N.T].

ele diz IV: χαὶ πλεῖστα ὅσα χαταλέλοιπε συγγράμματα χαὶ ἔπη χαὶ παραινέσις χτλ [E muitas são as coisas que os escritos deixaram de lado, tanto prosa quanto poesia e conselhos, etc.][418]. De acordo com o cálculo alexandrino, existem 215 escritos de sua autoria. Assim, Zênon escreveu menos que 215.

O terceiro da lista é Demócrito. Assim, como bem observa Ritschl[419], de acordo com os cálculos alexandrinos, ele escreveu entre 215 a 400 obras, ou seja, se quisermos chegar números médios:

Zênon = 100.
Xenocrates = 200.
Demócrito = 300.
Aristóteles = 400.
Epicuro = 600.
Crísipos = 700.

Se agora quisermos ver um contraste bastante acentuado com esta abordagem dos alexandrinos, consideremos a πίναξ [Tabuleta] de Trásilo, que declarou 75 escritos (ou seja, livros) dos cerca de 300 eram genuínos, rejeitando assim cerca de 140 a 200 escritos. Os defensores da πίναξ [Tabuleta] aristotélica de Alexandria podem ser perdoados por dizer isto, embora Trásilo não fosse de modo algum um crítico rigoroso. Seu procedimento nos diálogos platônicos mostra que ele também inclui escritos genuínos em suas tetralogias, e mostrar-se-á que ele fez o mesmo com Demócrito. Devemos nos lembrar que o Demócrito imaginado por Trásilo apresentava uma imagem bastante homogênea. Admirava nele a versatilidade de sua natureza, a combinação de saberes filosóficos, musicais e técnicos, e por isso o chamava de πένταθλος [Pentatlo] com referência a uma passagem do Anterastes (de cuja autenticidade ele duvidava ligeiramente, embora o incluísse nas tetralogias). Da mesma forma, ele pensava que Demócrito era um ζηλωτής [Zelota] dos pitagóricos, de fato tinha conservado tudo deles. Ora, Trásilo era conhecido por ser um astrólogo e matemático, depois um cientista da natureza (ele escreveu sobre Lapidibus, e Demócrito, Plut. De Flum. P. 24), finalmente um geógrafo (ele escreveu em Αἰγυπτιαχά [Egípcio] Plut. De Flum. 31 e Θρᾳχιχά [Trácio] ib. 24). Além disso, partilhava as inclinações a favor de Pitágoras que prevaleciam em seu tempo. Assim, se os escritos de Demócrito revelam influências pitagóricas – e esse era o caso nos escritos éticos, por exemplo, em Πυθαγόρας [Pitágoras] –, ele não encontrou neles qualquer razão para uma ἀθέτησιος [Adesão], mas ficou satisfeito com estes ecos relacionados. Se algo tivesse mais

[418] Na verdade, a referência se localiza no livro XI. Cf. *Adv. Math*., XI §190, p. 414. [N.T].
[419] Cf. RITSCHL, F. *Opuscula Philologica*. Volumem I. Leipzig: B. G. Teubner, 1866. p. 185. [N.M].

gosto do Egito do que a Grécia, por exemplo περὶ τῶν ἐν Μερόῃ ἱερῶν γραμμάτων [Dos escritos sagrados de Meroé], ele sentia-se como um egípcio e sentia o que todos os egípcios sentiam, ou seja, que os gregos deviam toda a sua sabedoria aos egípcios. Por fim, o princípio da divisão em tetralogias também é um tanto violento. É fácil incluir um escrito cuja autenticidade é incerta a fim de preencher uma tetralogia. Isto explica porque vários diálogos platônicos foram incluídos nas tetralogias, apesar das suspeitas. Vimos, assim, que Trásilo não podia ser, e não era, um crítico rigoroso: que por conseguinte, o seu número de 75 escritos continha provavelmente ainda um certo número de ψευδεπίγραφα [Pseudoepígrafos] e a diferença entre os escritos realmente genuínos e os 300 se torna cada vez maior.

O próprio Trásilo nos diz que ele e Calímaco se preocuparam com as πίνακες [Tabuletas] de Demócrito: τάττουσι δέ τινες χατ' ἰδίαν ἐχ τῶν ὑπομνημάτων χαὶ ταῦτα· τὰ δ' ἄλλα ὅσα τινὲς ἀναφέρουσιν εἰς αὐτὸν, τὰ μὲω ἐχ τῶν αὐτοῦ διεσχεύασται, τὰ δ' ὁμολογουμένως ἐστὶν ἀλλότρια [Alguns incluem como itens separados na lista os seguintes trabalhos retirados de suas anotações. As outras obras que alguns atribuem a Demócrito são compilações de seus escritos ou reconhecidamente inautênticas][420]. Entretanto, muitos tinham sido declarados por unanimidade como inautênticos, outros tinham sido retirados do índice por serem meramente criados a partir dos itens genuínos. Agora temos outro julgamento daquela época que é tão extremo em sua negação quanto o dos alexandrinos em sua afirmação. Encontra-se em Suidas: γνήσια δ' αὐτοῦ Βιβλία εἰσὶ β', ὅ τε μέγας διάχοσμος χαὶ τὸ περὶ φύσεως χόσμου. ἔγραψε δὲ χαὶ ἐπιστολάς [Existem duas obras autênticas dele, Grande Cosmologia e Da Natureza. Ele também escreveu cartas][421]. Esta sentença não foi levada em consideração em nenhum lugar. Mullach pensa que ela representa os escritos que ainda existiam na época de Suidas[422]. Este ponto de vista se tornou obsoleto. Em primeiro lugar, portanto, o julgamento pertence a Hesíquio, a quem se deve a conclusão nos pormenores. Não é muito claro dizer: "dois escritos são genuínos, este e aquele, mas ele também escreveu cartas". A última

[420] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-49, p. 460-463. [N.T].

[421] Cf. *SUIDAE*, I-II, p. 144. [N.T].

[422] Nietzsche faz referência ao filólogo e professor da Universidade de Berlim, Friedrich Wilhelm August Mullach (1831-1879). Seu trabalho versa sobre literatura grega e latina. Nesta passagem, Nietzsche comenta sobre um comentário de Mullach que se localiza na obra *Democriti Abderitae operum fragmenta* (1843), Cf. MULLACH, F. (ed.). *Democriti Abderitae operum fragmenta*. Berlim: G. Besseri, 1843. p. 103. A posição filológica de Nietzsche o coloca por diversas vezes contrário às posições assumidas por Mullach. Em algumas passagens, ele traça comentário sobre as posições de Mullach, como é o caso desta. Isso ocorre também em uma carta enviado a Erwin Rohde em 9 de dezembro de 1868, quando Nietzsche se refere a ele como "uma besta chifruda descuidada" (*KGB* 1-2*,* p. 348-353). [N.T].

prova, claramente um apêndice. Ora, é bastante certo que as cartas a Hipócrates foram escritas no século II d.C. ou posteriormente. Dizer que são autênticas é ridículo. Mas é impossível confiar este julgamento àquele que expressou uma ἀθέτησις [Rejeição] tão extrema. No entanto, a maior parte das observações sobre a vida, e sobretudo as observações pinacográficas, provêm do livro de homônimos de Demétrio de Magnésia, que podia ainda não saber nada sobre essas cartas e que, portanto, estão obviamente ausentes do índice de Trásilo (que, no entanto, contém as cartas de Platão). A nota sobre a carta deve-se, portanto, a Hesíquio, que enriqueceu o artigo com ela. Devemos, pois, prescindir dela.

A nota pinacográfica extrema estava, por tanto, em Demétrio de Magnésia. Se foi escrita por ele, não é certo nem mesmo provável. Sabemos que ele declarou que a πολιτέια Λαχεδαιμονίων [Constituição dos Lacedemônios] de Xenofonte era inautêntica, que expôs uma carta forjada na língua e que, de acordo com seu julgamento, Filôlaos foi o primeiro a escrever περὶ φύσεως [Da natureza] dos pitagóricos[423]. Com isso, ele rejeitou o τὸ φυσιχόν [Da Natureza] e περὶ τοῦ ὅλου [Do Universo] de Pitágoras, περὶ τοῦ ὄντος [Do ser] de Arquidas, περὶ τῆς τοῦ παντὸς φύσιος [Da natureza do Universo] de Ocellus, περὶ τοῦ παντὸς [Da Natureza] de Timeu (a menos que todos esses escritos foram escritos depois dele, com exceção τῶς εἰς Πυθαγόραν ἀναφερομένων [Das coisas atribuídas a Pitágoras]). No entanto, tendo em vista a estrutura de seu livro, é pouco provável que ele tenha sido o primeiro a exprimir estas opiniões: de qualquer forma, ele remeteu para as opiniões de vários pinacógrafos (como Diógenes, Arístipos, Aríston), incluindo os mais extremistas. Portanto, quem quer que tenha declarado a enorme literatura de Demócrito como inautêntica, exceto por dois escritos – foi provavelmente um pergaminiano, talvez Panaetius –, sua opinião tem pleno direito de merecer a nossa atenção, assim como a dos alexandrinos. A nossa tarefa será educar-nos tanto sobre os componentes da πίναξ [Tabuleta] alexandrina quanto sobre as razões desta enorme ἀθέτησις [Rejeição]; e podemos fazer uma coisa ou outra, mas nosso esforço equivale sempre a uma revisão do índice democritiano de Trásilo.

Mas como? Afinal, essa disposição demetriana não contém apenas um absurdo, sabe-se lá que tipo de delírio ou indolência por parte do escritor? Afinal, ela não merece a nossa atenção. O que importa não é saber se contém verdade: pois não há verdade nesse número de livros alexandrinos. Queremos apenas saber se realmente pode ser justificado, queremos ter a certeza de que a nota em questão corresponde realmente a uma deliberação e não a uma coincidência.

---

[423] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 VIII-85, p. 401. [N.T].

Consideremos, então, a ideia de que Demócrito realmente escreveu dois escritos. Inicialmente esta ideia tem algo muito semelhante ao caráter dos filósofos pré-socráticos. Não há ninguém entre eles que tenha escrito mais livros, na verdade a maioria deles compilou seu conhecimento em um só livro. A crença contrária tem até algo de ofensivo. É difícil entender porque um filósofo teria abandonado subitamente o costume da moderação e da simplicidade. Os discípulos de Sócrates são os primeiros a escrever volumosamente, mesmo de forma artística: tal como os poetas antes e depois de Demócrito escreveram infinitamente mais do que um poema. A forma científica de uma única observação filosófica em rigorosa representação parece ter sido desenvolvida apenas na escola peripatética e acadêmica. A prolixidade de Demócrito é, portanto, uma anomalia, assim como sua versatilidade é única na literatura pré-aristotélica. Devemos acreditar que Platão teria guardado silêncio sobre a personalidade tão eminente por ódio ou inveja, tal qual ele foi acusado de fazer, provavelmente apenas para explicar o fato de Demócrito não ser mencionado em nenhum lugar nos escritos de Platão? Afinal, seria assim, sem qualquer analogia, que uma abundância interminável de φευδεπίγραφα [Falsificações] teria sido colada a um pequeno núcleo de escritos genuínos? Que os discípulos teriam adornado suas obras com o nome do mestre, tal como toda a literatura pitagórica teve essa origem, assim como os diálogos dos socráticos pressupõem um fato semelhante? Além disso, se de 300 escritos nem mesmo 72 são genuínos, por que não pode um ou dois dos 50 ou 60 escritos formar o núcleo ao qual a literatura pseudepigráfica aferrou-se? Veremos que os catálogos de Trásilo ainda contêm uma grande quantidade dessa mercadoria contrabandeada. Não há diferença essencial se considerarmos dez ou dois escritos como o núcleo. Um exemplo mostra quão incertas são as obras mais notáveis de Demócrito. διάχοσμος μέγας [Grande Cosmologia], a coroa das obras de Demócrito, foi considerada por Teôfrastos como uma obra de Leucipo. Da mesma forma, citamos um escrito de Leucipo περὶ νοῦ [Da mente], que aparentemente é idêntica à obra com o mesmo nome no índice de Demócrito de Trásilo. Se Teôfrastos não tivesse certeza sobre a obra mais importante de Demócrito, onde poderíamos obtê-la para muitas obras secundárias? Além disso, que autoridade existe se desconsiderarmos a de Teôfrastos? Se assumirmos que ele teria se enganado em um ponto tão essencial, o que significa que Teôfrastos fala de uma série de escritos como se os reconhecesse como democritianos. E não é o mesmo que acontece com Aristóteles? Se este último considera διάχοσμος μέγας [Grande Cosmologia] como genuíno e Teôfrastos falso?

Estas observações céticas gerais darão algum significado a essa nota demetriana. Vale a pena ouvir essa nota, isso é suficiente. É pedir demais que acreditemos nela. Em todo caso, porém, agarremo-nos ao fato de que ela não deve a sua origem a uma coincidência maliciosa.

Não esqueçamos a clareza com que foi comunicada. Se, por exemplo, dissesse: γνήσια δ' αὐτοῦ βιβλία ταῦτα [Mas esses são os livros autênticos dele], eu não me importaria nada. Suidas poderia, como faz frequentemente, ter copiado apenas o início em vez de uma πίναξ [Tabuleta] mais longa. O fundamento seria igualmente incerto se dissesse: βιβλία δ' αύτοῦ ταῦτα [Mas esses são os livros dele] ou mesmo δύο [dois]. Mas nada pode ser mais conciso do que a expressão: γνήσια δ' αὐτοῦ βιβλία δύο [Mas há dois livros seus autênticos]. Há também o argumento de que o próprio Demétrio M. defendia esta opinião para ser considerado digno da honra de ser sepultado na sua terra natal e não ser vítima do castigo que recai sobre o esbanjador da herança paterna. Demócrito, assim como relata Antístenes, o autor peripatético de διαδοχαί [Sucessões], a διάχοσμος μέγας ὅς ἁπάντων τῶν αὰτοῦ συγγραμμάτων ποέχει [Grande Cosmologia, a melhor de todas as suas obras] (La. IX, 39)[424] lido em voz alta. Assim, Antístenes registrou a concepção peripatético-alexandrina de uma grande escrita democritiana. Ateneu relata em I68 B, que leu τὸν διάχοσμον μέγαν [A Grande Cosmologia] e τὰ περὶ τῶν ἐν Ἅιδου [Dos que estão no Hades]. O antigo comentador de Horácio (Epist. I, 12) diz: obtulit libros de re physica a se conscriptos [Ele apresentou livros sobre as coisas naturais escritos por ele mesmo][425]. Mas agora ouvimos a expressão de Demétrio, cuja opinião é oposta à de Antístenes: "Seus amigos leram a grande διάχοσμος [Cosmologia]"[426]. Nada, portanto, de outros escritos que ele também tivesse lido, nada do valor excepcional desta obra. Obviamente de propósito.

Após estas observações preliminares, abordarei os ψευδεπίγραφα [Pseudoepígrafos] democritianos grupo a grupo.

II. Bolos[427] e sua fábrica

O Suidas contém os seguintes itens:

---

[424] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-39, p. 449. [N.T].

[425] Cf. HORÁCIO. *Episteln*. Erster Theil. Halberstadt: Carl Brveggemann, 1828. p. 265. [N.T].

[426] Cf. LAÉRCIO, D. op. cit., nota 424, p. 449. [N.T].

[427] Bolos, também conhecido como Bolos Demócriteo, foi um filósofo e escritor grego que viveu provavelmente no século III a.C. Vindo do Egito, possuía ligação com as tradições filosóficas associadas a Demócrito. Sobre Bolos, Cf. MARTELLI, M. *The Four Books of Pseudo-Democritus*. Ambix 60 suppl. 1. Leeds: Maney Publishing, 2013. [N.T].

Βῶλος Δημοχρίτειος φιλόσοφος· ἱστοίαν χαὶ τέχνην ἰατριχήν. ἔχει δ' ἰάσεις φυσιχὰς ἀπό τινων βοηθημάτων τῆς φύσεως. [Bolos, Demócriteo, filósofo, habilidoso na navegação e na arte da medicina. Ele viu curas naturais com alguns remádios da natureza][428].

AB*VE m Δημόχριτος, Eud. Δημοχορίτιος. Eud. om. ἱστορἰαν χαὶ. dein συντέθηχε. V. δὲ χαὶ ἰ. [AB*VE o Demócrito, EUD. Demócrito. EUD. Omitiu a navegação. Então, foi composto em conjunto. V. depois].

Βῶλος Μενδήσιος Πυθαγόρειος. περὶ τῶν ἐχ τῆς ἀναγνώσεως τῶν ἱστοριῶν εἰς ἐπίστασιν ἡμᾶς ἀγόντων, περὶ θαυμασίων, φυσιχά, δυναμερά - ἔχει δὲ περὶ συμπαθειῶν χαὶ ἀντιπαθειῶν, (περὶ) λίθων χατὰ στοιχεῖον, περὶ σημείων τῶν ἐξ ἡλίου χαὶ σελήνης χαὶ ἄρχτου χαὶ λύχνου χαὶ ἴριδος. [Bolos de Mendes Pitagórico. Sobre coisas que nos fazem acreditar ao ler as histórias, sobre milagres, fenômenos naturais, poderes – ele também escreveu sobre simpatias e antipatias, (sobre) pedras segundo seus elementos, sobre sinais de sol e lua e urso e lâmpada e arco-íris][429].

περὶ τῶν – συμπαθειῶν χαὶ om. BE, Eud. om. τῶν ἐχ. AV ἀγόντων. BE περὶ παθειῶν ἀντιπαθειῶν. *V στοιχείων. [Das – simpatias. om. BE, Eud. Om. do que tem. AV induzir. BE Das paixões e aversões. *V elementos].

É evidente que o democritiano e o pitagórico são idênticos. Collumela fala em VII, 5 de ὑπομνήματα [Escritos] de Bolos de Mendes, que circulavam sob o nome de Demócriteo[430]. Do mesmo modo, a escrita περὶ λίθων [Das pedras] que aparece aqui em Βῶλος Πυθ [Bolos Phit], é descrito por Schol. Nicandr. em Ther. v. 35 como obra de Bolos Demócriteo[431]. Bolos é, portanto, um daqueles discípulos que adornam seus escritos com o nome do mestre. Ele é citado em Galeno de antidot. II, C. 7[432], Varro de re rust. I[433], Sthep. Byz. v. Ἄψυνθος [Apsynthos][434]. Bolos pertence, assim, àqueles sobre os quais Gellius N. A. X, 12 fala: “Multa autem videntur

[428] Cf. *SUIDAE* I-I, p. 489. [N.T].
[429] Cf. *SUIDAE* I-I, p. 489-490. [N.T].

[430] Cf. COLUMELA, L. *On agriculture:* in three volumes: II. Res Rustica V-IX. Cambridge: Harvard University Press, 1954. v. *II,* p. 272. [N.T].

[431] Cf. CRUGNOLA, A. *Scholia in Nicandri Theriaka:* cum glossis. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1971. p. 276. [N.T].

[432] Cf. GALENI, C. *Opera Omnia*. 20 Volumes. Edited by Karl Gottlob Kühn. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. v. *XIV,* p. 44. [N.T].

[433] Cf. VARRO, M. *On Agriculture.* Translation by William Davis Hooper. Revised by Harrison Boyd. Cambridge: Harvard University Press, 1967. p. 164. [N.T].

[434] Cf. BYZANTII, S. *Ethnicorum.* Tomus prior. Bänd 1. Recensione Augustus Meineke. Berlim: Reimer, 1849. p. 153. [N.T].

ab hominibus male sollertibus hujuscemodi commenta in Democriti nomen data, nobilitatis auctoritatisque ejus perfugio utentibus" [Mas muitos comentários deste tipo parecem ter sido feitos por homens imprudentes em nome de Demócrito, refugiando-se na sua nobreza e autoridade]. Três coisas em particular devem ser consideradas sobre Bolos: ele era um pitagórico, ele era um democritiano, ele era um egípcio. Nestes três aspectos ele é um falsificador. Para além disso, ele era um médico e um cientista da natureza e, finalmente, astrólogo e mágico. Sabemos também que ele viveu depois de Teôfrastos porque ele utilizou a sua obra περὶ φυτῶν [Das plantas]. A suposição de Valentin Rose, que o coloca na mesma categoria de Acicário, Darnano, etc. (de Ar, libr, ord. p. 8) e o considera um personagem fictício cujas obras Demócrito comentou, deve ser reconsiderada[435]. Devemos antes ter em mente que o artigo de Bolos no Suidas é também atribuído a Demétrio M., que assim fundamentou a sua hipótese democritiana nas suas obras. Portanto, ele considerava Bolos como um dos principais falsificadores. Agora vemos o que é que tudo remonta a ele.

A passagem de Plinius N. H. XXX, c. 1 é conhecida: Quamquam animadverto summam litterarum claritatem gloriamque ex ea scientia (i. e. magica) antiquitus et paene semper petitam. Certe Pythagoras, Empedocles, Democritus, Plato ad hanc discendam navigavere, exiliis verius quam peregrinationibus susceptis. Hanc reversi praedicavere: hanc in arcanis habuere. Democritus Apollobechem Coptiten et Dardanum e Phoenice illustravit, voluminibus Dardani in sepulcrum ejus petitis: suis vero ex disciplina eorum editis: quae recepta ab aliis hominum atque transisse per memoriam aeque ac nihil in vita mirandum est. In tantum fides istis fasque omne deest, adeo ut ii, qui caetera in viro illo probant, haec ejus opera esse inntientur. Sed frustra. Hunc enim máxime afnxisse animis eam dulcedinem constat. Plenumque miraculi et hoc, pariter utrasque artes effloruisse, medicinam dico magicamque, eadem aetate illam Hippocrate, hanc Democrito illustrantibus, circa Peloponnesiacum Graeciae bellum, quod gestum est a trecentesimo urbis nostrae anno [Embora eu observe que a mais alta glória das letras e o renome foram procurados desde tempos antigos e quase sempre a partir desse conhecimento (ou seja, a magia). Certamente, Pitágoras, Empédocles, Demócrito, Platão navegaram para aprender isso, mais como exilados do que como viajantes. Ao retornarem, proclamaram isso: tiveram isso em segredo. Demócrito iluminou Apollobeco, o copitano, e Dárdano, o fenício, buscando volumes dardanos em seu túmulo: mas os seus próprios escritos foram publicados pela disciplina deles: o que foi aceito por outros homens e passou pela memória, é tão pouco surpreendente na vida quanto nada. Tão grande é a falta de fé neles e de

[435] Cf. ROSE, V. *De Aristotelis librorum ordine et auctoritate:* Commentatio. Berlim: Reimer, 1854. p. 9-10. [N.T].

todo o direito, a tal ponto que aqueles que aprovam todas as outras coisas nesse homem consideram essas obras como sendo dele. Mas em vão. Pois é claro que ele ansiava principalmente por aquela doçura. E é pleno de maravilha que ambas as artes tenham florescido juntas, quero dizer, a medicina e a magia, ambas iluminadas por Hipócrates e Demócrito, durante a guerra do Peloponeso na Grécia, que ocorreu no trecentésimo ano de nossa cidade]. Assim, havia escritos mágicos de um Dárdano, que Demócrito teria publicado e explicado. Columella aborda estas questões X v. 358: At si nulla valet medicina repellere pestem, Dardaniae veniant artes [Mas se nenhum remédio pode repelir a praga, que venham as artes de Dardânia][436]. Fulgêncio é mais claro: Nam non illa in tuis operibus quaerimus – nee illa quae aut Dardanus in dynameris aut Battiades in Synedris aut Campester in Catabolicis Infernalibusque cecinerunt [Certamente não procuramos em teus escritos – nem aquilo que Dárdano consagrou na Dinamera, ou que o batíade[437] na Paredra, ou que Campestre na Catabolici e na Infernales.][438]. Assim, havia um escrito mágico nos dinames de Dárdano. Mas agora na πίναξ [Tabuleta] de Βῶλος [Bolos] há um escrito mágico δυναμερά - ἔχει δὲ περὶ συμπαθειῶν χαὶ ἀντιπαθειῶν [Poderoso – trata-se Das simpatias e antipatias]. No entanto, sabemos que o escrito περὶ συμπαθειῶν [Das simpatias] também tinha o nome de Demócrito. Isto prova que Bolos foi falsificador da obra de Dárdano, que supostamente foram retiradas do túmulo de Demócrito (cf. a anedota de que Demócrito passava muito tempo entre túmulos, Luc. Laert[439]. etc.). Cf. Dardanus Apul. de herb. 7 e 16, Apologia [90][440].

A mesma categoria inclui os escritos que de Demócrito que Syncell enumera: περὶ χρυσοῦ χαὶ ἀργύρου χαὶ λίθου χαὶ πορφύρας – ἀλλ’ οὗτοι μὲν Δημόχριτος χαὶ Μαρία ἐπηνέθνσαν παρὰ Ὀστάνου πολλοῖς χαὶ σοφοῖς αἰνίγμασι χρύψαντες τὴν τέχνην [Do ouro, prata, pedras preciosas e púrpura – mas estes, Demócrito e Maria, elogiaram segundo Ostanes,

---

[436] Cf. COLUMELLA, L. *On agriculture:* in three volumes: III. Cambridge: Harvard University Press, 1993. v. *III*, p. 38. [N.T].

[437] “Batíada” é um epíteto de Calímaco, filólogo e gramático da Antiguidade. Cf. HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. In: *Journal of Medieval Latin*. n. 13, p. 163-252, 2003. p. 247-249. [N.T].

[438] Cf. FULGENTII, F. *Opera*. Recensuit Rudolfus Helm. Lipsiae: B.G. Teubner, 1898. p. 85. [N.T].

[439] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972, v. 2, IX. [N.T].

[440] Cf. APULEI. *Apologia.* With introduction and commentary by H. E. Butler and A. S. Owen. London: Oxford University Press, 1914. § 90. [N.T].

escondendo a arte com muitos e sábios enigmas][441]. Lambecius relata em comm. de bibl. Vindobon. p. 586[442] a partir de um códice químico de Pseudo-Demócrito, que Demócrito encontrou os escritos químicos de Ostanes no interior de um pilar de Memphis. A arte química de Ostanes existe em Persa. Cf. Fabr. Harl. I, p. 106[443].

Então, segundo Plínio, Demócrito também publicou os escritos mágicos do egípcio Apollobeches. Em todo caso, temos que procurar um antigo filósofo egípcio. O nome é, obviamente, grego. Estou certo de que Horus (Apolo) se refere a ele. Heródoto II, c. 144. Onirocritica são citados a partir deste Horus. De seus livros e dos de Isis, Αἰγύπτιος παιδεία [Educação egípcia] era ensinada nos santuários subterrâneos.

Finalmente, Posidônio relata em Strabo XVI 2, 25, p. 757[444]; Sext. Math. IX 363[445], Demócrito extraiu sua teoria dos átomos da escrita fenício de Mochus. No entanto, este escrito ainda não existia no tempo de Eudemo. Damasc. de princ. p. 385[446].

Assim, os escritos de Dárdano, Horus, Ostanes, Mochus foram designados por Demócrito. Clemens Al. enumera 42 escritos de Pseudohermes, que devem ter sido escritos na mesma altura e que representam os mesmos interesses multifacetados de Demócrito de Trásilo. Nomeadamente, ἀστρολογούμενα [Astrologia]. (incluindo περὶ τοῦ διαχόσμου τῶν ἀπλανῶν φαιωομένων ἄστρων [Da disposição das estrelas fixas não errantes]), depois περὶ χοσμογραφίας, περὶ νόσων, περὶ φαρμάχων [Da cosmologia, Das doenças, Dos medicamentos] etc. Para não falar dos números monstruosos em lambl. de myst. Aegypt. sect. VIII, c. I, segundo Manetho ou Seleucus[447].

---

[441] Cf. SYNCELLUS, G. Chronographia. In: DINDORF, W. [ed.]., *Corpus Scriptorum Historiae Byzantina*. Vol. 1. Bonn: Weber, 1829. p. 471. [N.T].

[442] Referência a obra *Commentarii de Bibliotheca Caesarea Vindobonensi,* de Peter Lambeck, bibliotecário e historiador austríaco do século XVII. Ele foi bibliotecário-chefe da Biblioteca Imperial de Viena (Bibliotheca Caesarea Vindobonensis).

[443] Referência ao catálogo associado à Biblioteca Harleiana. [N.T].

[444] Na verdade, o assunto em questão se encontra no §24 do capítulo II, do livro XVI, do volume VI, da Geografia de Strabo. Cf. STRABO. *The Geographi.* Volume VII. Translated by Horace Leonard Jones. London: William Heinemann LTD, 1930. p. 271. [N.T].

[445] Cf. EMPIRICUS, S. *Opera.* Volumen II. Recensuit da Hermannus Mutschmann. Leipzig: Teubner Verlagagesellschaft, 1914. p. 287. [N.T].

[446] Cf. DAMASCIUS. *Questiones de Primis Principiis*. Edited by Jos. Kopp. Frankfurt: H. L. Brenner, 1826. p. 358. [N.T].

[447] Cf. LAMBLICHUS. *The Mysteries of yhe Egyptians, Chaldeans, and Assyrians*. Translated by Thomas Taylor. London: Bertram Dobell, 1810. p. 300. [N.T].

A nota de Clemens Alex. Strom. I p. 303[448], de que Demócrito retirou os seus escritos éticos da coluna do Acicáro babilônico. É óbvio que isto está relacionado com o escrito que é colocado separadamente por alguns separatim (χατ' ἰδίαν [Em particular]) dos ὑπομνήματα [Escritos] (provavelmente dos ὑπομνήματα ἠθιχά [Escritos éticos]) La. VIII 49: τὰ περὶ τῶν ἐν Βαβυλῶνι ἱερῶν γραμμάτων [Dos escritos sagrados na Babilônia][449]. Continha, também um argumento ético, pelo que devemos assumir que se encontra entre os ὑπομνήματα ἠθιχά [Escritos éticos], que formam a conclusão da 22ª tetralogia. Teôfrastos já tinha tratado Acicáro. No entanto, o segundo escrito pertence ao mesmo gênero περὶ τῶν ἐν Μερόῃ ἱερῶν γραμμάτων [Dos escritos sagrados em Meroé][450], que procuramos, portanto, também nos ὑπομνήματα [Escritos] éticos. Talvez o Χαλδαιχὸς λόγος [Tratado caldeu] e o Φρύγιος λόγος [Trarado frígio] o pertençam[451]. O escrito περὶ ἱστορίης [Da história] é idêntico ao que se encontra nos escritos de Bolos: περὶ τῶν ἐχ τῆς ἀναγνώσεως τῶν ἱστοριῶν εἰς ἐπίστασιν ἡμᾶς ἀγόντων [Daqueles que nos conduzem ao conhecimento através da leitura da história], que, por isso, também assumo estar entre os ὑπομνήματα ἠθιχά [Escritos éticos].

Deve-se sublinhar aqui que Bolos se apoia obviamente em Teôfrastos. Cita-o uma vez como περὶ φυτῶν [Das plantas]. Ele usa o mesmo argumento de Teôfrastos = Ἀχίχαρος [Acicáro]. Ele escreve como Θεόφραστος [Teôfrastos]; também, περὶ ἱστορίας [Da história]. O escrito supostamente democritiano περὶ λοιμῶν [Das pestilências] contém a percepção de que tocar flauta é bom contra picada de cobra (Gell. IV 13), que também é achada em um escrito teofrástico[452].

Assim, vimos que os escritos de Bolos e do círculo relacionado também chegam à ἠθιχά [Ética] de Demócrito. Deve-se agora ter em mente que Bolos era pitagórico, enquanto Demócrito não pode ser considerado assim. Resumirei a ligação entre os pitagóricos e os democritianos. De acordo com Iambl., diz-se que Leucipo pertenceu a Pitágoras quando era um homem velho. De acordo com Duris Σαμ. ὦρ. [Sam. hr.] (professor), Demócrito foi aluno de

---

[448] Cf. ALEXANDRINUS, C. *Stromata Buch I-VI*. Hrsg. Otto Stählkin, Ludwig Früghtel, Ursula Treu. Berlim: Akademie-Verlag, 1985. p. 43. [N.T].

[449] Na verdade, a passagem em questão se localiza no Livro IX. Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2, IX-49, p. 461. [N.T].

[450] Cf. Ibid. p. 461. [N.T].

[451] Cf. Ibid. p. 461. [N.T].

[452] Cf. GALLII, A. *Noctes Atticae.* Volume 2. Recognovit P. K. Marshall. Oxoni: E. Typrographeo Clarendoniano, 1968. p. 179-180. [[N.T].

Aeimnestus, filho de Pitágoras (Porfírio. Vit. Pyth. init.). Segundo Glauco LA. IX 38, segundo Apolodoro, o Ciciceno, esteve em contato com Filôlaos[453]. Dois pitagóricos, Amyclus e Cleinias, impediram Platão de queimar os escritos de Demócrito: conta Aristoxenos ἐν τοῖς ἱστοριχοῖς ὑπομνήμασι [Entre os registros históricos] La. IX 40[454]. Depois de Trásilo, escreveu um panfleto ético sobre Πυθαγόρας [Pitágoras], o qual o admirava. Ele parece ter recebido tudo dele (La. IX 40) de acordo com o julgamento do mesmo homem[455].

Ora, o tempo de Bolos é precisamente o tempo em que se produzem as imensas massas da filosofia pseudo-pitagórica. Rose assinalou corretamente a semelhança de pensamento entre um fragmento περὶ εὐθυμίης [Do bem-estar] de Demócrito Stob. flor. I 40 e um do pitagórico Hiparchus flor. 108, 81. Ambos são escritos inautênticos, mas de mesma origem. Aristóteles não dá nenhum indício de que Demócrito também escreveu textos éticos: ἥψατο πρῶτος [Veio primeiro] (ou seja, para determinar conceitos) ὡς οὐχ ἀναγχαίου δὲ τῇ φυσιχῇ θεωρίᾳ [Como não sendo alheio à teoria da física]. Com Sócrates ouve ζητεῖν τὰ περὶ φύσεως [Investigar os assuntos relacionados à natureza]. Mas πρὸς δὲ τὴν χρήσιμον ἀρετὴν χαὶ τὴν πολιτιχὴν ἀπέχλιναν οἱ φιλοσοφοῦντες [Os filósofos se afastam em direção à virtude útil e à política].

Por fim, o título do escrito ético περὶ τῶν ἐν Ἅιδου [Dos que estão no Hades] também levanta suspeitas. Trata-se da morte aparente, mas não da teoria física, e sim de uma reviravolta ética da morte aparente. O verdadeiro Demócrito acreditava que a morte era absolutamente definitiva e, portanto, negava a existência de um reino das sombras. Agora, porém, ele tinha que explicar o fato da morte aparente; neste caso, assumia apenas que a pessoa em questão não tinha morrido, na verdade, que não havia sinais de morte; não haveria nem mesmo sinais de morte futura. Celsus II c. 6. Não há nada de ético nisso tudo. Por outro lado, Julian ep. XXXVII dá-nos uma história que preenche perfeitamente as condições de um escrito ético περὶ τῶν ἐν Ἅιδου [Dos que estão no Hades]. Demócrito promete ao rei Dario que ressuscitará a sua esposa se conseguir escrever na lápide do túmulo o nome de três pessoas indolores. Dario foi incapaz de encontrar essas três pessoas, de modo que Demócrito riu e disse: “E tu não te envergonhas, homem tolo, de chorar tão desmedidamente, como se fosses o único homem, enquanto não consegues encontrar ninguém que esteja livre da dor”. O fragmento que Estobeu CXX, 20 narra

[453] Cf. LAÉRCIO, D. op. cit., nota 451, p. 447-449. [N.T].

[454] Cf. Ibid. p. 449-451. [N.T].

[455] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-40, p. 449-451. [N.T].

[Demócrito Fr. 297][456] poderia pertencer a este escrito: ἔνιοι θνητῆς φύσοις διάλυσιν οὐχ εἰδότες ἄνθρωποι, ξυνειδήσει δὲ τῆς ἐν τῷ βίῳ χαχοπραγμοσύνης τὸν τῆς βιοτῆς χρόνον ἐν ταραχῇσι χαὶ φόβοισι ταλαιπωρέουσι ψεύδεα περὶ τοῦ μετὰ τὴν τελευτὴν μυθοπλαστέοντες χρόνου [Alguns mortais, não compreendendo a natureza da dissolução da vida, passam o tempo de suas vidas em perturbação e medo, criando falsas histórias sobre o tempo após a morte]. É certo que muitos dos fragmentos democritianos de Estobeu não se referem aos títulos dos chamados ἠθιχά [Éticos] genuínos, pressupondo, assim, outros escritos éticos que Trásilo havia declarado inautênticos. Mas agora, não há diferença de tom entre os fragmentos supostamente genuínos e os chamados inautênticos. Se rejeitamos um, temos razão em rejeitar o outro também.

Até agora, atribuímos aos livros de magia e de ética a Bolos e seus companheiros. Vamos agora dar um passo adiante e olhar para o índice de Teôfrastos. Entre eles, os seguintes referem-se à filosofia do homem:

περὶ τῆς Δημοχίτου ἀστρολογίας α
περὶ μεταρσιολεσχίας α
περὶ τῶν εἰδώλων α
περὶ χυμῶν χροῶν σαρχῶν α
περὶ τοῦ διαχόσμου α
περὶ τῶν ἀνθρώπων α
[Da astrologia de Demócrito
Da metamorfose
Das imagens
Dos sucos, cores e carnes
Da Cosmologia
Dos seres humanos].

Esses títulos não precisam se referir a tantos títulos da escrita democritiana. Basta, Demócrito tenha abordado estas questões e que Teôfrastos tenha sintetizado o seu ponto de vista ao escrever: περὶ τῶν Ἀναξαγόρου α, περὶ τῶν Ἀναξιμένους α, περὶ τῶν Ἀρχελάου, τῶν Μετροδώρου συναγωγῆς α, τῶν Εεναχράτους συναγωγῆς α [Sobre Anaxágoras, sobre Anaxímenes, sobre Arquelau, sobre a coletânea de Metrodoro, sobre a coletânea de Enaxágoras]. Devemos acreditar que a área da doutrina democritianas estava compreendida nos títulos dados. Assim, só os seguintes escritos estariam protegidos:

[456] DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. p. 207. [[N.T].

διάχοσμος μιχρός
περὶ εἰδώλων ἢ περὶ προνοίας
περὶ χροιέων
περὶ χυμῶν
περὶ ἀνθρώπου φύσιος und περὶ σαρχός
οὐρανογραφίη
ἀστρολογίας παράπηγμα
[Pequena cosmologia
Dos deuses ou Da providência
Das cores
Dos sucos
Da natureza do homem e da carne
Astronomia
Anexos de astrologia].

Heraclides Pont. escreveu περὶ εἰδώλων πρὸς Δημόχριτον [Dos deuses para Demócrito]. Mas não há nada em Teôfrastos sobre escritos morais. Mesmo os escritos matemáticos estão ausentes. O silêncio de Eudemo na sua História dos Matemáticos: ver Proclus ad Eud. II p. 19[457]. No seu tempo, portanto, a reputação de Demócrito como matemático ainda não existia.

O mesmo se passa com os escritos medicinais. É provável, por si só, que a lenda de Demócrito e Hipócrates se baseie em escritos médicos pseudográficos. Agora Bolos era médico. O seu τέχνη ἰατριχή [Arte médica] é aparentemente idêntico ao ἰατριχὴ γνώμη [Opinião médica] do índice de Trásilo. Deve-se notar que a mesma frase sobre συνουσία [Convívio] é atribuída a Hipócrates e Demócrito, que um certo número de notas de vida é comum a ambos, ou seja, são transferidas para Hipócrates de Demócrito. Então, a nota isolada: tentavit quidam Democritus tale (Aphorismorum) opus etiam conscribere, sed non profuit [um certo Demócrito também tentou compor uma obra semelhante a (Aforismos), mas sem sucesso]. Acredito que a escrita περὶ διαίτης [Da alimentação] no Corpus hipocrático é a que consta no índice de Trásilo. Embora tenha sido considerada genuína por Galeno, tinha sido atribuída por críticos anteriores a Herecídes, Aríston, Eurifo e Fao e τινὸς ἄλλου τῶν παλαιῶν [De algum outro dos antigos].

[457] Cf. PROCLUS. *A Commentary on the First Book of Euclid's Elements*. Transleted by Glenn R. Morrow. Princenton: Princeton University Press, 1992. [N.T].

ver Kühn, Prol. p. CLI[458]. Em todo caso, ele era mais jovem que Heráclito, a quem é frequentemente feita referência. Ver Heraclitea scr. J. Bernays[459].

Além da inautenticidade dos escritos matemáticos (Clem. Al. Strom. I p. 304 ed. Sylburg[460]) há o suposto auto testemunho sobre suas viagens, sobre seus conhecimentos matemáticos, com os quais conquistou até sacerdotes egípcios: com os quais ele tinha vivido 80 anos em solo estrangeiro. As pessoas quiseram corrigir este 80 (que é atestado duas vezes): completamente errado. Demócrito viveu até ser muito velho, mais de 100 anos; ele se mudou aos 20 anos e escreveu seus livros após os 100 anos, mas em sua terra natal. Tudo aponta para a inautenticidade: a fama de ter visto mais do que todos os contemporâneos, de ter visto países e povos, de ter vencido os egípcios em matemática, de ter acabado por envelhecer tanto e de ter conhecido a maior parte dos sábios. Cada uma das palavras é seguida de uma literatura pseudopigráfica.

É inevitável que os ἀσύνταχτα [Desordenados] também pertençam aos escritos inautênticos. Neste caso a falsificação atravessa toda a Antiguidade. Aparentemente o αἰτίαι οὐράνιοι χαὶ ἀέριοι [Causas celestiais e atmosféricas] da escrita na πίναξ [Tabuleta] de Bolos περὶ σημείων τῶν ἐξ ἡλίου χαὶ σελήνης χαὶ ἄρχτου χαὶ λύχνου χαὶ ἴριδος [Dos sinais provenientes do sol, da lua, das estrelas, do fogo e do arco-íris]. O αἰτίαι περὶ σπερμάτων χαὶ φυτῶν χαὶ χαρπῶν [Causas relativas a sementes, plantas e frutos] lembra περὶ φυτῶν [Das plantas] de Bolos. As αἰτίαι ξύμμιχτοι περὶ τῆς λίοθου [Questões diversas sobre as pedras] para a escrita química em Syncell περὶ χρυσοῦ χαὶ λίθου [Do ouro e pedras] etc.; cf., incidentalmente Apul. de herbis 7. 16[461]. Segundo Petron. Arb. Sat. 88[462], exprimia os sucos de todas as plantas e passava a vida a fazer experiências para que os poderes das ervas e pedras não lhe ficassem ocultos. Com isso, compare a escrita de Bolos περὶ λίθων [Das as pedras]. cf. 1. Jul. Solinus Polyhistor c. 3[463]. As αἰτίαι περὶ ζώων γ [Causas dos os animais] são inobjetáveis por causa do

---

[458] Cf. GALENI, C. *Opera Omnia*. 20 Volumes. Edited by Karl Gottlob Kühn. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. [N.T].

[459] Cf. BARNAYS, J. *Die Heraklitischen Briefe: ein Beitrag zur philosophischen und religionsgeschichtlichen Literatur*. Berlim: W. Hertz, 1869. [N.T].

[460] Cf. ALEXANDRINUS, C. *Stromata Buch I-VI*. Hrsg. Otto Stählkin, Ludwig Früghtel, Ursula Treu. Berlim: Akademie-Verlag, 1985. [N.T].

[461] Cf. APULEI. *Das Herbarium*. Hrsg. Hugo Berberich. Heidelberg: Carl Winter e Universitätebuch Handlung, 1902. [N.T].

[462] Cf. PÉTRONE. *Le Satiricon*. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1999. [N.T].

[463] Cf. SOLIN, C. *Polyhistor*. Traduit M. A. Agnant. Paris: C. L. F. Panckoucke, 1847. p. 88-89. [N.T].

camaleão, que Lívio encontrou tratado entre os escritos democritianos e que Gélio baniu com indignação. O que Aelian relata a partir deles pressupõe as sagas de viagens posteriores. Aristóteles nada sabe a esse respeito, que, de qualquer forma, teria citado em vez de Ctésias e Heródoto, que ele cita efetivamente a propósito dos animais da Índia e da Líbia. cf. Rose de Aristot. libr. p. 208[464].

Vamos agora resumir as tendências de Bolos e demais falsificadores. Eram, sobretudo, egípcios: serviam à antiga glória do Egito como a pátria da sabedoria. Um grego conhecido foi apresentado como um discípulo dos magos egípcios e do Oriente. Com ele, tinha-se efetuado o mesmo processo que com Pitágoras. Um colorido e magia não gregos foram espalhados ao seu redor. Por um lado, ele se tornou discípulo e admirador dos pitagóricos; foi-lhe atribuído um βίος Πυθαγόρειος [A vida de Pitágoras] e uma doutrina correspondente a ele. Os seus ensinamentos sobre o Estado são particularmente notáveis. Da mesma forma, a sua aversão aos afrodisíacos, à doutrina do direito de matar um animal, mas apenas se este nos prejudicar, ou seja, em legítima defesa. Uma vida tranquila e absorvida em contato com a natureza, nomeadamente com os seus poderes mágicos: tal como Pseudopitágoras. Escrita matemática e história natural, como em seu convívio com os grandes mágicos de seu tempo, iniciação aos mistérios do Oriente. Viagens longas, nos modelos de Alexandre, na realidade um reflexo colorido dessa famosa época. Finalmente, os escritos médicos, em parte misturados com material mágico (como o περὶ λοιμῶν [Das pestilências]), em parte sem isso, a partir dos quais se desenvolve uma relação com Hipócrates.

Com base nessas viagens fictícias, γεωγραφούενα [Geografia] e observações de história natural do interior da Ásia. Por fim, outra prova clara da tendência não grega: sua teoria dos átomos também provinha do Oriente.

As deturpações ocorreram em grande escala: o monstruoso é uma característica específica dos egípcios. Talvez houvesse mais de 200 escritos inautênticos. Calímaco era tão diligente e ao mesmo tempo οὐχ ἱχανὸς τοῦ χρίνειν [não era preciso subornar], que produziu uma imensa uma imensa πίναξ [tabuleta]. Os estudos egípcios floresceram em Alexandria. Hermipo extraiu do Oriente a sabedoria grega coletiva. Não é claro se os esforços para colocar Demócrito em um pedestal elevado estão em contraste com Teôfrastos e Aristóteles. No entanto, quase parece que o objetivo deste pseudo-Demócrito era enfraquecer a importância de Aristóteles, camuflando um dos seus antecessores com ainda maior versatilidade e proliferação

[464] Cf. ROSE, V. *De Aristotelis librorum ordine et auctoritate:* Commentatio. Berlim: Reimer, 1854. p. 208. [N.T].

dos escritos. Talvez tenha sido essa, em parte a razão da ânsia dos peripatéticos em atribuir ao seu mestre uma riqueza de escritos e estudos.

III. Demócrito historiador e músico

Em alguns casos, podemos reconhecer o método utilizado por Demétrio ou pelo seu autor para reduzir o número de escritos democritianos. Obviamente, o princípio de ὁμωνυμία [Homonímia] tinha que ser levado em conta primeiro. Demétrio, portanto, procurou ver se os escritos de um Δημόχριτος ἕτερος [Outro Demócrito] que poderiam estar escondidos no índice. E ele encontrou o que estava procurando.

Suidas tem sobre Δαμόχριτος [Demócrito] a seguinte nota:

Δαμόχριτος ἱστοριχός. Ταχτιχὰ ἐν βιβλίοις β. Περὶ Ἰουδαίων, ἐν ᾧ φησιν ὅτι χρυσῆν ὄνου χεφαλὴν προσεχύνουν χαὶ χατὰ ἐπταετίαν ξένον ἀγρεύοντες προσέφερον χαὶ χατὰ λεπτὰ τὰς σάρχας διέξαινον χαὶ οὕτως ἀνῄρουν.

ἔγραψε Ταχτ. Eudoc. | Αἰθιοπιχὴν ἱστορίαν χαὶ ἄλλα Eudoc. | τῶν Ἰουδ. *V |ὅτι χρυσῆν u.s.w. cf. s. v Ἰούδας.

[Demócrito historiador. Registrado em dois volumes. Dos judeus, onde ele diz que veneravam a cabeça de boi de ouro a cada sete anos sacrificavam estrangeiros em jejum, assim, realizavam o ritual.

Ele escreveu Tacito Eudoc. / História da Etiópia e outros, Eudoc. / Dos judeus. xV / que veneram etc. cf. por exemplo Judá][465].

É evidente que temos de atribuir a este Demócrito o ταχτιχόν [Manual] e o ὁπλομαχιχόν [Manual militar] que se encontram no índice de Trásilo: escritos dos quais não se vê como um filósofo chega a eles. É, portanto, provável que esses Αἰθιοπιχὴ ἱστορία [História Etíope] e περὶ Ἰουδαίων [Dos judeus] estivessem também na πίναξ [Tabuleta] da Democritea.

Mas agora surge a questão de saber a qual Demócrito, o historiador que acabamos de mencionar, é idêntico: sabemos por La. IX 35 - 36[466] os vários Demócritos até Demétrio Magnes. É provável que o autor de περὶ Ἰουδαίων [Dos judeus] seja também o de Χαλδαιχὸς λόγος [Discurso Caldeu] e, por conseguinte, talvez também o de περὶ τῶς ἐν Βαβυλῶνι ἱερῶν γραμμάτων [Dos escritos sagrados da Babilônia] e dos escritos relacionados. Isto dar-nos-ia um

[465] Nota 429. Cf. *SUIDAE* I-II, p. 641. [N.T].

[466] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-40, p. 444-447. [N.T].

colega deste Bolos com as mesmas tendências orientais e até com o nome de Demócrito. Mas agora havia apenas um músico, contemporâneo do filósofo Demócrito, um escultor, depois um historiador περὶ τοῦ ἱεροῦ τοῦ ἐν Ἐφέσῳ γεγταφὼς χαὶ τῆς πόλεως Σαμοθρᾴχης [Do templo de Éfeso e na cidade de Samotrácia]. Os seguintes, um poeta epigrama e um ῥήτωρ [Orador] de Pérgamo, já não entram em consideração. No escrito περὶ τοῦ ἱεροῦ τοῦ ἐν Ἐφέσῳ γεγραφότι [Do templo de Éfeso que foi escrito] reconheceremos rapidamente o autor περὶ τῶν ἐν Μερόῃ ἱερῶν γραμμάτων [Dos escritos sagrados de Meroé]. Assim, tal como Menódoto escreveu sobre ζωγράφοι [Pintores] La. II 104[467] e ao mesmo tempo sobre o ἱερόν [Sacerdote] de um templo de Hera em Atenas e, em geral, a descrição de um templo e suas imagens e estátuas pressupõe o conhecimento dos serviços relacionados, assim reconheceremos no autor περὶ τοῦ ἱεροῦ τοῦ ἐν Ἐφέσῳ [Do templo em Éfeso] o escritor περὶ ζωγραφίας [Das pinturas] reconhecido na πίναξ [Tabuleta] de Trásilo. Assim, temos a seguinte lista de escritos para esse ἱστοριχὸς Δημόχριτος [Demócrito historiador]:

Ταχτιχὰ ἐν βιβλίοις β
i. e. Ταχτιχόν
Ὁπλομαχιχόν
περὶ Ἰουδαίων
Αἰθιοπιχὴ ἱστορία
Χαλδαιχὸς λόγος
Φρύγιος λόγος
περὶ τῶν ἐν Μερόῃ ἱερῶν γραμμάτων
περὶ τῶν ἐν βαβυλῶνι ἱερῶν γραμμάτων
περὶ τοῦ ἱεροῦ τοῦ ἐν Ἐφέσῳ
περὶ Σαμοθρᾴχης
περὶ ζωγραφίας
[Livro da Tática
i. e. estratégia de batalha
Dos judeus
História etíope
Tratado Caldeu
Tratado frígio
Dos escritos sagradas em Meroé

[467] Cf. Ibid. v. 1 II-104, p. 233. [N.T].

Dos escritos sagradas na Babilônia
Do templo de Éfeso
Da Samotrácia
Da pintura]

Mas, uma vez que o escrito περὶ τῶς ἐν Βαβυλῶνι ἱερῶν γραμμάτων [Dos escritos sagrados da Babilônia] aborda os escritos éticos, podemos ver claramente sua ligação com esse Bolos. É, portanto, ainda possível que o Demócrito ἱστοριχὸς [Historiador] não passe de uma invenção de Demétrio M., para amontoar uma série de escritos, que não poderiam pertencer ao filósofo, no nome de um ὁμώνυμος [Homônimo].

O nosso julgamento tem de ser semelhante, mais uma vez. Entre os homônimos de Demócrito, o primeiro é Δημόχριτος Χῖος μουσιχός [Demócrito de Quios, o músico]. Uma vez que agora descobrimos numerosas μουσιχά [músicas] entre o registro de Trásilo, é razoável suspeitar que Demétrio dispôs destas μουσιχά [Músicas] de tal forma que os considerou propriedade de μουσιχός [Músico]. A existência desse μουσιχός [Músico] não pode ser posta em dúvida, pois é do conhecimento de Aristóteles. Ret. III 9[468]. Suidas s.v. χιάζειν [Ranger os dentes]. Pollux IV c. 9 § 4[469]. No entanto, outra combinação nos deixa em dúvida sobre a suposição de Demétrio.

Glauco testemunha em La. IX 38 que Demócrito foi aluno de um pitagórico[470]. Isto está no escrito περὶ ποιητῶν χαὶ μουσιχῶν [Dos poetas e músicos]. Isto mostra que Demócrito era considerado como o autor das μουσιχά [Músicas]. Esse fato seria atestado por um contemporâneo de Demócrito. Seria excelente se pudéssemos ter a certeza desta crença, que já na Antiguidade não era confiável, quando algumas pessoas associavam um escrito à antífona. São vários os fatores que nos preocupam. Inicialmente, Glauco é um regiano, mas os regianos daquela época são coletivamente pitagóricos. Pense em Hipona (Sext. Pyrrh. III 30[471]. Math.

[468] Cf. ARISTÓTELES. *Retórica.* Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. p. 263. [N.T].

[469] Na verdade Demócrito de Quios é citado por Pollux no livro IV, §65. Cf. POLLUX, J. *Onomasticon.* Hrsg. Erich Bethe. Stuttgart und Leipizg: B. G. Teubner, 1998. p. 221. [N.T].

[470] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-38, p. 447-449. [N.T].

[471] Cf. EMPIRICUS, S. *Outlines of Scepticism*. Edited by Julia Annas and Jonathan Barnes. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 151. [N.T].

IX 361[472]. Orig. Phil. I S. 19[473]), nos legisladores reginianos Teeteto, Helicaon e Aristócrates (Iamb I. vit. Pyth. 30[474]), no legislador Calcideno Androdamus Rheginus em Arist. Polit. II c. ult.[475], a Hippasus Rheginus, a Hippys, que pelo menos conhece os pitagóricos e aprovou sua teoria dos 183 mundos, para Theagenes no tempo de Cambises. Agora Glauco (ou Glaucon) foi colocado juntamente com Antístenes e Estésimbroto (Schol. IL XI 636 Heitz p. 260. cf. II. I 1. XV 414. Wolf Proleg. CLXII) como intérprete de Homero. Assim, ele também aparece no Íon de Platão. Em todo caso, o primeiro Glauco foi um estudioso de Homero. Mas se se supõe que ele atesta o fato de Demócrito ter ouvido um dos pitagóricos, então temos a impressão de escrito tendencioso, que era, em todo caso, mais antigo que Heraclides Ponticus, que o cita (Plut. de música). Como contemporâneo de Demócrito, era bastante adequado para atestar algo sobre ele. Além disso, a existência de antigos hinos órficos, que Terpandro teria copiado, foi atestada no mesmo escrito. A ordem cronológica foi estabelecida de acordo com Glauco:

Olimpo e Orfeu

Terpandro

Arquíloco

Thales utiliza Arquíloco e Olimpo

Xenócrio

Estesiquoro utiliza a Olimpo.

Em todo caso, os hinos de Orfeu surgiram nos círculos dos pitagóricos-órficos (que já se reuniam no tempo de Heródoto, mesmo no tempo de Hiparco) – tiveram origem: conhecemos seu autor Ὀνομάχριτος [Sem nome], cujas χρησμοί [Profecias], τελεταί [Ritos] e θεογονία [Teogonía] foram honrados com o nome de Orfeu. A fidelidade dos livros de Glauco é assim fortemente alterada, onde os interesses pitagóricos desempenham um papel. Estes escritos tinham como objetivo autenticar, até certo ponto, uma série de coisas. Será uma tarefa posterior mostrar as influências destes escritos. Sendo um dos mais antigos escritos sobre compositores e virtuosos, foi da maior importância para a história da literatura. Heráclides Ponticus utilizou-o sem suspeitar.

---

[472] Cf. EMPIRICUS, S. *Opera.* Volumen II. Recensuit da Hermannus Mutschmann. Leipzig: Teubner Verlagagesellschaft, 1914. p. 287. [N.T].

[473] Cf. ORÍGENES. *Philocalia.* Translated by George Lewis. Edinburgh: T. & T. Clark, 2011. [N.T].

[474] Cf. IAMBLICHUS. *De Vita Pythagorica.* Edited Ludovico Deubner. Stuttgart: Teubner, 1975. p. 96-97. [N.T].

[475] Cf. ARISTÓTELES. *Política.* Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985. p. 73ss. [N.T].

A autenticidade dos escritos de Demócrito sobre música e do seu pitagorismo é, portanto, questionável. Além disso, é difícil acreditar que ele tenha sido o primeiro a escrever estudos gramaticais, como indicam os títulos como περὶ Ὁμήρου ἢ ὀρθορπείας χαὶ γλωσσέων, ὀνομαστιχόν, περὶ εὐφώνων χαὶ δυσφώνων γραμμάτων [Sobre Homero ou a correção da linguagem e dos dialétos, etimologia, sobre as letras vogais e consoantes]. Finalmente, escrito em Filodemo sobre música no Vol. Hercul. Tom I p. 135 col. 36: Δημόχριτος μὲν τοίνυν ἀνὴρ οὐ φυσιολογώτατος μόνον τῶν ἀρχαίων, ἀλλὰ χαὶ περὶ τὰ ἱστορούμενα οὐδενὸς ἧττον πολυπράγμων μουσιχήν φησι νεωτέραν εἶναι χαὶ τὴν αἰτίαν ἀποδίδωσι λέγων αὐτὴν οὐχ εἶναι τῶν ἀναγχαίων ἀλλὰ ἐχ τοῦ περιεῦντος ἤδη γίγνεσθαι. πλὴν ἀλλὰ ἀρχαιοτάτη δοχεῖ τε χαὶ φέρειν τι θαυμασιώτατον χαὶ ἐγχλείειν [Demócrito, portanto, não apenas foi um dos filósofos mais ativos dos antigos, mas também um estudioso muito envolvido nos eventos de seu tempo. Ele afirma que a música é uma descoberta mais recente e atribui sua causa não aos antigos, mas ao relaxamento já existente. No entanto, ele parece considerá-la também como a mais antiga e capaz de produzir algo verdadeiramente maravilhoso e surpreendente][476]. [Democr fr. 144 Diels[477]]. Aqui Demócrito é retratado como surpreendentemente interessado em estudos históricos. Isto não é verdade para o índice de Trásilo, mas é verdade para o índice de Calímaco (estou pensando em Αἰθιοπιχὴ ἱστορία [História da etíope] etc.). A outra ideia dos escritos musicais de Clem. Al. Strom. VI pg. 698[478] ποιητὴς δὲ ἅσσα μὲν ἂν γράψῃ μετ' ἐνθουσιασμοῦ χαὶ ἱροῦ πνεύματος χαλὰ χάρτα ἐστί [Um poeta, porém, tudo o que escreve com entusiasmo e inspiração sagrada é verdadeiramente ouro puro] [Democr. fr. 18][479] soa muito parecido com os aforismos dos pitagóricos, ou melhor, os pitagóricos pós-platônicos, que mais uma vez tomaram este pensamento de Platão.

Nossa hipótese da inautenticidade do livro de Glauco é apoiada por outro lado. Seu companheiro Estesimbroto também parece ter sido peturbado por um escrito falso. De acordo

---

[476] *Volumina Herculanensia* é o nome dado à coleção de rolos de papiro recuperados dos sítios arqueológicos de Herculano e Pompéia, que foram destruídos pela erupção do Monte Vesúvio em 79 d.C. Esta coleção inclui uma grande variedade de textos, incluindo obras literárias, filosóficas, científicas e outros materiais escritos da época romana. Cf. VASSALLO, C. *The Presocratics at Herculaneum:* A Study of Early Greek Philosophy in the Epicurean Tradition. With an Appendix on Diogenes of Oinoanda's Criticism of Presocratic Philosophy. Berlin, Boston: De Gruyter 2021. [N.T].

[477] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. p. 170. [N.T].

[478] Cf. ALEXANDRINUS, C. *Stromata Buch I-VI*. Hrsg. Otto Stählkin, Ludwig Früghtel, Ursula Treu. Berlim: Akademie-Verlag, 1985. [N.T].

[479] Cf. DIELS, H. op. cit., nota 477, p. 146. [N.T].

com Plut. Them c. 2, é suposto ele garantir que Temístocles ouviu Anaxágoras e Melisso, coisas que parecem demasiado absurdas para acreditarmos[480]. Estesimbroto, contemporâneo de Péricles, professor do colofonista Antimaco. Acusado de mentir. Shol. Ven. A e B II. XXI 26. (Glauco ἐν τοῖς περὶ Αἰσχύλου μύθων [Entre os mitos de Ésquilo]. Argum. Persar).

O fato de os γεωργιχά [Agricolas] serem também inautênticos tornou-se gradualmente provável, agora que o grupo dos primeiros escritos está definitivamente limitado à Φυσιχά [Natureza].

Portanto, reconhecemos, novamente, um certo número de escritos, todos μουσιχά [Musicais] e γραμματιχά [Gramaticais], que pertencem a Bolos e seus companheiros. Por fim, não deixa de ser interessante comparar como existe uma relação clara entre esta origem e Teôfrastos. Eu comparo os escritos correspondentes:

Teôfrastos	Demócrito
περὶ ζώων	αἰτίαι περὶ ζώων
περὶ ἑτεροφωνίας	αἰτίαι περὶ φωνῶν
περὶ λοιμῶν	περὶ λοιμῶν
περὶ πυρός	αἰτιαι περὶ πυρός
(περὶ παθῶν)	περὶ σημείων (Bolos)
περὶ σημείων	περὶ ἀρετῆς
περὶ ἀρετῆς	γεωμετριχά
ἱστοριχῶν γεωμετριχῶν	ἀστρονομία
ἀστρολογιχῆς ἱστορίας	ἀριθμοί
περὶ ἀριθμῶν	αὐρανογραφίη
περὶ οὐρανοῦ	αἰτίαι περὶ χαρπῶν
περὶ φύσεως χαὶ χαρπῶν	αἰτίαι περὶ ζώων
χαὶ ζώων	[Causa dos animais
[Dos animais	Causas das vozes
Da diversidade de sons	Das pestilências
Das pestilências	Causas do fogo
Do fogo	Dos sinais (Bolos)
(Das paixões)	Da virtude
Dos sinais	Geometria

[480] Cf. PLUTARCO. *Vidas paralelas.* Volume II. Introducción, Traducción y notas de Aurelio Pérez Jiménez. Madrid: Gredos, 2008. p. 241. [N.T].

Da virtude
História da geometria
História da astrológica
Dos números
Do céu
Da natureza e Das plantas e, também,
Dos animais]

Astronomia
Números
Astrologia
Causas das plantas
Causas dos animais]

5. Apêndice

Para mencionar as formas em que a vida de Demócrito se desvaneceu: por exemplo, a sua morte, o seu contato com Dario (seu pai com Xerxes), o fato de não ter vivido em Atenas (como Demétrio Falério testemunhou e encontrou credibilidade: ele não conhecia o testemunho para si próprio, ou seja, ainda não existia). Daqui se deduz um traço de caráter.

O seu pai é incerto (combinação original baseada nas palavras de Heródoto), até sua terra natal. – Para explicar os muitos patronímicos; em Zênon Eleat. (La. IX 25) Apolodoro diz que ele era φύσει [Filho], o outro θέσει [Adotado] seu pai[481].

Agora ele é retratado como um pensador solitário cheio de εὐεστώ [Saúde] (ele se assustava com εἴσωλα [Deuses]) e desdenhoso dos prazeres sensuais (ele desperdiçou a sua fortuna na ciência e tornou-se pobre); Hipócrates recomenda Demócrito aos abderitas como Heráclito recomenda Melisso aos efésios. Portanto, ele não era considerado um abderita nato? – O mesmo se passa com Parmênides: também ele rico, foi liderado por Ameinias, o pitagórico, *e não por Xenófanes* εἰς ἡσυχίαν [Em silêncio] La. IX 21[482]. A testemunha é Sotion, que construiu o seu διαδοχή [sucessão] sobre ele. Xenófanes foi, assim, contado entre os οἱ σποράδην [Desordenados]. Assim como ele contava Demócrito entre os pitagóricos.

Aqueles que chamam Anaxágoras de seu professor querem ligá-lo à escola jônica. Tal como Xenófanes está ligado a Arquelau ou, segundo Sotion, a Anaximandro.

Hiparco narra a sua morte: ele é seguido por Hermipp, será este o matemático? La IX 43[483].

---

[481] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-25, p. 435. [N.T].

[482] Cf. Ibid. p. 431. [N.T].

[483] Cf. Ibid. p. 453. [N.T].

ὑπομνήματα [Escritos] entre os escritos éticos: talvez todos rotulados ὑπομνημάτων ἠθιχῶν ἤ [Escritos éticos]. Isto é verdade. Além disto, Ἀμαλθείας χέρας [Corno de Almateia] é, de qualquer modo, hipomnemático; bem como Tritogenia. Finalmente Clemens fala de ἠθιχὰ ὑπομνήματα [Escritos éticos].

Este é o título de todos os escritos éticos, e não o de εὐεστώ [Bem-estar]. Ou o εὐεστώ [Bem-estar] perdeu-se.

Também deve haver oito títulos antes dos ὑπογνήματα ἠθιχά [Escritos éticos]. Assim, περὶ ἀρετῆς [Da virtude] deve ser separado.

Schleiermacher: περὶ εὐθυμίης ὑπομνήματα ἤ (οιχων del). χοσμογραφίη ἢ περὶ πλανήτων [Notas sobe o bom humor ou (ecos del.) Cosmologia ou Dos planetas][484].

Quando Protágoras foi acusado de ateísmo em Atenas...[485]

Frequentemente vemos como a raiva contra o materialismo e seus amigos pode levar até mesmo mentes nobres a todos os tipos de maldade.

Demócrito depois de Protágoras. Por isso, podemos atribuir-lhe também os escritos gramaticais, uma vez que já tinha tratado sobre ὀρθοέπεια [Ortoépia].

Aristoxeno relata, nos seus comentários históricos, que Platão quis queimar as obras de Demócrito tanto quanto pudesse, mas ele não foi capaz de fazê-lo, pois os pitagóricos Amyielas e Clinias o impediram, considerando um esforço inútil, uma vez que esses escritos já estavam nas mãos de todos [Diog. La IX 40][486].

Tudo o que sabemos sobre os juízos pinacográficos dos antigos justifica que assumamos que as πίνακες [Tabuletas] mais antigas eram as mais deficientes, ou seja, as mais completas.

---

[484] Cf. SCHLEIERMACHER, F. Ueber das Verzeichniß der Schriften des Demokritus bei Diogenes Laertius. In: JONAS, L. (Hrsg.)*., Band 3 Reden und Abhandlungen, der Königl. Akademie vorgetragen.* Berlin-Boston: De Gruyter, 1835, p. 291-305. [N.T].

[485] Protágoras foi acusado de impiedade (asebeia) devido a suas opiniões controversas sobre os deuses. A acusação de ateísmo contra Protágoras pode ser atribuída à sua obra Περὶ Θεῶν [Dos Deuses]. Após a acusação, os livros de Protágoras foram queimados publicamente, uma ação que destacava a seriedade da ofensa aos olhos dos atenienses. Protágoras, por sua vez, foi forçado a deixar Atenas. Existem relatos de que ele teria morrido em um naufrágio enquanto tentava escapar para a Sicília, embora esses detalhes sejam menos confirmados historicamente (KERFERD, G. B., 2003). [N.T].

[486] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-40, p. 449-451. [N.T].

Os escritos existentes eram rotulados. Só mais tarde o ψευδεπίγραφα [Pseudônimo] foi separado.

O índice de Laércio é completado pelo de Hesíquio[487] com ἀμφίλεχτα [Incondicionante] e ψευδεπίγραφα [Pseudônimo]. Contado apenas o oitavo.

O índice não é o da biblioteca de Alexandria. É um índice fortemente revisto.

O índice dos πολυγράφοι [Prolíficos] etc. é de Panaetius: o Proêmio de Alexander Polyhistor[488]. Panaetius é um crítico da escola de Pergamenia: aqui e ali ele acabou aderindo aos alexandrinos avançados.

O índice Laércio não é o de Calímaco, mas uma πίναξ [Tabuleta] revisada. A disposição prova que remonta a Sotion.

A posição do índice hesiquiano em relação a ele.

Os fundamentos de Rose.

Talvez os escritos listados no adendo sejam os escritos perdidos sobre os quais existia um catálogo ou sobre os quais foram encontradas informações de outra forma.

6. Mais notas sobre Demócrito

Alguns dos *fragmentos éticos* têm um tom livre e urbano e uma bela forma. Eles não cheiram a estoicismo, nem a platonismo, mas aqui e ali a Aristóteles e μετροπάθεια [Moderação].

Não são dignos de Demócrito.

É um problema psicológico saber se ele as escreveu. A tradição não pode provar isso. Todas as escolas tentam abarcar todos os domínios do saber.

A isto junta-se a obscuridade sobre Leucipo. Se ele é o autor da ideia principal, podemos também atribuir a Demócrito uma grande versatilidade.

---

[487] Foi um gramático e lexicógrafo grego que viveu no século V d.C. Ele é mais conhecido por sua obra monumental. Seu *Lexicon* se destaca por sua abrangência e riqueza de informações. Cf. HESYCHII, A. *Lexicon.* Edited by M. Schmidt. Jena: Dufft, 1867. [N.T].

[488] Foi um erudito greco-sírio que viveu durante o século I a.C. Ele é conhecido por suas vastas obras, especialmente em história e literatura. Seu nome era Lúcio Júlio Alexandre, mas ele é mais comumente conhecido pelo apelido "Polyhistor", que significa "polímata". Cf. LONG, A. The eclectic Pythagoreanism of Alexander Polyhistor. In: SCHOFIELD M. (ed.). *Aristotle, Plato and Pythagoreanism in the First Century BC*: New Directions for Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p.139-159. [N.T].

As notas sobre a *vida* de Demócrito pressupõem os escritos *éticos*, ou seja, foram-lhe aplicadas regras *éticas*.

Por fim, nos escritos éticos pode distinguir-se entre o proscrito e o proscrito. Todos os *gnomológico-hipomnemático* é inautêntico.

A existência de uma coleção democritiana gnomológicas prova.

1. o fragmento do prefácio,

2. títulos como Κέρας Ἀμαλθείας, ὑπομνήματα [Escritos, O Corno de Almateia] (juntamente com os provérbios na coluna de Acicáro[489]),

3. Os provérbios das gnomologias, que são todos classificados em categorias. Mesmo os títulos Δημοχρίτου γνῶμαι [Sentenças de Demócrito].

Περὶ τῶν ἐν Ἅιδου [Dos que estão no Hades]. Contra a crença na imortalidade. Deve ser real. Este é um dos primeiros problemas de todos os materialistas.

Todos os materialistas acreditam que o homem é infeliz porque não conhece a natureza. Assim começa "o sistema da natureza": "O homem é infeliz simplesmente porque não conhece a natureza".

A Libertação da crença em deuses, ou seja, de uma metafísica, é o que Lucrécio elogia entusiasticamente em Epicuro.

É este o objetivo do livro Περὶ τῶν ἐν Ἅιδου [Dos que estão no Hades], cuja tendência é ética, mesmo que sua forma seja física.

Por que é que o *escrito sobre Pitágoras* deveria ser inautêntico? Não terá sido Pitágoras, antes de mais nada, o seu modelo?

O escrito de Pseudo-Glauco pode testemunhar o direito ou exprimir uma combinação tirada deste mesmo escrito pitagórico.

Paz nos estudos científicos: este é o princípio. A *autenticidade dos escritos* decorre disso:

1. O caráter filosófico de Demócrito. Ele não é um criador de ideias, mas um cientista de novas ideias. Ele não poderia ignorar a virada ética;

2. Pelo seu conhecimento de Pirro, Epicuro e até Aristóteles.

3. Metrodoro utiliza o seu sistema para fins éticos: passou para a sofistica. A tendência dos escritos éticos democritianos é impensável após Metrodoro.

4. O escrito Περὶ τῶν ἐν Ἅιδου [Dos que estão no Hades] é seguro, uma vez que Heraclides já escrevia contra ele e continha características básicas atomistas.

---

[489] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. p. 186. [N.T].

5. A tradição sobre sua vida mostrada em βίος Πυθαγόρειος [A vida de Pitágoras]. Começa com Teôfrastos (levando para o interesse da Ciência).

6. As próprias frases sobreviventes podem ser-lhe atribuídas. A representação é bela.

7. A semelhança dos dois fragmentos reunidos por Rose[490] apenas mostra que os pitagóricos posteriores I. encontraram a sua ética essencialmente em Demócrito e que eles II. apoiaram de bom grado a crença que Demócrito lhes tinha tirado, quando na realidade é o contrário.

8. A abordagem democritiana contradiz a tese pitagórica.

Os *escritos matemáticos* também contêm o ponto de vista filosófico de Demócrito. Eles não eram escritos especializados. Compare o que Crísipos objeta.

Apenas Περὶ γεωργίης [Da Agricultura] e Ταχτιχά [Práticas] se destacam.

As opiniões de Demócrito sobre a *origem da linguagem* são as de Epicuro. Ele refuta a opinião dos pitagóricos de que verba esse [palavras são] φύσει [Naturais], e afirma que são θέσει [por convenção].

De La Mettrie também discute a origem da linguagem. Demócrito também soube explicar a "fala" de forma atomística.

Interpretação alegórica das histórias dos deuses em Homero. Passagens em Mullach p. 148. Importante Eustáquio em Schol. ad Ilíada[491].

O ataque de Demócrito aos *matemáticos* [Fr. 155 D.][492]. Provavelmente semelhante ao de Protágoras, apontado por Aristóteles na Metafísica III 2, 32[493]: As proposições matemáticas são apenas subjetivamente válidas, uma vez que não existem pontos e curvas puros na realidade.

Depois Protágoras escreveu sobre o uso correto das palavras ὀρθοέπεια [Ortoépia].

Divinização do que é útil para os humanos – um pensamento de Pródicos.

O sofista Antifonte envolveu-se com doutrina do conhecimento, matemática, astronomia, mineralogia.

Antístenes interpreta os poemas homéricos em alegorias como Demócrito.

---

[490] Cf. ROSE, V. *De Aristotelis librorum ordine et auctoritate:* Commentatio. Berlim: Reimer, 1854. [N.T].
[491] Cf. MULLACH, F. (ed.). *Democriti Abderitae operum fragmenta*. Berlim: G. Besseri, 1843. p. 148. [N.T].

[492] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. p. 173. [N.T].

[493] Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica.* Volume II. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 91. [N.T].

A aversão de Epicuro à matemática não é atribuída à aversão de Demócrito? Não mostra um fragmento dele em luta com os matemáticos? Ele mesmo não é contado entre os matemáticos por Eudemo.

Também no ponto da *formação do mundo*, Demócrito está certo. Uma série infinita de anos, todos os milênios, uma pedra sobre pedra e a terra acabará sendo como é.

Também sobre o *começo do mundo*, Demócrito esclareceu completamente.

O *materialismo* é o elemento conservador na ciência e na vida. A ética de Demócrito é conservadora.

"Contente-se com o mundo dado" é o cânone moral que o materialismo produziu.

A plena *masculinidade do pensamento e da pesquisa* manifesta-se em Demócrito. No entanto, o sentido poético não lhe escapa. Isso é provado por sua própria representação, seu julgamento sobre os poetas, que ele considera como adivinhos da verdade (um fato natural, como ele acredita).

Não acreditamos em contos de fadas, mas ainda assim sentimos seu poder poético.

O que causou o *desprezo por Demócrito*? Foi sua clara oposição à teleologia. A leitura de Anaxágoras foi revolucionária na vida de Sócrates, pois foi a primeira a insinuar essa ideia. Sócrates reconheceu esse ponto crucial, mas considerou sua execução deficiente e não conseguiu corrigi-la. Então, surgiu a "δεύτερος πλοῦς" [Segunda navegação].

[Características do *pensamento de Demócrito*.]

Desejo de conhecimento. αἰτίαι [Causas]. Viagem.

Clareza. Aversão ao complexo.

Simplicidade do método.

Pureza do método.

Impulso poético (Poesia no atomismo).

Sentimento de um progresso poderoso.

Crença incondicional em seu sistema.

O mal fora de seu sistema.

Tranquilidade mental como resultado da pesquisa científica. Pitágoras.

As perturbações míticas: racionalismo.

As perturbações emocionais: ascetismo.

As perturbações estatais: quietismo político.

As perturbações conjugais: adoção de filhos.

Vauvenargues diz com razão: as grandes ideias vêm do coração[494]. Na ética está a chave para a física de Demócrito. Saber-se livre de tudo o que é incompreensível – este é o τὸ τέλος [Fim] de sua filosofia. Os sistemas anteriores não conseguiram isso, pois permitiram um elemento irracional em algum lugar. Por isso, ele tentou reduzir tudo ao mais compreensível, à queda e ao impacto.

Ele queria sentir-se no mundo como em um quarto claro. Um racionalista obstinado, de fato, o pai desse tipo de visão, ele ajustou os deuses, os rituais de sacrifício, etc., de acordo com isso.

Demócrito também será contado entre os melancólicos. Aristot., probl. 30, I: πάντες ὅσοι περιττοὶ γεγόνασιν ἄνδπες ἄνδρες ἢ χατὰ φιλοσοφιαν ἢ πολιτιχὴν ἢ ποίησιν ἢ τέχνας φαίνονται μελλαγχολιχοὶ ὄντες [Todos aqueles que se tornaram ímpares, homens que são inclinados para a filosofia, política, poesia, ou artes, parecem ser melancólicos][495].

O τέλος [Fim] é otium litteratum [Ócio literário], ser impetuoso.

Demócrito, o Humboldt[496] do mundo antigo.

Ele perambula pelo mundo. Retorna pobre e desamparado e é entregue como um mendigo à misericórdia de seu irmão. Sua cidade natal o considera um esbanjador. Eles se recusam a dar-lhe um enterro digno, até que seus parentes defendam a honra do falecido e construam monumentos em homenagem àquele que foi desprezado em vida e quase morreu de fome.

I. Sobre Demócrito

Ele domina *rapidamente* a construção do mundo e da ética: os problemas mais profundos estão ocultos para ele. Isso ocorre porque sua vontade impulsiona seu espírito investigativo; ele deseja estar pronto e alcançar o conhecimento final. Ele acredita nisso e isso lhe confere uma segurança autossuficiente. Ao refletir sobre sistemas anteriores, ele ainda não havia percebido uma infinidade de perspectivas diferentes; ele separou dos poucos predecessores o que era homogêneo, sensato, simples, e condenou sem piedade qualquer

[494] Cf. VAUVENARGUES. *Betrachtungen und Maximen*. Übersetzt von Ernst Hardt. München und Berlin: Verlag von R. Oldenbourg, 1938. p. 30. [N.T].
[495] Cf. ARISTÓTELES. *Problemas.* Traducción, Introducción y notas de Ester Sánchez Millán. Madrid: Gredos, 2016. p. 312. [N.T].

[496] Referência a Alexander von Humboldt (1769-1858). [N.T].

mistura de um mundo mítico. Ele é, portanto, um racionalista confiante; ele acredita no efeito redentor de seu sistema e vê o mal e o incompleto apenas fora dele.

Assim, ele, como o primeiro dos gregos, alcança o *caráter científico*, que reside no esforço de explicar uma variedade de fenômenos de *forma unificada*, sem recorrer a um deus ex machina nos momentos mais difíceis. Esse novo tipo impressionou os gregos. Um comprometimento tão profundo com a ciência, que resulta em uma vida errante repleta de privações e, por fim, em uma velhice desprovida de recursos, estava em desacordo com o desenvolvimento harmônico e o equilíbrio. Demócrito mesmo considerava isso como um novo princípio de vida; ele valorizava mais a exploração científica do que o império persa. Na vida científica, ele acreditava ter encontrado o objetivo de toda a eudaimonia. A partir desse ponto de vista, ele rejeitava a vida da multidão e dos filósofos anteriores. Ele derivava o sofrimento e a aflição da humanidade de sua vida não científica, especialmente de seu temor aos deuses. Nisso, ele tinha que pensar no grande precursor Empédocles e em sua sombria mitologia. Ele simplesmente tinha uma confiança inabalável no poder conclusivo da razão; o mundo e as pessoas lhe parecem desvelados, e por isso ele rejeita as aparências e limites que outros atribuem à mesma razão. Uma vida científica naquela época era um paradoxo; e Demócrito se revelou como um entusiástico apóstolo da nova doutrina. Daí o ímpeto poético de sua exposição, que poderíamos facilmente considerar como notável. A poesia não reside em seu sistema, mas na fé que ele deposita no sistema. De maneira semelhante, o entusiasmo dos pitagóricos pela numeração pode ser explicado; os primeiros lampejos de conhecimento científico foram contemplados pelos gregos com olhos embriagados.

Assim, para Demócrito, sua abordagem havia adquirido um valor ético; ele acreditava na felicidade das pessoas se seu método científico fosse aplicado à vida: é digno de lembrar Auguste Comte nesse contexto[497]. Esse credo o tornou um poeta, embora a própria matéria possa não conter momentos poéticos. Ele dedicou toda a sua vida à busca de penetrar em todas as formas de coisas com seu método. Assim, ele foi o primeiro a sistematicamente *revisar todas as ciências*. Demócrito, uma bela natureza grega, como uma estátua aparentemente fria, mas cheia de calor oculto.

---

[497] O nobre Auguste Comte, um pensador solitário e amigo da humanidade, lutando contra a pobreza e o desânimo, considera a terceira época da humanidade como a positiva, na qual ela se volta para a realidade. Antes disso, vêm a teológica e a metafísica.

O objetivo de toda ciência é o conhecimento das leis que regem os fenômenos. “Investigar o que é, para inferir o que será”. [N. M].

Estamos acostumados a desdenhar dos *Demócrito de nossos dias*: e com razão. Pois são pessoas que não aprenderam nada e têm almas secas; em si mesmos, há uma grandiosa poesia na atomística. Uma chuva eterna de diversas partículas que caem em movimentos variados e se entrelaçam enquanto caem, criando assim um turbilhão.

A sutileza na αἰτιολογία [Justificação] caracteriza Demócrito.

Explicar a origem e a constituição do mundo a partir de um turbilhão. δίνη [Turbilhão]. Também Laplace[498].

A distinção entre qualidades secundárias e primárias – Demócrito e Locke. O materialismo francês segue Locke, a quem ele abre caminho[499].

Nos escritos de Demócrito estão os primórdios do ceticismo pirrônico e do epicurismo; o primeiro derivado de suas teses sobre o conhecimento, o segundo de suas visões éticas.

A coisa em si lockiana e democritiana é a matéria, inicialmente sem propriedades.

A ética de Epicuro já pressupõe a de Demócrito? Sim. Entre eles, entretanto, estão os discípulos de Demócrito, que receberam novos contatos.

Copérnico aderiu à tradição pitagórica; a Congregação do Índice chama sua doutrina de uma doutrina pitagórica.

O sistema de Demócrito é valorizado ao máximo por Bacon.

Com Bacon, pode-se supor que, com maior consistência, ele teria chegado a dogmas atomistas: sua personalidade o impediu. Ele fundiu alquimia e cabala com os princípios democritianos.

Bacon tinha uma aversão à matemática, cuja rigidez não lhe agradava.

No início do século XVIII até o final, a visão mecânica e alquímica da natureza estava em oposição.

A doutrina e vida de Epicuro foram para a Idade Média o Monte da Vênus, o paganismo.

---

[498] Laplace, sugere que o sistema solar se formou a partir de uma nebulosa primordial em rotação. À medida que a nebulosa contraía devido à gravidade, ela girava mais rápido, formando um disco achatado. A maior parte da massa concentrou-se no centro, formando o Sol, enquanto o material restante no disco se aglutinou em planetesimais, que colidiram e se fundiram para formar planetas. Embora tenha sido refinada ao longo do tempo, a hipótese de Laplace foi fundamental para o desenvolvimento da teoria moderna da formação do sistema solar, conhecida como a Teoria da Nebulosa Solar. Cf. MARQUIS DE LAPLACE, P. *Exposition du système du monde*. Paris: Courcier, 1813. [N.T].

[499] A distinção entre qualidades primárias e secundárias foi um conceito importante tanto para Demócrito quanto para John Locke, embora com algumas diferenças em suas abordagens. Segundo Demócrito, as qualidades primárias são a *Forma* e *Movimento* dos Átomos, enquanto as qualidades secundárias são as *Percepções sensoriais*. Por sua vez, Locke definiu as qualidades primárias como *Extensão, Forma, Movimento* e *Solididade,* enquanto as qualidades secundárias são *Cor, Sabor, Odor* e *Textura.*Cf. WOLF, C. *Materialism*: A Historico-Philosophical Introduction. Dordrecht: Springer, 2016. [N.T].

Robert Boyle introduziu os átomos na química (em 1654, em Oxford)[500]. Antes disso, o atomismo florescia como teoria metafísica.

Os átomos de Boyle são os de Gassendi[501], seguidor de Epicuro.

O que distingue o atomismo democritiano é a visualidade sensorial e a compreensibilidade dos processos naturais.

Empédocles uniu os átomos através do amor e do ódio[502].

O princípio de Demócrito foi superado por Newton[503].

II. Da relação entre Leucipo e Demócrito

Man torna-se cada vez mais cauteloso ao reivindicar prioridades no compartilhamento de ideias. Certamente, é um grande mérito abraçar uma visão de mundo totalmente nova; mas o maior mérito é bater nela de tal maneira que ela emane faíscas em todas as direções. A sabedoria do pensamento silencioso, que permanece confinada ao estudo, tem pouco direito à apreciação na ciência histórica. –

---

[500] Em seu livro *The Sceptical Chymist* (1661), Boyle criticou as ideias tradicionais da alquimia e propôs uma abordagem mais científica para o estudo da química. Ele argumentou que a matéria consistia em "corpúsculos" indivisíveis e sugeriu que as propriedades das substâncias poderiam ser explicadas em termos das formas e tamanhos desses corpúsculos, assim como de suas configurações e movimentos. Cf. BOYLE, R. *The Sceptical Chymist.* Introduction by M. M. Pattison Muir. London: J. M. Dent & Sons; New York : E. P. Dutton, 1910. [N.T].

[501] Foi um filósofo e astrônomo francês que viveu no século XVII. Ele foi um defensor do atomismo de Epicuro, adaptando-o para uma perspectiva mais compatível com a religião cristã. Gassendi acreditava que a matéria era composta por átomos indivisíveis, que se moviam no vazio e se combinavam para formar objetos materiais. Ele também defendia a ideia de que esses átomos eram reais e físicos, não apenas abstrações filosóficas. Tanto Gassendi quanto Boyle possuíam uma visão atomista da matéria, embora suas abordagens e concepções específicas pudessem diferir. Cf. WOJCIK, J. W. *Robert Boyle and the Limits of Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. [N.T].

[502] Empédocles propôs uma teoria cosmogônica baseada nos princípios da φιλία [amor] e do νεῖκος [ódio], vistos por ele como forças fundamentais que governavam a composição e a separação dos elementos básicos da matéria. Essa teoria foi expressa em sua obra Περί Φύσεως [Da Natureza]. Segundo ele, o amor é uma força que une os elementos básicos da natureza (terra, água, ar e fogo) em formas mais complexas e ordenadas. Por outro lado, o ódio é a força que separa e divide os elementos, permitindo a desintegração e a decomposição das formas complexas de volta aos seus constituintes básicos. Empédocles argumentava que o universo passava por ciclos eternos de união e separação, nos quais os elementos se combinavam por meio do amor e se separavam pelo ódio. Esses ciclos de criação e destruição eram governados pelas forças do amor e do ódio, que mantinham o equilíbrio e a harmonia na natureza. Cf. EMPÉDOCLES. *The extant fragments.* Edition, Introduction, Comentary and Concordance by M. R. Wright. New Haven: Yale University Press, 1981. [N.T].

[503] Embora não se possa dizer em superação, aqui, Nietzsche se refere aos avanços no campo da física resultados das contribuições de Newton. Enquanto Demócrito propôs a teoria atomista, descrevendo a matéria como composta por partículas indivisíveis, Newton desenvolveu leis do movimento e da gravitação universal. Sobre a relação entre as teorias de Demócrito e Newton, Cf. BUNCH, B. H.; HELLEMANS, A. *The History of Science and Technology*: A Browser's Guide to the Great Discoveries, Inventions, and the People Who Made Them from the Dawn of Time to Today. Cambridge: Cambridge University Press, 2004 [N.T].

Que não se negue em Demócrito o idealismo. Sua principal afirmação permanece: "A coisa em si é incognoscível", e isso o separa para sempre de todos os realistas. Mas ele acredita em sua existência. Ele desvendou algumas características ao distinguir primeiro entre as propriedades primárias e secundárias das coisas. Para ele, espaço, tempo e causalidade eram aeternae veritates [Verdades eternas].

Demócrito e Leucipo, parecidos. Ambos não podem ser criadores originais. Portanto, Epicuro negou a existência de Leucipo. Um sinal de audácia.

Aristóteles e Teôfrastos afirmam Leucipo. Este último atribui a ele o livro διάχοσμος μέγας [Grande Cosmologia], cujo trecho é citado por Diógenes Laércio. O primeiro conhece os escritos dele, embora os questione discretamente. A menção de Leucipo e Demócrito lado a lado naturalmente se refere aos escritos de Leucipo.

Em todo caso, Demócrito é um discípulo. O fato de ele, no entanto, obscurecer seu mestre e fundar sua grande escola deve ter uma razão. Ele, de qualquer forma, ultrapassou amplamente o mestre. Aristóteles admira (cf. o fragmento do comediante)[504] sua universalidade. Um desejo de conhecimento abrangente transparece em suas viagens (Teôfrastos e autoafirmação). O caráter de sua filosofia é a transparência dos elementos e clareza. Ao mesmo tempo, há um impulso poético. Neste último, revela-se o entusiasmo por seu sistema. Pense em todos os sistemas materialistas. Todos acreditam ter resolvido o enigma do mundo e, assim, ter feito as pessoas mais felizes. Demócrito foi o primeiro a excluir estritamente tudo o que é mítico. Ele é o primeiro racionalista. Suas obras éticas se encaixam neste contexto. Seria surpreendente se Demócrito tivesse negligenciado a virada ética de seu sistema. A ἀθαυμαστία [Aversão] ao físico e ao mítico é típica de todos os materialistas. Mas se impusermos questões éticas a seus alunos, surge uma inconsistência. Seus alunos mais próximos, Metrodoro, Anaxarco, já fizeram viradas éticas que ultrapassam o horizonte dos Democritea. O traço democritiano fala contra os pitagóricos. Pirro e Epicuro fazem referência direta aos escritos éticos de Demócrito e, portanto, os consideram valiosos. Não há outra maneira de interpretar o fragmento de Timão[505]. Sim, Heraclides escreve contra seu trabalho Περὶ τῶν ἐν Ἅιδου [Sobre os que estão no Hades], que destruiu a crença na imortalidade. É natural que ele admire Pitágoras: sua vida tem algo de pitagórico. Daí a inclinação dos

[504] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. [N.T].

[505] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 IX-40, p. 451. [N.T].

pitagóricos posteriores (Ecfanto, Heraclides) por ele. (Daí a cópia de seus escritos; proteção contra incêndio). A difamação não o atinge, porque seus escritos éticos o protegem.

Os escritos éticos mostram, portanto, como o núcleo de sua filosofia reside no lado ético. Seu ideal é viver sem pressa, uma vida científica tranquila. Ele considera as várias facetas pelas quais o ser humano é perturbado. – O entusiasmo pela ciência é algo de pitagórico. Que ele era matemático e músico é provável. Que ele seguiu Pitágoras na música é estabelecido por Trásilo. Seu conhecimento matemático é confirmado por seu próprio testemunho (que certamente não revela um impostor), então pelo testemunho de Crísipos. (Eudemo não o menciona porque ele não inventou nada). Conhecimentos matemáticos eram necessários para suas investigações astronômicas. Seu aluno Bion era um matemático. É impossível confundir o músico Demócrito. O fragmento do comediante o caracteriza como conhecedor de música.

Aristóteles já conhece escritos inautênticos de Leucipo, pelo menos questionáveis: de gener. et corr. I 8 p. 325a 23[506]; de [Melisso Xenófanes] Górgias 6 p. 980 b 7: ἐν τοῖς Λευχίππου χαλουμένοις λόγοις [Os discursos atribuídos a Leucipo][507].

’Εν τοῖς Λευχίππου χαλοθμένοις λόγοις. λόγοι [Os discursos atribuídos a Leucipo. Discursos] partes de um texto, de um σύγγραμμα [Escrito] de Platão sobre Melisso e Parmênides 127 C ss.

Certamente, Aristóteles conhece um texto de Leucipo, especificamente o διάχοσμος μέγας [Grande Cosmologia].

É digno de nota os pontos em que Aristóteles também cita Leucipo como testemunha.

Ele aparece como autor do διάχοσμος [Cosmologia] e περὶ ψυχῆς (π. νοῦ.) [Da alma (Da mente)].

Portanto, a Leucipo foi atribuído por Aristóteles περὶ νοῦ, περὶ αἰσθήσεων, διάχοσμος μέγας [Da mente, Dos sentidos, Grande Cosmologia]. O conteúdo do διάχοσμος [Cosmologia] pode ser visto no sumário de Laércio.

Segundo Teôfrastos e Aristóteles, ele teria escrito διάχοσμος μέγας [Grande Cosmologia], então os diversos escritos sobre os sentidos, sobre o homem, sobre os ídolos.

O índice de Teôfrastos contém a verdade.

---

[506] Cf. ARISTÓTELES. *Sobre a geração e a corrupção.* Tradução e notas de Francisco Chorão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009. p. 100-103. [N.T].

[507] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. p. 73. [N.T].

De qualquer forma, Aristóteles conhece os escritos de Leucipo como oito. Outros são questionáveis: portanto, χαλούμενοι [Inautênticos].

Portanto, (embora Epicuro discorde), Demócrito é o grande divulgador e aperfeiçoador da doutrina, não o criador original das ideias fundamentais. Por isso, devemos atribuir-lhe grandes escritos físicos, matemáticos e médicos.

Aqueles que atribuíram a Demócrito διάχοσμος μέγας [Grande Cosmologia] e περὶ νοῦ [Da mente], portanto, negaram que Leucipo o tenha *escrito*.

A negação de que ele tenha *existido* é devido ao autodidatismo de Epicuro e Hermarco, seu aluno. Compare isso com a classificação de gênios feita por Epicuro. Ele queria pertencer à primeira classe, cf. Laércio X 13[508].

Quem escreveu a πίναξ [Tabuleta] no Suidas nega a autoria de Leucipo e o limita apenas à criação de ideias.

Assim, para elevar Demócrito à posição de protagonista, alguns negaram a existência de Leucipo, outros negaram sua autoria[509].

Leucipo é uma figura obscura. Devemos nos ater a Aristóteles. Este conhecia escritos dele que coincidiam exatamente em muitos pontos com os de Demócrito. Nestes pontos, Leucipo é original, enquanto Demócrito é seu discípulo.

Demócrito deu à doutrina uma forma bela. Ele é um espírito poético como Lucrécio. Isso seduziu a doutrina e seu nome se destacou como o de Amerigo sobre o verdadeiro descobridor. Então, ele é mais abrangente, conduzindo a doutrina por várias esferas.

Uma dúvida no sentido epicurista sobre a existência de Leucipo, cf. Cícero, de nat. Deor. I 24, 66: ista enim flagitia Democriti sive etiam ante Leucippi [Esses crimes de Demócrito, ou mesmo de Leucipo antes dele] [510].

Empédocles 492-432. Demócrito 460-365. Quando Empédocles estava escrevendo, por volta de 460 a.C., Demócrito nasceu. Empédocles e Leucipo são contemporâneos pelo menos. No entanto, é provável que Leucipo seja ainda mais antigo, então ele poderia ter influenciado Empédocles.

---

[508] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 X-13, p. 543. [N.T].

[509] Alguns estudiosos questionaram a existência de Leucipo ou negaram a autoria de suas obras, atribuindo-as a Demócrito. Cf. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *The Presocratic Philosophers:* A Critical History with a Selection of Texts. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. [N.T].

[510] Cf. CICERO, *De Natura Deorum.* Liber I. Edited by Andrey R. Dyck. Cambridge: Cam¬bridge University Press, 2003. I-66, p. 39. [N.T].

A doutrina dos ἀπορροαί [Eflúvios] é leucípica e só depois democritiana[511]? Este último teria recebido de Empédocles, o primeiro teria fornecido a Empédocles.

A polêmica de Demócrito contra Anaxágoras. Em que consistia? Na polêmica contra o νοῦς [Nous]. Anaxágoras desenvolveu o atomismo completo com um νοῦς [Nous]. Antes disso, Empédocles tinha o atomismo com as forças dos átomos. Demócrito nega o νοῦς [Nous] e as forças dos átomos. Ele conhece apenas uma mecânica.

Talvez Leucipo tenha influenciado Anaxágoras. O νοῦς [Nous] deve ser entendido como uma oposição à mecânica.

Isso é improvável. Pois o νοῦς [Nous] não foi valorizado. Pelo contrário, a doutrina de Anaxágoras é um prelúdio ao atomismo.

O que Aristóteles diz sobre Anaxágoras, que ele era como um sóbrio entre os bêbados, dizemos mais sobre Demócrito.

Epicuro e Hermarco negam a *existência de Leucipo*, conforme Laércio, Livro X, seção 13[512]. Aqui ficamos sabendo que alguns (ἔνιοι [Alguns]) e até mesmo o epicurista Apolodoro afirmam que Demócrito foi discípulo de Leucipo. Epicuro nega ter sido discípulo de Nausífanes (ou Praxífanes), afirmando que foi seu próprio professor, assim como Demócrito. Portanto, isso sugere que ele também não acreditava que Anaxágoras fosse o professor de Demócrito.

Sobre Anaxágoras: Demócrito é hostil porque Anaxágoras não o admitiu, de acordo com Laércio II 14: "Ele parece também ser hostil a Demócrito ἀποτυχὼν τῆς πρὸς αὐτὸν χοινολογίας [Porque não conseguiu ser admitido em suas conversas]"[513]. A nota é inserida sem contexto, provavelmente de Favorino. Assim, Demócrito ficou irritado com Anaxágoras porque este não

[511] Esta é uma teoria de Leucipo, que foi desenvolvida por Demócrito posteriormente. A doutrina dos eflúvios é essencialmente uma explicação de como os átomos interagem com os sentidos humanos. Segundo essa teoria: a) todos os corpos emitem continuamente partículas extremamente finas (eflúvios) de sua superfície; b) os eflúvios atingem nossos órgãos sensoriais, onde eles se combinam ou se ajustam de maneira específica, gerando a percepção sensorial; c) a percepção é o resultado da interação desses eflúvios com os átomos de nossos órgãos sensoriais. Embora Leucipo tenha estabelecido a base da teoria dos eflúvios, Demócrito a desenvolveu mais extensamente. Para Leucipo, a realidade é composta por átomos e vácuo, e que a percepção ocorre através da interação de eflúvios com nossos sentidos. Por sua vez, Demócrito explorou a teoria de como diferentes tipos de eflúvios correspondem a diferentes tipos de percepção sensorial, e como a forma, tamanho e movimento dos átomos influenciam essas percepções. Cf. BARNES, J. *Early Greek Philosophy*. Hamondsworth: Penguin Classics. 1987; TAYLOR, C. et. al. *The atomists, Leucippus and Democritus*: fragments. Toronto: University of Toronto Press, 2010. [N.T].

[512] Cf. LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972. v. 2 X-13, p. 541-543. [N.T].

[513] Cf. Ibid. v. 1 II-14, p. 143-145. [N.T].

o aceitou. – Por que Anaxágoras fez isso? Anaxágoras era hostil a Demócrito ἀποτυχὼν – χοινολογίας [Falhando na argumentação contra ele] "por não conseguirem chegar a um acordo".

Assim Demócrito, após aprender muito com os escritos de Anaxágoras, polemizou por escrito contra Anaxágoras; Anaxágoras tentou uma reconciliação, mas não conseguiu. Mais tarde, quando Demócrito foi para Atenas, ele não o admitiu: "Cheguei a Atenas e ninguém me conhecia" [Fr. 116 D.][514] pode ser entendido como ele acreditava que já tinha renome como filósofo aqui. A única consequência foi que Anaxágoras não o admitiu. Ele próprio afirma ter buscado todos os famosos. Presumo que suas viagens tenham sido feitas tarde, depois que já havia concluído seu sistema e se tornou famoso por seus escritos.

Leucipo. Nada pessoal. Apenas os mestres devido às διαδοχαί [Sucessões]. Nem mesmo um lar seguro. Segundo Aristóteles (περὶ Μελίσσου [Sobre Melisso]), "chamado de" λόγοι Λευχίππου [Tratados de Leucipo]. Isso expressa uma dúvida.

O escrito sobre περὶ νοῦ [Da natureza do intelecto] é idêntico a um de Demócrito.

O διάχοσμος [Cosmologia] deve ser dele, de acordo com Teôfrastos.

Toda a personalidade é anacrônica. – Demócrito nunca a mencionou em lugar algum. Provavelmente, ele publicou escritos sob este nome pela primeira vez. Talvez até mesmo o μέγιας διάχοσμος [Grande Cosmologia].

Havia escritos dialéticos de Demócrito sobre atomismo.

A pequena διάχοσμος [Cosmologia] parece ter sido o primeiro esboço; ele data isso tão precisamente [Fr. 5D.[515]] para fixar o momento.

[514] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. p. 165. [N.T].
[515] Cf. DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969. p. 134. [N.T].

CONCLUSÃO

Partindo da constatação de que os escritos do período de juventude de Nietzsche permanecem, em grande medida, negligenciados ou relegados a um papel meramente preparatório por parte da *Nietzsche-Forschung*, buscamos demonstrar, ao longo deste trabalho, que tais textos guardam uma importância filosófica decisiva. Longe de serem apenas exercícios de um jovem filólogo, os *Democritea* evidenciam a adoção de um método crítico específico, marcado pelo ceticismo quanto à tradição e pela constante problematização das fontes e dos discursos, o que permite situar esse material como um momento fundacional – e não apenas preliminar – do pensamento nietzschiano.

A filologia praticada por Nietzsche nesse período já se distingue de sua concepção convencional: ela não se restringe à crítica textual ou à reconstituição histórica dos autores antigos, mas se torna instrumento de suspeita, análise e confronto com as condições de possibilidade dos discursos. Inspirado pelas leituras de autores como Friedrich Lange e Valentin Rose, Nietzsche transforma o ceticismo de uma mera atitude negativa em uma ferramenta metodológica positiva, capaz de tensionar os limites da tradição filológica e abrir caminho para um novo modo de investigação filosófica. Tal postura, que definimos ao longo da tese como "filologia cética", prepara e antecipa a virada genealógica de sua filosofia.

A análise atenta dos *Democritea* mostrou que Nietzsche já mobiliza nesse momento elementos centrais de sua crítica posterior, como o perspectivismo, a recusa do dogmatismo metafísico, o questionamento das origens e o interesse pela constituição histórica dos valores. A figura de Demócrito, longe de ser apenas objeto erudito de pesquisa, converte-se em vetor crítico por meio do qual Nietzsche projeta sua própria inquietação com a tradição idealista e com a autoridade do saber filosófico. Sua leitura do filósofo de Abdera aproxima-se de uma compreensão não-essencialista da realidade e introduz, ainda que de forma embrionária, a ideia de que todo discurso é atravessado por interesses, disputas e condições históricas – tese que ganhará plena forma em obras como *Humano, demasiado humano* e *Genealogia da moral*.

Entre os resultados mais significativos deste trabalho, destacamos a tradução inédita de fragmentos dos *Democritea* para o português, acompanhada de comentários que situam tais textos no contexto da formação de Nietzsche e no panorama filológico da época. Tal esforço pretende não apenas tornar acessível ao público de língua portuguesa um material relevante, até então disperso e pouco sistematizado, mas também reafirmar a importância dos escritos de juventude como parte integrante da obra nietzschiana.

Além disso, em nosso trabalho, procuramos articular duas frentes de análise: por um lado, a reconstrução filológica dos estudos de Nietzsche sobre Demócrito, com base nas edições críticas (*MusA, KGW, BAW*) e em correspondências; por outro, uma reflexão filosófica sobre o sentido e os efeitos da atitude cética presente nesses escritos. Essa articulação permitiu mostrar como Nietzsche subverte, desde dentro, a tradição da qual é herdeiro, operando um deslocamento metodológico que o aproxima cada vez mais de uma perspectiva crítica sobre a cultura, a moral e o conhecimento.

Acreditamos, com isso, acenar para a necessidade de uma reavaliação da formação filosófica de Nietzsche, em especial quanto à continuidade entre sua atuação como filólogo e sua produção filosófica posterior. Essa continuidade, longe de ser linear ou homogênea, deve ser pensada como o resultado de um movimento interno, no qual a filologia deixa de ser uma disciplina erudita e passa a funcionar como instrumento crítico para a genealogia dos valores. Nesse sentido, nossa tese se opõe tanto à leitura que reduz a juventude de Nietzsche a uma fase preparatória, quanto àquela que estabelece uma ruptura absoluta entre seu período filológico e sua maturidade filosófica.

Encerramos, assim, este trabalho reafirmando a centralidade dos escritos filológicos de juventude – e, em particular, dos *Democritea* – como decisivos na constituição da filosofia nietzschiana. Reconhecer essa centralidade é também reconhecer que pensar filosoficamente exige antes aprender a ler com desconfiança e a duvidar da verdade – tarefa na qual Nietzsche se mostrou um mestre, desde cedo, sendo um leitor rigoroso, um pensador incômodo e, acima de tudo, um filólogo à altura de sua filosofia.

REFERÊNCIAS

a) Obras de Nietzsche

NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe. Werke und Briefe.* Baseada no texto crítico de G. Colli e M. Montinari. Org. Paolo D'Iorio. Berlim: de Gruyter, 1967. (= ***eKGWB***). Disponível em: http://www.nietzschesource.org/#eKGWB. Acesso em: 16 out. 2023.

_____. *Musarionausgabe.* Hrsg. M. Oehler und R. Oehler; Würzbach, M. München: Musarion Verlag, 1920-1929. (=***MusA***).

_____. *Historisch-kritische Gesamtausgabe*. Hrsg. von H. J. Mette und K. Schlechta. 5 Bänden, München: C. B. Beck, 1934-1942. (= ***BAW*).**

_____. *Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe.* Hrsg. von G. Colli und M. Montinari, 24 Bänden, Berlim/New York: de Gruyter, 1974-. (= ***KGB***).

_____. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe.* Hrsg. von G. Colli und M. Montinari, 8 bänden, Berlin/New York: de Gruyter, 1986. (= ***KSB***).

_____. *Werke in drei Bänden.* Hrsg. K. Schlechta. München: C. Hanser, 1966. (=***WdB***).

_____. *Kritische Gesamtausgabe.* Hrsg. G. Colli und M. Montinari. Berlin, de Gruyter, 1967 ss. (= ***KGW***).

_____. *Sämtliche Werke. Kristische Studienausgabe.* Hrgs. von G. Colli und M. Montinari, 15 Bänden, Munchen, Berlin und New York: Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1967-1977. (= ***KSA***).

_____. *Werke. Grossoktavausgabe.* Hrgs. von H. Holzer, O. Crusius und W. Nestle, 20 Bänden. Leipzig: Naumann-Kröner, 1895-1926. (= ***GOA***).

_____. *Correspondencia.* Traducción, introducción, notas y apêndices de Luis Enrique de Santiago Guervós. 6 Volúmenes. Madrid: Editoral Trotta, 2005 ss. (= ***CO***).

_____. *Obras completas.* Org. Diego Sánchez Meca. 4 volúmenes. Madrid: Tecnos, 2011 ss. (= ***OC***).

_____. *Epistolario 1869-1874* (Epistolario di Friedrich Nietzsche, vol. 2), a cura di Chiara Colli Staude. Milano: Adelphi, 1978.

_____. *Ecce homo:* como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1995. (=***EH***).

_____. *Além do bem e do mal:* prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1992. (=***BM***).

_____. *Humano, demasiado humano:* um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000. (=***HH***).

_____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001. (=***GC***).

_____. *Crepúsculo dos ídolos,* ou, como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006. (=***CI***).

_____. *O nascimento da tragédia,* ou Helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2007. (**=*NT***).

_____. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009. (=***GM***).

_____. *Aurora:* reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016. (=***A***).

b) Doxografias e fontes antigas

ADLER, A. (Ed.). *Lexicographi Graeci, Volume I: Suidae Lexicon, Pars 2 D – H.* Berlin, Boston: B. G. Teubner, 1994. (= SUIDAE I-II)

_____. *Lexicographi Graeci, Volume I: Suidae Lexicon, Pars 1 A – G.* Berlin, Boston: B. G. Teubner, 2001. (= SUIDAE I-I)

ALEXANDRINUS, C. *Stromata Buch I-VI*. Hrsg. Otto Stählkin, Ludwig Früghtel, Ursula Treu. Berlim: Akademie-Verlag, 1985.

ALLEYNE, S. F. *A History of Greek philosophy from the earliest period to the time of Socrates*, vol. II. London: Longmans/Green and co., 1881.

APULEI. *Das Herbarium*. Hrsg. Hugo Berberich. Heidelberg: Carl Winter e Universitätebuch Handlung, 1902.

_____. *Apologia.* With introduction and commentary by H. E. Butler and A. S. Owen. London: Oxford University Press, 1914.

ARISTÓTELES. *Política.* Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

_____. *Retórica.* Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

_____. *Sobre a geração e a corrupção.* Tradução e notas de Francisco Chorão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

_____. *Metafísica.* Volume I. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *Metafísica.* Volume II. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. *Problemas.* Traducción, Introducción y notas de Ester Sánchez Millán. Madrid: Gredos, 2016.

BYZANTII, S. *Ethnicorum.* Tomus prior. Bänd 1. Recensione Augustus Meineke. Berlim: Reimer, 1849.

CATULO. *Carmina.* Tradução de José Pedro Moreira e André Simões. Introdução de Ana Alexandra de Sousa. Lisboa: Livros Cotovia, 2012.

CICERO. *De Natura Deorum.* Liber I. Edited by Andrey R. Dyck. Cambridge: Cam¬bridge University Press, 2003.

COLUMELA, L. *On agriculture:* in three volumes: II. Res Rustica V-IX. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

_____. *On agriculture:* in three volumes: III. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

CRUGNOLA, A. *Scholia in Nicandri Theriaka:* cum glossis. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1971.

DAMASCIUS. *Questiones de Primis Principiis*. Edited by Jos. Kopp. Frankfurt: H. L. Brenner, 1826.

DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker:* griechisch und deutsch. Bänd 2. Hrsg. Walther Kranz. Düblin: Weidmann, 1969.

_____. *Doxographi Graeci*. Berlin: De Gruyter, 1976.

EMPÉDOCLES. *The extant fragments.* Edition, Introduction, Comentary and Concordance by M. R. Wright. New Haven: Yale University Press, 1981.

EMPIRICUS, S. *Opera.* Volumen II. Recensuit da Hermannus Mutschmann. Leipzig: Teubner Verlagagesellschaft, 1914.

_____. *Outlines of Scepticism*. Edited by Julia Annas and Jonathan Barnes. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FULGENTII, F. *Opera*. Recensuit Rudolfus Helm. Lipsiae: B.G. Teubner, 1898.

GALENI, C. *Opera Omnia*. 20 Volumes. Edited by Karl Gottlob Kühn. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

GALLII, A. *Noctes Atticae.* Volume 2. Recognovit P. K. Marshall. Oxoni: E. Typrographeo Clarendoniano, 1968.

HESYCHII, A. *Lexicon.* Edited by M. Schmidt. Jena: Dufft, 1867.

HORÁCIO. *Episteln*. Erster Theil. Halberstadt: Carl Brveggemann, 1828.

IAMBLICHUS. *De Vita Pythagorica.* Edited Ludovico Deubner. Stuttgart: Teubner, 1975.

LAÉRCIO, D. *Lives of Eminent Philosophers.* Transl. by R. D. Hicks. 2 volumes. Harvard University Press, 1972.

LAMBLICHUS. *The Mysteries of yhe Egyptians, Chaldeans, and Assyrians*. Translated by Thomas Taylor. London: Bertram Dobell, 1810.

MULLACH, F. (ed.). *Democriti Abderitae operum fragmenta*. Berlim: G. Besseri, 1843.

ORÍGENES. *Philocalia.* Translated by George Lewis. Edinburgh: T. & T. Clark, 2011.

PÉTRONE. *Le Satiricon*. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1999.

PINDARO. *Pitiche.* Introduzione, traduzione e note di Franco Ferrari. Milano: BUR, 2008.

PLUTARCO. *Vidas paralelas.* Volume II. Introducción, Traducción y notas de Aurelio Pérez Jiménez. Madrid: Gredos, 2008.

POLLUX, J. *Onomasticon.* Hrsg. Erich Bethe. Stuttgart und Leipizg: B. G. Teubner, 1998.

PROCLUS. *A Commentary on the First Book of Euclid's Elements*. Transleted by Glenn R. Morrow. Princenton: Princeton University Press, 1992.

SOLIN, C. *Polyhistor*. Traduit M. A. Agnant. Paris: C. L. F. Panckoucke, 1847.

STRABO. *The Geographi.* Volume VII. Translated by Horace Leonard Jones. London: William Heinemann LTD, 1930.

SYNCELLUS, G. Chronographia. In: DINDORF, W. [ed.]. *Corpus Scriptorum Historiae Byzantina*. Vol. 1. Bonn: Weber, 1829.

TACITUS. *The Annals.* Translated by J. C. Yardley. Introduction and notes by Anthony A. Barrett. Oxford: Oxford University Press, 2008.

VARRO, M. *On Agriculture.* Translation by William Davis Hooper. Revised by Harrison Boyd. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

c) Comentadores de Nietzsche

ADRADOS, F. R. Nietzsche y el concepto de la filología clássica. In: *Habis*, v. 1, p. 87-105, 1970. Disponível em: https://institucional.us.es/revistas/habis/1/05%20rodriguez.pdf. Acesso: 17 fev. 2024.

ALVES, A. A crítica de Nietzsche ao ideal alemão de Bildung. In: *Trágica*: Estudos de Filosofia da Imanência. v. 1, n. 1, p. 68-83, 2018. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/27359. Acesso: 10 jan. 2025.

ANDLER, Ch. *Nietzsche, as vie et as pensée:* la jeunesse de Nietzsche jusqu'a la rupture avec Bayreuth. Paris: Éditions Bossard, 1921.

BAILEY, T. As abordagens de Nietzsche acerca da epistemologia e da ética kantianas. In: *Cadernos Nietzsche*. n. 29, p. 353-394, 2011. Disponível em: https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/artigo10.pdf?utm_source. Acesso: 04 fev. 2025.

BARBOSA, I. Niilismo e subjetividade: Nietzsche crítico das metafísicas de Descartes e Kant. In: *Controvérsia*. v. 6, n. 3, p. 77-91, 2010. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/5214. Acesso: 04 fev. 2025.

BARNES, J. Nietzsche and Diogenes Laertius. In: *Nietzsche-Studien*, v. 15, n. 1, p. 16-40, 1986. Disponível em: https://doi.org/10.1515/9783110244342.16. Acesso: 17 jun. 2024.

BECERRIL, C. Nietzsche y el retorno a los presocráticos:ser un «saboreador» de la vida. In: *Eikasía: Revista de filosofía.* n. 116, p. 134-170, 2023. Disponível em: https://www.revistadefilosofia.org/index.php/ERF/article/view/669/651. Acesso: 02 jul. 2024.

BENNE, Ch. *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie.* Berlin/New York: Walter de Gruyter 2005.

BLONDEL, E. As aspas de Nietzsche: filologia e genealogia. In: MARTON, S. (Org.). *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. Tradução de Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldeberg. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 110-139.

BRITTO, F. L. *Soldados e centauros:* Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. Rio de Janeiro: Muad X / FAPERJ, 2015.

_____. *O ofício da origem:* uma leitura de 'Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino' de Nietzsche. Curitiba: Kotter Editorial, 2016.

BROBJER, T. H. *Nietzsche's Philosophical Context:* An Intellectual Biography. Urbana-Chicago: University of Illinois Press, 2008.

CALOMENI, M. T. Notas sobre a crítica de Nietzsche à filologia e à educação. In: *Sofia.* v. 7, n. 1, p. 192-206. Disponível em: https://doi.org/10.47456/sofia.v7i1.17957 2018. Acesso: 21 mar. 2025.

CAMPIONI, G., et al. (Hrsg.). Nietzsches persönliche Bibliothek. Berlin – New York: De Gruyter, 2003.

_____. *Leggere Nietzsche. Alle origine dell'edizione critica Colli-Montinari*. Pisa: ETS, 1992.

_____. Nietzsche e a filologia, a filologia e Nietzsche: Minhocas e tesouros. A pesquisa das fontes e a "biblioteca ideal" de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*. n. 13, p. 15-40, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cniet/a/TQRSDKCrpNtp4ztXTNwyQ3Q/?format=pdf&lang=pt. Acesso: 20 jun. 2024.

CARRIÓN ARIAS, R. Los estudios Democritea de 1867-68: Nietzsche descubriendo el nuevo método filológico. In: DENAT, C.; WOTLING, P. (eds.)., Nietzsche. Les premiers textes sur les Grecs. Reims: Épure, 2016, p. 79-135.

COLSEN, M. The German Online Editions of Nietzsche's Works: A User's Perspective. In: *The Journal of Nietzsche Studies.* v. 51, n. 1, p. 98-119, 2020. Disponível: https://doi.org/10.5325/jnietstud.51.1.0098. Acesso: 13 mai. 2024.

CUBILLOS, L. La crítica temprana de Nietzsche al idealismo trascenden-tal y sus posibles consecuencias metodológicas. In: *Protrepsis.* n. 23, p. 215-237, 2022. Disponível em: http://www.protrepsis.cucsh.udg.mx/index.php/prot/article/view/384/533. Acesso: 02 jul. 2024.

DA SILVA PEIXOTO, E. Cartas de Nietzsche: Humano demasiado humano, educação e arte como construção de um pensamento original. In: *Revista DIAPHONÍA*. v. 7, n. 2, p. 103–118, 2021. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/28484. Acesso: 15 jul. 2024.

DALE, W. *Nietzsche and the Greeks*. London/New York: Continuum, 2006.

DAVEY, N. Hermeneutics and Nietzsche's early thoght. In: ANSELL-PEARSON, K. (org.). *Nietzsche and modern German Thought*, London: Routledge, 1991.

DIAS, R. M. *Nietzsche educador.* São Paulo: Scipione, 1993.

D'IORIO, P. La naissance de la Philosophie enfantée par l´esprit Scientifique. In: NIETZSCHE, F. *Les philosophes préplatoniciens*. Combas: L´Éclat, 1994. p. 17-30.

DUTRA DE AZEREDO, V. A interpretação em Nietzsche: perspectivas instintuais. In: *Cadernos Nietzsche*. n. 12, p. 71-89, 2002. Disponível em: https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/CN012.71-89.pdf?utm_source. Acesso: 04 fev. 2025.

FIGL, J. Edition des frühen Nachlasses Friedrich Nietzsches: grundsätzliche Perspektiven. In: *Nietzscheforschung.* V. 1, JG, p. 161-168, 1994. Disponível em: https://doi.org/10.1524/nifo.1994.1.jg.161. Acesso: 07 mai. 2024.

_____. Die Buddhismus-Kenntnis des Jungen Nietzsche unter Heranziehung seiner unveröffentlichten Vorlesungsnachschrift der Philosophiegeschichte. In: GÖSSMANN, E.; ZOBEL, G. (Hrgs.). *Das Gold im Wachs. Festschrift für Thomas Immoos zum 70. Geburtstag.* München: Iudicium Verlag, 1988.

_____. Vorwort. In: NIETZSCHE, F. *Kritische Gesamtausgabe* (= *KGW*) I-4. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999.

_____. *Nietzsche und die Religionen. Transkulturelle Perspektiven seines Bildungsund Denkweges.* Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2007.

_____. Hermeneutischen Voraussetzung der philologischen Kritik. Zur wissenschaftsphilosophischen Grundproblematik des im Denken des Jungen Nietzsche. In:

Nietzsche Studien. v. 13, n. 1, p. 111-128, 1984. Disponível em: https://doi.org/10.1515/9783110244328.111. Acesso: 10 mar. 2025.

FORNARI, M. C. *Uma Aventura de mais de um Século: a História das Edições de Nietzsche*. Tradução de Maria Elisa Bifano. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder.* Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREZZATTI JR, W. A. *A Fisiologia de Nietzsche:* a superação da dualidade cultura/biologia. Ijuí: Ed.Unijuí, 2006.

GARCÍA GUAL, C. Nietzsche en el camino hacia los griegos. In: *Revista de Occidente.* n. 226, p. 86-101, 2000. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=22498. Acesso: 17 fev. 2024.

GENTILI, C. *Nietzsche.* Bologna: il mulino, 2001.

GIACÓIA, O. O Platão de Nietzsche O Nietzsche de Platão. In: *Cadernos Nietzsche.* n. 3, p. 23-36, 1997. Disponível em: https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn_03_02-Giacoia.pdf. Acesso: 02 jul. 2024.

_____. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *Nietzsche:* o humano como memória e como promessa. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIGANTE, M. Friedrich Nietzsche und Diogenes Laertius. In: Tilman BORSCHE, T.; GERRATANA, F.; VENTURELLI, A. (Hrsg.)., *Centauren-Geburten:* Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche. Berlin, Boston: De Gruyter, 1994. p. 3-16.

GORI, P. *La visione dinâmica del mondo:* Nietzsche e la filosofia naturale di Boscovich. Napoli: La città del Sole, 2007.

HOFFMANN, D. M. *Zur Geschichte des Nietzsche-Archive*. Berlim: Gruyter, 1991.

HOLZER, E. Vorwort. In: *Nietzsche's Werke*: *Philologica* (Bd. XVII) Leipzig: Alfred Kröner, 1910.

HOWALD, E. *Nietzsche und die klassiche Philologie.* Gotha: Perthes, 1920.

JANZ, C, P. *Friedrich Nietzsche:* uma biografia. 3 Volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016.

JASPERS, K. *Nietzsche:* An Introduction to the Understanding of His Philosophical Activity. Translated by Charles F. Wallraff and Frederick J. Schmitz. Baltimore: Johns Hopkins, 1997.

JENSEN, A. K. *Nietzsche's Philosophy of History.* Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

KAUFMANN, W. *Nietzsche:* philosopher, psychologist, antichrist. Princeton: Princeton University Press, 2013.

KOKEMOHR, R. *Zukunft als Bildungsproblem – Die Bildungsreflexion das jungen Nietzsche*, Düsserldorf: Henn, 1993.

LOPES, R. A. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche.* 2008. 573f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

_____. Estudo de fontes e leitura imanente: algumas considerações metodológicas a partir de do caso Nietzsche. In: *Dissertatio.* v. 35, p. 227-247, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.15210/dissertatio.v35i0.8689. Acesso: 01 mai. 2024.

MACHADO, R. (org.). *Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Nietzsche e a verdade.* São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MARTON, S. Nietzsche e o problema da linguagem: a crítica enquanto criação. In: LIMA, M.; ITAPARICA, A. (org.)., *Verdade e linguagem em Nietzsche*. Salvador: EDUFBA, 2014. p.15-42.

_____. Ler Nietzsche como "nietzschiano": questões de método. In: *Revista Discurso.* v. 48, n. 2, p. 7-24, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/150835. Acesso: 23 mai. 2023.

_____. Nietzsche: edições, traduções e deturpações. In: *Cadernos de Tradução LELPraT.* v. 1, p. 41-61, 2020. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/lelprat/article/view/11497/8161. Acesso: 24 abr. 2024.

MECA, D. S. *El itinerario intelectual de Nietzsche.* Madrid: Editorial Tecnos, 2018.

METTE, H. J. Vorwort zur Gesamtausgabe. In: NIETZSCHE, F., *Historisch-kritische Gesamtausgabe* (= *BAW*) *I.* Hrsg. von H. J. Mette. München: C. B. Beck, 1934.

MIGNONI, N. S. A ciência contra a metafísica: Nietzsche e o filosofar histórico em Humano, demasiado humano I. In: *Cadernos Nietzsche.* v. 40, n. 2, p. 74-97, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cniet/a/DggrKkSPDZLwFD7BcTjGMzC/?format=pdf&lang=pt. Acesso: 15 jul. 2024.

MONTINARI, M. *Nietzsche Lesen*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1982.

_____. Editorische Grundsätze der Kritischen Studienausgabe. In: F. NIETZSCHE., *Sämtliche Werke. Kristische Studienausgabe* (= *KSA*) *VII*. Hrgs. von G. Colli und M. Montinari. Munchen, Berlin und New York: Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1988.

MÜLLER-LAUTER, W. “Der Wille zur Macht” als Buch der Krisis philosophischer Nietzsche-Interpretation. In: *Nietzsche-studien.* v. 24, p. 223-260, 1995. Disponível em: https://doi.org/10.1515/9783110244434.223. Acesso: 27 abr. 2024.

NASSER, E. Nietzsche e a busca pelo seu leitor ideal. In: *Cadernos Nietzsche.* v. 1, n. 35, p. 33-56, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cniet/a/zXQ4bCdmxdLrw39B38yg7rw/?format=pdf. Acesso: 02 jun. 2025.

_____. Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos. In: *Hypinos.* v. 34, p. 79-104, 2015. Disponível em: https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/79/79. Acesso: 29 jun. 2023.

PASCHOAL, A. E. O procedimento genealógico de Nietzsche. In: *Revista Diálogo Educacional*. v. 1, n. 2, p. 1-21, 2000. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3457. Acesso em: 22 jan. 2025.

PORTER, J. I. *Nietzsche and the philology of the future.* Stanford: Stanford University Press, 2000a.

_____. *The Invention of Dionysus.* An Essay on The Birth of Tragedy. Stanford: Stanford University Press, 2000b.

_____. Nietzsche’s Radical Philology. In: HEIT, H.; JENSEN, A. K. (Ed.)., *Nietzsche as a Scholar of Antiquity.* New York/London: Bloomsbury Academic, 2014.p. 27-50.

PÖSCHL, V. Nietzsche und die klassische Philologie. In: FLASHAR, H.; GRÜNDER, K.; HORSTMANN, A. (Hrgs.)., *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert: Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschafte*. Göttingen: Vandenhoeck, 1979.

POWER, N. On the Nature of Things: Nietzsche and Democritus. In: *Pli*. n.12, p. 118-130, 2001. Disponível em: https://plijournal.com/files/12_8_Power.pdf. Acesso: 01 jul. 2024.

QUEJIDO A. Crítica, genealogía y transvaloración. In: RODRÍGUEZ, M. (ed.). *Nietzsche y la transvaloración de la cultura.* Madrid: Arena Libros, 2015, pp. 101-130.

REIBNITZ, B. *Ein Kommentar zu Friedrich Nietzsche, « Die Geburtder Tragödie aus dem Geiste der Musik » (Kap. 1-12)*. Stuttgart: Metzler, 1992.

RIEDEL, M. Die Erfindung des Philologen. Friedrich August Wolf und Friedrich Nietzsche. In: ADRIAANSE, H. J.; ENSKAT, R. (eds.). *Fremdheit und Vertrautheit. Hermeneutik im europäischen Kontext.* Leuven: Peeters, 2000.

ROHDE, E. Filologia retrógrada [Afterphilologie]. In: MACHADO, Roberto (org.). *Nietzsche e a polêmica sobre ‘O nascimento da tragédia’*. Texto de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 87-128.

ROOS, R. Les demiers écrits de Nietzsche et leur publication, in: *Revue de Philosophie*. v. 146, p. 262-287, 1956. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41088392. Acesso: 10 mai. 2024.

SAFRANSKI, R. *Nietzsche*: Biografia de uma tragédia. Tradução de Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SALAQUARDA, J. Nietzsche und Lange. In: *Nietzsche-Studien.* v. 7, n. 1, p. 236-260, 1978. Disponível em: https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110244274.236/html?lang=de. Acesso: 16 jun. 2024.

SHAPIRO, G. Nietzschean Aphorism as Art and Act. In: MOHANTY, J. N. (eds.)., *Phenomenology and the Human Sciences*. Springer, Dordrecht., 1884, p. 159-189. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-009-5081-8_10. Acesso: 18 abr. 2025.

SCHLECHTA, K. *Le Cas Nietzsche*. Traduzido por André Cœuroy. Paris: Gallimard, 1960.

_____. *Der Fall Nietzsche. Aufsätze und Vorträge.* München: Hanser, 1958.

SOMMER, A. Vom Nutzen und Nachteil kritischer Quellenforschung: Einige Überlegungen zum Fall Nietzsches. In: *Nietzsche-Studien*. v. 29, p. 302-316, 2000. Disponível em: https://doi.org/10.1515/9783112421505-017. Acesso: 01 mai. 2024.

_____. SOMMER, A. *Nietzsche und die Folgen*. Stuttgart: Metzler, 2019.

SOUZA, M. C. S. Demócrito: o racionalismo como representação artística do mundo, segundo o filósofo Friedrich Nietzsche. In: *Kalagatos: revista de filosofia.* v. 4, n. 7, p. 161-176, 2007. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5805/4693. Acesso: 14 nov. 2025.

STACK, G. *Lange and Nietzsche*. Berlin/New York: de Gruyter, 1983.

STEGMAIER, W. Depois de Montinari – Sobre a filologia-Nietzsche. In: VIESENTEINER, J. L.; GARCIA, A. L. M. (Org.)., *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos:* 1985-2009. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 287-306.

STIEGLER, B. El joven Nietzsche y la ciencia: el caso de Demócrito. In: *Estudios Nietzsche*. n.8, p. 119-131, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.24310/EstudiosNIETen.vi8.10284. Acesso: 08 jul. 2024.

STIEGLER, B.; VALENCIA, A. Nietzsche's critic to the Bildung 1870-1872: the metaphysic stakes for the question on the formation of man. In: *Revista Educación y Pedagogía*. v. 21, n. 55, p. 73-85, 2009. Disponível em: https://revistas.udea.edu.co/index.php/revistaeyp/article/view/9763. Acesso: 10 jan. 2025.

STUART, D. The Origin of Greek Tragedy in the Light of Dramatic Technique. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. v. 47, p. 173-204, 1916. Disponível em: https://doi.org/10.2307/282834. Acesso: 03 abr. 2024.

SVOBODA, K. Friedrich Nietzsche als klassischer Philolog, In: *Zeitschrift für die Österreich Gymnasien*, v. 69, 1920.

WEBER, J. F. *Formação (Bildung), Educação e Experimentação:* sobre as tipologias pedagógicas em Nietzsche. 2008. 172 f. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, U. von. Zukunftsphilologie!. In: GRÜNDER, K. (hrsg.)., *Der Streit um Nietzsches 'Geburt der Tragödie'*, Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1969.

ZHAO, X. Nietzsche's Critique of Rational Subjectivity and His Aphoristic Writing: 'Let those who have ears hear'. In: *Cosmos and History*: The Journal of Natural and Social Philosophy. n. 19, v. 1, p. 212–228. Disponível em: https://cosmosandhistory.org/index.php/journal/article/view/1085. Acesso: 10 mar. 2025.

d) Bibliografia complementar

ALLINE, H. *Histoire du texte de Platon*. Paris: Champion, 1915

ASSMANN, A. *Construction de la Mémoire Nationale:* une brève histoire de l'idée allemande de Bildung. Trad. Françoise Laroche. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1994.

BARNAYS, J. *Die Heraklitischen Briefe: ein Beitrag zur philosophischen und religionsgeschichtlichen Literatur*. Berlim: W. Hertz, 1869.

BARNES, J. *The presocratic Philosophers*. London: Henley, 1979.

_____. *Early Greek Philosophy*. Hamondsworth: Penguin Classics, 1987.

BERNHARDY, G. *Grundlinien zur Enzyklopädie der Philologie.* Halle: Eduard Anton, 1832.

BOLLE, W. A idéia de formação na modernidade. In: GHIRARDELLI, P. Jr. (org). *Infância, escola e modernidade.* São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997, p. 9-32.

BOYLE, R. *The Sceptical Chymist.* Introduction by M. M. Pattison Muir. London: J. M. Dent & Sons; New York: E. P. Dutton, 1910.

BUENO, G. *La Metafísica Presocratica.* Madrid: Pentalfa Ediciones, 1974.

BUNCH, B. H.; HELLEMANS, A. *The History of Science and Technology*: A Browser's Guide to the Great Discoveries, Inventions, and the People Who Made Them from the Dawn of Time to Today. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BURSIAN, C. *Geschichte der klassischen Philologie in Deutschland von der Anfängen bis zur Gegenwart*, München-Leipzig, 1898.

BÜCHNER, L. *Kraft und Stoff*. Frankfurt am Main: Meidinger, 1855.

CORNFORD, F. M. *De la religión a la filosofía*, Barcelona: Ariel, 1984.

DIELS, H. Festrede. In: *Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin.* III / IV. 1902.

DIOGO, J. E. Atomismo ético de Leucipo e Demócrito. In: *Boletim de Estudos Clássicos*. v. l., n. 61, p. 67-84, 2016. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/bec/article/view/61_4. Acesso em: 20 jan. 2026.

DUNN, M. Iamblichus, Thrasyllus, and the Reading order of the Platonic Dialogues. In: HARRIS, R. B. (ed.). *Studies in Neoplatonism: Ancient and Modern* 1. Albany: State University of New York Press, 1976, p. 59-80.

ELIAS, N. *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen*. Bd. 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.

ERLER, M. *Die Philosophie der Antike:* Platon. Basel: Schwabe Verlag, 2007.

FICHTE, J. G. *Werke,* Bd. VII. Hrsg. von Immanuel Hermann Fichte. Berlin: Walter de Gruter, 1971.

FURLEY, D. *The formation of the Atomic Theory and its Earliest Critics.* Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOETHE, J. *Fausto:* uma tragédia. Primeira parte. Tradução de Jenny Klabin Segal. Apresentação, notas e comentários de Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2016.

GRAFTON, A. *Forgers and Critics. Creativity and Duplicity in Western Scholarship*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

GUIMARÃES, G. A ideia do belo na tradição germânica: debates em torno do laocoonte. In: *Revista de Teoria da História*. v. 19, n. 1, p. 74-94, jun. 2018. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/53865. Acesso em: 20 jan. 2026.

GUTHRIE, W. *The Presocratic Tradition from Parmenides to Democritus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. In: *Journal of Medieval Latin*. n. 13, p. 163-252, 2003. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/45019574. Acesso 10 mai. 2024.

HENTSCHKE, A.; MUHLACK, U. *Einführung in die Geschichte des klassischen Philologie*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972.

HERRMANN, U. *Historische Bildungsforschung und Sozialgeschichte der Bildung*. Weiheim: Deutscher Studien Verlag, 1991.

HORSTMANN, A. *Antike Theoria und moderne Wissenschaft:* August Boeckh Konzeption der Philologie. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1992.

HUMBOLDT, W. *Schriften zur Bildung*. Berlin: Reclam, 2017.

HUME, A. *Perpetual Motion:* The History of an Obsession. New York: St. Martin's Press, 1977.

HUNTER, R. *Plato and the Traditions of Ancient Literature:* The Silent Stream. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: *Textos Seletos*. Trad. Raimundo Vier. Petrópoles: Vozes, 1985, p. 100-116.

KENNY, A. *A New history of western philosophy*. Volume I: Ancient Philosophy. Oxford, Clarendon Press, 2006.

KERFERD, G. B. *O movimento sofista.* Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *The Presocratic Philosophers:* A Critical History with a Selection of Texts. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

LANGE, F. A. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart.* Iserlohn: J. Baedeker, 1866.

_____. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart.* Erster Buch. Iserlohn: Baedeker, 1873.

LONG, A. The eclectic Pythagoreanism of Alexander Polyhistor. In: SCHOFIELD M. (ed.). *Aristotle, Plato and Pythagoreanism in the First Century BC*: New Directions for Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p.139-159.

LOPES, R. A organização tetralógica do corpus Platonicum (3.56-62): uma revisão do problema. In: LEÃO, D.; CORNELLI, G.; PEIXOTO, M. C. *Dos homens e suas ideias. Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio (125-138)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

MAASS, E. *De biographis graecis quaestiones selectae, Philologische Untersuchungen 3*. Berlin: Weidemannsche Buchandlung, 1880.

MARQUIS DE LAPLACE, P. *Exposition du système du monde*. Paris: Courcier, 1813.

MARTELLI, M. *The Four Books of Pseudo-Democritus*. Ambix 60 suppl. 1. Leeds: Maney Publishing, 2013.

MEINERS, Ch. *Geschichte des Ursprungs, Fortgangs und Verfalls der Wissenschaften in Griechenland und Rom*. Lemgo: Verlage der Meyerischen Buchhandlung, 1781.

MOLESCHOTT, J. *Der Kreislauf des Lebens. Physiologische Antworten auf Liebig's Chemische Briefe*. Mainz, 1857.

NOLL, J. H.; SCHOEPS, J. *Friedrich Albert Lange Leben und Werk.* Duisburg: Walter Braun Verlag, 1975.

PRANTL, K. *Uebersicht der griechisch-römischen Philosophie*. Stuttgart: Hofmann, 1854.

REINHARDT, K. Das klassische Philologie und das Klassische. In: *Vermächtnis der Antike. Gesammelte Essays zur Philosophie und Geschichtsschreibung.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989.

RITSCHL, F. *Opuscula Philologica*. Volumem I. Leipzig: B. G. Teubner, 1866.

RODRÍGUEZ FRÍAS, L. Nietzsche, herdeiro de Demócrito: nas pegadas do materialismo inaugural. In: *Cadernos Nietzsche.* v. 44, n. 1. p. 83-105, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cniet/a/D6mm6cN8sm8QZpxy7RjN5Br/?format=pdf&lang=pt. Acesso: 10 out. 2025.

ROSE, V. *De Aristotelis librorum ordine et auctoritate:* Commentatio. Berlim: Reimer, 1854.

_____. *Aristoteles pseudepigraphus*. Leipzig: B. G. Taubner, 1863.

SANDYS, J. E. *A History of Classical Scholarship:* the Eighteenth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 1908.

SEDLEY, D. *Creationism and Its Critics in Antiquity.* Berkeley and London: University of California Press, 2007.

SCHLEGEL, F. Zur Philologie I. In: *Kritische Ausgabe*, 16. Paderborn: Ferdinand Schöning, 1981.

SCHLEIERMACHER, F. Ueber das Verzeichniß der Schriften des Demokritus bei Diogenes Laertius. In: JONAS, L. (Hrsg.). *Band 3 Reden und Abhandlungen, der Königl. Akademie vorgetragen.* Berlin-Boston: De Gruyter, 1835, p. 291-305.

SCHOPENHAUER, A. *Parerga e paralipomena* I e II. Milano: Adelphi, 2007.

STIRNIMANN, V-P. Schlegel, carícias de um martelo". In: SCHLEGEL, F., *O Dialeto dos Fragmentos.* Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

TARRANT, H. *Thrasyllan Platonism*. Ithaca: Cornell University Press, 1993.

TAYLOR, C., et. al. *The atomists, Leucippus and Democritus*: fragments. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

VASSALLO, C. *The Presocratics at Herculaneum:* A Study of Early Greek Philosophy in the Epicurean Tradition. With an Appendix on Diogenes of Oinoanda's Criticism of Presocratic Philosophy. Berlin, Boston: De Gruyter 2021.

VAUVENARGUES. *Betrachtungen und Maximen*. Übersetzt von Ernst Hardt. München und Berlin: Verlag von R. Oldenbourg, 1938.

VÖLKEL, M. *"Pyrrhonismus historicus" und "Fides historica":* die Entwicklung der Deutsche historiographische Methodologie unter dem Gesichtspunkt der Historische Skepsis. Frankfurt am Main/Bern/ New York: Lang, 1987.

WARREN, J. *Facing Death:* Epicurus and his Critics. Oxford: Oxford Press, 2004.

WOJCIK, J. W. *Robert Boyle and the Limits of Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

WOLF, C. *Materialism*: A Historico-Philosophical Introduction. Dordrecht: Springer, 2016.

ZELLER, E. *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung*. 3 Bänden. Leipzig: Fues's Verlag, 1869.

APÊNDICE A – Cartas[516]

548. Para Friedrich Ritschl em Leipzig[517]

Naumburg, 26 de setembro de 1867.

Prezado Senhor Conselheiro,

Seus excelentes esforços mais uma vez conseguiram realizar tudo o que pode ser útil aos meus trabalhos. O Diretor Förtsch prontamente e com grande gentileza esteve disposto a me entregar o exemplar quase completo do *Rheinischen Museum*: e de sua última estimada carta, deduzo que também Sauerländer aceitou a proposta tão favorável para mim. Caso não lhe cause transtornos, ficaria feliz em ver aquele exemplar em Naumburg. No entanto, isso depende inteiramente de sua decisão, pois atualmente estou muito bem provido e posso esperar tranquilamente até o final de outubro, quando então me permitirei visitá-lo pessoalmente em Leipzig.

Além disso, não posso dizer que tenha avançado muito na confecção do índice, pois atualmente estou bastante envolvido em outra investigação ("sobre os escritos inautênticos de Demócrito"). Contudo, não vejo nenhum motivo que me apresse particularmente nesta tarefa.

Finalmente, fico contente por ter finalmente adivinhado a origem daquele endereço enigmático "Lindenstr. 57". No outono passado, quando eu morava em Kosen, o senhor se informou sobre minha residência para me enviar os papéis de Teógnis. Então, escrevi-lhe o endereço mencionado. Além disso, um endereço errado é ἀδιάφορον [irrelevante] para os carteiros de Naumburg.

Assim, desejo apenas que esses belos dias de outono sejam muito benéficos para sua saúde e acrescento a garantia de que no final de outubro perguntarei pessoalmente sobre seu bem-estar.

Seu fiel aluno,
Friedrich Nietzsche.

---

[516] Para a tradução das cartas, tomamos como base a edição *Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*. (= *KGB*), cotejando com as edições das correspondências publicadas pela editora Trotta, na Espanha, e pela editora Adelphi, na Itália, além do material disponível na Digitale Kritische Gesamtausgabe. Werke und Briefe. (= *eKGWB*).

[517] Cf. *KGB* 1-2, p. 224-225.

552. Para Erwin Rohde, em Hamburgo[518]

Naumburg, em 3 de novembro de 1867.

Meu querido amigo,

Ontem recebi uma carta do nosso Wilhelm Roscher, de Leipzig, com notícias que, com sua permissão, formarão o início desta carta. Em primeiro lugar, a boa notícia de que a saúde e o bom humor do pai Ritschl estão ótimos; o que me surpreende, pois o comportamento dos berlinenses certamente lhe causou muitas feridas. Além disso, parece que a associação, que também adquiriu um caráter solene, tem um futuro promissor. O círculo de leitura conta com 28 membros até agora: o café de Zaspel deve, segundo as intenções de Roscher, tornar-se uma espécie de bolsa de filólogos. Também foi comprada uma estante para guardar as revistas. Encontros às sextas-feiras provavelmente ainda não aconteceram; pelo menos Wilhelm não menciona isso. Além disso, vários membros ainda não chegaram, como Koch, que infelizmente está impedido por uma doença grave. Nem o excelente Kohl, que, estranhamente, pretende passar várias semanas na casa de um amigo no campo e, assim, adiou as preocupantes cenas do exame. Por fim, não quero deixar de mencionar que a carta de Roscher trouxe-me a agradável notícia de que meu trabalho sobre Laércio venceu, em 31 de outubro, o concurso na Aula contra o senhor Οὔτις [Ninguém][519]; conto isso principalmente porque me lembro de seus esforços amigáveis, sob os quais o mencionado opusculum foi realizado. Pode demorar para que algo sobre esses assuntos seja impresso: retirei todos os planos anteriores e mantive apenas um, de tratar essa área, em conjunto com o amigo Volkmann, em um contexto maior. Mas, como ambos estamos muito ocupados com outras coisas, as adoráveis fábulas sobre a erudição de Laércio e Suidas podem ainda desfrutar de sua existência por algum tempo. A única pessoa que precisa ser informada mais rapidamente sobre a provável situação é Curt Wachsmuth, que quer e ouvirá pessoalmente sobre isso, depois de tê-lo conhecido na reunião dos filólogos em Halle. Ele realmente tem uma aparência artística, acima de tudo uma robusta feiura bandidesca, que ele carrega com vigor e orgulho.

---

[518] Cf. *KGB* 1-2, p. 230-235.

[519] Este termo está famoso associado à figura mitológica de Odisseu na épica "Odisseia" de Homero. Na história, Odisseu usa o nome "Οὔτις" como um pseudônimo astuto para enganar o ciclope Polifemo. Cf. HOMERO, 2001, p. 164.

Aqueles dias em Halle são, por enquanto, o final divertido, ou digamos, a coda, da minha abertura filológica. Esses laços de professores apresentaram-se muito melhor do que eu jamais esperava. Talvez as velhas aranhas tenham permanecido em suas teias: em suma, a vestimenta era bastante decente e moderna, e os bigodes são muito populares. O velho Bernhardy presidiu tão mal quanto possível e Bergk aborreceu com uma palestra incompreensível de três horas. Mas a maior parte foi bem-sucedida, principalmente o jantar (no qual roubaram o relógio de ouro do velho Steinhart: calcule, então, o humor que prevalecia) e um encontro noturno na trincheira. Lá, também conheci o astuto mestre Sauppe, de Göttingen, que me interessa como protagonista dos filólogos de Naumburgo. Sua palestra sobre algumas novas inscrições áticas foi o mais interessante que ouvimos; exceto pelo discurso de Tischendorf sobre paleografia, que começou com tudo, ou seja, com a virgem Homérica, as falsificações de Simonides, os fragmentos de Menandro e Eurípides, etc.; também anunciou novamente com grande abundância e finalmente anunciou sua obra paleográfica, com um preço ingênuo, no valor de aproximadamente 5.000 táleres. A presença foi extraordinariamente numerosa e havia muitos conhecidos. No jantar, formamos um canto de Leipzig, composto por Windisch, Angermann, Clemm, Fleischer, etc. Fiquei muito feliz em encontrar em Clemm uma pessoa especialmente amável: enquanto em Leipzig mal o conhecia, sim, até mesmo sentia uma certa aversão por ele, devido ao maldito hábito de Bonn de olhar de soslaio os "senhores coros". Naturalmente, ele se mostrou totalmente disposto a participar dos símbolos de Leipzig. No entanto, achou o prazo muito apertado e estou quase a ponto de concordar com seu julgamento. Diariamente, até mesmo a cada hora, esperávamos a chegada do pai Ritschl, que havia anunciado sua vinda e, infelizmente, teve que ceder ao mau tempo. Sentimos falta de sua presença, especialmente eu, que lhe devo toda gratidão. A ele devo a posse do completo Museu do Reno, sem ter feito nada por isso até agora, sim, na expectativa segura de não poder fazer nada por aquele índice por um longo tempo. Nas próximas semanas após nossa viagem, não desperdicei meu tempo com esse trabalho árduo, mas, de maneira mais alegre, compilei minhas Democritea, dedicadas em honra de Ritschl. Pelo menos, o trabalho principal está feito: embora ainda haja muito a ser feito para fundamentar cuidadosamente minhas tolices e uma robusta combinatória, muito para alguém que "está fortemente ocupado com outras coisas".

Bem, você perguntará, se ele não fuma e joga, se ele não fabrica índices, nem combina Democritea, despreza Laércio e Suídas, o que ele faz então?

Ele se exercita.

Sim, meu querido amigo, se um demônio um dia o conduzir a Naumburgo, numa manhã cedo, digamos, entre cinco e seis, e tiver a gentileza de direcionar seus passos para minha proximidade: não se assuste com o espetáculo que se apresentará aos seus sentidos. De repente, você respirará a atmosfera de um estábulo. À meia-luz de uma lanterna, surgem formas. Há arranhões, relinchos, escovas, pancadas ao seu redor. E no meio, vestido como um cavalariço, esforçando-se intensamente com as mãos para carregar o inexpressável, o disforme, ou trabalhando o cavalo com o raspador – fico horrorizado ao ver seu rosto – é, pelo cão, minha própria figura.

Algumas horas depois, você verá dois cavalos galopando na pista, não sem cavaleiros, dos quais um se parece muito com seu amigo. Ele monta seu ardente e vigoroso Balduíno e espera um dia aprender a cavalgar bem, embora, ou melhor, porque agora ainda monta sem sela, com esporas e pernas, mas sem chicote. Também teve que se apressar para desaprender tudo o que ouviu na pista de Leipzig e, acima de tudo, adquirir com grande esforço uma posição segura e regulamentar.

Em outros momentos do dia, ele está, diligente e atento, no canhão, pegando granadas do caixote ou limpando o cano com o escovilhão ou ajustando-o por polegadas e graus, etc. Mas, acima de tudo, ele tem muito a aprender. Asseguro-lhe, pelo já mencionado cão, que minha filosofia agora tem a oportunidade de me ser útil na prática. Não senti em nenhum momento até agora qualquer humilhação, mas muitas vezes sorri como se fosse algo de conto de fadas. Às vezes, também murmuro, escondido sob a barriga do cavalo, "Schopenhauer, ajude"; e, quando volto para casa exausto e coberto de suor, um olhar para o quadro na minha escrivaninha me tranquiliza: ou abro os Parerga[520], que agora, juntamente com Byron, são mais simpáticos do que nunca.

Agora, finalmente, atingi o ponto em que posso dizer o que, segundo sua expectativa, deveria ter iniciado a carta. Meu querido amigo, agora você sabe o motivo pelo qual minha carta demorou tanto para chegar. Realmente não tive tempo. Mas, muitas vezes, também não tive ânimo. Não se escrevem cartas a amigos que se ama tanto como eu o amo, em qualquer disposição. Nem se escreve em um momento capturado hoje uma linha e outra amanhã, mas anseia-se por uma hora cheia e ampla e disposição. Hoje, um dia de outono muito amigável brilha pela janela. Hoje, tenho a

[520] Referência ao livro *Parerga und Paraliponema,* de Schopenhauer. Cf. SCHOPENHAUER, A. *Parerga e paralipomena* I e II. Milano: Adelphi, 2007.

tarde livre, pelo menos até às 18h30; essa hora me chama para a alimentação e o trato noturno no estábulo. Hoje celebro o domingo à minha maneira, lembrando-me de meu amigo distante e nosso passado comum em Leipzig, na Floresta da Boêmia e no Nirvana. O destino arrancou repentinamente a página de Leipzig da minha vida, e a próxima, que agora vejo neste livro sibilino, está manchada de tinta de cima a baixo. Naquela época, uma vida de autodeterminação livre, no prazer epicurista da ciência e das artes, no círculo de colegas, na proximidade de um professor amável e – o que para mim é o mais alto, o que posso dizer daqueles dias em Leipzig – na constante convivência com um amigo que não é apenas um colega de estudos ou ligado a mim por experiências comuns, mas cuja seriedade de vida realmente mostra o mesmo grau que o meu próprio senso, cuja valorização das coisas e das pessoas segue aproximadamente as mesmas leis que as minhas, cuja essência, enfim, tem um efeito revigorante e fortalecedor sobre mim. Portanto, não sinto falta de nada além desse convívio; e ouso acreditar que, se fôssemos condenados a suportar juntos esse jugo, carregaríamos nossa carga de maneira alegre e digna: enquanto agora só tenho o consolo da lembrança. No início, fiquei quase surpreso por não encontrá-lo como meu companheiro de destino: e, às vezes, quando cavalgando, viro a cabeça para olhar o outro voluntário, penso vê-lo sentado no cavalo.

Estou bastante solitário em Naumburg; não tenho nem um filólogo nem um amigo de Schopenhauer entre meus conhecidos; e mesmo eles raramente se reúnem comigo, porque o ministério toma muito do meu tempo. Portanto, muitas vezes tenho a necessidade de ruminar o passado e tornar o presente digerível, acrescentando esse tempero. Esta manhã, enquanto caminhava pela noite fria, úmida e negra em meu mackintosh, e o vento soprava incansavelmente ao redor das casas escuras, cantei para mim mesmo “um Biedermann deve ser alegre, de bom humor” e pensei em nossa tola festa de despedida, no Little Paul saltitante - cuja existência é atualmente desconhecida em Naumburg e Leipzig, mas, portanto, não duvidosa –, do rosto dionisíaco de Koch, de nosso memorial às margens daquele riacho de Leipzig que batizamos de Nirvana e que traz as palavras festivas de minha parte, que se mostraram vitoriosas γένοι᾽οἷος ἐσσί {Torna-te o que és].

Se, ao final, aplico essas palavras também a você, querido amigo, que elas encerrem o melhor do que trago no coração por você. Quem sabe quando o destino caprichoso voltará a juntar nossos caminhos: que seja muito em breve; mas sempre que isso aconteça, olharei para trás com alegria e orgulho para um tempo em que

ganhei um amigo οἷος ἐσσί [Como você].

Friedrich Nietzsche.

Artilheiro do 21º Batalhão do Reiter. Departamento, da Artilharia de Campanha. No. 4.

NB. A carta atrasou novamente por alguns dias porque eu gostaria de enviar uma caixa de uvas com ela: no final, a infeliz agência dos correios declara que não quer aceitá-la porque as uvas só chegariam como mosto.

Perdoe-me.

559. Para Erwin Rohde em Kiel[521]

Naumburg, 1-3 de fevereiro de 1868.

Meu caro amigo,

É sábado e o dia está chegando ao fim. Para um soldado, há um encanto na palavra "sábado", uma sensação de calma e paz que eu, como estudante, não conhecia. Poder dormir e sonhar tranquilamente, sem que a imagem assustadora da manhã seguinte pairasse sobre a alma, ter novamente superado e deixado para trás sete dias daquela agitação uniformizada, que se chama ano militar - que prazeres simples e fortes isso nos dá, dignos de um cínico e quase adquiridos por nós de forma barata e confortável! Entendo agora aquela primeira e maior atmosfera de sábado à tarde, na qual a palavra acolhedora soou πάντα λίαν καλά [Tudo está muito bem], na qual o café e o cachimbo foram inventados e o primeiro otimista entrou na vida. De qualquer forma, os hebreus que imaginaram e acreditaram nessa bela história eram soldados ou trabalhadores fabris, mas certamente não estudantes; pois estes teriam proposto 6 feriados e um dia de trabalho e, na prática, também teriam feito aquele dia igual aos outros. Pelo menos esta foi a minha prática: e sinto imediatamente o contraste entre minha vida atual e minha antiga ociosidade acadêmica muito fortemente. Se ao menos pudéssemos reunir os filólogos de 10 anos e treiná-los para o serviço em sua ciência, como é moda no exército: após 10 anos, a filologia não seria mais necessária, porque todo o trabalho principal estaria feito, mas também não seria mais possível, porque

[521] Cf. *KGB* 1-2, p. 245-250.

ninguém voluntariamente se alistaria sob essa bandeira, uma bandeira na qual o conceito de "voluntário de um ano" desaparece completamente.

Um sábado como esse se torna falante, como você perceberá; já que durante o resto da semana temos muito a calar e todas as nossas faculdades da alma costumam ser reguladas pela ordem do superior, assim as palavras fluem nos momentos desprotegidos do sábado e as linhas do tinteiro, especialmente quando o fogo crepita no fogão e lá fora o vento de fevereiro, carregado de primavera, uiva. Sábado, tempestade e calor da sala, esses são os melhores ingredientes dos quais o ponche do "espírito epistolar" é feito.

Meu querido amigo, minha vida agora é verdadeiramente solitária e desprovida de amizade. Não há nada de inspirador que eu não me dê, nada daquela harmonia de almas que algumas boas horas em Leipzig traziam consigo. Pelo contrário, é uma alienação da alma de si mesma, um excesso de influência dominante que enrijece a mente com um medo firme e a ensina a considerar as coisas com uma seriedade que não merecem. Esta é a outra face da minha existência atual, como você certamente pode imaginar. Mas vamos virar a moeda. Esta vida, embora desconfortável, é absolutamente útil quando saboreada como um prato intermediário. É um apelo contínuo à energia de uma pessoa e serve especialmente como um antídoto contra o ceticismo paralisante, cujo efeito já observamos juntos. Ao mesmo tempo, aprendemos a conhecer nossa natureza como ela se manifesta entre estranhos, na maioria das vezes pessoas rudes, sem a ajuda da ciência e sem aquela fama tradicional que determina nosso valor para nossos amigos e para a sociedade. Até agora, tenho notado que sou bem-vindo, tanto como capitão quanto como soldado; por outro lado, faço o que me é incumbido com zelo e interesse próprio. Não seria legítimo orgulhar-se disso, sendo considerado o melhor cavaleiro entre 30 recrutas? Verdadeiramente, meu amigo, isso vai além de uma recompensa filológica: embora eu também não seja imune a esse tipo de elogio, como os que a Faculdade de Leipzig me concedeu. Posso lhe escrever aquela homenagem, como está no programa da página 22, sem correr o risco de parecer um tolo repugnante?

Philosophorum denique Ordini unus traditus libellus est et ex classe quidem prima: 'De fontibus Laertii Diogenis hac inscriptione' [Um livro foi dedicado ao único grupo de filósofos e, de fato, é da primeira classe: 'Sobre as fontes de Laércio Diógenes

com esta inscrição']: γένοι᾽οῖος ἐσσί [Torna-te aquilo que és] Pínd. Pyth. II., v. 73[522]. (Ainda pensas no nosso recanto de Nirvana no Rosenthal?) O autor desse livrinho, tendo profundamente conhecido os assuntos relacionados a essa questão e as cartas pertinentes, e tendo examinado suas implicações com mente aguda, tratou do assunto que se propôs a explicar de tal maneira que, usando a máxima perspicácia para compreender e julgar cada ponto, e a maior sagacidade na busca da verdade, na descoberta, na extração das trevas, mostrou grande habilidade na compilação e expôs claramente o que havia percebido com precisão, deixando pouco ou nada nessa questão que pudesse parecer que devesse ser acrescentado ou retirado, alcançando o mais alto louvor de engenho e erudição da mais ilustre ordem. Etc.

Caro amigo, não é verdade que tanto barulho por uma omelete? Mas é assim que somos, fazemos piada de tais elogios e sabemos muito bem o que está por trás deles, mas, apesar disso, nosso rosto se contorce em um sorriso de satisfação. Nessas coisas, nosso velho Ritschl é um alcoviteiro, com seus louvores esplêndidos ele procura nos prender na rede da senhora Filologia. Estou com uma vontade incrível de, no meu próximo ensaio escrito em honra de Ritschl (sobre a escrita de Demócrito), dizer aos filólogos algumas verdades amargas. Até agora, tenho a melhor esperança para este mesmo artigo: ele ganhou um fundo filosófico, o que até agora não tinha conseguido em nenhum dos meus trabalhos. Além disso, todos os meus trabalhos, sem a minha intenção, mas para o meu prazer, estão tomando uma direção muito específica; todos apontam, como postes telegráficos, para um objetivo dos meus estudos, que em breve também focarei firmemente. Trata-se de uma história dos estudos literários na Antiguidade e na modernidade. Inicialmente, pouco me importam os detalhes; agora, sou atraído pelo geral, pelo humano, como se forma a necessidade de uma pesquisa histórico-literária e como ela ganha forma nas mãos dos filósofos. Que recebemos todos os pensamentos esclarecedores na história da literatura daqueles poucos grandes gênios que vivem na boca dos eruditos e que todas as boas e promissoras realizações nesse campo não passam de aplicações práticas dessas ideias típicas, que, portanto, o criativo na pesquisa literária vem daqueles que não ou pouco praticaram tais estudos, enquanto as obras elogiadas no campo foram escritas por aqueles que careciam da centelha criativa – essas visões fortemente pessimistas, que encerram em si um novo culto do gênio, me ocupam continuamente e me fazem inclinado a examinar a história

[522] Na verdade, o verso em questão é o 72. Cf. PINDARO. *Pitiche.* Introduzione, traduzione e note di Franco Ferrari. Milano: BUR, 2008. p. 93.

sob esse aspecto. Em mim mesmo, a prova é confirmada; pois me parece que você deveria sentir o cheiro da cozinha schopenhaueriana nas linhas escritas.

A queda desses castelos no ar para a realidade é bastante amarga. Pense, querido amigo, que eu, que ocasionalmente me deleito nas perspectivas indicadas, ainda não sou capaz de concluir o mais próximo. É-me absolutamente impossível entregar a contribuição prometida para o livro de Ritschl a tempo. Por mais que a matéria esteja em minha cabeça e no meu coração, a elaboração está distante: faltam cem coisas, tempo, livros, bons amigos, momentos de saciedade e elevação: e a cada uma dessas faltas devo acrescentar que cada uma por si só já tem o poder de me impedir de elaborar. Pessoas felizes, diz Ritschl dos estudantes, vocês têm 14 horas por dia para si mesmos e seus estudos! Pobre de mim, digo a mim mesmo, você não tem duas horas por dia; e mesmo essas você deve sacrificar a Marte, que de outra forma lhe negaria a patente de tenente. Ah, querido amigo, que desgraça é um artilheiro montado e móvel se tiver inclinações literárias! Nosso velho deus da guerra gostava de jovens mulheres, não de musas velhas e enrugadas. Um artilheiro que frequentemente pensa em problemas democritianos na sala de caserna, agachado em um banco sujo enquanto lustram suas botas, é realmente um paradoxo sobre o qual os deuses olham com escárnio.

Se vocês puderem esperar até novembro deste ano, isso me trará grande alegria. Reunimos na primavera e no verão os artigos dos nossos amigos, discutimos e avaliamos, negociamos com o livreiro, imprimimos alegremente – e então vem meu artigo, por último e tarde, mas no tempo certo. Aliás, Clemm também achou o prazo anterior muito curto. Por favor, compartilhe sua opinião sobre este ponto comigo!

Quando te digo que estou diariamente em serviço das 7 da manhã até as 5 da tarde, além de ainda assistir a palestras de um tenente e de um veterinário, podes imaginar quão mal estou. À noite, o corpo está fraco e cansado e procura cedo o seu ninho. E assim vai, sem descanso e sem pausa, de um dia para o outro. Onde fica, então, a concentração e a contemplação necessárias para as elaborações científicas?

Ah, até mesmo para coisas que são mais próximas a mim do que minhas necessidades literárias, os encantos de uma correspondência amigável e da arte, raramente sobra uma hora! Deixa-me apenas voltar a desfrutar plenamente do meu tempo e das minhas forças –

> si male nunc, non olim sic erit [Se agora está ruim, não será assim para sempre].

No próximo ano vou para Paris. Quase estou convencido de que você terá a mesma ideia. Como se sabe, um bom homem deve ser alegre e de bom ânimo, se São Offenbach estiver certo.

A ti, portanto, poesia do futuro, e a ti, amizade do melhor passado, a última linha escrita, a última gota de tinta!

fulsere quondam candidi tibi soles!
[Outrora luziam-te dias felizes!][523]

F. Nietzsche
Em fiel
Amizade.

569. Para Erwin Rohde em Hamburgo[524]

Naumburg, 3 ou 4 de maio de 1868.

Meu querido amigo,

Responderei em breve: isso indica o quanto sua carta me alegrou; ainda mais, o quanto me preocupo com os assuntos nela abordados. Além disso, esta manhã recebi uma carta de Windisch, uma carta à qual atribuo uma significativa importância para nossos planos futuros, embora o remetente – que, aliás, lhe envia suas saudações calorosas – não tenha a menor ideia disso. Antes de resolver sua expectativa, deixe-me mencionar algo que de outra forma facilmente ficaria sem ser dito: minha recuperação está progredindo lentamente, a ferida supurante no esterno ainda está aberta e ainda me falta força para retomar com vigor meus estudos militares. Que seus votos de solidariedade se coloquem sobre a ferida à noite, comparáveis ao incubus: de qualquer forma, eles me beneficiam mais do que pomada de zinco e emplastros, sim, há neles, assim como em todas as suas expressões de vida nas cartas para mim, uma magia fortalecedora e curativa, uma verdadeira κάθαρσις τῶν παθημάτων [Purificação dos sentimentos].

---

[523] Cf. CATULO. *Carmina.* Tradução de José Pedro Moreira e André Simões. Introdução de Ana Alexandra de Sousa. Lisboa: Livros Cotovia, 2012. p. 37.
[524] Cf. *KGB* 1-2, p. 272-277.

Caro amigo, nosso “Ritschl-sacellum” caiu por terra da noite para o dia: por quê? Porque o construímos muito perto da água. Nossa sociedade por ações se dissolve antes que o capital esteja reunido, nossa batalha está perdida antes mesmo de ser travada, pois nossos aliados estão desertando. Recentemente, escrevi a Windisch enfatizando um pouco a seriedade da comissão aceita, ou seja, pedi-lhe uma carta com informações mais detalhadas sobre nossos colaboradores, mencionando, entre outras coisas, o único que cumpriu sua obrigação antes do prazo estabelecido. Hoje recebi a resposta às minhas perguntas, uma resposta com tantos detalhes que considero nosso empreendimento um fracasso. Julgue por si mesmo: o próprio Windisch, cujo trabalho é de grande importância para nós, descreve sua situação como a daquele velho sentado no telhado: e é verdade. Ele é professor, quer se habilitar, escreve duas obras em sânscrito para esse fim, cria dois filhos, organiza os negócios confusos de seu pai recentemente falecido e, finalmente, tem uma razão delicada para não participar de nosso projeto no momento. O pobre Clemm está tão mal com os olhos que só podemos compadecer e não fazer exigências. E Roscher, um ser humano que, confidencialmente, sempre me pareceu um tanto pouco confiável: segundo Windisch, ele exauriu todo o seu potencial em sua dissertação e pensa em nos oferecer suas conjecturas obsoletas. Windisch agradece, eu também e também em seu nome. O mesmo se aplica a Dreßler, que não tem mais nada a oferecer, nem mesmo uma moeda de conjectura. É uma miséria: essas pessoas! Como podem ser tão impotentes e nem sequer se envergonhar de admiti-lo! Aqui estão alguns títulos de romances: “kraftlose Lenden oder der lächelnde Sächser”, “der Conjekturenritt im Lexikon oder Barnum in der Westentasche”, “der kleine Lügner oder die Tapetenfabrik”, “der geschickte Aspirant oder der H-Doktor in Leipzig”, etc.

Portanto, caro amigo, novamente: nossas perspectivas estão arruinadas: pois Kohl, quando falei com ele, ainda não tinha feito preparativos, além de ser professor em Barmen e trabalhar lentamente. Não ouvimos nada de Andresen, mas ele é comparativamente seguro. Windisch finalmente sugere deixar todo o assunto descansar por alguns anos: então mais participantes apareceriam. Assim, que o bom projeto adormeça, pelo qual me interessei muito e que deixo com tristeza. Contar com o altruísmo humano, ou mesmo com a simples inteligência: estamos errados. Tudo isso precisa ser conduzido com um bastão, mesmo para uma ação que tanto beneficia a própria fama quanto a do professor.

Então, quais são as conclusões para nós, caro amigo!

Em primeiro lugar, posso sugerir que você elabore um novo plano para o futuro. Agora não estou mais vinculado a escrever o trabalho destinado a Ritschl: o que me dá tempo. Talvez, espero que sim, estarei pronto com a promoção e o índice do museu no Natal; então poderemos guardar nossas asas para estar em Paris no Ano Novo. De acordo com esse plano, seria aconselhável que você também concluísse sua promoção até esse momento: e você pode usar o estudo das fontes que está atualmente em mãos como dissertação.

Eu mesmo me sinto bastante desconfortável a esse respeito. No fundo, tanto meus estudos sobre Demócrito quanto sobre Homero são bons demais para esse propósito: quero guardá-los para uma apresentação mais cuidadosa, que talvez conclua no Quartier Latin, e não devastar esses belos temas ao fragmentá-los. Ambos são muito longos e demasiado – alemães para uma dissertação. Por um tempo, até mesmo considerei um projeto filosófico, "sobre o conceito de orgânico desde Kant", e coletei material suficiente para isso; mas no geral, este tema não é adequado para o propósito indicado, a menos que se queira proceder de maneira leviana. Finalmente, tratarei de uma questão filológica mais restrita, iluminando os diferentes títulos que os historiadores literários gregos atribuem a poetas, filósofos, oradores, etc., investigando se são títulos de nascimento ou atribuídos, se são fictícios, etc. Se você achar que seu trabalho sobre Pólux é bom demais para essa "comédia", recomendo um tema similar: de onde vem a ideia de que poetas, filósofos, etc., pertencem ora a uma, ora a outra pátria. Criamos rubricas e nos entediamos e aos outros – atingindo assim o objetivo.

Obviamente, seu excelente trabalho destinado a Ritschl não deve, sob hipótese alguma, ser entregue a essa deusa insana, a Dea Promotio. Se me permite sugerir, envie-me algumas linhas em um próximo carta a Ritschl, oferecendo-lhe o referido trabalho para o Rheinisches Museum. Essas linhas, juntamente com a obra, eu enviarei a Ritschl, com quem agora tenho "relações comerciais". Assim, ainda será um sinal de gratidão.

A propósito, caro amigo, peço-lhe sinceramente que mantenha os olhos firmemente fixos na carreira acadêmica que um dia iniciará: sobre a qual, no entanto, um dia terá de tomar uma decisão firme. Não há necessidade de um autoexame ansioso aqui: simplesmente temos que fazê-lo, porque não podemos evitar, porque não temos mais nada adequado. Não temos outro meio de tornar nossa constelação de poderes e pontos de vista útil para nossos semelhantes a não ser o caminho que acabamos de indicar. Afinal de contas, não devemos viver para nós mesmos.

Devemos garantir que os jovens filólogos se comportem com o ceticismo necessário, livres de pedantismo e supervalorização de sua área, como verdadeiros promotores dos estudos humanísticos. “Soyons de notre siècle”, como dizem os franceses: uma perspectiva que ninguém esquece mais facilmente do que o filólogo de guilda.

Além disso, por favor, não mencione novamente em conexão com seu nome os senhores Forchhammer, Ritter, etc.

Como futuros cavaleiros universitários, precisamos fazer algo ὥστε γνωρίζεσθαι [para sermos reconhecidos], ou seja, de vez em quando, colocar nossos nomes nas revistas, enviar anedotas de Paris, etc. Depois de 1½ – 2 nos, habilitamo-nos em Berlim ou em outro lugar e suportamos o tempo da “esperança destilada”, a docência privada σὺν ἐρχομένω [com o que está por vir]. A propósito, Ritschl uma vez me disse que há sempre uma falta de docentes filólogos. Isso deve ser verdade, como demonstram as rápidas promoções, por exemplo, de Reifferscheid e recentemente de Riese em Heidelberg.

Em todo caso, vamos para esse futuro acadêmico sem esperanças exageradas. Mas acredito que na posição de professor, primeiro, se ganha um tempo decente para estudos próprios, segundo, uma esfera de influência útil, e finalmente, uma posição politicamente e socialmente razoavelmente independente. Este último benefício temos sobre qualquer carreira estatal, seja como jurista ou como professor escolar.

Por que precisamos fazer o chamado e mal afamado exame estatal? Tenho um calafrio de horror diante dessa desgastante prova de memória, capacidade de produção, ímpeto de desenvolvimento próprio, essa máquina de uma antiga e niveladora política governamental; sim, estou convencido de que não posso fazer esse exame, porque nunca quero fazê-lo. Portanto, excluímos isso do programa da nossa música do futuro: afinal, não é necessário para nossa carreira acadêmica.

Agora mencionei todos os pontos aos quais a carta de Windisch (que anexo) me levou. Espero que não seja para seu aborrecimento. Pois agora não tenho desejo mais ardente do que ver as belas imagens de uma vida em Paris transformadas em realidade. Assim como nosso sentimento natural cresceu nas solidões de Leipzig, em Naumburg, meu desejo por intercâmbio amigável também cresceu.

Portanto, caro amigo, diga-me em breve o que acha dos meus planos para o futuro.

Por hoje, uma despedida sincera.

Fr. Nietzsche

Por favor, dê meus melhores cumprimentos à sua esposa, mãe.

589. Para Friedrich Ritschl em Leipzig[525]

Sábado de Naumburg. 19 de setembro de 1868

Respeitado Senhor Conselheiro Privado,

em que formato a elaboração do índice deve ser feita; pois sem essa indicação, teria sido audacioso e imprudente da minha parte começar a trabalhar naquilo que, uma vez ultrapassada a metade, é praticamente irreparável em sua totalidade e grandeza: stat mole sua (permanece por sua própria grandeza). De acordo com suas instruções, criei as seguintes categorias:

Aa	Autores gregos	Sobre a epigrafia latina
Ab	Autores latinos	
B	Gramática	Índice temático
	Métrica	
	Histórica	
	Arqueológico	
	Topográfico	
	Sobre a epigrama latina	
	Sobre a epigrafia grega	
Ca	Registro da palavra grega	
Cb	Índice de palavras em latim	
Da	Índice de trabalhos para autores gregos	
Db	Índice de trabalhos para autores latinos	

Até que ponto cumpri suas intenções, peço-lhe para julgar com base na amostra enviada; este é um trecho do 15º volume, de acordo com as categorias especificadas. Quando todos os volumes estiverem concluídos dessa maneira, eles serão cortados em milhares de pedaços, classificados de acordo com as letras de orientação prescritas e finalmente colados na ordem obtida: um método que me pareceu, após alguma reflexão, ser economizador de tempo e trabalho e tem a

[525] Cf. *KGB* 1-2, p. 317-318.

vantagem de tornar desnecessária a reescrita do índice inteiro, através da qual muitos erros poderiam surgir, ou pelo menos poderiam surgir: prevenir isso seria.

Os volumes 1-13, 15-21 foram concluídos da maneira descrita. Ainda não recebi o volume 4 do ano de 1867 e tudo o que foi publicado neste ano.

Quando o índice está pronto na minha frente, muitos detalhes ainda podem ser melhorados, especialmente para obter maior uniformidade. (Por exemplo, no caso de vários autores, não me foi possível regular todas as citações de acordo com uma única edição devido à falta temporária de livros).

Isso é tudo sobre o índice. Em outubro, me mudo novamente para Leipzig por meio ano; talvez então surja uma oportunidade para a promoção, para a qual tenho em mente uma outra dissertação sobre Laertii Diogenis fontibus. – Ou, se preferir, de Aristotelis librorum indice Laertiano ou Analecta Democritea ou quaestiones Cynicae ou de fontibus Latinorum artis veterinariae scriptorum!! etc. com Grazie in infinitum.

No que diz respeito ao candidato Volck (que, aliás, é mais velho do que eu), estou entristecido por ainda não poder comunicar nada favorável sobre ele até agora. De qualquer forma, sou profundamente grato a você pela disposição em ajudar e colaborar. E me perdoe por ter me dirigido a você de forma tão urgente? Eu estava realmente um pouco desesperado por ser abordado de forma tão urgente, sem saber de outro modo de ajudar o pobre homem.

Com as mais sinceras recomendações à sua estimada família

Continuo sendo seu aluno fiel,

Friedr. Nietzsche.

604. para Erwin Rohde em Hamburgo[526]

Leipzig Lessingstr. 22, 2 escadas
9 de dezembro de 1868

Meu querido amigo,

Ainda não posso te dar detalhes sobre as condições de Engelmann, pois o referido guerreiro viajou para Berlim. De qualquer forma, ele concordou em aceitar o

[526] Cf. *KGB* 1-2, p. 348-353.

manuscrito, o que é o mais importante. Assim que souber por quanto tempo (ou seja, o quão curto) será a impressão e quantos exemplares gratuitos ele te concederá, eu te informarei. Aliás, não mereço um átomo de agradecimento nesse assunto; pois quem abordou Engelmann, por ter mais autoridade pessoal do que eu, é nosso excelente Windisch. Se essa abordagem tivesse falhado, as perspectivas para o bravo ὌΝΟΣ [ASNO] teriam sido muito sombrias, pois com esses panfletos de 3-4 folhas, não se faz negócio, e por isso a Teubner e os colegas de ideais não aceitam tais propostas em princípio. Portanto, honra a Engelmann e gratidão ao papai Windisch.

Ao revisar novamente o seu trabalho, fiquei novamente irritado com os olhos estúpidos daqueles que o seguraram até agora. Especialmente também pelo fato de que esses mesmos olhos viam mérito na tolice knautiana. Mas através desses olhos viu-se má vontade, foi simplesmente o olhar malévolo que trabalhou tão hostilmente contra o seu trabalho e contra você.

A propósito, você quer que eu publique o seu trabalho no Centralblatt, ou prefere que um terceiro (provavelmente Bursian) se pronuncie sobre ele com olhos imparciais? – Come voi volete. –

Após esse prelúdio de negócios, acho que posso falar um pouco sobre minhas atividades atuais e, antes de tudo – a bove principium – começando com minha atividade filológica. Desde que retornei aqui, tenho vacilado gravemente entre os trabalhos que eventualmente precisam ser concluídos, mas que devem ser feitos em uma ordem específica, não de qualquer maneira. Você sabe que pretendo republicar o pequeno tratado περὶ Ἡσιόδου καὶ Ὁμήρου καὶ τοῦ γένους καὶ ἀγῶνος αὐτῶν [Sobre Hesíodo e Homero e seu gênero e contenda]; assim como iniciar uma discussão sobre questões de tradição homérica. No entanto, tive o infortúnio de não poder me convencer em um ponto muito importante: meu caro poeta Homero, que eu pensava ter segurado firmemente com todos os cinco dedos, desapareceu como um fantasma numa bela manhã; agora ele é novamente uma criatura mitológica, que passou pelas transformações mais estranhas: algo que seria um desafio para Strauß e talentos semelhantes descrever. Isso me desanimou um pouco com o assunto, então decidi deixá-lo de lado; no entanto, de qualquer forma, minha abordagem proporciona o suficiente para manter toda essa região sempre interessante e valiosa para mim. A Biblioteca de Leiden me enviou, a meu pedido ao Sr. Du Rieu, o manuscrito contendo a cópia de Henrici Stephani, e estou aguardando uma nova colação de Florença.

No início de novembro, falei sobre o estranho coruja Menipo na associação: sua época, de 4 a 6 pontos de partida, foi fixada por mim em cerca de 280 a.C., e Probus, no testemunho muito discutido sobre as sátiras varonianas, está certo novamente. Portanto, a juventude de Varro não coincide, como Oehler, Roeper, Bernhardy, Riese, etc., pensam, com a idade de Menipo. O Menipo de Luciano é aquele que viveu por volta de 280 a.C.; embora as escolias cometam uma tolice uma vez, por reminiscências do Menipo filostratiano, com quem Apolônio se encontra em Corinto.

Agora estou novamente fazendo tolices abderitas e aproveitando minhas opiniões gradualmente sedimentadas sobre Laércio. Nisso, muitas coisas me foram bem-sucedidas, e chego à conclusão de que, em tais trabalhos, um certo humor filológico, uma comparação ágil de analogias ocultas e a habilidade de avançar com perguntas paradoxais são muito mais úteis do que a metodologia rigorosa, que só é apropriada onde o trabalho intelectual principal já foi realizado.

Portanto, esses Democritea têm a intenção de estabelecer o índice de Trásilo de acordo com sua forma e intenção e, ao mesmo tempo, fornecer a base para uma coleção posterior dos Fragmentos de Demócrito (Mullach é uma besta chifruda descuidada) por meio de investigações sobre inautenticidades, arranjos pinacográficos mais antigos, dissecando a vita laertiana de Demócrito e assim por diante. Pessoalmente, gosto muito da figura de Demócrito, embora eu a tenha reconstruído para mim mesmo a partir do zero, já que nossos historiadores da filosofia nunca podem fazer justiça nem a ele nem a Epicuro, porque eles são judeus fraternos e verdadeiros diante do Senhor; muito menos, porém, ao afeminado, espírita, falso e obscuro Schleiermacher, a quem se elogia ou censura a ponto de enojar, ambos com a maior naturalidade possível; a verdade não está no meio, mas em outro lugar completamente diferente. – Em 22 de fevereiro de 1888, nós também celebraremos um jubileo: sabemos por quê. –

Por acaso, acabei de perceber que não sei quando é o seu aniversário. Mas adoraria saber.

Neste ponto, mais algumas notícias de Leipzig. Finalmente, Laube chegou, com uma fisionomia de touro e, pelo que parece, com muito talento prático e energia adequada. Aliás, ele veio com sua esposa, que dizem ser uma mulher extremamente digna. Laube alugou um espaço no jardim da casa de campo e parece estar planejando construir uma grande casa. Sua atividade já é bastante incomum; todos os jornais relatam sobre novos compromissos, ele ameaça os atores com um grande número de ensaios, atrai os estudantes com preços mais baixos; ao mesmo tempo, o antigo teatro

está sendo preparado para comédias e peças leves. Além disso, ele contratou uma prima donna de Hamburgo, uma tal Sra. Schneider: quem é ela e qual é a sua reputação? – Γλαυκίδιον [Corujinha] já recebeu dela um acréscimo de 100 táleres (de modo que agora ela tem um salário de 500 táleres) e, além disso, elogios e esperanças. No domingo passado, essa pessoa mencionada, juntamente com sua bela irmã, esteve em nossa mesa para o jantar; e durante a tarde, eu e meu quarto tivemos a sorte de hospedar essas mulheres, que estavam ocupadas com trabalhos de Natal, por uma hora. E foi puro γέλως [Riso] e γλυκύτης [Doçura].

– Cada uma das tuas cartas prova-me que é realmente uma pena toda a bela época que não passamos juntos, como, por exemplo, este inverno atual. Embora ele me ofereça todas as possíveis inspirações e diversões no estilo de Leipzig, nega-me o contato direto e diário com um irmão de ideais; a menos que mencione o bom Romundt, que certamente te agradaria, em contraste com algumas mentes muito comuns, mas eruditas, que olham com autoconfiança para aquela estranha combinação de compreensão, vontade e incapacidade que se chama Romundt. – Quão profundamente estamos ambos trilhando o mesmo caminho ficou claro para mim novamente através de um verdadeiramente divertido sinônimo; ambos estávamos praticando Romantismo e aspirando com o nariz ávido os aromas acolhedores e relacionados ao mesmo tempo, sem que um de nós soubesse da ocupação talvez anormal do outro. Chamar isso de coincidência seria um pecado contra o Espírito Santo de Schopenhauer. Após esse incidente e, em geral, depois das notáveis semelhanças entre as tuas cartas, que sempre desfrutei com um coração grato e um prazer abundante, e os meus pensamentos atuais, tenho a firme convicção de que vamos entender completamente um gênio que me pareceu ser um problema insolúvel e para cujo entendimento tenho tentado ano após ano: esse gênio é Richard Wagner. Este é agora o segundo exemplo em que, quase sem se preocupar com a opinião predominante, construímos nossos próprios ídolos; e desta vez, damos esse passo com mais segurança e autoconfiança.

Wagner, como o conheço agora, através de sua música, suas poesias, sua estética, e não menos importante, daquele feliz convívio com ele, é a mais vívida ilustração daquilo que Schopenhauer chama de gênio: de fato, a semelhança de todos os traços individuais é gritante. Ah, como eu queria poder te contar, numa noite aconchegante, os muitos detalhes que sei sobre ele, principalmente através de sua irmã; como eu queria que pudéssemos ler juntos suas poesias (que Romundt valoriza tanto,

considerando R.W. o maior poeta da geração de longe, e sobre as quais até mesmo Schopenhauer, como Wagner me contou, pensava muito bem); como eu queria que pudéssemos juntos explorar a audaciosa, até mesmo vertiginosa jornada de sua estética revolucionária e construtiva; como eu queria que pudéssemos finalmente nos deixar levar pela onda emocional de sua música, por este mar tonitruante schopenhaueriano, cujas ondas mais profundas eu sinto, tornando minha audição da música de Wagner uma intuição jubilante, até mesmo um maravilhoso autodescobrimento.

Esse é realmente um desejo ardente para mim, desfrutar de tudo isso com um amigo como você, então aguardo ansiosamente o tempo que nos reunirá novamente. Que ele não esteja longe demais!

Em uma amizade fiel
Seu
Friedrich Nietzsche.

460 Para Heinrich Köselitz em Veneza[527]

Sils-Maria, final de agosto de 1883

Primeiramente, querido velho amigo, uma lembrança da época em que eu estava intensamente envolvido com Democritea e Epicurea – um mundo de pesquisa ainda inesgotável mesmo para filólogos! Você sabe: a biblioteca de Herculano, cujos papiros são decifrados de forma extremamente lenta e laboriosa, é a biblioteca de um epicurista; então há esperanças para a descoberta de escritos autênticos de Epicuro! Um fragmento de um desses escritos foi decifrado, por exemplo, por Gomperz (nos relatórios da Academia de Viena): trata-se da "liberdade da vontade" e revela como (resultado provável) que Epicuro era um fervoroso oponente do fatalismo, mas ao mesmo tempo – determinista: – o que lhe dará prazer! (Naquela época, eu estudava a teoria dos átomos até o quadrante do jesuíta Boscovich, que foi o primeiro a demonstrar matematicamente que a suposição de pontos atômicos sólidos era uma hipótese inútil para a ciência mais rigorosa da mecânica: uma tese que agora é considerada canônica

[527] Cf. *KGB* 3-1, p. 441-443.

entre os pesquisadores naturais com formação matemática. Para **a prática da pesquisa**, ela é indiferente.)

Ontem chegaram, enviados por Naumann, os cadernos do segundo Z<arathustra>; ao revisá-los, encontrei 4 erros de impressão, que compartilho com você para a eventual possibilidade de uma segunda edição, que você provavelmente viverá para ver, mas eu não! Na página 6, no topo, deve-se ler: Concebilidade, não Gratidão.

p. 7 no final deve ser “vocês”, não “também”.

p. 38 deve ser “Encosta de rosas”, não “Caminhos de rosas”.

p. 44 deve ser “gritar", não "grite".

Além desses pontos, o livro parece bem e limpo. Ainda não cheguei a uma impressão objetiva do todo; mas parece-me que ele representa uma vitória não insignificante sobre o “espírito da gravidade”, considerando quão difíceis são os problemas que ele aborda. O primeiro volume abrange um círculo de sentimentos que é uma pré-condição para o círculo de sentimentos que compõe o segundo volume – isso também me parece facilmente reconhecível e “bem feito”, para falar como um mestre carpinteiro. Além disso, tenho ainda tudo o que é pesado e mais pesado pela frente. Após uma estimativa arquitetônica bastante precisa do todo, ainda há tanto quanto já foi feito – aproximadamente mais 200 páginas. Se eu conseguir alcançar o mesmo sucesso que tive até agora – apesar da oposição mais terrível que carrego no coração contra todo o conceito do Zaratustra – então vou comemorar e morrer de alegria. Pardon!

Provavelmente, se eu tivesse mantido minha alma alegre e luminosa durante todo este ano, teria escolhido, por motivos artísticos, cores mais escuras, sombrias e intensas para os dois primeiros volumes, em vista do que constitui o final. Mas, este ano, precisei das cores mais claras e arejadas como um bálsamo para a vida; e assim, no segundo volume, saltei quase como um brincalhão. – Em detalhes, há uma quantidade incrível de experiências e sofrimentos pessoais, compreensíveis apenas para mim, – algumas páginas me pareceram quase sanguinárias.

Além disso, para mim, ainda é um fato enigmático que eu realmente tenha escrito ambos os volumes neste ano. Uma imagem que aparece em quase todos os meus escritos, “elevar-se acima de si mesmo”, tornou-se realidade – e, oh, se você soubesse o que isso significa! Você pensa cem vezes melhor de mim do que eu mereço, amigo Köselitz! –